UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais”

Marcela Lança de Andrade

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP
2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais”

Marcela Lança de Andrade

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Barbieri

RIBEIRÃO PRETO - SP
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Andrade, Marcela Lança de

Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais. Ribeirão Preto, 2013.

280 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Barbieri, Valéria.

1. Luto. 2. Família. 3. Desenvolvimento infantil. 4. Psicanálise.

ANDRADE, Marcela Lança de
Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____Assinatura: _____

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____Assinatura: _____

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____Assinatura: _____

Dedico esse trabalho a todas as famílias que passaram pela difícil tarefa de se despedir de um ente querido e procuram todos os dias, ressignificar essa vivência em meio a uma intensa saudade. Em especial, dedico à minha família e às minhas admiradas amigas, Fernanda e Nádya, que precisaram, precocemente, dizer adeus àqueles que tanto amavam.

> Por muito tempo achei que a ausência é falta. E lastimava, ignorante, a falta. Hoje não a lastimo. Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim. E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada em meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim. (Carlos Drummond de Andrade, Ausência).

Agradecimentos

Agradeço profundamente a todas as pessoas, amigos, familiares e profissionais, que me ajudaram, me estimularam e colaboraram para o desenvolvimento desse trabalho. Em especial, agradeço:

À minha orientadora Valéria, que me guiou com sabedoria e delicadeza, me estimulando nos momentos mais difíceis e oferecendo suporte para que eu pudesse continuar. Muito obrigada pelo apoio, orientação e carinho!

À Profa Clarissa, por se disponibilizar a contribuir com esse trabalho, oferecendo alegria e conhecimento derivado da sua admirável jornada profissional.

À Diana, amiga e professora querida, que me guiou e auxiliou no início da minha vida profissional, sempre de forma acolhedora, pelas contribuições a esse trabalho, e por ter me proporcionado a oportunidade de conhecer teorias e práticas que deram mais sentido e alegria à minha formação.

À minha querida amiga Fernanda Kimie, por todo *holding* e amizade, por ter me ajudado a descobrir como criar e agir espontaneamente, especialmente nas dificuldades encontradas no desenvolvimento deste trabalho, ao me oferecer um acolhimento suficientemente bom. Compartilhar com você essa vivência foi muito especial!

Ao Prof. Manoel e à Dra. Érika Arantes, pelas contribuições oferecidas a esse trabalho e disposição para participar da qualificação.

À Profa. Lucimar que com sensibilidade e eficiência transmite seus conhecimentos em psicanálise tornando a sua compreensão mais fácil.

À Melissa Torres, que com sua postura profissional impecável, disponibilidade e continência, fez com que eu me sentisse mais forte do que eu jamais poderia crer.

Ao psicólogo Nichollas Martins, pela disponibilidade em me ajudar a concretizar esse trabalho.

À Laíssa Cavallini, por disponibilizar a sensível e cativante foto usada na capa deste trabalho.

À Ana Carolina Gonçalves, que me ajudou na incessante busca por participantes e tornou mais leve as experiências difíceis quando compartilhávamos sentimentos.

À Heloísa (também para mim, um dos melhores encontros que a vida poderia ter me proporcionado) que me oferece a sua amizade e dedicação, e acolhe minhas tristezas e alegrias da forma mais suficientemente boa possível.

À Marina Noronha que me ajudou em tantos momentos difíceis, acompanhou toda a minha trajetória no estudo sobre morte e luto e soube me ensinar maneiras de descobrir o quanto podemos ser felizes.

À Ana Paula Medeiros, com quem compartilhei angústias e alegrias, pela ajuda, apoio e pelas maravilhosas indicações de livros que tornaram esse trabalho mais rico e sensível.

Às queridas: Livia, Camila, Geovana, Ana Beatriz, Ana Luisa e Ana Paula Mucha, as "divas" da triagem infantil, com quem tive o prazer de compartilhar muitos momentos felizes e tristes, que são parte da nossa profissão, que nos angustiam, mas também nos fortalecem. Vocês me ensinaram e fizeram das minhas semanas mais leves nesse momento de finalização desta pesquisa.

Às minhas amadas amigas Marina e Marcela, que existem na minha vida "desde sempre" e que permitem que eu carregue comigo a maravilhosa sensação de que verdadeiros amigos são como nossos irmãos.

Às minhas queridas Amanda e Nádya pela presença sempre amorosa, pelo esforço por mantermos unidos os nossos laços mesmo com a distância e pelo maravilhoso ensino de conviver, crescer e *Ser* que nossos encontros sempre proporcionam.

À CAPES pelo apoio e concessão da bolsa de mestrado que me permitiu exclusiva dedicação à essa pesquisa.

A todas as famílias participantes desse estudo que permitiram os nossos encontros e me ensinaram muito mais do que eu poderia prever.

A toda a minha família que torce pelo meu sucesso e faz com que eu me sinta amada.

A Maria de Fátima, Mário e Tainá, por me receberem sempre com alegria e carinho, pelo aprendizado durante as nossas conversas e pelo acolhimento.

Aos meus pais, Deise e Ricardo, que me oferecem suporte para realizar os meus sonhos e direcionaram meus passos rumo a uma vida de amor e dedicação, essenciais para o desenvolvimento desse trabalho.

À minha querida irmã Nayara, que sempre me alegra e anima, fazendo com que eu tenha um interesse tão especial em pensar e descobrir mais sobre a relação fraterna e todos os laços que nos unem.

Ao meu noivo Veber, pelo amor e pelo *holding*, por ter me acompanhado do início ao fim, em cada etapa dessa jornada, pela paciência e disponibilidade, por me ajudar a viver criativamente em todos os momentos. Você foi essencial para a conclusão desse trabalho! Obrigada por fazer parte da minha vida e estar ao meu lado, me fortalecendo e permitindo que eu possa existir plenamente e verdadeiramente.

RESUMO

Andrade, M. L. (2013). *Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais.* Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Em todo o ser humano existe uma condição inata a desenvolver-se; no entanto, as condições externas podem dificultar que esse processo ocorra bem. Assim, para que um desenvolvimento emocional saudável aconteça, é necessário que exista um meio suficientemente bom, capaz de oferecer *holding*, para permitir a expressão espontânea e criativa da criança no mundo. Um dos acontecimentos que mobiliza intensamente as pessoas e que é passível de comprometer o seu bem-estar, é a morte de um ente querido. Para a criança que está em desenvolvimento, esse evento é ainda mais significativo, pois as angústias e tristezas surgidas no processo de luto podem refletir no desenvolvimento emocional, em especial quando a sua família sofreu o processo de perda de um filho. O luto dos pais pode influenciar no desenvolvimento emocional da criança e no modo como se processará o luto desta. Sendo assim, o presente estudo, por meio de uma metodologia clínica-qualitativa, objetivou analisar a vivência da criança que perdeu um irmão, e a repercussão dessa perda no seu desenvolvimento emocional conforme relacionada ao luto dos pais. Os participantes foram três famílias que perderam um filho por uma patologia e que tinham outro filho criança vivo. Os instrumentos utilizados foram entrevista e a aplicação do Procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias (DF-E) com os pais, e o Teste da Casa-Árvore-Pessoa (HTP) e Teste das Fábulas com a criança, a fim de avaliar os seus psicodinamismos, bem como a estrutura familiar conforme influenciada pelo luto. Os resultados foram analisados sob uma perspectiva psicanalítica winnicottiana, por meio do método da livre inspeção do material, acrescido de contribuições contidas nos manuais do HTP e do Teste das Fábulas. Os resultados demonstraram que o trabalho de luto desenvolvido pelos pais influencia no modo como as crianças prosseguem com o seu luto e com seu desenvolvimento emocional. A perda de um irmão, em especial, desperta os sentimentos de rivalidade fraterna, o que problematiza a relação com o luto. As consequências das perdas inibem o viver criativo e espontâneo e obrigam a utilização de defesas para que seja possível continuar a viver. Os pais não conseguem atender as necessidades dos seus filhos e oferecer *holding* a eles, pois os sentimentos derivados das perdas inibem a sua capacidade criativa. Como consequência, eles não podem se adaptar à criatividade dos seus filhos e, assim, as crianças não conseguem ser espontâneas. Desse modo, existe um prejuízo na área da transicionalidade para ambos. Por meio do uso da criatividade, é possível viver a realidade externa, por mais dura que ela seja, proporcionando maneiras de lidar com as dificuldades e permitindo a expressão do verdadeiro *self*. A criatividade é, então, essencial para a elaboração do luto, por isso, se a capacidade de criar nos pais e nos filhos estiver comprometida, resta a eles negar os sentimentos derivados da experiência da perda de um ente querido. Assim, diante da dificuldade de se expressar e criar, os sentimentos derivados das perdas, nessas famílias, foram negados ou evitados, e o desenvolvimento emocional das crianças foi, então, prejudicado.

Palavras-chave: luto, família, desenvolvimento infantil, psicanálise.

ABSTRACT

Andrade, M. L. (2013). After the storm: a psychodynamic study of children in mourning and their parents. *Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais.* Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

There is an innate tendency to self-development in every human being; however the environment can hinder this development. Therefore, the good enough environment, which provides *holding* to render possible the creative spontaneous expression of children, is necessary for the existence of their emotional development. Losing a loved one is one of the events that most affect and threaten people's well-being. For a child, this event and the sorrow that comes in its train are even more influential in their emotional development, especially when their family loses another child. Parents in morning influence the way that children mourn and the emotional development of the latter. This study, by means of clinical-qualitative methodology, aimed at analyzing the experience of children who lost a sibling and the consequences of the loss for his or her development according to their parent's grief. The research participants were three families that lost a child on account of a disease, and had another living child. The instruments used were interviews and the application of the Procedure Drawings of Families with Stories – (DF-E) according to its acronym in Portuguese – in the parents, and the application of the House-Tree-Person (HTP) and the Test of Fables in the children, in order to assess their psychodynamics as well as the family structure influenced by grief. The results were analyzed from a psychoanalytic Winnicott perspective, by means of the method of free material inspection, in addition to contributions contained in the manuals of the HTP and the Test of Fables. The results showed that the work of mourning made by the parents influences the way the children come to terms with their grief and undergo their emotional development. The loss of a sibling arouses feelings of sibling rivalry, which complicate their relationship with mourning. The consequences of the losses inhibit spontaneous, creative living and require the use of psychological defense mechanisms so that the family members can continue to live. The parents cannot meet the needs of their children and provide them with *holding*, because the feelings derived from the losses hamper their creative ability. As a consequence, they cannot adapt to the creativity of their children, thus the latter do not succeed in being spontaneous. Therefore, both are harmed as to experiencing transitionality. By means of being creative, living the outside reality can be possible, however hard it may be, providing ways to deal with difficulties and allowing the expression of the true self. Therefore, creativity is essential for the grief process; if the parents' and children's abilities to create are impaired, their only option is to deny the feelings derived from the experience of losing a loved one. Before the difficulty in expressing themselves and creating, the feelings derived from the losses, in these families, were denied and avoided, consequently, the children's emotional development was harmed.

Keywords: grief, family, child development, psychoanalysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Primeira unidade de produção de Regina no DF-E 96
Figura 2. Segunda unidade de produção de Regina no DF-E 97
Figura 3. Terceira unidade de produção de Regina no DF-E 99
Figura 4. Quarta unidade de produção de Regina no DF-E 101
Figura 5. Primeiro desenho feito por Rodrigo no HTP 103
Figura 6. Segundo desenho feito por Rodrigo no HTP 106
Figura 7. Terceiro desenho feito por Rodrigo no HTP 108
Figura 8. Primeira unidade de produção de Rosário no DF-E 140
Figura 9. Segunda unidade de produção de Rosário no DF-E 143
Figura 10. Terceira unidade de produção de Rosário no DF-E 145
Figura 11. Quarta unidade de produção de Rosário no DF-E 148
Figura 12. Primeiro desenho feito por Leonardo no HTP 150
Figura 13. Segundo desenho feito por Leonardo no HTP 153
Figura 14. Terceiro desenho feito por Leonardo no HTP 156
Figura 15. Primeira unidade de produção de Helena no DF-E 180
Figura 16. Segunda unidade de produção de Helena no DF-E 184
Figura 17. Terceira unidade de produção de Helena no DF-E 186
Figura 18. Quarta unidade de produção de Helena no DF-E 188
Figura 19. Primeira unidade de produção de Cleiton no DF-E 201
Figura 20. Segunda unidade de produção de Cleiton no DF-E 204
Figura 21. Terceira unidade de produção de Cleiton no DF-E 207
Figura 22. Quarta unidade de produção de Cleiton no DF-E 209
Figura 23. Primeiro desenho feito por Isabela no HTP 213
Figura 24. Primeiro desenho feito por Isabela no HTP 216
Figura 25. Primeiro desenho feito por Isabela no HTP 220

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Síntese dos artigos lidos..... 33
Tabela 2. Características das famílias participantes 76

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO 23
2 INTRODUÇÃO 27
2.1 A representação da morte e o morrer na atualidade 30
2.2 A literatura sobre o luto 32
2.3 Luto Normal e Luto Complicado 34
2.4 Estágios e tarefas do luto 35
2.5 Winnicott e a teoria do desenvolvimento emocional 37
2.5.1 A mente e o psicossoma 45
2.5.2 O falso self 47
2.6 O luto nos pais 49
2.7 A criança e o luto 53
2.7.1 Os irmãos enlutados 59
2.8 Família enlutada e criatividade 63
3 OBJETIVOS 69
3.1 Objetivos específicos 69
4 MÉTODO 71
4.1 O Método Clínico-qualitativo 73
4.2 Participantes 75
4.3 Instrumentos 77
4.5 Considerações éticas 79
4.6 Procedimentos 80
4.7 Análise dos dados 83
5 RESULTADOS 85
5.1 Família Borboleta "Castanha Vermelha" 85
5.1.1 Síntese da Entrevista: Regina 85
5.1.2 Análise da Entrevista: Regina 90
5.1.3 Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E): Regina 95
5.1.4 HTP: Rodrigo 102
5.1.5 O Teste das Fábulas: Rodrigo 112
5.1.6 Síntese da família Borboleta "Castanha Vermelha" 116
5.2 Família Borboleta "Pingos de Prata" 121

5.2.1 Síntese da Entrevista: Rosário 121
5.2.2 Análise da Entrevista: Rosário 130
5.2.3 Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E): Rosário 138
5.2.4 HTP: Leonardo 150
5.2.5 O Teste das Fábulas: Leonardo 159
5.2.6 Síntese da família Borboleta "Pingos de Prata" 164
5.3 Família Borboleta "Seda Azul" 168
5.3.1 Síntese da Entrevista: Helena 168
5.3.2 Análise da Entrevista: Helena 175
5.3.3 Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E): Helena 180
5.3.4 Síntese da Entrevista: Cleiton 190
5.3.5 Análise da Entrevista: Cleiton 196
5.3.6 Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E): Cleiton 201
5.3.7 HTP: Isabela 212
5.3.8 O Teste das Fábulas: Isabela 223
5.3.9 Síntese da família Borboleta "Seda Azul" 228
6 DISCUSSÃO 235
6.1 A vida criativa dos pais 235
6.2 O luto dos pais 237
6.3 A vida criativa dos filhos 241
6.4 O luto dos filhos 245
6.5 O luto dos pais e dos filhos 250
7 DEPOIS DO TEMPORAL: CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A CRIANÇA ENLUTADA E SEUS PAIS 257
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 259
9 ANEXO: Aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da FFCLRP/USP 275
10 APÊNDICES 277
Apêndice A Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais) 277
Apêndice B Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (instituição) 279

Eros e a Morte

"Era uma tarde quente e abafada, e Eros, cansado de brincar e derrubado pelo calor, abrigou-se numa caverna fresca e escura.

Era a caverna da própria morte.

Eros, querendo apenas descansar, jogou-se displicentemente ao chão, tão descuidadamente que todas as flechas caíram.

Quando ele acordou percebeu que elas tinham se misturado com as flechas da Morte, que estavam espalhadas no solo da caverna. Eram tão parecidas que Eros não conseguia distingui-las.

No entanto ele sabia quantas flechas tinha consigo e ajuntou a quantia certa.

Naturalmente, Eros levou algumas flechas que pertenciam à Morte e deixou algumas das suas.

E é assim que vemos, frequentemente, os corações, dos velhos e dos moribundos, atingidos pelas flechas do Amor, e às vezes vemos os corações dos jovens capturados pela Morte."

(Esopo, Grécia Antiga, *in* Meltzer, 1984)

1 APRESENTAÇÃO

> Essa é uma estória sobre a vida e sobre as tormentas, sobre as sementes que plantamos na primavera, sobre as flores que florescem no verão e sobre as colheitas no outono. E sobre a morte que chega cedo na vida e, para algumas pessoas, tarde... e o que tudo isso significa [...] (Carta a uma criança com câncer por Elisabeth Kübler-Ross)

No trecho acima, Elisabeth Kübler-Ross (1999/2012) escreve uma carta, com muita criatividade e sensibilidade, para um dos seus pacientes que questiona: o que é a morte, o que é a vida e porque crianças pequenas têm de morrer? Ao pensar a morte, muitas questões são despertadas. Em especial a respeito da morte de uma pessoa jovem - que ao nosso entendimento teria toda a vida pela frente - os sentimentos de indignação e tristeza são ainda mais presentes. É difícil compreender e aceitar a perda e buscamos motivos e explicações para facilitar a elaboração dos sentimentos dessa realidade tão difícil.

Diferentes crenças levam a diferentes explicações, entretanto, de acordo com uma sociedade que busca ressaltar a vida, a produção e o movimento, pouco espaço resta para que possam ser realizadas reflexões a respeito do fim. Cotidianamente sofremos com as despedidas e términos de relacionamentos, passeios, encontros, programas de televisão, roupas que não podem mais ser usadas, viagens, cursos que não podemos manter, horários que precisamos cumprir, e por fim, a perda irreversível de um familiar, um animal de estimação ou um amigo. Perder alguém querido nos dá a sensação de que perdemos uma parte de nós mesmos. É por isso que quando a morte vem, choramos tanto a falta: porque ela é física, porque é como sentir que vai ficar vazio um espaço que nunca pode ser preenchido. A morte à nossa sensação de integração, pois ainda mais nos damos conta de que dependemos imensamente da nossa relação com o outro para existir.

É muito difícil para a maioria de nós pensar e aceitar o fim. É ainda mais difícil encontrar formas de expressar os sentimentos mais intensos, pois sentimos que, ainda que tenham acontecido coisas muito ruins em nossas vidas, é necessário viver: *viver apesar de* (Lispector, 1969/1998). Assim, na tentativa de dar continuidade a vida e as nossas responsabilidades, tendemos a considerar a morte um tabu e dessa maneira, temos muitas restrições ao buscar lidar com os nossos “fins”. Deixamos os sentimentos de falta nos consumir por um tempo, e depois quando é necessário continuar, porque não há mais jeito, porque naturalmente, ou na maior parte das vezes, desejamos viver, passamos da lamentação

da falta para o desejo de encontrar o objeto perdido, muitas vezes discreto ou inconsciente, mas que guia as nossas atitudes e escolhas. Para que a perda possa ser sentida de maneira menos penosa, sentimos que as escolhas dizem respeito ao deixar morrer o que precisa acabar, e deixar viver o que precisa viver.

Durante a minha formação profissional, vivenciei no atendimento a crianças e adultos com câncer, situações em que muitos desses pensamentos e questionamentos me vieram, me entristeceram, e me fizeram avaliar a necessidade de que eu pudesse refletir com mais naturalidade e criatividade sobre a morte, pois isto seria um grande benefício não só para o meu desenvolvimento profissional como também para o meu desenvolvimento pessoal.

A trajetória vivida durante essa experiência de lidar com as questões relativas à morte e luto não foi momento fácil. Por muitas vezes, questionei o quanto o assunto me atingia de forma dolorosa, ao refletir, inevitavelmente, sobre a finitude das pessoas que eu amo, e da minha própria. Para isso, me apeguei – de forma inconsciente num primeiro momento - à vivência mais significativa que tive durante o meu aprendizado teórico da psicanálise, quando conhecendo Winnicott, pude compreender a importância de SER, de agir de forma espontânea e criativa no mundo, de possibilitar a expressão daquilo que pode ser considerado ruim (referente aos nossos conteúdos agressivos e temerosos) de forma criativa, única para cada um de nós. Buscar quem pudesse ter se expressado, depois de passado por uma vivência tão difícil como a perda de um ente querido, ou mesmo por meio da coragem e necessidade de refletir sobre o assunto, por meio do uso da criatividade, possibilitou que eu própria pudesse me expressar também, fazendo uso da minha capacidade de criar e elaborar os sentimentos que estavam – e ainda estão - surgindo com essa experiência. Foram muitos livros, filmes, estórias e poemas, além de claro, a produção científica existente sobre morte e luto. Muitos meses de busca por qualquer coisa que me apresentasse criativamente, de forma lúdica e artística, uma reflexão a respeito do fim.

Além disso, o uso da psicanálise, principalmente a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott (1958/2000), possibilitou que um olhar mais sensível e dedicado a subjetividade e particularidade de cada família participante, bem como dos meus próprios sentimentos derivados dessa experiência, pudesse ser alcançado. Winnicott (1958/2000) defende em sua teoria que, ainda que haja uma tendência inata ao desenvolvimento, o ambiente exerce forte influência sobre ele. Entendo essa concepção como de suma importância para compreender a vivência das famílias participantes na aceitação da sua perda. A nossa herança cultural e social influencia na maneira que encontramos para nos relacionar com as perdas, e assim, o sofrimento derivado da possibilidade desse acontecimento, ou o

acontecimento de fato, é ainda mais reforçado e dificultado diante da falta de reflexão e expressão dos nossos sentimentos sobre a morte. Nesse sentido, ao refletir sobre a influência do processo de luto nas famílias que perderam filhos, a teoria psicanalítica de Winnicott (1958/2000; 1971/1975) oferece ricas contribuições que, de forma suficientemente boa, possibilitam a reflexão e análise das situações de perda, não se propondo, entretanto, a explicar tudo, e permitindo que novas ideias e dúvidas surjam e nos estimulem a pensar e estudar mais. Além disso, a vivência que propõe o uso da psicanálise na pesquisa, em que é necessário voltar-se para si e refletir sobre os sentimentos despertados na construção do conhecimento e no contato com o outro, faz da pesquisa científica uma fonte rica de significados que nos aproxima da aceitação e compreensão da complexidade do ser humano e dos sentimentos que são vivenciados ao longo da vida de cada um de nós.

Especialmente no que diz respeito à morte, o receio de entrar em contato com o sofrimento de algo irreversível torna ainda maior a necessidade de encontro com teorias, estudos e autores sensíveis e criativos que possam ajudar a reconstruir a concepção social do tabu da morte, e torná-la um assunto mais discutido, que com mais naturalidade possa ser percebido por todos, permitindo a expressão dos nossos sentimentos.

Nas pesquisas sobre morte, luto e cuidados paliativos, alguns autores utilizam de simbologias para representar essa difícil trajetória. Um dos símbolos mais utilizados para esse fim são as borboletas que têm sido apresentadas como símbolo da transformação e evolução. De acordo com Pastore (2009), algumas culturas remetem a figura da borboleta como símbolo da beleza, longevidade e mortalidade. Para outras, a transformação do casulo a borboleta é atribuído como símbolo do renascimento. A autora também cita que para os celtas, a gravidez das mulheres se devia ao fato delas engolirem borboletas, pois eles acreditavam que a borboleta continha a alma de outra pessoa. Na Grécia antiga, a psique (que se referia à alma) era descrita como uma borboleta que escapava do corpo com a morte (Guimarães, 1972/1995). Benetti e Lenard (2006) fizeram uma comparação da metamorfose da borboleta com a capacidade do homem de buscar solução para os seus problemas e se “metamorfosear” (pois a lagarta ao entrar no casulo, começa a autodestruição do seu organismo para formar o organismo da borboleta, e assim também o homem, ao se propor uma transformação nos momentos difíceis).

Esse uso atual da borboleta, como símbolo das questões referentes à morte, é trazido também por Kübler-Ross (1999/2012) em uma das suas obras, quando conta sobre a sua primeira experiência com a morte no início da sua vida profissional, ao visitar um campo de concentração na Polônia:

> Então fui até os barracões onde as crianças haviam passado a última noite de suas vidas. Eu não sabia por que, mas suponho, buscava mensagens ou sinais de como aquelas crianças haviam enfrentado a morte. Nas paredes do barracão, as crianças tinham rabiscado símbolos com as unhas ou com pedaço de pedra ou giz, e o símbolo mais frequentemente encontrado eram borboletas. Vi aquelas borboletas. Eu era muito jovem. Muito ignorante. Não tinha ideia do motivo pelo qual aquelas crianças de cinco, seis, sete, oito, nove anos de idade conseguiam ver borboletas! (p. 12).

Dessa forma, também nesse estudo optou-se por utilizar da simbologia da borboleta, e as famílias participantes foram nomeadas com nomes de borboletas: Castanha Vermelha, Pingos de Prata e Seda Azul, possibilitando refletir sobre as profundas transformações que essas famílias precisaram e ainda precisam passar após a morte dos seus filhos, que permitem que elas continuem vivendo por meio das mudanças, assim como a trajetória da lagarta ao metamorfosear-se em borboleta.

2 INTRODUÇÃO

> E pouco a pouco as dores viram água, viram memória. As memórias vão com o tempo, se desfazem. Algumas não encontram consolo, só algum alívio nas pequenas brechas da poesia. Você é a minha memória inconsolável feito de pedra e de sombra, e é dela que tudo nasce (Trecho retirado do filme "Elena").

A morte é um tema que gera diferentes formas de pensar ao seu respeito, desde teorias relacionadas à espiritualidade e diferentes religiões até a concepção científica de que ela é um momento natural da vida de todos.

Viver é um processo que inclui a doença e a presença iminente da morte (Teixeira, 2002). A morte é parte da nossa vida, ainda que, por gerar muitas angústias e temores, as pessoas procurem evitar falar a seu respeito. Aceitar e elaborar a perda significa conviver com a impotência, com o fato de que o mundo e nossos objetos de amor estão separados de nós e fora do nosso controle, significa deparar com o limite total, a morte (Mazorra, 2009).

Bittencourt, Quintana e Velho (2011) discutem que a morte, além de ser considerada como parte do ciclo vital, é também vivida socialmente, pois interfere no desenvolvimento dos familiares e pessoas próximas ao morto, que são afetadas diferentemente um do outro, de acordo com o momento do seu desenvolvimento, dependendo de como se deu a morte e da relação com o falecido. Nossa sociedade não nos prepara para a morte e o morrer, nela não temos tempo para sofrer e para sentir o pesar de perder alguém querido, não podemos ter demonstrações de fraqueza, pois aquele que sofre não produz o suficiente e ainda atrapalha os demais.

Dessa forma, atualmente o enlutado não encontra muito espaço para se expressar e tem pouco apoio para que o seu luto possa ser bem conduzido. É ainda mais difícil para as pessoas que perdem um ente amado muito jovem.

A morte precoce, de um jovem, induz a ideia de que ocorreu uma injustiça, pois vai de encontro ao que se considera a ordem natural da vida. Entristece-nos o fato de que o jovem não pôde aproveitar sua vida e viver todos os momentos que lhe estavam reservados, estando impedindo de alcançar a felicidade, o que gera a noção de incompletude que nos é muito angustiante (Bittencourt et al., 2011).

Ao falar de morte, somos inevitavelmente conduzidos a pensar sobre o processo de luto, o conjunto de reações diante de uma perda (Teixeira, 2003; Parkes, 1998). Para Mazorra (2009), o luto é o processo de reconstrução e de reorganização da vida após a perda, um

desafio emocional e cognitivo com que o sujeito tem que lidar. O processo de luto pode existir por ausências, separações e vivências de desamparo, mas a perda de algum ente querido se fará diferentemente, pois quanto maior o investimento afetivo, tanto maior a energia necessária para o desligamento.

Para que uma pessoa possa realizar de forma satisfatória o seu processo de luto por um ente querido, deve ser permitido a ela vivê-lo à sua maneira e em seu próprio tempo. A duração deste luto pode variar por influência de muitos fatores, como a relação do enlutado com o morto e com outras pessoas do seu círculo social, as circunstâncias da morte, a situação externa em que esse enlutado se encontra e seus próprios recursos internos (Pincus, 1989). Entende-se que o período de um ano pode ser significativo para completar o processo de luto, pois há a passagem de um ciclo que envolve as vivências de situações e datas especiais ao morto ou, comemorativas pela sociedade no geral, como aniversários e Natal (Pincus, 1989; Bromberg, 1999; Webb, 2011).

Nem sempre fica claro o que está sendo perdido. A perda do marido, por exemplo, pode significar a perda do amante, do companheiro, do cozinheiro ou do provedor da casa. O luto representa outras perdas secundárias que podem conduzir a uma necessidade de mudanças e readaptação, com novos papéis para a família, o que leva a um maior estresse além do luto propriamente dito (Parkes, 1998). Por isso, os significados que são atribuídos à perda pela pessoa enlutada podem atuar como facilitadores ou dificultadores no processo de luto (Mazorra, 2009).

Dessa forma, as pessoas respondem a diferentes graus de luto e pesar, sendo que a expressão destes varia de indivíduo para indivíduo, apesar de ser uma experiência universal. A maioria das pessoas, ainda que a perda de uma pessoa amada seja muito dolorida e estressante, tem um processo de luto considerado normal com tristeza, culpa, raiva e sensação de desnorteamento, e após um tempo, a aceitação da perda para que se possa seguir adiante (Howarth, 2011a).

Algumas pesquisas com enlutados apontam evidências de que as mortes que foram mais recentes, compreendidas como prematuras ou inesperadas, que ocorreram depois de um tempo no hospital e foram causadas por uma doença prolongada, podem estar relacionadas às reações de luto mais graves com muito sofrimento e desconforto (Barry, Kasl, & Prigerson, 2002; Seecharan, Andresen, Norris, & Toce, 2004).

É bastante natural que os enlutados se queixem de não estarem preparados pra a dor e sofrimento causados pela morte de uma pessoa querida. Entre tantos sentimentos, muitos questionamentos são feitos. Os sentimentos de raiva e hostilidade, comuns à perda, são

considerados irracionais e desconcertantes para o enlutado (Pincus, 1989). Sendo assim é mais comum que haja em relação ao morto, sentimentos expressos de tristeza e amor enquanto os hostis permanecem negados.

É fonte de muita ansiedade o sentimento de se perceber sozinho e abandonado, tornando necessário o contato e conforto físico com outras pessoas, o que muitas vezes fica impossibilitado pela maneira como o luto é conduzido pela nossa sociedade. Depois da perda, há uma busca pelo objeto perdido. A maioria das pessoas não tem ideia consciente disso, demonstrando comportamento agitado, estresse e perda de interesse por situações e objetos do mundo externo que não estejam relacionados ao morto (Pincus, 1989).

Com a aceitação da realidade da perda esses sintomas diminuem e se inicia uma lenta reconstrução do mundo interno. Uma parte da pessoa perdida é interiorizada na personalidade do enlutado e o processo de luto pode, enfim, se completar (Pincus, 1989).

Para Parkes (1998) além das reações de pesar, próprias do luto, outros fatores determinam a reação à perda: o estigma e a privação. O estigma está relacionado ao fato de que a pessoa que perde um ente querido, começa a ser relacionada à morte na sociedade (assim como os coveiros e outras pessoas que estão próximas de alguma forma dos mortos como alguns profissionais de saúde), fazendo com que os demais fiquem tensos quando próximos ao enlutado, sem saber como ajudar. A privação implica na ausência da pessoa e não na perda, representa a falta daquilo que era oferecido pelo falecido. “O enlutado reage tanto à perda quanto à privação. Pesar é a reação à perda, solidão é a reação à privação. Perda e privação são indissociáveis, sempre haverá as duas em um luto” (Parkes, 1998, p. 26).

As mudanças, próprias da vida, implicam muitas vezes em perdas e ganhos que precisam ser aceitos. Se as mudanças são vistas como positivas, a aceitação da nova realidade se torna fácil; caso contrário, as pessoas tendem a resistir a essas mudanças. A resistência é a base do luto, já que a maioria das pessoas resiste em abrir mão daquilo que perdeu (Parkes, 1998).

Confrontar a morte e o luto pode trazer maturidade, criatividade e crescimento espiritual (Parkes et al., 2011). Apesar das dificuldades em relação à perda e de se falar sobre ela, reprimir os sentimentos e reflexões a seu respeito são muito prejudiciais e podem aumentar o sofrimento, piorando a saúde física e psíquica, com o surgimento de sintomas psicossomáticos que dificultarão ainda mais a elaboração da perda (Anton & Favero, 2011).

Existem índices significativos de mortalidade que são derivados das doenças que surgem nas pessoas após a perda de um ser amado (Bromberg, 1994; Parkes, 1998; Cassorla,

1992) Sendo assim, é essencial que o luto seja bem realizado, pois exerce grande importância na saúde física e psicológica das pessoas enlutadas.

2.1 A representação da morte e o morrer na atualidade

Philippe Ariès (1977) em seus trabalhos sobre a morte aponta que na Idade Média, este era um tema mais frequente do que hoje, havendo mais participação das pessoas em tudo o que está relacionada a ela. A morte era realizada em casa, com o moribundo no leito, próximo aos familiares e amigos, que o velavam demonstrando sua tristeza e dor. A trajetória do morrer era conhecida por todos e por isso não existia distinção sobre quem poderia participar dos rituais. Nessa época, havia o receio de morrer repentinamente, pois isso impediria a possibilidade de organizar o ritual de despedida pelo moribundo. Ariès a chamava de "morte domada" pela proximidade que as pessoas tinham com ela.

Ainda segundo Ariès (1977), no século XX uma mudança ocorre e o morrer é transferido para os hospitais, passando a morte a ser um evento isolado com poucas homenagens a serem realizadas. Consequentemente, o luto e os sentimentos derivados dele foram reprimidos, a sociedade começa a não conseguir mais lidar com a morte e suas consequências (Kovács, 1992).

Dessa forma, a expressão e alívio dos sentimentos derivados da perda de alguém amado ficaram prejudicados, pois os rituais realizados em homenagem ao morto possibilitavam conforto e suporte para os enlutados, colaborando com a elaboração da perda de forma construtiva (Schoen, Burgoyne, & Schoen, 2004).

Durante o passar do tempo a morte foi relacionada a diferentes tipos de crenças e hoje se busca compreendê-la como um evento natural da vida (Bittencourt et al., 2011), porém é possível perceber que as pessoas evitam falar a respeito e demonstram dificuldade em defrontar-se com ela por meio da morte de uma pessoa querida ou de uma doença grave. Para Bittencourt et al. (2011), nenhuma compreensão ou crença diminui o medo das pessoas pelo fim. A maioria delas nega a finitude e sofre com a morte de uma pessoa próxima, sentindo o fato como algo que não deveria acontecer. Essas pessoas conseguem compreender a finitude, mas têm uma enorme dificuldade em perceber a própria finitude.

A morte então assume o lugar de tabu na sociedade que antes era o sexo que ocupava (Pincus, 1989). Franco (2010) aponta que até nas últimas duas décadas do século XX os estudos sobre luto demonstravam a necessidade de se desprender emocionalmente do falecido para que assim fosse mais fácil lidar com a perda. Nos dias de hoje, procura-se entender o luto

como uma maneira de possibilitar a reconstrução dos significados que permeiam a perda de um ente querido, podendo repensar o mundo e maneira de ver a vida e a morte (Lima & Kovács, 2011).

Na atualidade, o luto é bem aceito quando é público e coletivo, em uma espécie de confraternização (Chiavenato, 1998), como nos casos de morte de celebridades em que há uma grande divulgação na mídia e as pessoas expressam o seu pesar publicamente, em especial na internet pelas redes sociais, como forma de homenagem.

Entretanto o direito ao luto individual pela perda de um ente querido não é dado, ele é recriminado e considerado como um empecilho à felicidade de todos, pois ninguém sabe como se relacionar com o enlutado. Dessa forma, as pessoas enlutadas agem como se não se importassem, reprimindo seus sentimentos na tentativa de não sofrer diante do preconceito social em relação à tristeza (Chiavenato, 1998).

O impedimento do luto se torna um grande colaborador para o adoecimento físico e psíquico da pessoa. A morte vista como algo mórbido dificulta ou até impossibilita a comunicação a seu respeito, principalmente com as crianças. Estas, muitas vezes, não são informadas sobre a morte, pois os adultos acreditam estar protegendo-as de um possível sofrimento. Na realidade, agindo assim, eles estão impedindo que as crianças conheçam a verdade e possam trabalhar os sentimentos inerentes às perdas que tiveram e terão por toda a sua vida (Paiva, 2011).

A dificuldade de comunicação se torna ainda mais perigosa quando o luto se trata da perda de uma criança. Isso ocorre porque hoje a morte infantil é considerada um desvio da normalidade, uma tragédia. A morte de crianças foi considerada comum durante muito tempo da nossa história. Atualmente, em países com altas taxas de mortalidade, isso não mudou, pois em consequência da precariedade em que vivem as pessoas, a morte é inevitável e o luto dura pouco (Parkes, Laungani, & Young, 2003).

Em relação à morte de crianças, a perda de um filho é a que traz mais complicações. Para que ela possa ser compreendida, é necessária a construção de uma nova realidade, pois o filho, em que muitas expectativas em relação ao futuro foram criadas, não está mais presente (Bousso, 2008). O luto dos pais pode gerar graves consequências no relacionamento conjugal e social (Bittencourt et al., 2011). É necessário que os pais se sintam apoiados e seguros para que as consequências geradas pela perda não afetem de forma destrutiva a vida deles e das pessoas, adultos e crianças, com quem estão em contato.

2.2 A literatura sobre o luto

Na literatura, especificamente nos estudos em inglês, há diferentes termos usados para designar e descrever o luto, sendo eles: *grief, bereavement e mourning*. Estes termos têm diferentes significados, mas não possuem palavras específicas no idioma em português para serem traduzidos. Na presente pesquisa, o levantamento bibliográfico foi realizado com o uso da palavra *grief*, que constava como a de uso correto segundo a terminologia utilizada pela Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-Psi, 2009). Ainda assim, foram encontrados alguns artigos que utilizavam principalmente os termos *bereveament* ou *mourning*, e até em alguns casos, uma combinação de duas ou mais destas palavras.

Em artigos pertinentes ao tema, *bereavement* é o termo designado para se referir à experiência de perder alguém que se ama, refere-se à situação concreta de ter perdido algo ou alguém significativo. *Mourning* é a prática cultural para expressar o luto, ou seja, a expressão e práticas de luto em uma dada sociedade e cultura. Por fim, *grief* (que também pode ser traduzido como dor ou tristeza), refere-se às respostas emocionais, psicológicas, cognitivas e comportamentais em relação à perda (Brown & Goodman, 2005; Jakoby, 2012).

Na definição de termos relacionados à morte e sofrimento nas crianças, Wolfelt, Brock e Lazarus (2002) identificou o termo *bereavement* como a experiência da morte de um ente querido, *grief* como a reação à morte de um ente querido, incluindo os pensamentos subjacentes às respostas emocionais, fisiológicas e comportamentais para o luto, e *mourning* a expressão do pesar de acordo com as crenças espirituais, tradições e normas sociais.

Outra questão importante a ser considerada é a respeito do uso do termo enlutado. Conforme visto na literatura (Pincus, 1989; Hangman, 2001; Franco, 2002; Rangel, 2008), os autores que tratam do luto têm diferentes percepções a respeito do término deste, sendo que alguns consideram que o luto pode ter fim e outros não. Esta pesquisa parte do princípio que o luto é uma vivência complexa e subjetiva, influenciada tanto pelos recursos internos que a pessoa que sofreu uma perda tem para ajudar na elaboração dos seus sentimentos, quanto pelo ambiente em que esta pessoa vive que pode ou não oferecer-lhe apoio e segurança para que estes sentimentos sejam vividos da melhor maneira possível. Considerando que os sentimentos derivados da perda de um ente querido, especialmente de um filho, estarão sempre presentes na vida de quem sofreu a perda (Rangel, 2008), (mesmo que possam ser mais ou menos intensos em determinados momentos) optou-se por utilizar aqui o termo “enlutado” para referir-se às pessoas que sofreram essa experiência, independente do tempo

transcorrido ou da reação aparente delas. Procedeu-se assim porque o impacto que a perda causa na organização familiar, torna a avaliação do fim do luto uma tarefa difícil.

Para realizar o levantamento bibliográfico dessa pesquisa, foram usadas as palavras: *grief, family, emotional development and psychoanalysis*, em diversas combinações. As bases de pesquisa utilizadas foram *Eric*, *Capes* e *Lilacs*, e a busca foi feita no período de 2003 a 2012, nos idiomas em inglês, espanhol e português, tendo sido também realizada uma busca de novas referências após esse período. Os artigos encontrados totalizaram 59, mas foram utilizados apenas 26 deles, selecionados a partir da leitura do resumo com base nos objetivos propostos para a pesquisa.

A quantidade dos artigos lidos, seus temas e os tipos de pesquisa são sintetizados na tabela a seguir:

Tabela 1 - Resumo dos artigos lidos

Temas	Revisão Bibliográfica	Pesquisa qualitativa	Pesquisa quantitativa	Pesquisa teórica	Total
A criança e a morte	5	2	----	----	7
Pais enlutados (pesquisa longitudinal)	----	----	2	----	2
Sintomas do luto	3	----	3	----	6
Serviços de apoio ao enlutado	1	2	1	----	4
Pacientes paliativos	----	1	----	----	1
Luto e sociologia	----	----	----	1	1
Crianças enlutadas e ludoterapia	----	1	----	----	1
Família enlutada	2	1	----	----	3
Luto e transgeracionalidade	----	1	----	----	1

Como exposto na Tabela 1 foram encontrados mais artigos referentes à revisão bibliográfica. Além disso, descobriu-se uma heterogeneidade de artigos com o uso da palavra luto. Dessa forma, de acordo com objetivo da pesquisa, os demais artigos encontrados não foram utilizados por basearem-se em outras teorias, como a teoria cognitiva comportamental, ou por tratarem de assuntos específicos de outras áreas: a da saúde no geral (por exemplo, a exploração quantitativa dos sintomas do luto com o uso de escalas e a condição de pacientes paliativos em doenças específicas), a espiritualidade e o luto relacionado a perda em diversas situações cotidianas.

Estudar o tema da morte e encontrar participantes que aceitem falar sobre o tema não é tarefa fácil. Portanto, ainda que haja muitos artigos relacionados ao assunto, há necessidade

de uma exploração maior do tema, no intuito de conhecer melhor a dinâmica das famílias enlutadas e possibilitar que o processo de elaboração do luto seja bem sucedido em sua tarefa de ressignificar a vida após a perda de um ente querido.

2.3 Luto Normal e Luto Complicado

Para definir se o processo de luto em uma pessoa está caminhando de forma satisfatória, discutem-se os conceitos de luto normal e complicado. É sabido que a cultura, a idade e o tempo transcorrido da perda podem definir as reações do luto (Howarth, 2011a). Também o contexto sociocultural e a forma que é conduzida a socialização para cada indivíduo, influenciam a maneira como a morte é compreendida e vivida; as crianças, por exemplo, começam a lamentar a perda, observando os adultos que estão sofrendo (Heath, Leavy, Hansen, Lawrence, & Sonntag, 2008).

O processo do luto normal por um ente querido, portanto, implica na possibilidade de que este ocorra em um funcionamento integrado com a nova realidade que se apresenta, para que o enlutado possa dar continuidade a própria vida sem a pessoa querida (Cohen, Mannarino, Greenberg, Padlo, & Shipley, 2002). Para Bromberg (1994) no luto os recursos utilizados para lidar com a situação de perda são buscados na qualidade dos vínculos existentes anteriormente, em especial dos primeiros vínculos estabelecidos com os pais. Dessa forma, a vivência de vínculos suficientemente bons tornaria possível um luto elaborado ainda que no contexto de perda de uma pessoa amada.

Em contrapartida quando não é possível conceber esse tipo de relação com a perda, o processo de luto desenvolve-se de modo complicado, que se diferencia do considerado normal no que se refere aos sintomas e duração (Howarth, 2011a).

Esses sintomas são apresentados de forma a percebermos as pessoas enlutadas como mais ansiosas ou esquivas. Eles incluem a dificuldade de vivenciar emoções, formar e manter relacionamentos íntimos, e reorganizar e investir no próprio mundo, podendo durar muito mais do que o necessário (Jerga, Shaver, & Wilkinson, 2011), como destaca Pincus (1989): “O único critério válido para determinar que o pesar é patológico é a incapacidade da pessoa enlutada de enfrentar a vida” (p. 112).

2.4 Estágios e tarefas do luto

O luto não deve ser compreendido como uma união de sintomas que podem desaparecer em um determinado período de tempo, e sim como um processo em que uma sucessão de sintomas pode acontecer simultaneamente sem que haja uma ordem sistematizada para isso (Parkes, 1998). Apesar de haver sintomas e episódios característicos no luto, não é possível estabelecer um processo que se desenvolva de forma universal, porém há um padrão comum no qual algumas características são observáveis na maioria dos casos (Parkes, 1998).

> Na medida que a natureza do luto é tão complexa e as reações de personalidade individuais variam tão amplamente, é difícil chegar a uma definição abrangente. Para enfrentar este problema, têm sido feitas tentativas de dividir o processo de luto em fases observáveis, embora o número de fases e a ênfase dada a elas variem de cada estudo (Pincus, 1989, p. 102).

Para compreender o funcionamento do luto, Bowlby (1973/1998) refere-se a quatro fases que provavelmente são vividas pelas pessoas que perdem um ente querido. A primeira é a fase de choque, com duração de horas ou semanas, podendo vir acompanhada de reações de desespero ou raiva. Nessa fase as expressões emocionais são intensas e o enlutado pode parecer desligado do mundo, apesar da tensão. Pincus (1989) relata que nesse momento a pessoa sofre variações de acordo com a situação e seu temperamento, podendo sair de um estado apático para um superativo. Procura-se assim, como forma de amenizar a dor, distrair-se e “ir levando”, o que só aumenta a recusa da perda. Nesse momento, o enlutado se encontra normalmente acompanhado de amigos e parentes.

Depois de conquistado algum controle no que diz respeito às atitudes nessa fase de choque, o enlutado acaba por, obrigatoriamente, ter de testar a realidade e submeter-se a nova situação, se sentindo muitas vezes abandonado e perdido, procurando desenvolver defesas contra a dor intensa (Pincus, 1989).

A segunda é a fase do desejo e da busca da figura perdida, com duração de meses ou anos: nela pode existir a ilusão de que nada aconteceu e a pessoa se atenta a qualquer coisa que possa confirmar sua fantasia. Ocorrem também episódios de raiva ao perceber que de fato houve uma perda, por sentir culpa pela morte do outro, pela frustração de uma busca inútil ou quando há o sentimento de que o morto não se cuidou, surgindo uma sensação de abandono (Bowlby, 1973/1998).

Enquanto houver a raiva, a perda ainda não foi aceita. Esse sentimento pode ser transferido para outras pessoas que procurem consolar o enlutado. Essa segunda fase tem como principais sintomas a esperança, os desapontamentos, o choro, a raiva e a ingratidão com as pessoas próximas (Kovács, 1992).

Com a constatação da morte, uma profunda tristeza é sentida, podendo estar acompanhada de uma sensação de que nada tem valor e de um desejo de morte, iniciando uma terceira fase, caracterizada por desorganização e desespero no enlutado. Assim, na tentativa de se reorganizar e continuar a vida inicia-se a quarta fase, em que se processa a aceitação da perda definitiva e a constatação de que uma nova vida precisa ser criada (Kovács, 1992).

Embora numa fase de aceitação, a saudade e a tristeza podem retornar quando o enlutado, por exemplo, precisar exercer as funções do morto, o que torna o luto um processo gradual e talvez nunca concluído (Kovács, 1992).

Em relação a esse processo de conclusão do luto, Bromberg (1999) relata que para o tempo de duração do luto não há uma regra específica, sendo possível, entretanto, trabalhar com um parâmetro de um ano, pois nesse momento ocorre um fenômeno chamado de “reação de aniversário” em que o enlutado revive o ano que passou e a dor que sentiu. Sendo assim, o tempo do luto é variável e seu traço mais permanente é um sentimento de solidão (Kovács, 1992).

A perda de um ente querido pode gerar uma crise no sistema familiar, pela necessidade de alguns membros da família de continuarem desempenhando suas funções, mesmo que estejam sentindo-se sobrecarregados com as reações do luto dos outros e com o seu próprio sofrimento e sintomatologias. Essa crise deverá ser superada para que possa ocorrer uma reorganização no sistema familiar e a construção de uma nova identidade (Bromberg, 1994).

Os problemas da família enlutada, a longo prazo, referente ao ajustamento e às reações emocionais do luto, são decorrentes da incapacidade de cada membro da família de permanecer não-reativo à intensidade de sentimentos do sistema familiar e de poder comunicar o que está sentindo aos outros sem esperar que estes sejam influenciados pelos seus próprios sentimentos, temendo piorar a tristeza do familiar (Brown, 1989/2001).

No que diz respeito ao luto infantil, Bowlby (1979/2001) discute etapas do processo de luto em bebês e crianças pequenas, enfatizando que são muito parecidos com os de adulto. Ele identifica quatro fases durante o processo de luto nessa população: entorpecimento, protesto e busca da figura perdida, desorganização e desespero e por último, reorganização.

Outra proposta para se pensar o processo de luto infantil, é apresentado por meio das “tarefas de luto” (*tasks of grief*) ao invés de fases. Elas se caracterizam por não acontecerem

em uma ordem pré-estabelecida e são identificadas como seis tarefas principais: 1) conhecimento sobre a realidade da morte; 2) expressar e sentir as emoções frente à perda com o suporte emocional de outras pessoas; 3) integrar as memórias do falecido com o presente e futuro; 4) redefinir novas relações; 5) ressignificar a vida após a perda; e 6) desenvolver novos relacionamentos que ofereçam suporte após a perda (Wolfelt, et al., 2002).

Cohen, Mannarino e Knudsen (2004) sugerem que algumas tarefas podem levar a uma reconciliação do enlutado com a vida, como aceitar a realidade da morte, experimentar por completo a dor, procurar se ajustar à vida sem o ente querido, integrar aspectos da pessoa amada em sua própria identidade, encontrar significado na perda e conseguir iniciar novas relações.

Compreende-se, assim, que o luto ocorrerá sempre em um tempo diferente de pessoa para pessoa, pois é uma reação individual e única. Quando surgirem lembranças da pessoa que se foi, a dor reaparecerá, de acordo com a intensidade do relacionamento que havia entre o falecido e o enlutado, pois quanto maior a ligação entre eles maior a sensação de vazio que o enlutado sentirá (Webb, 2011).

2.5 Winnicott e a teoria do desenvolvimento emocional

A teoria de Donald Wood Winnicott pode ser considerada, atualmente, de grande importância para compreender fenômenos da clínica psicanalítica (Barone, 2004). Winnicott considerava em seus estudos, principalmente, suas observações clínicas e prática profissional, que envolviam a compreensão de como se dava a dinâmica relacional dos seus pacientes, sempre relacionada ao contexto em que estes estavam inseridos. Ele também dava muito valor ao encontro terapeuta-paciente que, se realizado de forma verdadeira, podia auxiliar o paciente na retomada do seu desenvolvimento emocional.

Como era claro para ele a importância do viver em uma realidade compartilhada e a influência do meio no desenvolvimento emocional, interessava-lhe muito que a família fosse valorizada e trabalhada, para possibilitar que este desenvolvimento ocorresse da melhor forma possível (Barone, 2004). O desenvolvimento emocional é, então, possibilitado por meio de cuidados oferecidos pelo ambiente e pelo potencial inato da própria criança.

A junção da tendência inata e a existência contínua de um ambiente facilitador levam o indivíduo a um desenvolvimento que acontece durante toda a vida, rumo à independência. Como cita em uma das suas obras: “Vamos partir do princípio de que o desenvolvimento inicial do indivíduo implica num continuar a ser” (Winnicott, 1958/2000, p. 334).

Esse ambiente facilitador, que capacita o crescimento pessoal e o amadurecimento, são os cuidados que o pai e a mãe dispensam para seu filho (Dias, 2003). Para Winnicott (1958/2000) não é possível o bebê existir por si só, pois o indivíduo é parte essencial de uma relação. O autor ressalta: "Quando uma família permanece íntegra e tem de si algo em desenvolvimento, durante certo tempo, cada criança extrai benefícios daí: pode ver-se na atitude de cada um dos membros ou na atitude da família como um todo" (Winnicott, 1971/1975, p. 161). Permitir que as crianças sejam saudáveis é também permitir que haja adultos saudáveis (Winnicott, 1958/2000).

Dessa forma, Winnicott aprimora a sua teoria, pensando as bases da saúde mental como sendo construída a partir de três estágios do desenvolvimento: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. Essa divisão em estágios, é uma maneira mais didática de pensar o desenvolvimento emocional, que não necessariamente corresponde à realidade, pois o indivíduo está em todos os estágios durante todo o tempo (Barone, 2004).

Essas fases iniciais são muito importantes para um relacionamento saudável do bebê com o meio externo e o desenvolvimento do seu próprio *self*. O conceito de *self* é definido por Winnicott como o potencial herdado do indivíduo que em conjunto com o ambiente, permite a sensação de continuidade de uma existência própria (Barbieri, 2002). Safra (2005) alega que por meio do processo contínuo de desenvolvimento emocional de cada indivíduo, o *self* se constitui como uma organização dinâmica que permite o "ser alguém" e ser a própria pessoa. Alguns autores referem-se ao *self* como a "si mesmo" (Dias, 2003).

No primeiro estágio, a dependência absoluta, o recém-nascido é completamente dependente dos cuidados do outro. Nesta etapa a mãe suficientemente boa[1] entra em um estado de "preocupação materna primária", que lhe permite cuidar de seu bebê suprindo suas necessidades através do *holding*[2] (Winnicott, 1983/2008).

Nesta etapa de dependência absoluta, as falhas intensas da mãe provocam carências na satisfação das necessidades. Nesses casos, o bebê fica à beira de uma angústia inimaginável, que surge quando a mãe não cumpre a função de sustentação do *self*. Uma perda neste momento poderá ser vivida como aniquilação, privação ou dissociação, já que o bebê ainda não consegue suportar ausências longas (Winnicott, 1958/2012). Em "Privação e Delinquência", Winnicott (1958/2012) relata que os bebês muito pequenos que são separados

---

[1] Para Winnicott a mãe suficientemente boa é aquela que é sensível às necessidades de seu bebê, procurando se adequar a elas e colocando-se em seu lugar, ela deve identificar com o bebê sem se confundir com ele. Ela se permitiria falhar aos poucos, mas de acordo com a capacidade do bebê de suportar esses fracassos.

[2] *Holding* está relacionado com o ser segurado de maneira confiável. É uma proteção para as agressões do meio que leva em conta a sensibilidade do bebê, inclui a rotina completa do cuidado durante todo o dia e acompanha as mudanças surgidas pelo desenvolvimento físico e psicológico da criança (Winnicott, 1983/2008).

de suas mães, passam a não reconhecê-las quando elas retomam o contato. As mães que não são capazes de atender às necessidades físicas e afetivas de seus bebês provocam uma falha ambiental que, nessa etapa, pode levar à formação de um falso *self* ou de um processo psicótico.

Nessa relação de dependência absoluta, a mãe ilude o bebê por meio do suprimento das suas necessidades, oferecendo-lhe o objeto no momento necessário, de maneira que o bebê acredite tê-lo criado, originando assim a criatividade primária. Isso acontece como na situação em que o bebê chora de fome e o seio aparece para suprir uma necessidade e amenizar um desconforto que o bebê ainda não tem condições de reconhecer, mas pode sentir-se capaz de suportar por meio da sua própria onipotência (Winnicott, 1958/2012).

Essa capacidade de iludir, que só é possível com a presença de uma mãe suficientemente boa, proporciona a vivência de uma experiência de onipotência que é a base para o desenvolvimento de confiança no mundo. Entretanto, também é parte da tarefa da mãe suficientemente boa desiludir a criança aos poucos, com falhas que possam ser suportadas. Nesse sentido, o desmame é um importante momento em que a mãe se coloca nessa função, devendo continuar a desiludir a criança aos poucos e com o passar do tempo, com o auxílio do pai, familiares e professores, por exemplo. A desilusão implica em ter sido possível fornecer um espaço ideal para a ilusão, ou seja, ela só pode ocorrer após ter sido permitido ao bebê a capacidade de iludir (Winnicott, 1983/2008).

O acesso à capacidade de iludir e depois a passagem pela desilusão, processos sempre contínuos, representam o ambiente que se adapta de forma suficientemente boa às necessidades do bebê e aos seus movimentos espontâneos, fazendo com que ele possa descobrir esse ambiente sem que haja uma perda da sensação de ser (Winnicott, 1983/2008).

Assim, se tudo ocorrer bem durante essa fase de dependência absoluta, o bebê pode seguir para a experiência do estágio de dependência relativa e, aos poucos, adquirir a capacidade de se relacionar com a realidade externa. Nessa passagem ainda não existe um “eu” separado do “não eu”, ou seja, os objetos nessas relações primitivas não são indistinguíveis do próprio eu do bebê.

Na dependência relativa, inicia-se o processo de desilusão, em que a mãe gradualmente começa a frustrar a criança, não estando o tempo todo disponível para ela (Avellar, 2004). As falhas maternas são moderadas e ajustadas ao desenvolvimento do bebê, o que permite que ele as vivencie sem prejuízo e possa tirar proveito delas para o seu desenvolvimento emocional.

Nessa etapa, o bebê passa a sentir, inicialmente, como se estivesse se relacionando com duas mães: a primeira dos momentos de tranquilidade em que estão satisfeitas as suas necessidades e a segunda, aquela que ele encontra nas horas das refeições, nas quais a excitação e a agressividade voraz estão implicadas. Para conseguir perceber que as duas mães são uma só, o bebê precisa de uma mãe suficientemente boa que sobreviva a esses ataques e que possibilite a ele a experiência de conservar uma representação viva dela nos momentos de ausência (Arcangioli, 1994).

Esta é uma fase que, por meio da angústia depressiva experimentada no sentimento de que a mãe amada é a mesma dos momentos de ataques, a criança é levada a sentir culpa e realizar tentativas de reparação; a mãe suficientemente boa que sobrevive e permite esse movimento da criança, possibilita a continuidade do seu desenvolvimento emocional (Winnicott, 1983/2008). É assim que o bebê passa a se distinguir do meio, criando a sensação de ser e habitar um corpo e percebendo que o objeto externo não está sobre o seu controle; é assim que a sua vivência de onipotência é gradualmente impossibilitada por meio das falhas maternas adequadas ao seu desenvolvimento.

Desse modo, na passagem da dependência absoluta para a dependência relativa, percebe-se uma mudança sobre a forma como a criança se direciona ao objeto. No momento em que, de acordo com a sua onipotência, a criança sente-se capaz de criar o objeto que necessita, ela passa a relacionar-se com ele. Para Winnicott (1971/1975), o relacionar-se com o objeto diz respeito às projeções e identificações que o bebê utiliza, e que faz com que ele o perceba subjetivamente, sem ser capaz de diferenciar-se e de compreendê-lo como externo.

Nessa vivência, aos poucos, o bebê é desiludido, e a sua onipotência é diminuída. O objeto então é colocado fora da sua área de onipotência. É dessa maneira que a criança passa do “relacionar-se” com o objeto para o “uso” do objeto, que consiste na possibilidade deste objeto ser percebido como externo e não de acordo com as projeções, passando a fazer parte da realidade compartilhada. Aprender a usar o objeto, é parte do desenvolvimento emocional. Entretanto, quando esse objeto é percebido como externo, o bebê, segundo Winnicott (1971/1975), “destrói” o objeto, separando-se e diferenciando-se dele, direcionando os seus impulsos agressivos nesse processo. Dessa forma, para que tudo ocorra bem, o objeto precisa sobreviver a essa agressividade (como no exemplo da mãe no processo de amamentação). A partir dessa sobrevivência, o bebê pode destruir o objeto em sua fantasia e assim usá-lo, permitindo que ele desenvolva a sua autonomia. Essa destruição também permite o amor a um objeto que está fora da área da onipotência e por isso é real, e pode assim, apresentar a realidade para o bebê.

Esse processo permite o início da separação eu/não-eu e auxilia na construção da identidade e na percepção de si mesmo e do mundo externo. A sobrevivência do objeto pode não ser possível, pois ela representa mudanças; entretanto ela gera confiança no bebê, pois ele pode interiorizar o objeto tornando-se capaz de usá-lo.

Nesse sentido, ao começar a fazer uso do objeto, o bebê inicia a vivência da separação da mãe, e começa a experienciar o sentido da realidade compartilhada e a se relacionar com outras pessoas. Nesta etapa surgem, dentro de uma terceira área ou espaço potencial, os fenômenos transicionais. "Estou nesse momento apresentando a minha reivindicação de que existe um estado intermediário entre a incapacidade do bebê de reconhecer e aceitar a realidade e, sua crescente capacidade em fazê-lo" (Winnicott, 1958/2000, p. 318).

O espaço potencial pode ser considerado como um espaço de descanso em que há uma pausa na luta angustiante em tentar manter realidade e fantasia separadas (Barone, 2004). Nele é possível que ambas estejam presentes e se relacionem, pois é uma área que não é objetiva e nem subjetiva, não é interna e nem externa, mas sim um espaço em que ambas as realidades – interna e externa – que estão inter-relacionadas, encontram-se e se separam (Lapastini, 2001).

Esse paradoxo possibilita que o que é de origem externa e o que pertence ao *self* relacionem-se, sem que apenas um dos lados se destaque. Assim, como aponta Barone (2004): "É neste espaço que a criatividade torna-se possível e que, acima de tudo, estamos vivos como seres humanos" (p. 89). É um fenômeno que permite o brincar da criança e o enriquece com o uso da criatividade.

Essa área intermediária de experiência (por isso a escolha do nome "Transicional", que indica o lugar e a função na vida psíquica da criança desses fenômenos e objetos) persiste por toda a vida, sendo ocupado por atividades lúdicas, criativas, culturais, ajudando nos momentos de tensão advinda do conflito entre a realidade interna e a realidade externa (Arcangioli, 1994). Ela representa a possibilidade de manter uma relação criativa entre o indivíduo e a realidade (Barone, 2004).

É nesse momento que a criança utiliza de fenômenos e objetos transicionais, que são escolhidos por ela própria, que consistiram na "primeira possessão não-eu", em que o seu uso acompanhava uma atividade de fantasia (Abadi, 1998).

Para que a relação entre o objeto transicional e a criança possa firmar-se é necessário que esta seja protegida e respeitada pelo ambiente. O bebê assume direitos sobre o objeto. Os pais, sabendo da importância do objeto, permitem que a criança faça o uso dele como bem entender, deixando-o sujo e malcheiroso se necessário, e levando-o junto com a criança para

qualquer lugar, garantindo, assim, a continuidade da experiência do bebê, o significado e o valor do objeto para ele. Também pode, à medida que o bebê começa a usar sons organizados, ser dado um nome ao objeto, frequentemente significativo, representando uma palavra utilizada para designar o próprio bebê e suas necessidades (Winnicott, 1971/1975).

O objeto, alvo de carícias e mutilações, nunca deve mudar, a menos que a criança faça essa mudança, pois deve parecer ao bebê que é de uma vitalidade própria; ainda que seja oriundo do exterior, o bebê não o vê dessa forma, contudo também não o percebe como um objeto interno (Winnicott, 1971/1975).

Para Winnicott (1971/1975) a criança só pode usar o objeto transicional quando existe um bom objeto interno. Este, porém depende da possibilidade da criança ter tido, ao decorrer da fase da dependência absoluta, uma mãe suficientemente boa, *holding* e suas necessidades supridas, sem que tenham ocorrido falhas ambientais que o bebê não estivesse preparado para suportar. Desta forma, o bebê passa a confiar e a ser capaz de criar, podendo vivenciar esse período de transicionalidade.

O objeto transicional pode então servir de auxílio no momento em que a criança precisa lidar com a ausência materna. O uso de objetos em situações de angústia não significa necessariamente que ele seja um objeto transicional. Para ser considerado como tal, a criança precisa estar fazendo um uso muito pessoal e criativo do objeto, que a auxilia nos momentos difíceis, mas não supre a ausência da mãe e nem substitui o contato com o outro; ele permite a interação com o ambiente e com o mundo interno no ritmo da própria criança. Caso esse objeto esteja sendo usado em uma relação dependente e ansiosa, ele pode ser o que Winnicott (1971/1975) chamou de “objeto confortador”, situação em que o objetivo é o de confortar e não de possibilitar uma vivência transicional para que seja possível o viver criativo no mundo compartilhado. No uso do objeto transicional, a criança percebe que ele assume a função de ser e não ser aquele objeto que lhe falta; essa percepção é tão importante quanto poder simbolizar e fazer uso dele (Winnicott, 1958/2000). Conferir a um objeto qualidades especiais que não é parte dele próprio representa a ação da criatividade primária e a presença do verdadeiro *self* (Barone, 2004).

Por fim, o destino do objeto transicional é que ele seja relegado ao “limbo”, ou seja, não se torne exatamente esquecido, mas sim utilizado quando necessário e, gradativamente, deixado de lado, sendo, no entanto, possível retomá-lo caso seja preciso em algum momento de privação ou quando um humor depressivo ameaçar manifestar-se (Winnicott, 1971/1975).

Essa capacidade de criar um terceiro espaço, em que realidade externa e o *self* podem conviver de forma criativa é uma conquista possibilitada pela separação da mãe

suficientemente boa que antes permitiu ao bebê viver uma experiência de ilusão e, em seguida, a progressiva desilusão. Nessas condições cada vez mais ele se torna independente de sua mãe e aceita a realidade compartilhada, reconhecendo a própria subjetividade e a do outro (Barone, 2004).

A trajetória rumo ao desenvolvimento emocional, portanto, envolve a percepção da existência, por parte da criança, da realidade externa e do seu próprio *self* e a necessidade de agir nessa realidade reconhecendo-se como verdadeiro e percebendo o outro. Para que isso seja possível, Winnicott (1958/2000) destaca três processos que ocorrem com o indivíduo durante a sua vivência inicial nos estágios e por toda a sua vida, permitindo que ele possa constituir-se como um ser inteiro e ativo: integração, personalização e realização (ou apresentação de objetos).

No início, o bebê se encontra em um estado não-integrado, e será a partir dos cuidados suficientemente bons vindos de uma mãe integrada, que está em um estado de preocupação materna primária, que ele ruma ao estado de integração, podendo, assim, sentir-se inteiro e não cindido, "segurado" por alguém em que pode confiar. A personalização representa a possibilidade de sentir que habita o próprio corpo, descobrindo e sentindo esse corpo por meio dos cuidados e toques que lhe são oferecidos, e que o fazem alcançar a noção de que aquele corpo é seu.

Em conjunto com o desenvolvimento desses dois processos, em que o bebê começa a se sentir inteiro e separado, também acontece o último deles, a realização, em que a realidade exterior pode ser vivida e até apreciada, na medida em que esta lhe é apresentada aos poucos, de acordo com o quanto lhe é possível conhecer. Adaptar-se à realidade e agir nela é um processo complexo que só é possível por meio das trocas do bebê com seu ambiente.

Na busca pela separação do eu e do não-eu, de passar do relacionar-se com o objeto para o uso deste, destaca-se a importância da agressividade. Em um primeiro momento, Winnicott (1958/2000) considerou que ela é, no início, a expressão da motilidade e parte de uma forma primitiva de amor. Uma mãe suficientemente boa expressa seu amor fisicamente (no segurar) em um primeiro momento, buscando adaptar-se as necessidades do seu bebê por meio da identificação com ele. Dessa forma, o indivíduo pode começar a existir para viver seus impulsos do *Id* por meio da expressão da sua motilidade.

Essa agressividade, identificada à motilidade, auxiliará o bebê no momento em que o eu e o não-eu estão se constituindo, por meio do encontro com o meio externo. O ambiente, o não-eu, deve oferecer oposição aos impulsos agressivos do bebê, para que eles forneçam satisfação a ele e o Eu possa gradualmente distinguir-se do Não-Eu. Inicialmente, entretanto,

há uma fusão de amor e ódio e o bebê não pode distingui-los. Essa situação primitiva em que os impulsos agressivos estão misturados aos amorosos, ocasiona o que Winnicott (1958/2000) chamou de estágio do Pré-Concernimento, ou seja, o momento em que a criança ainda não se preocupa com os resultados dos seus atos, pois ainda não consegue distingui-los. Os sentimentos de amor e ódio estão fundidos, e a criança não se importa em destruir, nos momentos de excitação, o objeto que passa a amar nos momentos de menor excitação.

Após essa vivência, quando já é possível atingir algum grau de integração do ego, a criança percebe o objeto como diferente dela, e se preocupa com o que as suas atitudes e fantasias possam ter feito, iniciando a construção da capacidade de sentir culpa, que Winnicott (1958/2000) chamou de estágio do Concernimento. Uma mãe suficientemente boa pode ajudar a criança a lidar com o sentimento de culpa sobrevivendo aos impulsos agressivos e demonstrando ser possível construir e reparar.

A partir disso, a criança satisfaz seus impulsos e passa a sentir-se bem por confiar em sua própria capacidade e no mundo externo. Por outro lado, ela precisa reconhecer e lidar com sua agressividade. O reconhecimento desta pode fazer com que a criança se sinta repleta de conteúdos ruins que ameaçam os seus objetos bons. A administração dessa situação pode durar toda vida, e começa a ser possível pela passagem pela transicionalidade, em que uma relação entre mundo externo e interno, no ritmo e possibilidades da criança, pode existir. Entretanto, também pode acontecer de uma criança com dificuldades na passagem pela transicionalidade, projetar no ambiente externo o que é ruim, e manter em seu mundo interno o que é bom, separando por completo amor e ódio e tornando-se introvertida. Em uma tentativa de restabelecer-se, neste caso, e relacionar-se com o mundo externo, (percebido como hostil) a criança pode tornar-se agressiva. De qualquer forma, a capacidade de perceber o próprio ódio inicia no estágio do Concernimento e é uma conquista no processo do desenvolvimento emocional (Winnicott, 1958/2000).

Após o reconhecimento do ódio e do amor, as próximas experiências da vida da criança (como a vivência do complexo de Édipo), auxiliadas pela capacidade de simbolizar, que é gerada pela passagem da transicionalidade, permitirão que os impulsos agressivos e amorosos estejam juntos, mas não totalmente fundidos como inicialmente, reforçando o reconhecimento do eu e do não-eu. Poder organizar ódio e amor sem separá-los, mas podendo identificá-los, faz com que o bebê possa atingir a ambivalência, que auxilia na compreensão do próprio eu (Winnicott, 1958/2000).

Nesse sentido, a função do ambiente é muito importante, pois se este for suficientemente bom, ele sobreviverá aos ataques e auxiliará a criança a atingir a

compreensão da sua ambivalência. No entanto, se o ambiente for muito intrusivo, além de não ser possível a consolidação do *self*, as experiências do bebê serão de acordo com a reação a essa intrusão, de forma a aceitá-la. Neste caso, o *self* não se instaura quando necessário e uma determinada relação entre amor e ódio no mundo interno do bebê não é possível. Em outra situação, se o ambiente não for suficientemente bom, a agressão pode se manifestar no ambiente externo de formar destrutiva ou autodestrutiva (Winnicott, 1958/2000).

Dessa forma, de acordo com essas considerações, o amadurecimento pode ser descrito como um caminho que parte da dependência absoluta, passa por um período de dependência relativa e segue rumo à independência. Portanto, o desenvolvimento emocional é vivido sem lacunas afetivas, em que a saúde significa que o indivíduo teve experiências que prosseguiram no seu próprio ritmo; a existência de deficiência afetiva intensa significa doença (Winnicott, 1989/2005).

> Toda criança tem uma linha de vida que, de qualquer modo, começa no nascimento, sendo nossa missão zelar para que essa linha não se quebre. Há um processo contínuo de desenvolvimento interior que só pode realizar um constante progresso se a assistência à criança também for constante. Assim que a criança, como pessoa, principia a estabelecer relações com outras pessoas, tais relações são intensas e não poderão ser desvirtuadas sem perigo. (Winnicott, 1957/1982, p. 249)

2.5.1 A mente e o psicossoma

As boas condições ambientais e a tendência inata ao desenvolvimento no bebê o levam a progredir em seu desenvolvimento emocional. Durante o desenvolvimento saudável[3], a relação entre mente e corpo, que é a base para o "continuar a ser" e a expressão do verdadeiro *self*, também são possíveis (Winnicott, 1983/2008).

Entretanto, na ausência de um meio suficientemente bom, uma inter-relação psicossomática adequada pode ser muito difícil. Os fatores externos, quaisquer que sejam, são levados em consideração de acordo com a visão do indivíduo a respeito deles. A ameaça da perda da união psicossomática, ou de alguma forma de despersonalização, pode levar a certos sintomas que buscam defender o indivíduo dessa ameaça, insistindo em manter interagindo psique e soma (Winnicott, 1983/2008).

Winnicott (1958/2012) aponta para a importância de que psique e soma estejam interligados. No desenvolvimento saudável, as mães fornecem uma adaptação ativa aos seus bebês, ou seja, agem de forma suficientemente boa, permitindo serem encontradas pelos

[3] Saúde para Winnicott (1959/1997) está relacionada ao indivíduo ser amadurecido, de forma correspondente à sua idade, podendo identificar-se com a sociedade, sem que haja sacrifício do seu impulso individual.

filhos, sem invadi-los. Assim, conforme as falhas vão acontecendo gradualmente, o bebê utiliza da sua atividade mental para compreender e lidar com a existência delas.

Nas situações em que Winnicott (1958/2012) nomeia de “maternagem tantalizante” (p. 336), a mãe falha ao não conseguir identificar-se com o seu bebê, ao não conseguir olhar para ele e percebê-lo, apesar de poder suprir certas necessidades básicas. Nessas situações, a mente do bebê tende a assumir o controle do soma. Nas palavras de Winnicott: “o funcionamento mental passa a existir por si mesmo, praticamente substituindo a mãe boa e tornando-a desnecessária (p. 336)”, sendo possível ao bebê sentir-se em condições de sobreviver sem que a ausência do olhar materno o impossibilite.

Assim, o funcionamento mental cuida do psicossoma no lugar do ambiente e não permite que as falhas ambientais sejam usadas como aprendizado da realidade. Entretanto, esse desenvolvimento se dá por um falso crescimento pessoal, que tem por base a submissão às exigências do meio (Winnicott, 1958/2012). Nessas condições não há espaço para um viver criativo e espontâneo. A psique se torna a mente, e o indivíduo passa a não conseguir relacionar suas ansiedades e angústias como responsáveis pelos sintomas psicossomáticos, compreendidos pela mente apenas como somáticos.

O relacionamento interpessoal passa a ser construído a partir da interação da mente com o outro sem que haja espaço para a subjetivação e a fantasia. A adaptação a necessidades primitivas se dá de forma facilitada, mas a expressão da personalidade é falsa, usada para proteger o verdadeiro *self*.

Dessa forma, é necessário ao indivíduo, para retomar o seu desenvolvimento, voltar ao estágio em que há um psicossoma dependente e alguém que ofereça um ambiente suficientemente bom, para que ele possa se fortalecer e viver de fato sem que a mente o controle, pois manter-se assim, leva o individuo a sentir-se à beira de um colapso (Winnicott, 1958/2012).

Em um funcionamento desse tipo, que se caracteriza como falso, não é possível ao indivíduo vivenciar o ódio e experimentar seus impulsos agressivos, já que ele sente que só pode contar consigo mesmo para desenvolver-se. Assim, ele passa a se sentir responsável por um ambiente ruim sem conseguir perceber as falhas que pertencem ao próprio ambiente, desorganizando-se e procurando conter-se por meio do funcionamento mental (Winnicott, 1958/2012).

Nessas condições, é possível que se originem as doenças psicossomáticas, cujo objetivo é o de possibilitar que a psique retome seu lugar estando de novo intimamente ligada ao soma. Em um falso *self* organizado, em que o indivíduo apresenta um forte intelecto, pode

acontecer da mente se tornar o próprio falso *self*, ditando sua forma de agir. Há, então, uma dissociação entre o psicossoma e a atividade mental causando sofrimento, como relata Winnicott: “a mente não é para o indivíduo algo para ser usado para escapar de ser psicossomático” (Winnicott, 1983/2008, p. 132).

2.5.2 O falso self

Em um ambiente favorável que transmita segurança, além do bebê expressar-se verdadeiramente, ele também será capaz de lidar com a realidade por mais difícil que ela seja, pois no contato com o ambiente através do gesto criativo, ela pode ser aceita sem que ocorram interrupções no desenvolvimento do *self* (Barone, 2004). Essa questão é importante para se considerar o processo de luto por uma pessoa amada e suas consequências. Numa condição prejudicial em que muitas falhas ocorrem, o bebê tende a criar defesas rígidas, tencionando defender-se do meio nocivo, em especial para defender seu verdadeiro *self*.

O bebê, então, protege seu *self* de uma mãe/meio intrusiva que impõe suas próprias necessidades a ele, sem oferecer espaço ou confiança para que seu gesto espontâneo apareça, falhando em satisfazê-lo, substituindo o gesto dele pelo seu próprio. Essa submissão a que o bebê é acometido é o estágio inicial do falso *self*. Assim, o lactente se isola e, para sobreviver, o faz falsamente (Winnicott, 1983/2008).

O falso *self* submisso reage às exigências do meio ao invés de existir sob elas, fazendo o lactente aceitá-las. Dessa forma, mesmo que a criança aparente ser real, ela terá relacionamentos falsos e crescerá muito parecida com a mãe, irmão (a) tio (a) ou quem quer que seja que, no momento do seu desenvolvimento, seja para ela a figura de maior destaque. Assim, ela não desenvolve uma identidade própria, pois não houve permissão do meio para que isso fosse possível. Nas palavras de Winnicott (1983/2008): “Aí se situa a origem do *self* verdadeiro que não pode se tornar uma realidade sem o relacionamento especializado da mãe, o qual poderia ser descrito com uma palavra comum: devoção” (p. 135).

No falso *self* a criança desiste da esperança de ver suas necessidades satisfeitas no mundo, o que compromete sua expressão espontânea, e busca proteger o *self* verdadeiro da intrusão ambiental. Porém, ao mesmo tempo em que intenciona esconder e defender o verdadeiro *self*, essa defesa pode constituir-se em uma ameaça à existência dele (Winnicott, 1983/2008).

A organização do ego do lactente será sempre desenvolvida a fim de adaptar-se ao ambiente; mas ainda assim, isso só é possível se o verdadeiro *self* se tornar “uma realidade viva” (Winnicott, 1983/2008, p. 136) resultado de uma mãe que se adaptou às necessidades do

seu filho e de um meio que não foi muito intrusivo. Como somente o verdadeiro *self*, por meio do existir criativo, pode se sentir real, o falso *self* produz uma sensação de futilidade e irrealidade que, depois de um tempo, pode transbordar e trazer muito sofrimento para a pessoa. Entretanto, é evidente que, às vezes, é necessário a qualquer bebê saudável submeter-se em determinado momento, para não expor seu verdadeiro *self*, procurando assim conciliar os momentos de espontaneidade e submissão, uma tarefa difícil que é conquistada com o tempo (Winnicott, 1983/2008).

Winnicott (1983/2008) dividiu a organização do falso *self* em tipos que vão do extremo ao menos extremo. Em um caso extremo, o falso *self* se implanta como o real fazendo com que todas as pessoas o percebam dessa forma, porém em situações em que uma pessoa real é necessária, as carências características desse falso *self* não permitem que ele seja suficiente. Em organizações menos extremas, o falso *self* é visto como a defesa do verdadeiro *self*, buscando tornar possível que em algum momento ele emerja; nesses casos o falso *self* pode ocasionar identificações com figuras positivas, e permitir a vida em sociedade com uma atitude polida e amável em situações em que a ação real do verdadeiro *self* não permitiria.

Com a defesa falso *self*, a criança demonstra pouca afetividade e postura ativa, mostrando-se deprimida, em um estado de desesperança quanto aos relacionamentos objetais, imersa em uma sensação de inutilidade (Winnicott, 1958/2000)

Entre as tentativas de lidar com esse estado deprimido, encontra-se a defesa maníaca, em que tudo aquilo que é sério é negado. “A morte transforma-se em vitalidade exagerada, o silêncio é transformado em barulho, não há sofrimento e nem preocupação, não há trabalho construtivo nem prazeres tranquilos” (Winnicott, 1958/2000, p. 367); a capacidade de deprimir e sentir a tristeza, são mantidas distanciadas ou negadas.

Além da tristeza própria da desesperança, sentida pela criança no relacionamento com o seu meio, Winnicott também explica que um quadro melancólico materno pode ser muito prejudicial na função do ambiente em atender as necessidades do bebê, podendo causar, assim, prejuízos no desenvolvimento das potencialidades do *self* (Barone, 2004).

Green (1988) cita que no caso de uma depressão materna, a diminuição do interesse da mãe pelo filho, além da sua tristeza, fica em primeiro plano. Em especial o caso mais grave da depressão materna é a morte de um filho. Ireland (2011) esclarece que, em seu estudo de caso sobre uma paciente que perdeu irmãos e teve sua mãe deprimida, esta viveu “um luto “embrulhado” em outro luto” (p. 159), ou seja, perdeu o irmão propriamente dito e a mãe que não conseguia mais estar devota ao filho vivo.

2.6 O luto nos pais

Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estribilho?
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar.
Quem é essa mulher
Que canta sempre esse lamento?
Só queria lembrar o tormento
Que fez o meu filho suspirar.
(Chico Buarque & Miltinho, Angélica, 1977)

Na nossa sociedade, a morte precoce é vista com grande resistência. A maior parte das pessoas compreende o fato como uma interrupção do ciclo vital, por isso a criança que morre é percebida como quem foi privada da vida (Hoffman, 1993). A morte de uma criança também desperta ansiedade nos adultos, a partir do momento que fica evidente que devemos aceitar que é possível morrer sem ainda haver se realizado (Aberastury, 1984).

Dentre as pessoas que sofrem com a morte de uma criança, indiscutivelmente, destacam-se os pais. Para eles a morte do filho é, dentre todas as perdas, a mais grave. Eles são tomados por uma angústia avassaladora e momentos de grande desespero. Compreendem a perda como um fracasso em sua função e sentem um vazio inexplicável (Valle, 2002). O luto dos pais envolve toda dimensão familiar e social por serem as proporções do sofrimento muito intensas (Bolze & Castoldi, 2005).

Essa perda também representa a morte de todas as suas expectativas e sonhos em relação ao filho e o fracasso por sentirem que não foram bem sucedidos em sua tarefa de cuidar dele. A nossa sociedade acaba por tornar esse luto ainda mais complicado, dificultando a expressão dos sentimentos parentais e prolongando os efeitos do luto, pois se espera que os pais retomem logo suas atividades. Além disso, deixar de sofrer pelo filho pode representar a esses pais que estão abandonando-o (Parkes, et al., 2003).

Nesses casos é mais comum encontrar pais que desenvolvam um luto complicado, já que é muito difícil para eles sentir que estão se desapegando da dor e do luto, pois o tempo não diminui a necessidade de continuar uma ligação com o filho morto (Bolze & Castoldi, 2005). Por isso, alguns pais que apresentam dificuldade em trabalhar a sua perda, podem apresentar sintomas associados com o luto complicado que incluem preocupação com pensamentos sobre o falecido e a negação de se sentir atordoado pela morte (D’Agostino, Berlin-Romalis, Jovcevska, & Barrera, 2008).

A dor derivada dessa experiência pode chegar a ser debilitante. Em alguns pais, a perda de um filho pode ocasionar sintomas depressivos no seu comportamento em até sete a nove anos depois (Kreicbergs, Valdimarsdottir, & Onelov 2004). Porém, alguns estudos apontam que os pais relataram se sentirem mais fortes por passarem por esse momento tão difícil (Arnold, Gemma, & Cushman, 2005; Barrera et al., 2007) e a maioria deles são capazes de trabalhar com a perda, integrando sua dor em suas vidas diárias (Barrera et al., 2007).

No caso de morte de crianças que envolveram um longo período de doença, as necessidades imediatas dos pais enlutados ainda não foram supridas pelos estudos da área, mas entende-se que é importante que haja um envolvimento desses pais com a equipe de saúde que cuidava do seu filho e com outros pais que estejam na mesma situação. Por isso, as consequências trazidas por esse tipo de perda estão sendo cada vez mais exploradas e conhecidas pela literatura (D'Agostino et al., 2008).

O estudo de Arnold et al. (2005) analisou 74 pais enlutados que perderam crianças de qualquer idade, causa ou tempo de morte. Foi realizada uma análise, qualitativa e quantitativa, de características do processo de luto que já havia sido apresentado em outros estudos e criado, assim, um questionário que incluiu 17 itens sobre questões demográficas, 52 itens sobre questões referentes ao luto e perda e 11 questões abertas para que o participante escrevesse com suas próprias palavras os sentimentos relativos à morte do filho. Também havia imagens que foram especialmente selecionadas para que pudessem ser comparadas com os sentimentos que os pais traziam como parte da experiência de perder um filho. Os resultados foram separados em características que diziam respeito à experiência de perda e luto, como:

- *Intensidade da perda:* Quase todos os participantes disseram que os sentimentos relacionados à perda foram muito intensos nas semanas que se seguiram à morte, e metade revelou que essa intensidade começou a variar muito com o tempo.
- *Suporte social:* 86% acreditaram ter recebido suporte das pessoas próximas, apesar de alguns se sentirem evitados depois da morte da criança. Os participantes também alegaram que sua própria força interior somada ao apoio dos familiares, religião e a profissão os ajudaram muito durante o processo de luto.
- *Percepção sobre a continuação do sofrimento:* a maioria dos pais acreditou que seu sofrimento continuou mesmo passado o tempo.
- *Outros sentimentos da perda, continuação do luto e características da morte da criança:* os pais que perderam suas crianças bem pequenas tendem a sentir seu luto

como terminado mais facilmente do que quando em situação de perda dos filhos mais velhos com quem conviveram mais.

Muitas dessas categorias foram criadas por meio de uma comparação entre pais que afirmavam já estarem finalizando o seu luto e pais que ainda acreditavam estar nesse processo. Poucos pais afirmaram que a morte do filho pode tê-los deixados mais deprimidos, com raiva e desestimulados, mas todos os participantes afirmaram ainda não terem deixado o luto. Em síntese, os resultados deste estudo apoiaram uma compreensão de luto parental como complexo, não linear e contínuo. Nos relatos de muitos pais foi identificado que há um receio de abandonar seu filho se deixarem o luto, mantendo um espaço vazio entre eles (Arnold et al., 2005).

Um estudo longitudinal, realizado por Alam, Barrera, D'Agostino, Nicholas e Schneiderman (2012) entrevistou 31 mães e pais de crianças que morreram de câncer, seis e 18 meses pós a morte destas. As entrevistas foram qualitativas semiestruturadas e individuais, realizadas por um psicólogo. Os pais eram contatados por e-mail e depois por telefone. A entrevista se tratava de questões relativas à doença e tratamento da criança, bem como ao momento da morte, às mudanças sofridas na rotina, ao trabalho e relacionamentos com amigos e familiares após a morte, à saúde atual dos pais, à espiritualidade, ao significado da doença e da morte do seu filho e às estratégias de enfrentamento. Os autores buscaram em todas essas questões, diferenças segundo gênero. Algumas mudanças foram reveladas como: 1) maior preocupação dos pais com o trabalho, 2) reações de luto mais intensas nas mães que diminuíram com o tempo, 3) as mães continuaram mais focadas na criança e os pais em suas tarefas cotidianas, 4) as mães nutriam mais o relacionamento com as crianças sobreviventes do que os pais, 5) o relacionamento conjugal ficou prejudicado sendo muito enfatizadas as diferenças entre o casal pelos pais e 6) as mães mantiveram mais contato com a família estendida do que os pais.

Foi revelado nesse estudo, tanto por mães quanto por pais, que o luto era sentido intensamente ainda semanas após a morte. As diferenças de gênero mais evidentes foram em relação às reações de luto materno, que eram mais intensas e prolongadas que as paternas, cujo luto foi relatado como mais privado e menos intenso conforme o tempo passava. Os pais também relataram utilizar o trabalho como maneira de lidar com a perda, enquanto que as mães preferem se comunicar com amigos e familiares, rezar e passar o tempo com os outros filhos. No que diz respeito aos filhos sobreviventes, tanto pais quanto mães relataram terem ficado mais protetores e aprendido a valorizá-los mais. As mães passam mais tempo com esses filhos, falam mais sobre a morte do irmão com eles e tendem a perceber o cuidado como

uma forma de auxiliar no processo de luto. Entretanto, alguns pais e mães reconheceram que houve dificuldades em se relacionar com esses filhos em até 18 meses após a morte (Alam et al., 2012).

Para pensar o impacto da perda de um filho de até 30 anos de idade, um estudo holandês avaliou, por meio de entrevista, 219 casais que haviam perdido um filho há seis, 13 e 20 meses. Concluiu-se que a idade do filho é um preditor de dor, pois a perda de crianças muito jovens (recém-nascidos e bebês) ou filhos mais velhos (adultos) estão associados a uma sensação de menos dor, de uma maior facilidade em concluir o processo de luto, sendo que em casos de morte abrupta essa dificuldade aumenta. Também concluíram que o número de crianças que permaneceram na família depois da morte, contribui para que os pais tenham menos sintomas de sofrimento (Meij et al., 2005).

Ainda em relação às características dos pais enlutados, outro estudo averiguou que, após a morte da criança, houve maiores taxas de separação conjugal, maior participação em grupos religiosos e mais queixas de sintomas depressivos e problemas de saúde, em especial cardiovasculares. Além disso, no estudo, houve bem menos participação de pais do que de mães, e dentre as razões possíveis para esse fato, os autores indicaram a preferência masculina por não confrontar a dor para não senti-la (Rogers, Floyd, Seltzer, Greenberg, & Hong, 2008). Este mesmo estudo também demonstrou a dificuldade na família estendida em perceber que ainda há necessidade de continuar dando apoio emocional a esses pais, mesmo que os sintomas do luto não estejam mais visíveis (Rogers et al., 2008).

A vivência da perda de um filho é um fenômeno complexo que pode causar uma significativa desestruturação familiar. O apoio dado pelos familiares e amigos é essencial. É também de suma importância que existam programas que ofereçam auxílio profissional para que esses pais enlutados possam dar continuidade à sua vida, podendo de fato concluir seu processo de luto. Alguns serviços e hospitais oferecem esse tipo de trabalho, mas muitas vezes são procedimentos que ainda estão sendo organizados e estruturados.

O estudo de D’Agostino et al. (2008), examinou as perspectivas dos pais em relação a serviços de apoio ao enlutado oferecidos por um centro de oncologia pediátrica, para compreender o que esses pais achavam do suporte de luto oferecido, o que eles precisavam e de que forma esse suporte poderia ser feito.

Os autores puderam concluir que é muito importante que algum apoio seja oferecido, pois há um forte apego dos pais em relação à equipe que cuidou do seu filho, podendo inferir que, além da perda do filho, há também a perda do círculo social conquistado dentro do hospital. No momento em que a família perde a criança e está muito vulnerável, ela tem

dificuldade em criar novos vínculos, por isso à participação da equipe de saúde no apoio ao enlutado pode ser de grande ajuda.

Ademais, a morte de uma criança afeta os aspectos narcísicos dos membros da família e é sentida profundamente como um choque contra sua onipotência. Ao mesmo tempo os pais experienciam a sensação de que uma parte de si mesmos foi arrancada. Esses sintomas trazem uma dificuldade de comunicação entre os familiares, prejudicando principalmente aqueles que precisam de mais ajuda por ainda estarem em desenvolvimento, os irmãos enlutados (Soifer, 1982).

Por isso, a possibilidade de que se possa oferecer algo aos pais, que signifique um apoio efetivo durante a difícil tarefa de viver o processo de luto, é essencial não só para que eles possam ressignificar a perda e suas vidas a partir dela, como também para possibilitar que as crianças sobreviventes recebam o que precisam do seu ambiente e não sejam abandonadas à mercê das próprias angústias, medos e fantasias, sem que haja alguém que possa estar efetivamente ao seu lado, sendo capaz de ser verdadeiro e de lhe oferecer *holding*. Como cita Winnicott: "Uma das coisas que o pai faz pelos filhos é estar vivo e continuar vivo" (Winnicott, 1957/1982, p.131).

Além disso, o adulto deve se sentir inteiro para que, além de fornecer *holding*, ele também possa oferecer a possibilidade da criança se comunicar e entender o que aconteceu. Por considerarem que as crianças não devem ter contato direto com o assunto, os adultos muitas vezes assumem atitudes equivocadas, evitando conversar a respeito, minimizando o próprio sofrimento a fim de poupar a criança, criando eufemismos que podem confundi-la e até mesmo inventando histórias que substituem a situação real (Vendruscolo, 2005).

Winnicott (1968/1997) alerta para o fato de que pode ser muito fácil subestimar o efeito da perda nas crianças, por elas serem cheias de vida e distrativas, mas uma perda com significado intenso para criança pode retirar todo o sentido da existência. Ele destaca a importância do ambiente para que o luto possa ser elaborado e a criança possa construir uma identidade própria, separando-se da mãe (Winnicott, 1958/2000).

2.7 A criança e o luto

> [...] Quando fizermos todo o trabalho que fomos enviados à Terra para fazer, temos permissão para deixarmos o nosso corpo, que aprisiona a nossa vida como um casulo encerra a futura borboleta... e, quando chega o tempo certo, podemos deixá-lo e então seremos libertados da dor, dos medos e das preocupações – estaremos livres como uma linda borboleta, voltando para casa, para Deus, para um lugar onde nunca

> estamos sozinhos, onde continuamos a crescer, a cantar e a dançar; onde estamos com aqueles que amamos (e que deixaram os seus casulos antes de nós) [...] (Carta a uma criança com câncer de Elisabeth Kübler-Ross escrita em 1978. In Kübler-Ross, 1999/2012, p. 208 -209)

Pensar o luto infantil infere que possamos levar em consideração muitas questões que influenciam o processo da aceitação da perda na criança, que por se encontrar em desenvolvimento constante, torna o tema muito complexo.

A criança tem grande capacidade de observação e pode perceber facilmente o que acontece ao seu redor, ainda que não tenha uma compreensão clara do que represente. Por isso, muitas vezes as ansiedades que os adultos manifestam, são depositadas na criança, fazendo dela uma porta-voz (Aberastury, 1984).

Levando em consideração esses apontamentos, sabe-se que o luto acontece de forma diferente na criança e no adulto. Isso se deve ao fato de que as crianças ainda estão se desenvolvendo cognitiva e emocionalmente e não têm uma compreensão clara sobre a perda. Na criança, as reações do luto não são contínuas e ela pode parar de expressá-las bem antes dos adultos, mesmo que o luto dure mais tempo que o deles. No geral, são reações que aparecem por meio de sintomas psicossomáticos, dificuldades na escola e de comportamento, problemas alimentares ou outros problemas que possam aparentar não ter relação com o luto (Howarth, 2011b; Lima & Kovács, 2011). Além disso, as crianças podem apresentar baixa autoestima, ansiedade, agressividade e dificuldade em socializar (Lima & Kovács, 2011). A vivência da experiência de perda, também afeta a sua auto-percepção e a maneira como ela vê o mundo, dificultando a confiança no meio externo e inserindo uma sensação de não-pertença (Graham, 2004; Green & Connolly, 2009).

Por isso, perder um ente querido é uma experiência difícil para a criança. Por possuírem menos formas de enfrentar a dor da perda, as crianças sofrem com a adaptação. Assim, é muito importante que a família comunique-se com ela, para que a elaboração do luto se torne possível por meio de uma compreensão do que está acontecendo (Lima & Kovács, 2011). Também é importante não deixar de considerar que as crianças têm necessidades diferentes e nem sempre se expressam como os adultos. Por exemplo, muitas vezes, para as crianças, o recebimento de condolências verbais é incompreendido e sentido como desconfortável (Green & Connolly, 2009). Além disso, nesse momento os amigos têm grande importância, pois muitas vezes os familiares não se encontram em condições de oferecer a atenção que elas necessitam, sendo necessário à criança que ela possa continuar com a sua vida social (Saldinger, Porterfield, & Cain, 2004).

Para Winnicott (1968/1997) deve ser permito à criança sentir a tristeza sem forçá-la a um estado de falsa alegria e esquecimento. Dessa forma, podem lhe ocorrer mudanças, mas a tendência natural é a de recuperar-se da perda. Respeitar seu ritmo e momento de desenvolvimento é, portanto, essencial para auxiliar a criança enlutada. Em seu processo natural, como observadora, ela olha e escuta, comparando lentamente as práticas que a rodeiam no presente com as práticas familiares com as quais estava habituada. Esse trabalho comparativo de práticas que a criança vai realizando permite que ela assimile lentamente a ausência do ente querido (Pelento, 2001, p. 217).

Mesmo que as crianças não compreendam bem o conceito de morte, a tristeza e tensão no ambiente em que vivem são sentidas por elas, que procuram buscar respostas de acordo com seus recursos internos. Isso é muito importante, pois, segundo Bowlby (1973/1998) o conhecimento que as crianças têm sobre o assunto influencia o desenvolvimento do luto, principalmente o que lhes é dito sobre a perda e a oportunidade de compartilhá-la.

O entendimento real do conceito de morte, nas crianças, depende do seu desenvolvimento cognitivo, uma vez que elas devem introjetar características que são inerentes à morte: irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade. A irreversibilidade é a compreensão de que, depois da morte, o corpo físico não voltará mais. A não funcionalidade diz respeito ao fato de que todas as funções definidoras da vida cessam com a morte. E por fim a universalidade, o entendimento de que tudo o que é vivo irá morrer (Torres, 1999).

A criança de até cinco anos não entende a irreversibilidade da morte, acreditando que ela é temporária, assim como não possui a noção de não-funcionalidade, atribuindo vida ao morto. Nesse período o entendimento de vida ou morte está em “o que se move” e o que “não se move”, e há uma correlação entre o sono e a morte (Vendrusculo, 2005).

Dos cinco aos nove anos de idade a criança já entende a morte como irreversível, mas não como inevitável, passando a personificá-la. A partir dos nove anos é que a criança começa a entender a morte como irreversível, não-funcional e universal, inclusive entendendo que ela mesma está suscetível a ela (Torres, 1999).

Librach e O’Brien (2011) desenvolvem seu trabalho no “Temmy Latner” Centro de Cuidados Paliativos (TLCPC) do Hospital Monte Sinai em Toronto, a partir de um estudo de Stokes (1998) que resumiu o que uma criança pensa sobre a morte de um membro da família em três questões: “*Catch, Cause, and Care”*. A partir disso, os autores criaram os três “c”s. O primeiro "c", de “contaminar”, refere-se ao receio expresso por crianças de pegar a doença da qual o familiar morreu, muitas vezes distanciando-se de todas as pessoas caso não haja esclarecimentos. O segundo “c”, “causa”, representa a sensação da criança de que ela, de

alguma forma, causou a morte do familiar, e por fim o terceiro “c”, “cuidado”, simboliza a ansiedade da criança no que diz respeito a quem cuidará dela após a morte do ente querido, em especial se este for um dos pais.

As reações de luto são, portanto, influenciadas por todos esses fatores que estão relacionados ao entendimento do que é a morte. Da mesma maneira que o luto dos adultos, o luto infantil pode ser compreendido como um processo de fases ou tarefas que não possuem uma ordem específica para acontecer.

Worden e Silverman (1996) indicam a existência de quatro tarefas para o luto infantil: aceitar a realidade, ou seja, aceitar que houve uma perda e que a pessoa não voltará; vivenciar todos os sentimentos derivados dessa experiência, seja raiva, tristeza, solidão, inveja, medo ou vergonha que assim poderão ser vividos gradualmente de forma a diminuírem com o tempo; adaptar a vida sem a pessoa amada e por fim, conseguir manter o relacionamento com o ente falecido baseado em suas memórias, podendo assim investir em outras pessoas. Por meio dessas tarefas, é possível uma reconciliação com a nova vida sem o ente querido.

Torres (1999) identificou três etapas principais no processo de luto infantil, sendo eles: Protesto, momento em que a criança não consegue acreditar na perda e assim busca personificar a pessoa que morreu, apresentando também reações de choro intenso; Desespero e desorganização da personalidade, quando a criança enfim passa a aceitar que a pessoa morreu e, apesar de ansiar muito a sua volta, pára de ter reações ativas e se torna muito mais apática e retraída. E por último, a esperança, momento em que é possível reorganizar a vida e buscar novos relacionamentos.

É claro que, ainda que haja tentativas de classificar o entendimento da morte e o processo de luto, cada pessoa passa por um processo intenso e individual ao perder um ente querido. De todos os momentos, experimentar a ausência, em especial do corpo físico, pode ser muito difícil para a criança, especialmente por senti-la muitas vezes como abandono.

Por isso, as crianças precisam de muita atenção dos seus cuidadores, que devem tranquilizá-las e desconstruir as crenças que não forem plausíveis com a realidade. É comum, por exemplo, que os pequenos tendam a pensar que a pessoa morreu por sua culpa, pois fizeram algo de errado, situação muito angustiante. Mesmo depois de maiores, em que podem demonstrar mais claramente como estão lidando com a situação, muitas crianças regridem nos comportamentos, por exemplo, voltando a urinar na cama (Schoen et al., 2004; Lima & Kovács, 2011). Entre outras consequências, pode haver também perdas sociais e acadêmicas e uma internalização da dor que mantém um relacionamento fantasioso com o morto (Lima & Kovács, 2011).

Algumas pesquisas revelam diferenças de gênero nas reações do luto infantil. Para Parkes (2002) as meninas tendem a conter a raiva, a chorar e a falar mais, enquanto os meninos externalizam a raiva e são mais ativos, mesmo que não falem muito. Nesse caso, os meninos podem ter mais dificuldades no processo de luto por se expressarem pouco (Kalter et al., 2002; Worden & Silverman, 1996). Já as crianças que tiveram perdas traumáticas e consecutivas, independente do sexo, podem também ter mais dificuldades na elaboração do luto (McNamee & Mercurio, 2006).

Muitas vezes na vida das crianças, a primeira experiência com a morte se dá no falecimento de um animal de estimação (McNamee & Mercurio, 2006). Este é um momento muito importante em que os pais podem trabalhar a questão da morte com elas. Validar a experiência da perda com outras perdas é importante, e os adultos podem ajudar contando estórias sobre o assunto (Schoen et al., 2004).

No geral, as reações de perda da criança dependem, assim como nos adultos, do vínculo com o falecido, das causas e circunstâncias da perda, das relações familiares antes e depois da perda e do que lhe é dito, assim como da oportunidade que a criança tem de expressar o que pensa e sente (Bromberg 1994). Ainda assim, caso a morte seja trágica, repentina e não haja comunicação e um meio suficientemente bom para a criança lidar com essa situação, não necessariamente essas características ocasionarão um luto complicado, pois há ainda outras questões pessoais, familiares e sociais que contribuem para esse risco (Librach & O'Brien, 2011).

Portanto, a forma como a família lida com a morte e insere as crianças no processo do luto pode ser determinante para que a sua elaboração se desenvolva de forma normal ou patológica, pois a criança é influenciada pela maneira como os adultos lidam com a perda (Kovács, 1992). A comunicação com pessoas próximas, assim, pode diminuir o impacto das reações do luto.

Dizer que a criança é muito jovem e não pode compreender a verdade e ter receio de dizer "algo errado", acreditando que dessa forma a estão protegendo, são atitudes negativas para a criança, pois ela perde a oportunidade de ser tranquilizada e ajudada, além de prejudicar a continuidade do seu desenvolvimento (Librach & O'Brien, 2011; Aberastury, 1984). A criança pode ser impedida de elaborar seu luto por falta de compreensão deste, quando os adultos silenciam em torno da morte (Winnicott, 1958/2012).

Nos casos em que se oculta a verdade sobre a morte de pessoas na família o processo de luto da criança e sua relação com os adultos ficam perturbados (Kovács, 1992). Kübler-Ross (1981/2005) menciona que as crianças muitas vezes são afastadas de casa com

informações irreais e, conforme novos fatos vão acontecendo, perdem a confiança na família. Quando percebem as mudanças na situação familiar, dependendo de sua idade e personalidade, podem sentir a experiência como terrível e pesarosa, com adultos que não são merecedores de sua confiança e com quem não terá condições de se entender. Os pais, por sua vez, podem começar a superproteger os filhos por medo e necessidade de suprir o amor perdido com a morte do outro filho (Soifer, 1982).

Para Mazorra (2001) as crianças devem ser encorajadas a falar sobre seus sentimentos para que consigam elaborar o luto e impedi-lo de durar indefinidamente. As famílias que incluem as crianças em suas conversas sobre a morte do ente querido possibilitam que elas não se sintam sozinhas com a sua dor, proporcionando o conforto de uma responsabilidade e luto compartilhados, preparando-as para que saibam que a morte é uma parte da vida e também as ajudando a crescer e amadurecer (Kübler-Ross, 1981/2005). Falar sobre crenças e religiões pode consolar e trazer esperança. Muitas vezes a criança precisa de ajuda para identificar e compreender as suas emoções (Schoen et al., 2004).

Na maior parte das vezes, a criança se expressa de outras formas que não a verbal, como por meio das brincadeiras. Para os adultos essa pode se tornar uma questão complicada pela dificuldade de compreender essa linguagem. Entretanto, é importante constatar que crianças com habilidades verbais podem ter mais facilidade de mascarar sua dor e sentimentos (Aberastury, 1984; Moody & Moody, 1991; Mauk & Sharpnack, 2006).

Lima e Kovács (2011) investigaram a comunicação pelos familiares da morte de parentes à criança, com o objetivo de verificar sua adequação ao nível de desenvolvimento cognitivo dela e de compreender o papel da família na elaboração do luto no que diz respeito às informações e sentimentos que são compartilhados. Participaram da pesquisa quatro responsáveis (três mães e uma avó) de crianças que sofreram a perda de um parente próximo quando tinham entre dois e oito anos de idade. Três dessas crianças perderam o pai e uma delas a irmã mais nova e nenhuma das crianças foi ao funeral. Os adultos participaram de entrevistas abertas e os dados foram analisados a partir das categorias que foram recorrentes em todas as entrevistas. A reação das crianças após o conhecimento da morte, acolhida pelos adultos, foi de choro; após um tempo, todas começaram a apresentar comportamento agressivo, consumista e culpa. Também foi relatado que as crianças ficaram um tempo dormindo junto aos adultos e alguns deles questionaram se esta era uma necessidade das crianças ou deles próprios. Os resultados demonstraram a importância de que haja uma comunicação aberta com as crianças, feita de forma adequada ao seu nível cognitivo e por alguém que a criança tenha um forte laço afetivo. Além disso, eles também demonstraram a

importância do apoio dos adultos, em especial da família extensa, que pode ter mais condições emocionais nesse momento, inclusive muito tempo após a perda, pois este é um auxílio eficaz para a elaboração do luto. As crianças tendem a agir da mesma maneira que os adultos e, por isso, se há uma negação do acontecimento pelos adultos, a criança tende a negá-lo também. Além disso, o estudo demonstrou que a criança, quando percebia retraimento e sofrimento do responsável, tendia a oferecer acolhimento e o reconhecimento dessa dor, escondendo o seu próprio pesar, ainda que muitas vezes a atitude não fosse recíproca. Já quando a morte é comunicada abertamente a criança se sente livre para se expressar e tentar compreendê-la (Lima & Kovács, 2011).

Portanto, é muito importante que seja realizado uma comunicação com a criança, procurando ajudá-la a entender seus sentimentos e atitudes. Para isso usar formas de comunicação não verbal pode ser de grande ajuda, como desenhar, escrever e brincar, assim como possibilitar a participação da criança em funerais ou outros rituais de luto, se assim ela o desejar. Também é de suma importância falar sobre o falecido e construir uma nova rotina em que as relações familiares sejam estimuladas, para que assim a criança volte a se sentir segura (Lima & Kovács, 2011).

2.7.1 Os irmãos enlutados

Para as crianças, algumas perdas representam significados diferentes. No caso da perda de um irmão, elas sofrem de uma dupla perda, a do irmão e a dos pais que podem estar indisponíveis para a criança devido ao sofrimento. Ainda que esta seja uma situação delicada com muitos desafios, ela tem recebido pouca atenção nas pesquisas, se comparado com os outros tipos de perda como a de pais ou cônjuge (Gerhardt et al., 2012). A morte de um irmão pode atingir a onipotência das figuras parentais que fica questionada, rompendo com a idealização paterna a partir do sentimento de insegurança que é instalado nas crianças (Soifer, 1982).

Os irmãos muitas vezes manifestam suas perdas pela via corporal, uma vez que há dificuldades na simbolização (Bromberg, 1994). Sendo assim, além do prejuízo psíquico que sofrem esses irmãos, quando a família está sob grande impacto, os filhos estão sujeitos a desenvolverem algum tipo de sintoma.

Os irmãos enlutados podem se punir inconscientemente e deprimir quando, com a perda de um irmão, eles se encontram em situações em que levarão algum êxito ou benefício; eles se sentem culpados pela impossibilidade do irmão falecido viver esses mesmos

momentos, remetendo-os ao sentimento de rivalidade fraterna, em que triunfaram sobre o irmão, pois a morte dele significa o seu fracasso. Depois da perda de um irmão, os outros filhos introjetam e assumem as expectativas e atribuições que os pais tinham do filho que morreu, ao mesmo tempo em que pode haver uma estagnação do seu crescimento e desenvolvimento emocional (Zimerman, 1993; Lima e Kovács, 2011).

O relacionamento entre irmãos é marcado por sentimentos ambivalentes, positivos e negativos. Essa característica faz com que esta seja uma das relações mais intensas vivenciadas pelas pessoas, repletas de experiências diferentes que auxiliam nas relações sociais fora do ambiente familiar (Silveira, 2002). É natural que entre irmãos haja competição das partes e outros sentimentos como o ciúme. O relacionamento fraterno pode ser sustentado por uma competição benéfica para o desenvolvimento das crianças, ou então, por uma competição repleta de animosidade que dificulta o relacionamento. As mudanças na forma como será conduzido os sentimentos e necessidades comuns ao relacionamento fraterno dependem também da dinâmica familiar (Silveira, 2009).

Nesse sentido, demonstrações de favoritismo, privilégios de um irmão sobre o outro e comparações, geram rivalidades e inimizades entre eles (Britto, 2002). Para alguns autores, a rivalidade está relacionada à dificuldade das crianças em dividir o carinho e a atenção dos pais, por isso, a rivalidade fraterna envolveria a competição com um terceiro, a fim de conquistar o amor dos pais, sua aprovação e reconhecimento (Elyseu, 2003; Mendelson, 1990). Outros autores, entretanto, afirmam que a rivalidade fraterna não diz respeito apenas à necessidade das crianças de possuir a atenção dos pais, mas também a outras disputas em relação a, por exemplo, divisão de posses pessoais (Pereira, 2011). Assim, a rivalidade pode se fazer em diferentes momentos e motivos: na disputa e competição nos jogos, nas posses de objetos e pessoas que lhe são valiosas, nas comparações de um com outro, na inveja sobre as conquistas pessoais do irmão e no ciúme quando os genitores estão oferecendo mais atenção para o irmão (Pereira, 2011). Além disso, também podem reforçar a rivalidade a disputa pelo espaço no ambiente familiar, o desejo de ser exclusivo e de ser o mais importante, a comparação que os pais podem fazer entre os filhos e suas tentativas de tornar os filhos iguais uns aos outros (Silveira, 2009).

Apesar de ser o princípio de igualdade que mantém uma relação fraterna (pois, neste caso não há uma figura de maior autoridade como existe com os pais), é necessário que as distinções entre os irmãos sejam permitidas para auxiliar no processo de diferenciação de cada um. Para Goldsmid e Féres-Carneiro (2011) manter de forma rígida um ideal igualitário entre os filhos pode desencadear muito mais competição e rivalidade com caráter destruidor entre

eles. Essa união fraterna extrema, que deriva da necessidade dos pais de manter no espaço familiar uma fidelidade aos seus objetos e leis, pode ser muito prejudicial e levar os filhos a sentir necessidade de sair desse ambiente. Entretanto, ainda que fora do ambiente familiar, a rivalidade que antes foi evitada reaparecerá de outras maneiras (Brusset, 1987). Assim, a rivalidade e os conflitos entre os irmãos, podem ser atenuados por meio do reconhecimento da diferenciação, pois dessa maneira cada um percebe seu lugar e se reconhece como um ser único (Vivona, 2007).

Em nossa sociedade e cultura atual há a compreensão de que não pode haver no lar sentimentos hostis que prejudiquem a convivência, pois os pais e os filhos precisam estar vinculados entre si. Assim, reforçam-se os sentimentos de amor e pouco espaço é permitido para que os sentimentos percebidos como hostis possam existir, principalmente porque estes são compreendidos como sinal de ingratidão do amor e cuidado que recebem dos pais. Desse modo, os sentimentos hostis são contidos (dos filhos e dos pais) e, assim, percebe-se um isolamento emocional por parte dos pais (Grunspun, 1995).

Os irmãos possuem um papel importante na constituição um do outro como sujeitos. Por meio do relacionamento, da percepção das semelhanças e diferenças entre si, eles podem perceber-se e definir sua identidade. A partir da relação entre os irmãos e dos jogos realizados por eles, é possível elaborar angústias e desenvolver a criatividade. Portanto, a agressividade também encontra espaço nessa relação, podendo existir em meio aos conflitos fraternos. Experimentando desses momentos, os vínculos se fortalecem e promovem o estabelecimento de relacionamentos suficientemente bons com outras pessoas na vida adulta (Goldsmid e Féres-Carneiro, 2011).

A possibilidade de haver na vida da criança momentos em que pode vivenciar situações tão diferentes e importantes para estabelecer relações sociais, dentro do ambiente familiar, é valiosa. Goldsmid e Féres-Carneiro (2011) alegam que se a família possibilita o espaço para que os diferentes sentimentos do relacionamento entre os irmãos possam existir, ela estará também fortalecendo os laços fraternos, permitindo um desenvolvimento que irá auxiliar nas relações profissionais e conjugais quando adultos, pois as relações fraternas preparam para a vida social. Além disso, ainda segundo as autoras, o vínculo fraterno pode ser de grande auxilio na sustentação familiar em momentos de crise, como na morte de um ente querido. Na maioria dos casos, a morte ou doença de um familiar aproxima os irmãos (Oliveira, 2010).

Goldsmid e Féres-Carneiro (2011) dizem que o relacionamento entre irmãos é complexo e permeado de muitos sentimentos diferentes que estão unidos e são difíceis de

separar. Sua importância na vida da pessoa começa na primeira infância e segue até a fase adulta, influenciando na determinação da personalidade e identidade do irmão:

> De qualquer forma, a vivência da relação fraterna deixará suas "marcas" no psiquismo individual. Os modelos vinculares daí decorrentes, tais como ambivalência, rivalidade, sentimentos amorosos, necessidade de reparar, impulso de domínio, sujeição ao irmão e outros, tendem a se repetir ao longo da vida nos vínculos com outros pares (pg. 781).

Na vida adulta, a relação fraterna tende a ter mais importância para as pessoas, e assim, elas podem desejar mascarar a rivalidade e os sentimentos hostis para com os irmãos. Nesse momento, a competição entre os irmãos dentro do ambiente familiar diminui, entretanto, a rivalidade se mantém de forma explícita ou não, por meio de ciúmes e comparações (Oliveira, 2010).

As relações entre os irmãos têm grande influência no processo de luto, pois são permeadas de muitos sentimentos ambíguos, e podem ser fortalecidas ou não de acordo com a idade, gênero e o comportamento dos pais sobre o relacionamento fraterno (Goldsmid & Carneiro-Feres, 2007). No caso do falecimento de um dos irmãos, a rivalidade pode deixar a criança ansiosa, por isso é muito importante esclarecer que ela não foi a causa da morte do outro (Lione, 2005).

Gerhardt et al. (2012) compararam o relacionamento de 105 irmãos enlutados com seus colegas de classe. Os participantes haviam perdido seus irmãos dentro de três a 12 meses, e tinham entre oito e 17 anos de idade. Grupos com irmãos enlutados e colegas de acordo com a familiaridade entre eles, idade e sexo foram criados. A pesquisa também contou com a participação dos professores No desenvolvimento do estudo, foi explicado para os colegas, participantes que não haviam perdido um irmão, que esta era uma pesquisa sobre amizades, câncer e morte, a fim de que as identidades dos irmãos enlutados fossem resguardadas. Por meio de questionários, buscou-se avaliar comportamento e aceitação social dos enlutados (

Como resultado, Gerhardt et al. (2012) constataram que os meninos enlutados foram percebidos como mais sensíveis e isolados do que as meninas. Os irmãos enlutados mais velhos, do ensino médio, demonstraram ter mais popularidade e liderança do que os mais novos, pois eles conseguiam manter fortalecida a sua rede de amigos, já que mantinham muito mais relações fora de casa. Não foram encontradas diferenças entre os participantes por tempo de morte. No geral pode-se constatar que os irmãos enlutados são mais agressivos e menos sociáveis, mas têm o mesmo nível de aceitação social que seus colegas. Ao fim, os autores

admitiram que seria impossível para uma escola estar a par de todos os acontecimentos com os irmãos enlutados, mas que um trabalho que pudesse ser realizado nesse ambiente seria de grande ajuda.

Houwarth (2008) realizou um estudo em que buscou compreender as vivências de adultos que nasceram após a morte de um irmão. Como resultado, o estudo sugeriu que cada vivência de perda é única e pessoal e pode haver irmãos que não se sintam muito impactados pelas consequências do luto no ambiente familiar, mas a morte de uma criança pode atingir significantemente o filho que nasce depois dela.

Dessa forma, não se pode desconsiderar a importância de estudos que avaliem melhor as questões referentes a perdas, em especial de irmãos. Para Pincus (1989) quando uma pessoa não é capaz de completar seu processo de luto na infância, ela pode desistir das suas emoções, a fim de que elas não tomem mais espaço, ou poderá se sentir sempre perseguida por uma tristeza que não conseguirá explicar de forma satisfatória.

2.8 Família enlutada e criatividade

> [...] A dor da perda quase me angustia,
> quase me joga à beira da descrença.
> Entre fé e a não-fé há desavença,
> a folha branca então me desafia.
>
> Quero exprimir a dor que em mim se instala
> (pra consolar-me dessa mesma dor
> quero abraça-la inteira: quero amá-la)[...]
> (Eraldo Amay: Além da dor, 2004)

A família pode ser definida como um grupo de pessoas, com diversas características que reúne elementos de continuidade e proximidade, com laços de filiação, fraternidade e aliança (Correa, 2000). Ela tem a função de unir e organizar seus membros na sociedade e perpetuar-se para além da morte de seus integrantes (André-Fustier & Aubertel, 1998).

Por isso, a família possui um papel primordial no desenvolvimento e amadurecimento dos seus membros (Engstrom & Anjos, 1996). Na primeira infância, é responsável pelos principais vínculos e pelos cuidados necessários ao crescimento e desenvolvimento da criança. A forma como o cuidado acontecerá nos aspectos físico e afetivo-social depende de condições de vida socioeconômicas e psicossociais estáveis (Zamberlan & Biasoli-Alves, 1996).

Assim, estando à criança diretamente relacionada à sua família, sua sintomatologia pode refletir doença nos pais ou na situação social, necessitando de atenção (Winnicott,

1958/2012). Por isso, alguns acontecimentos na família comprometem a qualidade do ambiente**,** e consequentemente, do desenvolvimento infantil. O processo da perda de um ente querido é uma dessas situações, pois rompe com o equilíbrio familiar, desestruturando todo o ambiente (Carter & McGoldrick, 2001).

Com as dificuldades e especificidades do processo de luto, é muito sofrido para a criança perceber as mudanças que acometem a família e conseguir sentir-se bem, confiante no ambiente sem que haja prejuízo no seu desenvolvimento emocional. Para a criança, o desenvestimento da mãe enlutada pode ser traumatizante, fazendo com que ela sinta uma perda de sentido na sua existência, pois não tem condições de compreender e suportar o sofrimento materno e de sentir a perda do amor e atenção que lhe eram devotados até então, necessitando de defender-se das mudanças do meio familiar (Green, 1988).

Por influenciar na estruturação do psiquismo e na formação da personalidade da criança, assim como na sua maneira de comunicar-se com o mundo, a família também exerce forte influência na compreensão do que é o luto e na vivência desse processo. Como um grupo, questões inconscientes permeiam todos os membros, havendo dessa forma, uma influência de um membro para outro e no grupo como um todo (Zimerman, 1993).

A respeito dessa influência do luto familiar no luto dos seus membros, um estudo foi realizado abordando o luto sobre uma perspectiva transgeracional, partindo do princípio que, sendo o tema da morte um assunto complicado e visto como um tabu social, a percepção do luto na família passaria de geração para geração: “A herança familiar impregna a pessoa de tal forma que ela irá se constituir a partir e no entorno dela” (Musachio & Daudt, 2003, p. 124). Assim, nesse estudo, a transmissão de sentimentos na situação de luto foi investigada em 27 mulheres ao longo de três gerações (avó, mãe e neta), por meio de questionário com perguntas abertas e fechadas. Como resultado, foi percebido mais semelhanças do que diferenças nas respostas das tríades. Quase todas as participantes alegaram que a maneira da família encarar as experiências de perda influenciou na sua própria maneira de agir nas mesmas situações. A análise das respostas demonstrou que há uma transmissão geracional da maneira como essas mulheres se sentem e se comportam diante das situações de morte (Musachio & Daudt, 2003).

Assim, para que a desorganização que pode acometer a família após a perda, não dificulte a elaboração do luto, em especial para a criança - já que a elaboração dos sentimentos do luto infantil está relacionada à elaboração dos mesmos no luto familiar, somado as fantasias inconscientes próprias da situação que está sendo vivenciada e que a criança se apega para explicar o que não entende (Franco & Mazorra, 2007) - e considerando que muitas vezes a família não está disposta, dentro do seu próprio sofrimento pela perda e

pelas influências geracionais na maneira de trabalhar as questões que envolvem a morte, em oferecer à criança tudo o que ela precisa, é de extrema importância que ela possa receber atenção psicológica e cuidados nesse momento.

Nesse sentido, o estudo de Bolze e Castoldi (2005) foi realizado com uma família de três filhos, em que a filha do meio de quatro anos faleceu de câncer. Esta família recebeu acompanhamento psicológico durante a doença e morte da criança, e após o falecimento. Por ser a família de outra cidade, seguiu-se oferecendo apoio psicológico por meio de contato telefônico com a mãe, o pai, o irmão mais velho e os avôs, e-mails e uma visita domiciliar que ocorreu cinco meses após o falecimento. Como resultado, foi possível observar que foi muito vantajoso para a família enlutada ter a oportunidade de expressar seus sentimentos, especialmente com um profissional que já os acompanhava há algum tempo. Dessa forma, intervenções realizadas pelos psicólogos, após a morte de um ente querido, possibilitam que a família continue se sentido amparada, e que o psicólogo possa observar o andamento do processo de luto, colaborando para que este não se torne complicado. Nesse estudo, também se discutiu a possibilidade de que intervenções em diferentes *settings* (além do hospital e clínica) possam ser realizadas com essas famílias, pois são compreendidas como necessárias. Assim, o impacto da perda de uma criança, que foi sentida fortemente pela família do estudo, pode ser acompanhado por um profissional, que auxiliou a família no processo de luto e na reorganização da vida após a perda, possibilitando que as crianças sobreviventes estivessem em um meio mais apto para ajudá-las em seu próprio luto.

Para os especialistas em luto, suporte e ajuda nesse período de recuperação da perda podem ser essenciais para que o desenvolvimento continue, ainda que diante de uma situação tão complicada quanto à morte (Parkes et al., 2011).

Além de oferecer suporte às famílias que perderam entes queridos, outra solução para tornar a vivência da perda menos dolorosa e nociva está relacionada à possibilidade de perceber a morte como um processo natural da vida, e não como um acontecimento trágico e limitador como muitas vezes é visto. Nesse sentido, Pincus (1989) discute em seu livro:

> Uma das medidas de prevenção mais importante seria o reconhecimento da inevitabilidade da morte e da perda, não como uma terrível ameaça que paira sobre nós, mas como uma parte importante da vida a qual temos que nos preparar... Mas parece não haver nada que prepare as pessoas para a tarefa mais fundamental e universal com que se pode deparar em qualquer idade: a morte e a perda (p. 217).

A educação sobre morte, a possibilidade de criar relacionamentos e oferecer espaços em que as pessoas possam se expressar e reconciliar-se com os seus sentimentos, para ressignificar a vivência da perda, seriam de grande ajuda para todas as famílias enlutadas (Parkes et al., 2011).

Para tanto, alguns autores trazem sugestões de trabalho, especialmente com crianças, que poderiam facilitar a comunicação a respeito da morte e das fantasias que elas produzem sobre esse tema recorrente e velado. McNamee e Mercurio (2006) e Paiva (2011) sugerem que o uso de livros e estórias que abordem o tema da morte (e que sejam devidamente selecionados para desempenharem bem a função de facilitadores) podem auxiliar na comunicação com crianças, de forma lúdica, e possibilitar que as questões sobre o luto sejam trabalhadas, permitindo que elas falem sobre as perdas recorrentes em suas vidas, que muitas vezes são negligenciadas, como a de seus animais de estimação.

Outros estudos sugerem que as escolas podem oferecer trabalhos com as crianças e adolescentes a fim de possibilitar uma comunicação sobre a morte e o luto, oferecendo suporte para o aluno que tiver passado por uma experiência de perda, com o auxilio de professores e psicólogos (Heath & Cole, 2011).

Desse modo, como forma de trabalhar com o temor da morte é importante que se possa encorajar os enlutados a comunicar o que pensam a respeito e a contar sua experiência de perda, podendo assim, serem apoiados por pessoas que não demonstrem receio e possam oferecer empatia, colaborando com a reflexão sobre o assunto e facilitando a expressão dos sentimentos derivados do luto (Parkes et al., 2011).

Para que a expressão dos sentimentos e a comunicação a respeito das vivências em relação à perda sejam possíveis, o indivíduo precisa confiar no ambiente, para que assim, ele possa fazer uso da sua capacidade de criar, agir de forma espontânea e seguir com o seu amadurecimento apesar das falhas ambientais. Dessa forma, o uso da criatividade, da capacidade de criar, se torna essencial para que possa haver uma ressignificação da experiência de perda e a elaboração dos sentimentos despertados nessa situação, sem que isso comprometa o continuar a ser, especialmente na criança em desenvolvimento. Entretanto, para se falar sobre o uso da criatividade como forma de expressão dos sentimentos da perda, não se pode desconsiderar que, para que isso seja possível, o ambiente precisa facilitar essa expressão, oferecendo segurança e *holding* (Winnicott, 1971/1975).

A segurança de que é permitido ser está relacionado á qualidade dos recursos oferecidos no início da vida do indivíduo pelo ambiente. A princípio, a atitude materna de permitir a vivência da experiência da onipotência na criança, possibilita que esta continue

acreditando que, ainda que o ambiente não esteja sobre o seu controle, é possível criar, facilitando assim o contato com a realidade. Dessa maneira, ao construir uma relação com a realidade onde é possível ser criativo, esta passará a ser fonte de enriquecimento para o *self* (Barone, 2004).

Assim, se os cuidados do ambiente forem suficientemente bons, será possível ao indivíduo se expressar de forma criativa no mundo, pela expressão do verdadeiro *self* e da possibilidade de ser espontâneo. Nesse sentido, é possível pensar que o trabalho de luto pode acontecer por meio da capacidade do indivíduo de criar mesmo em condições difíceis, fazendo com que a pessoa sinta novamente que a vida vale a pena (Barone, 2004).

Após viver uma experiência de perda, o indivíduo pode fazer uso do processo criativo como uma possibilidade de reparar seu mundo interno. Isso é necessário para que uma esperança possa ser criada por meio da reconstrução da vida (Segal, 1955). A reparação é importante nas experiências de perda, assim como no início da vida, pois pode levar a importantes mudanças psicológicas que trazem amadurecimento (Klein, 1940/1981).

Para Winnicott (1971/1975) a criatividade é a base do viver saudável. Nesse sentido, a autor dá ênfase ao brincar como possibilitador da expressão desse viver criativo na criança, pois em sua relação com o brincar a criança traz a realidade e a vivência dela, podendo elaborá-la, se tornando este um momento muito importante para a constituição do indivíduo e para o seu amadurecimento (Barone, 2004). Winnicott (1971/1975) enfatiza a importância do gesto para a constituição do indivíduo, ao afirmar que: “para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo. Brincar é fazer” (p. 63). Nesse sentido, o brincar para a criança e a expressão criativa dos indivíduos acometidos pela perda de um ente querido, seja por meio da comunicação ou da criação de produções artísticas como pinturas, textos, artesanato, etc, são partes da elaboração dos sentimentos do luto, da busca pela ressignificação da vida, são o “fazer” a que se refere Winnicott (1971/1975), que possibilita que a realidade seja trabalhada e transformada, e que é necessário tempo para se constituir.

Ogden (2000) denomina de “trabalho de luto” aquilo que é produzido e criado a partir da experiência do indivíduo com a realidade e que decorreu do esforço em envolver-se com a relação entre o que foi perdido e a própria experiência da perda. O “trabalho do luto”, então, seria a externalização de algo de forma criativa que permite ao indivíduo relacionar-se novamente de forma saudável com a realidade.

Para Barone (2004): “As experiências de sofrimento podem estimular a capacidade de sublimação, levando algumas pessoas a desenvolver atividades artísticas, ou tornando-as mais

talentosas e hábeis na relação com os outros” (p.107). As experiências criativas devem então possibilitar a relação com a realidade, ainda que esta tenha se apresentado de forma dura – com a perda de um ente querido – sem que haja prejuízo da espontaneidade, da expressão do verdadeiro *self* do indivíduo enlutado, que poderá seguir rumo á independência sem prejuízos no seu desenvolvimento emocional.

Nesse sentido, no que diz respeito à vivência da perda de um ente querido, a criatividade que o enlutado pode fazer uso na tentativa de ressignificar a perda, o ajuda a se expressar e a elaborar seus sentimentos, originando muitas vezes em produções artísticas que possibilitam não só que o enlutado consiga voltar a relacionar-se com a realidade por meio do seu gesto criativo, mas que outras pessoas também possam valer-se dessa criação para pensar as próprias experiências e sentimentos a respeito. A criação de estórias, livros, poemas, quadros, filmes, como já dito nesse capítulo, podem facilitar na comunicação dos profissionais de saúde, professores e familiares, com os enlutados, especialmente jovens e crianças, além do benefício pessoal do próprio enlutado criador.

Como cita Barone (2004):

> O impulso criativo não está apenas presente no momento em que um artista realiza uma obra, mas também quando o indivíduo, independentemente da sua idade, coloca-se de maneira saudável na realidade, realizando deliberadamente algo que tenha relação com os aspectos criativos do *self* (p.94).

3 OBJETIVOS

Diante das considerações da literatura acerca do luto e seus processos, e sobre a maturação emocional do indivíduo, este trabalho objetivou compreender a vivência da criança que perdeu um irmão, considerando as repercussões psicodinâmicas no seu desenvolvimento emocional a partir da experiência do luto vivido pelos pais.

3.1 Objetivos específicos

1. Compreender os psicodinamismos de pais enlutados pela perda de um filho, focalizando a qualidade de sua autoimagem, imagem do cônjuge, imagem do filho perdido e dos demais, angústias, defesas e demais recursos para elaboração do luto.
2. Compreender os psicodinamismos da criança enlutada, incluindo a expressão do viver criativo no mundo, a qualidade do vínculo com a figura materna e paterna, manejo da experiência da perda, principais angústias e defesas.
3. Relacionar os psicodinamismos dos pais e os da criança no contexto do luto, de modo a viabilizar uma visão coesa do processo de luto familiar e suas repercussões no desenvolvimento emocional infantil.

4 MÉTODO

Ao produzir conhecimento no campo das ciências humanas, inevitavelmente iremos nos deparar com a complexidade do fenômeno a ser estudado, já que este tratará da subjetividade humana, em toda a sua particularidade (Cambuí, 2013).

Essa pesquisa pautou-se no método qualitativo de estudo, de modo a atentar para a especificidade da subjetividade do ser humano, explorando os conteúdos que afloraram dos encontros entre pesquisador e participante, em uma busca que procurou ser criativa e sensível na compreensão dos psicodinamismos das famílias enlutadas.

Para Neimeyer e Hogan (2001),

> [...] à proporção que o método de pesquisa qualitativa busca significados únicos das reações individuais e culturais diante de experiências, é especialmente valioso para a promoção de conhecimento em áreas ainda pouco estudadas, como é o caso das pesquisas sobre perdas e luto, em especial, no Brasil (p. 62)

A abordagem qualitativa possui características particulares. O pesquisador é o seu principal instrumento e, por meio do contato direto com o participante, obtém os resultados do seu estudo descrevendo-os por meio de palavras ou imagens. A maneira como é realizada a pesquisa, os acontecimentos e os encontros feitos são tão importantes quanto os próprios resultados (Mishima, 2011).

Outro ponto essencial é que os dados tendem a ser analisados indutivamente por meio da instigação, procurando assimilar as relações entre eles durante a coleta. A forma como as pessoas significam suas vidas e compreendem esses significados, é o foco desse tipo de pesquisa (Mishima, 2011).

Assim, a meta da pesquisa qualitativa é a de fornecer explicações que ajudem na compreensão de fenômenos (Pope & Mays, 1995). O pesquisador é visto como influenciando diretamente no estudo, pois seu envolvimento com os participantes e com a pesquisa não é uma questão a ser controlada, visto que a relação é de fundamental importância em todo o processo. Assim, fica implicado que uma tentativa de neutralidade é impossível, pois o pesquisador não se dissocia do estudo (Bianco, 2003).

Os participantes são detentores de representações pessoais sobre o fenômeno a ser estudado, de acordo com a sua história de vida, valores e crenças. É importante que o pesquisador seja flexível para lidar com dados imprevistos e tenha uma maior disposição para rever as suas posições (Chizzotti, 1998).

Sobre a interpretação dos dados, é importante considerar que, para que uma conclusão seja apoiada, não há regra específica que defina a quantidade desses dados (Taylor & Bogdan,1998) assim como não há hipóteses a serem confirmadas e sim conhecimentos construídos com uma junção dos dados encontrados (Bogdan & Biklen, 1994).

Embora sustentada em um método que integra os referenciais existencialista, clínico e psicanalítico, a base teórica principal desta pesquisa se constitui na psicanálise winnicottiana, considerando como paradigma, que o desenvolvimento humano ocorre no encontro do viver criativo com o mundo real, concebendo o indivíduo como ativo em sua evolução pessoal e social, ou nas palavras de Chizzotti (1998): como produtos e produtores da realidade social.

Nesse sentido, o referencial metodológico aqui adotado, foi consistente com o pressuposto de Mezan (2001) de que toda investigação psicanalítica deve ser sustentada no método qualitativo e trabalhar profundamente em casos específicos. Desse modo, sustenta-se a escolha da estratégia metodológica do estudo de caso coletivo, que será aqui adotada.

O estudo de caso é uma forma eficaz de investigação quando há interesse nas questões relacionadas à maneira e à razão por meio das quais o fenômeno a ser estudado acontece. O pesquisador exerce pouco controle sobre os acontecimentos do estudo, estando o fenômeno estudado em seu próprio contexto (Yin, 1984). Para Stake (2000) nas pesquisas que empregam estudos de caso, é importante apontar que cada caso é uma pesquisa única. Portanto, é necessário que o estudo seja focado em um pequeno número de questões (Yin, 1984).

A Psicanálise, cujo objeto de estudo é o inconsciente e suas manifestações, é, portanto, uma teoria de grande ajuda nessa análise, pois as problemáticas do inconsciente influenciam as condutas humanas, organizações e instituições, tornando-a essencial para uma melhor compreensão dos fenômenos humanos (Aiello-Vaisberg, 2005).

Em especial na ciência psicológica, as condutas humanas são compreendidas como qualquer manifestação do ser humano, vinculadas à história de vida particular de cada um, e ao contexto sociocultural do momento, bem como ao significado que cada pessoa atribui a elas (Bleger, 1963/1989). É necessário então, que se compreendam as relações entre as dimensões psíquicas e sociais, para que o fenômeno estudado seja explorado em toda a sua complexidade.

A Psicanálise possibilita uma ampla compreensão da experiência humana, sustentada em pressupostos éticos que viabilizam a relação entre prática e pesquisa, tornando-se um instrumento que permite o entendimento dessa experiência com o uso de diferentes tipos de procedimentos (Cambuí, 2013). É uma ciência aplicada com embasamento teórico de

destaque no que se refere o pensar sobre o desenvolvimento emocional do indivíduo, possibilitando o uso de um método valioso de pesquisa (Winnicott, 1961/1994) e se caracteriza por adequar-se às demandas (Ogden, 2010).

Winnicott (1989/2005) assinala que "o material da pesquisa psicanalítica é essencialmente o ser humano... sendo, sentindo, agindo, relacionando-se e contemplando" (p. 174).

Esta é, portanto uma teoria que, no uso científico, se apóia principalmente em material clínico, responsável por oferecer à pesquisa a vivacidade e originalidade fundamentadas na subjetividade da diversidade do acontecer clínico (Bianco, 2003).

> A sociedade precisa de técnicos [...] mas onde houver pessoas e não máquinas, o técnico precisa estudar a forma como as pessoas vivem, pensam, e crescem ao longo de suas experiências (Winnicott, 1988/2006, p.71)

4.1 O Método Clínico-qualitativo

Para a presente pesquisa, foi utilizado o método clínico-qualitativo, cujo objetivo não é o estudo do fenômeno em si, mas sim entender o significado que este tem de forma individual ou coletiva para as pessoas. Ele oferece uma possibilidade de estudo em um conjunto de métodos e técnicas apropriadas para refletir e interpretar os sentidos e significados dos fenômenos da vida das pessoas a que nos propomos interpretar (Turato, 2000).

O método clínico qualitativo para Turato (2003):

> [...] busca lançar mão de conceitos emprestados da, ou melhor, deliberadamente buscados na prática clínica histórica e na psicanálise, para marcarem-se o desenho da pesquisa, a definição dos pressupostos e objetivos, a construção e aplicação dos instrumentos auxiliares em campo e, finalmente, a interpretação dos resultados do trabalho clínico-qualitativo (p.225-226)

O pesquisador não pretende explicar acontecimentos, mensurando os comportamentos dos indivíduos ou correlacionando quantitativamente os eventos de suas vidas, e sim conhecer em profundidade as vivências pessoais e as representações das experiências de vida (Turato, 2005).

Para Turato (2003) no método clínico-qualitativo, o pesquisador estará atento às angústias e ansiedades, que naturalmente o homem apresenta em todas as situações da sua vida, valorizando-as e direcionando seu olhar e sua escuta para um indivíduo por completo.

É um método voltado especificamente para os *settings* das vivências em saúde e busca interpretar os significados de natureza psicológica e sociocultural trazidos pelos indivíduos, que permeiam os fenômenos pertinentes aos problemas do processo saúde-doença (Turato, 2000). O pesquisador pode trabalhar com a interdisciplinaridade e utilizar dos referenciais teóricos existencialista, clínico e psicanalítico que propiciam o acolhimento das angústias e ansiedades relacionadas ao indivíduo. Ele preconiza uma aproximação terapêutica da escuta e valorização dos aspectos psicodinâmicos dos sujeitos do estudo, que são mobilizados principalmente pela relação afetiva (Stake, 2000).

Dado os objetivos da pesquisa, o método clínico-qualitativo possibilita uma melhor compreensão dos dados encontrados, tornando a produção do conhecimento condizente com os pressupostos da psicóloga e da prática do psicólogo clínico, como nas palavras de Turato (2003):

> Aquele que clinica traz, em seus antecedentes profissionais, uma experiência de prestar uma ajuda pragmática (na emergência do aqui e agora) frente às demandas globais apresentadas pelo indivíduo. É uma ajuda dada, a qual se expressa acompanhada de angústias e ansiedades (normais) vivenciadas pelo clínico ao acolher e valorizar como fundamentais os elementos angústia e ansiedade deste indivíduo sofredor (o paciente) com quem interage. Por isso, o médico, o psicólogo, o enfermeiro, o assistente social, o terapeuta ocupacional e o fisioterapeuta, entre outros profissionais clínicos, quando partem para uma pesquisa com a metodologia qualitativa, trazem, embutidas em sua postura de pesquisador, uma particular visão e sensibilidade que o direcionam (p. 237-238).

Para Aiello-Vaisberg (2004) a atividade clínica, que também é produtora de conhecimento, relaciona ação, pensamento e sentimento, não os dissociando um do outro quando se propõe a pensar o ser humano (Aiello-Vaisberg, 2004). Assim, é de suma importância que o indivíduo seja considerado como um todo, o que é um desafio. Nas palavras da autora: “A complexidade do fenômeno humano, seu caráter inescapavelmente transbordante diante das categorias do intelecto, exige recortes capazes de iluminar, ainda que sempre de modo insuficiente, aspectos, qualidades e características” (p.142).

Pensar o ser humano é então uma tarefa complexa que exige do pesquisador a compreensão de que, na busca por não generalizar ou cindir os aspectos relacionados à personalidade e a forma de agir no meio externo, os resultados estarão sempre relacionados um com o outro e aptos a estarem em uma constante mudança.

Uma forma de auxílio na investigação do ser humano é a utilização dos testes projetivos que, no contexto de uma pesquisa psicanalítica, possui algumas particularidades.

No estudo da personalidade em uma pesquisa com a base teórica fundamentada na psicanálise, o uso dos testes projetivos, que se sustentam, em sua maioria nessa teoria, é particularmente interessante. Os testes psicológicos são fonte de informação; eles devem ser utilizados como instrumentos parciais no processo de investigação, auxiliando o psicólogo a construir uma visão mais integrada do indivíduo, com condições de captar suas angústias e defesas (Safra, 1984).

No uso de técnicas projetivas, os resultados são relacionados com outras observações, o que permite fazer deduções significativas sobre a personalidade do indivíduo, fundadas na teoria psicanalítica. Dessa forma, a interação entre técnicas projetivas e psicanálise deve ser realizada de maneira crítica, a fim de que um conjunto das contribuições entre as técnicas e os outros meios de investigação utilizados, sejam considerados (Simon, 1993).

Portanto, o método projetivo pode se revelar uma valiosa ferramenta de comunicação que deve ser contextualizada, e não pode ser utilizada apenas como instrumentos de medida (Aiello-Vaisberg, 2004).

Diante dessas considerações, na presente pesquisa optou-se por utilizar técnicas projetivas, cuja interpretação é fundamentada na teoria psicanalítica, considerando-se que um bom uso desses procedimentos tornaria a investigação mais completa e relacionada com as múltiplas particularidades do ser humano. No trabalho clínico em que o todo é considerado, os resultados observados nas técnicas projetivas são coerentes e acrescentam na compreensão geral do indivíduo (Trinca, 1984).

4.2 Participantes

Os participantes dessa pesquisa foram três famílias, duas compostas de mãe e filho, e uma de mãe, pai e filha, que sofreram processo de perda de um filho(a) ainda criança devido a uma patologia. Os critérios de exclusão mantidos foram, participantes que apresentassem dificuldades na linguagem ou motoras, capazes de interferir na realização de testes psicológicos, bem como crianças com suspeita de déficit intelectual passíveis de dificultar a compreensão do conceito de morte.

As mães participantes tinham idade de 38 anos e duas de 41 anos, e o pai participante de 51 anos. Na Família Borboleta “Castanha Vermelha”, o pai era casado com a mãe da criança, mas estava internado em uma clínica para dependentes químicos sem definição de

quando iria sair, não podendo então participar da pesquisa. Na Família Borboleta “Pingos de Prata” os pais eram divorciados e o pai não tinha nenhum contato com a criança ou com sua família. A Família Borboleta “Seda Azul” é recomposta, de ambos os lados, e os pais vivem juntos. As crianças participantes, foram dois meninos de 11 e 12 anos e uma menina de 8 anos de idade.

As principais características das famílias se encontram na tabela abaixo:

Tabela 2 – Características das famílias participantes

Participantes	Família Borboleta “Castanha Vermelha”	Família Borboleta “Pingos de Prata”	Família Borboleta “Seda Azul”
Composição familiar	Mãe, pai e três filhos (um materno e dois de ambos)	Mãe e quatro filhos (dois do primeiro casamento e dois do segundo)	Mãe, pai e cinco filhos (um materno, três paternos e um do casal)
Mãe			
Idade Profissão Estado Civil	a) 41 anos b) Professora c) Casada	a) 38 anos b) Balconista c) União estável	a) 38 anos b) Cabeleireira c) União estável
Pai			
Idade Profissão Estado Civil	Pai estava internado e não participou da pesquisa	Pai não tem contato com a família	a) 51 anos b) Comerciante c) União estável
Filho (a)			
Idade Sexo	a) 11 anos b) Masculino	a) 12 anos b) Masculino	a) 8 anos b) Feminino
Filhos falecidos	Dois	Três	Um
Filho falecido (1) Idade Sexo Tempo de luto	a) 1 mês b) Feminino c) 20 anos	a) Recém-nascido b) Masculino c) 22 anos	a) 14 anos b) Masculino c) 9 anos
Filho falecido (2) Idade Sexo Tempo de luto	a) 6 meses b) Masculino c) 18 anos	a)Recém-nascido b) Masculino c) 12 anos	
Filho falecido (3) Idade Sexo Tempo de luto		a) 14 anos b) Feminino c) 7 anos	

Esta tabela demonstra a heterogeneidade das características dos participantes. Entretanto, semelhantemente, o tempo de luto nas três famílias foi longo, no mínimo sete e no máximo 22 anos, o que possibilita pensar que este pode ser um fator a favorecer a participação na pesquisa, pois, após ter passado pelas "reações de aniversário" (Bromberg, 1994) relacionado ao primeiro ano após a perda, em que as lembranças sobre o morto são mais frequentes, e retomada, de alguma forma, uma rotina, as famílias podem estar mais aptas a falar a respeito dessa experiência. Este, entretanto, é um fator variável, cada família responde às reações de luto de formas diferentes e podem, mesmo depois de passado muitos anos, ainda não se sentir em condições de relembrar o assunto.

4.3 Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram:

a) Com os pais:

a.1 Entrevista psicológica:

Foi realizada uma entrevista aberta individual com cada um dos pais, contendo duas perguntas disparadoras: "Fale-me da sua família" e "Conte-me um dia típico da família", com o intuito de investigar questões relativas à rotina, estrutura e reestrutura familiar após a perda, a fim de compreender sua forma de organização, particularmente no que diz respeito ao cuidado e ao relacionamento com o filho. Duas das entrevistas foram realizadas na casa dos participantes e uma delas no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPA) da FFCLRP-USP.

Na pesquisa qualitativa a entrevista é uma forma de proporcionar um encontro interpessoal em que informações, de uma maneira não dirigida, geram conhecimentos sobre as vivências humanas (Fontanella, Campos, & Turato, 2006). É um importante instrumento de conhecimento que possibilita a apreensão de características e elementos de identificação da pessoa entrevistada e do próprio entrevistador (Turato, 2003).

a. 2 Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E):

O Procedimento de Desenhos de Família com Estórias foi criado em 1978 por Walter Trinca. É uma prática de compreensão da personalidade, que revela a experiência do sujeito sobre a vida familiar, constituído da união de processos expressivo motores e processos aperceptivos-dinâmicos (Bueno, Mishima, & Barbieri, 2010). Consiste na realização, pelo sujeito, de quatro desenhos de família, acompanhados de título e de uma estória para cada um,

seguidos de uma etapa de investigação do que não foi bem compreendido durante a narração da estória ou realização do desenho do participante (Mercadante, 1993).

As produções gráficas solicitadas são: “Desenhe uma família qualquer”, “Desenhe uma família que gostaria de ter”, “Desenhe uma família em que alguém não está bem” e “Desenhe a sua família”. Por meio da análise do material gráfico e verbal, é possível identificar conflitos na relação familiar e suas implicações no desenvolvimento emocional da pessoa avaliada (Figle, Fontes, Moraes, & Paya, 2004).

Dessa forma, o DF-E, foi escolhido para pensar a relação familiar dos participantes, as ansiedades e expectativas, os psicodinamismos da mãe e do pai enlutado.

b) Com a criança:

b.1 HTP:

O Teste da Casa-Árvore-Pessoa (HTP) foi criado em 1948 por John N. Buck, e resume-se na solicitação para que o sujeito desenhe, em folhas separadas, uma casa, uma árvore e uma figura humana. Os materiais necessários são folhas em branco e lápis preto. Logo após, realiza-se um inquérito com o intuito de complementar a atividade gráfica com a comunicação verbal (Buck, 1964/2003).

O HTP favorece a projeção de elementos estruturais e de aspectos dinâmicos da personalidade do indivíduo testado (Peres, Santos, Rodrigues, & Okino, 2007). Assim, ele avalia aspectos projetivos e expressivos da personalidade, reflete a maneira como a pessoa percebe o mundo e expressa as vivências emocionais associadas ao desenvolvimento da personalidade. O desenho representa a forma como a pessoa enxerga o seu meio e como se posiciona e se sente nele (Van Kolck, 1974).

b.2 Teste das Fábulas:

O teste das fábulas foi criado em 1940, originalmente divulgado por Louisa Düss, na França. A versão compreende dez pequenas fábulas, cujo herói encontra-se em uma situação-problema, ambígua e simbólica, que permite o surgimento de material de qualidade projetiva. O teste é composto das formas verbais, usado em crianças e adolescentes maiores de nove anos e pictóricas, usado em crianças de três a nove anos de idade, mas também podendo ser usada em crianças maiores. A forma pictórica auxilia na interação com o examinador e estimula respostas menos descritivas e mais aperceptivas. Existe um sistema de categorização de respostas, contendo as respostas mais populares (Cunha & cols., 2000). No presente estudo foi utilizada a forma pictórica do teste.

O teste das Fábulas é bastante aceito pelas crianças e fornece um entendimento amplo da sua psicodinâmica, como o processo de separação-individuação, a simbiose materna, a rivalidade fraterna, a conflitiva edípica, entre outros (Cunha, Freitas, & Raimundo, 1993). Assim, ele permite a: "[...] identificação e compreensão dos conflitos, mecanismos de defesa, estados emocionais, fantasias, os traços de caráter e os aspectos sadios e/ou patológicos do sujeito" (Werlang & Cunha, 1993, p. 123).

A aplicação é individual. As fábulas são apresentadas à criança que deve completá-las. Obtêm-se as verbalizações da criança e realiza-se um inquérito para aprofundar o entendimento dinâmico (Cunha & cols., 2000).

Os testes HTP e Fábulas foram escolhidos de acordo com seus objetivos de avaliação, pois colaboram para uma melhor compreensão da personalidade das crianças participantes, sua psicodinâmica, a qualidade dos seus vínculos familiares e suas principais angústias e defesas. Dessa forma, o HTP, um teste que avalia aspectos estruturais da personalidade e o Teste das Fábulas, que fornece uma compreensão da psicodinâmica da criança, em especial sobre os conflitos que são vivenciados por ela, de acordo com a teoria psicanalítica, possibilitam o desenvolvimento dos objetivos da pesquisa no que diz respeito à criança participante. É importante ressaltar que o uso clínico do Teste das Fábulas é considerado "Desfavorável" pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), desde novembro de 2010, pois não houve estudos de revisão como previsto pela Resolução do CFP n° 002 de 2003 (SATEPSI, 2013).

4.4 Considerações éticas

O estudo foi realizado junto ao Departamento de Psicologia desta unidade e submetido ao Comitê de Ética da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), processo n° 620/2011 – 2011.1.2592.59.5, obtendo aprovação em 20 de dezembro de 2011 (Anexo).

Foi garantida ao participante, adulto e criança, a possibilidade de não aceitar participar da pesquisa, ou de desistir da mesma em qualquer momento que desejasse, sem que houvesse nenhum prejuízo para ele. Ao aceitar participar da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido era apresentado para a família, explicado e devidamente assinado (Apêndice A).

O sigilo das informações referentes a dados pessoais que pudessem identificar os participantes da pesquisa foi resguardado a fim de preservar seus direitos. Ao final, foi oferecida uma devolutiva para os pais participantes e, se fosse preciso, a possibilidade de

encaminhamento para atendimento psicológico, junto ao Serviço de Triagem e Atendimento Infantil e Familiar do CPA da FFCLRP-USP. Entretanto, todas as famílias já estavam em acompanhamento psicológico, o que tornou os encaminhamentos desnecessários.

Das famílias participantes, duas estavam em atendimento psicológico no próprio Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada da FFCLRP-USP e a outra em um serviço de psicologia municipal de uma cidade próxima a Ribeirão Preto. Assim, foi por meio do início desses atendimentos, que foi possível o contato com as famílias para participarem da pesquisa.

4.5 Procedimentos

A pesquisa, a princípio, contaria com a participação de cinco famílias compostas de pai, mãe e filho(a), porém isso não foi possível, devido às muitas dificuldades que surgiram durante esse percurso.

Assim como citado nos trabalhos de Dopp e Cain (2012), foi muito difícil encontrar participantes nas condições estabelecidas. Em primeiro lugar, foi decidido que haveria um intermediador, um profissional de saúde ou conhecido das famílias que tivesse proximidade com elas e pudesse fazer o primeiro contato. Essa decisão foi tomada com base nos estudos existentes sobre morte e luto, que discutem o fato de que falar de morte ainda é um tabu em nossa sociedade e as pessoas envolvidas tendem a se isolar (Pincus, 1989; Kovács, 1992; Franco, 2010). Assim, a escolha de alguém de confiança, que pudesse introduzir brevemente a pesquisa e fazer o convite às famílias para participarem dela, poderia auxiliar o acesso a esses participantes, evitando dessa forma, um possível desconforto para eles.

Na escolha desse intermediador, foi realizado um encontro com um psicólogo responsável pelo atendimento de crianças com câncer, a fim de explicar a pesquisa e solicitar a sua colaboração. Essa escolha se baseou no fato de que, atualmente, entre as doenças crônicas, o câncer é umas das principais causas das mortes infantis, segundo consta no site do Instituto Nacional do Câncer (INCA, 1996-2007). Sendo assim, o psicólogo, por possuir acesso às famílias nessa situação em seu local de trabalho, e também por já realizar com elas um trabalho terapêutico, poderia facilitar a comunicação entre a psicóloga e as famílias. O psicólogo conseguiu fazer contato com três famílias que não aceitaram participar da pesquisa. A justificativa de uma delas foi que: “Ainda estava muito difícil falar no assunto”.

Outra família, contatada por intermédio de outra psicóloga, também não aceitou participar da investigação. Esta alegou que: “Já passou muito tempo e que não gostaria de

relembrar do assunto, especialmente o pai". Nessa situação a própria psicóloga intermediadora, comunicou à psicóloga responsável pela pesquisa que, de fato, lhe parecia muito difícil encontrar famílias que aceitassem participar e que ela própria não saberia dizer se ficaria disponível para participação nesse tipo de pesquisa. Ao todo, houve então, quatro famílias contatadas que rejeitaram a participação sem antes sequer conversar com a psicóloga responsável por esta pesquisa.

Outros intermediadores, não psicólogos, como parentes e amigos dessas famílias, trabalhadores da área da saúde (médicos e enfermeiras) e pessoas participantes de grupos religiosos - em cujo contexto o tema da morte é recorrentemente trabalhado de acordo com suas crenças - trouxeram uma nova questão para se pensar: a dificuldade deles próprios de abordar o assunto com as famílias conhecidas. Apesar de terem se prontificado a ajudar, muitas vezes não houve retorno, tornando difícil o acesso a famílias em situação de luto.

Dessa forma, foi necessário para a concretização do estudo que os critérios fossem mais maleáveis. Por isso, famílias com um filho criança e que tivessem perdido outro filho criança de alguma doença há mais de um ano, poderiam participar se quisessem, mesmo que só houvesse um dos pais disposto a isso.

Por fim, os primeiros contatos com os participantes foram possíveis porque duas das famílias (Borboleta "Castanha Vermelha" e Borboleta "Seda Azul") buscaram atendimento psicológico para seus filhos, no Serviço de Triagem e Atendimento Infantil e Familiar, do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada da Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto, e, assim, a psicóloga responsável pelo serviço e uma estagiária do mesmo, fizeram o primeiro contato como intermediadoras. Já a Família Borboleta "Pingos de Prata" buscou atendimento psicológico da Prefeitura de uma cidade próxima a Ribeirão Preto, e a psicóloga responsável foi a intermediadora.

Os profissionais e a estagiária responsáveis pelos atendimentos fizeram os primeiros contatos apresentando brevemente a pesquisa e, com o consentimento das famílias, passaram o telefone destas para a psicóloga responsável pela pesquisa. Foi esclarecido a essas famílias que aceitar ou negar a participação não prejudicaria em hipótese alguma o atendimento da criança, pois a participação era voluntária e não estava vinculada ao serviço que estava sendo oferecido a elas.

É interessante apontar que nenhuma das famílias procurou os respectivos serviços de psicologia com uma queixa que estivesse diretamente relacionada com a perda dos irmãos das crianças atendidas. Assim, as intermediadoras (psicólogas e estagiária) relacionaram os seus

pacientes à pesquisa por meio da sua história familiar, que foi obtida no início do atendimento.

Após um primeiro contato, feito por telefone com as famílias, foi realizado um encontro em que a pesquisa foi devidamente explicada, permitindo que os participantes tirassem suas dúvidas pessoalmente, e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos foram assinados ao concordarem, pais e crianças, em participar.

Com os detalhes da participação acertados, foi estabelecido com as famílias o local em que os encontros poderiam acontecer, a saber, o Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPA) da Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto ou as próprias casas dos participantes, de forma a priorizar o que fosse desejável e cômodo a eles. A Família Borboleta "Castanha Vermelha" preferiu que os encontros não acontecessem em sua casa, e sim na clínica do CPA. Nas famílias Borboleta "Pingos de Prata" e Borboleta "Seda Azul" os encontros foram realizados em suas respectivas casas: no caso da Família Borboleta "Pingos de Prata" por não residirem em Ribeirão Preto e na Família Borboleta "Seda Azul" por preferência dos pais.

Nos encontros seguintes, foram realizadas a entrevista e aplicação do DF-E com as mães e pai, separadamente, e a aplicação do HTP e do Teste das Fábulas com as crianças, em dias diferentes dos encontros com os adultos. Todos os encontros foram registrados em um gravador de áudio após o consentimento de todos os participantes, e por fim foram transcritos para garantir maior fidelidade dos dados.

Esses encontros totalizaram cinco nas famílias Borboleta "Castanha Vermelha" e Borboleta "Pingos de Prata" e sete na Família Borboleta "Seda Azul". As entrevistas duraram entre 40 minutos e 1 hora e 10 minutos e as aplicações do DF-E duraram de 28 minutos a 50 minutos. Com as crianças a aplicação do HTP durou de 23 minutos a 30 minutos e o teste das Fábulas de 14 minutos a 24 minutos.

Como, no caso das famílias Borboleta "Pingos de Prata" e Borboleta "Seda Azul", as entrevistas e os procedimentos eram realizadas na casa dos participantes, em alguns encontros ocorreram pequenas interferências inevitáveis de acordo com o próprio contexto (como telefones e campainhas tocando e, no caso da Família Borboleta "Pingos de Prata", por morarem em uma casa muito pequena e sem divisórias, a criança acabou por presenciar a aplicação do DF-E na mãe).

Após a análise dos dados oriundos das entrevistas e das técnicas projetivas, realizada sob supervisão da orientadora, foi elaborada uma síntese dos resultados e oferecida às famílias uma entrevista devolutiva de sua avaliação.

A devolutiva, que durou em torno de uma hora, objetivou oferecer um retorno da avaliação realizada da família durante a pesquisa, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento emocional da criança, além de oferecer um momento para que a vivência da pesquisa e suas implicações pudessem ser discutidas, possibilitando uma finalização do processo construído durante os encontros.

4.6 Análise dos dados

A análise dos dados obtidos mediante a entrevista e a aplicação dos instrumentos projetivos foi realizada conforme o método da livre inspeção do material clínico-qualitativo (Trinca, 1984), sob o referencial teórico psicanalítico, acrescido de informações relacionadas à análise dos instrumentos HTP e Teste das Fábulas, presentes em seus manuais (Buck, 1964/2003; Cunha & Nunes, 1993).

Na análise da entrevista realizada com os pais, foi dedicada especial atenção às questões que permeiam o luto da família, seus sentimentos, angústias e desejos, bem como sua forma de reconstituir-se como família após a perda, particularmente no que tange às suas relações com o filho participante.

Os resultados foram organizados objetivando compreender o impacto do luto dos pais no luto da criança e no seu desenvolvimento emocional. A dinâmica e as inter-relações que compõem e motivam o desenvolvimento emocional de cada membro da família, suas capacidades, dificuldades e necessidades, também foram consideradas.

A avaliação foi do tipo compreensivo (Trinca, 1984). Foi realizada a análise interpretativa das produções de cada participante na entrevista e nas técnicas projetivas, separadamente, em cada família. Após, essa etapa, os dados oriundos dos participantes de cada família foram integrados de modo a compor uma síntese do grupo familiar (ou da díade participante). Ao final da pesquisa, foi elaborada, junto com a discussão, uma síntese integrativa com os resultados de todas as famílias, que foram debatidas com a produção da literatura sobre o luto infantil.

5 RESULTADOS

Saudade
É o mar em tormentas,
É a onda que invade a terra sem pedir licença,
É o luar, que vem quando quer,
É a brisa que sopra no rosto e balança os cabelos,
É a areia, que faz seus pés afundarem,
É a noite sem estrelas,
É a escuridão,
O ouvir vozes longínquas,
O caminhar solitário.
É aquilo que está ao nosso alcance, mas não somos capazes de alcançar.
É essa... é a saudade...
Que machuca como lâmina, queima como fogo e congela como o frio.
(Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Saudade, 2001)

5.1 Família Borboleta "Castanha Vermelha"

5.1.1 Síntese da Entrevista: Regina[4]

Regina, de 41 anos, é casada, professora do ensino fundamental e mãe de três filhos, Jane de 22 anos, Julia de 14 anos e Rodrigo de 11 anos de idade. O primeiro contato com ela foi feito por meio do Serviço de Triagem e Atendimento Infantil e Familiar, do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada da Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto. Ela procurou atendimento psicológico por sugestão da escola de Rodrigo, que considerou que o menino apresentava problemas de aprendizagem e hiperatividade. Durante a triagem, a estagiária responsável obteve a informação de que Regina havia perdido dois filhos e que, portanto, poderia participar da presente pesquisa. Dessa forma, no dia da devolutiva do processo de triagem, a responsável fez uma breve exposição da pesquisa e sugeriu a participação da família, que apresentou interesse em participar.

Após esse processo Regina foi contatada por telefone. O primeiro encontro, que ocorreu com a presença de Rodrigo, foi realizado para explicitar os objetivos da pesquisa. Ambos aceitaram prontamente participar e Regina assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Regina apresentou-se bem arrumada, alegre e disponível, muito solícita e

[4] Todos os nomes apresentados são fictícios, a fim de preservar a identidade dos participantes.

afetuosa no contato. Já Rodrigo mostrou-se triste, cabisbaixo e com vergonha a maior parte do tempo.

No segundo encontro, apenas com Regina, foi feita a entrevista, com duração aproximada de uma hora. Ela aparentava muita tranquilidade e começou a falar rapidamente quando se solicitou que contasse sobre a sua família. Apesar da disponibilidade em contar sua história, durante toda a entrevista, foi necessário estimular Regina com novos questionamentos, pois ela facilmente silenciava.

No início ela apresentou sua família nuclear, seus filhos e casamentos, relatando muito rapidamente como era sua vida em geral, salientando o quanto era comum e igual às outras: "*Ah, então, a minha vida é uma vida normal, não tem muitas diferenças das outras não*"; "*é típico da família brasileira mesmo, eu... eu não tenho muita novidade, não*".

Regina casou-se duas vezes. Conheceu seu primeiro marido com 19 anos e logo teve sua primeira filha, de quem pouco falou, Jane, e que hoje mora com a avó.[5] Desse primeiro casamento, relatou apenas que se separaram na primeira briga que tiveram, depois de dois anos e meio juntos, pois eram muito "incompatíveis". Ainda alegou que "não era pra dar certo", porque eram muito diferentes e discordavam em tudo. Após a separação, ela conheceu Fabio, seu marido atual, da mesma idade que ela, em uma discoteca. Fabio é dependente químico, usuário de crack, e ela já tinha conhecimento disso na época em que começaram o namoro. Nesta época, sua filha mais velha tinha dois anos de idade. Eles namoraram por três anos quando ela decidiu que queria ter filhos. Após esta decisão, teve dois abortos espontâneos e uma filha que nasceu prematura, entre cinco ou seis meses (não soube especificar), muito fragilizada. A criança ficou internada na UTI por aproximadamente duas semanas e, após sua saída, mas ainda no hospital, teve uma infecção e morreu, "não chegando a ir para casa".

Nesse momento, Regina se confundiu e disse: "*E depois disso, não me lembro muito bem, vou tentar lembrar a... a cronologia aí*" e continuou com um rápido e sucinto relato sobre o nascimento e falecimento dos outros filhos. Contudo, pelo relato ligeiro, questionou-se novamente sobre o falecimento dessa filha, Regina, então, contou que é soropositiva, o que ela nomeou como "um agravante", tendo descoberto a doença nessa gravidez: "*Eu tenho um agravante que eu sou soropositiva, né? E nessa época que eu engravidei a primeira vez do segundo marido eu não sabia, então, foi aí que a gente descobriu, então, eu acho que... eu*

[5]Mais tarde na entrevista, Regina vai falar sobre essa filha mais velha, da qual se orgulha, pois ela não se casou e nem teve filhos e está estudando, enxergando-a, assim, como uma pessoa responsável e madura.

tava muito com a resistência muito baixa e, então, eu acho que ela ficou com o vírus, né? Então acho que isso agravou muito a saúde dela". Assim, nessa fala de Regina não fica esclarecido se a filha nasceu de fato infectada com o vírus HIV ou se era apenas uma suposição.

Após a morte da filha e os dois abortos consecutivos, Regina passou a ficar com medo de tentar ter outro filho, mas, como queria muito uma criança, resolveu adotar. Assim, fez seu cadastro como candidata à adoção e logo foi chamada para ver Julia, uma criança que havia acabado de nascer. Julia foi, então, adotada após dois anos da morte da segunda filha, com oito dias de idade: "*Quando ela veio pra cá pra adoção eu já tava com o cadastro pronto, né? Aí eles me ligaram, falaram que tinha lá uma criança com as características que eu tinha falado, que era pra mim ir lá ver*".

Poucos meses após a adoção, Regina engravidou novamente, sem planejamento, e deu à luz um menino, que nasceu sadio, mas veio a falecer de uma forma muita abrupta, com seis meses de idade, vítima de meningite. Após o falecimento desse filho, ela engravidou de Rodrigo, também sem planejamento. Devido ao número de gestações, ela resolveu fazer a cirurgia de laqueadura: *"Aí eu... é... eu resolvi laquear porque senão era para eu estar cheia de filho"* (risos).

Ao ser questionada sobre a adoção de Julia, Regina contou que a menina tem um déficit intelectual, que a torna mais lenta que as outras pessoas para aprender, além de uma grave miopia, que foi descoberta quando começou a andar. Devido a essas dificuldades apresentadas pela criança, Regina salientou: "*Julia costuma me perguntar o que será que sua mãe* (biológica) *fez para que ela ficasse desse jeito*". Nesses momentos, as duas ficam divagando sobre o assunto e Regina questiona que provavelmente essa mãe biológica tenha bebido ou usado drogas.

Em seguida, Regina contou o quanto Rodrigo admira a irmã e sempre ressalta suas qualidades. Segundo ela, apesar das dificuldades, Julia é uma criança esforçada e criativa: "*Penso nela como a tartaruga da história da lebre e da tartaruga, conhece? Ela pode ser mais lenta, mas no final sempre terá sucesso*".

Regina continuou dizendo que Rodrigo e Julia apresentam um comportamento bastante infantil, mas a menina é muito mais imatura que o irmão: "*A idade mental dela a gente percebe que... é aquém da idade cronológica* (risos), *então eles agem muito como criança, ela também gosta de desenho, assiste filme, bastante televisão... o Rodrigo, eu acho ele mais centrado. Assim, ó, eu vejo o Rodrigo muito diferente em casa e fora de casa. Fora de casa ele é criação mesmo, faz arte, leva bronca. Em casa ele faz tudo certinho, ele não*

me dá trabalho. Quando eu vou na escola que eu escuto a reclamação eu... Às vezes alguém lá da rua reclama dele, e eu não entendo porquê, em casa ele é centrado, ele faz as coisas direitinho. Já a Julia em casa é que fala mais, é que erra mais, é a que leva mais bronca, e na rua é o contrário, na rua ela procura fazer as coisas direitinho, então as pessoas da rua elogia ela".

Regina também relatou que Julia sempre gostou muito de falar sobre os irmãos falecidos: "*Tem umas fotos pela casa de uma delas* (referindo-se às crianças falecidas), *a que saiu do hospital, a que ficou internada eles não têm, as fotos ficam com a Julia e ela gosta muito de ver, ela fala muito dos irmãos, fala que os primos que nasceram agora são a cara dele* (referindo-se ao menino que perdeu com seis meses de idade) (risos), *gosta de mostrar as fotos para as pessoas e fala que sente saudades dos irmãos*".

Todos esses fatos foram relatados com bastante afastamento emocional, sem que as situações parecessem angustiantes para ela. O momento de maior mobilização emocional, comparado às outras situações difíceis relatadas, foi quando falou a respeito do marido e sua dependência química, que ela referiu como "outro agravante" em sua vida. Regina disse: "*Eu tenho assim um agravante na minha família que é o problema da droga, meu marido é dependente químico, né? Então, assim, a gente tá sempre lutando com esse problema, então, ele fica um tempo muito bem, aí, de repente, ele tem recaída e é onde a gente tem que correr, tem que procurar internação. No momento mesmo agora ele tá internado, né? Fazendo tratamento e, então, a gente tem esse sobressalto aí*".

Por conta dessa condição do marido, Regina começou a repensar seu relacionamento, sentindo um forte conflito entre permanecer ou não casada com Fabio. De acordo com sua percepção, as constantes recaídas prejudicam os planos que haviam feito para a família e a entristecem, por estar sempre na condição de alguém que espera a mudança e nunca a recebe. Contudo, ela enfatizou que gostava muito dele, mas que estava muito cansada dessa situação. Dessa forma, a separação parece ser a melhor opção, mas Regina sente que não tem coragem de abdicar do relacionamento.

"*É... cria muita mágoa, muito problema, viver com a droga não é fácil não, só a família que tem isso mesmo pra saber, é muito difícil. A gente quer sair desse meio, quer procurar um jeito de sair desse meio. Mas, sei lá... a gente fez planos juntos, a gente tem objetivos, tem as crianças, né? Tem coisas que a gente começou. E, assim, eu gosto muito dele, ele é o amor da minha vida, mas, sei lá, tem hora que a gente quer sair disso, quer diferente. Eu estou num momento em que, assim, eu não consigo tomar decisão nenhuma ainda, tô esperando ele se tratar, voltar pra gente resolver o que vai fazer, é confuso ainda*".

Sobre o relacionamento com os filhos, Regina relatou que se sentia muito feliz porque acreditava que havia sido bem sucedida em sua tarefa de transmitir às crianças o que acredita ter valor: a importância do trabalho, o esforço para conseguir aquilo que deseja e a valorização da família. Além disso, acrescentou que tem um bom relacionamento com os filhos e que a comunicação entre eles é boa, exceto no que diz respeito à sua soropositividade, já que ela não lhes contou diretamente sobre isso. Os filhos sabem apenas que Regina precisa tomar um remédio todos os dias, o que ela justifica dizendo-lhes que sua imunidade é muito baixa e, dessa maneira, ela evita ficar doente.

Ao final, Regina começou a relatar sobre a rotina da família e dos desejos dos filhos: brincar mais fora de casa e fazer atividades extracurriculares, como no caso de Rodrigo, que frequentemente pede à mãe para fazer aulas de futebol. Estas situações, comuns à vida das crianças, mas que fogem da rotina da família são repudiadas pela mãe, que as considera perigosas. Tal aspecto ficou claro na fala de Regina acerca do cotidiano das crianças: *"Não gosto de deixá-los na rua, tenho medo da violência, de pedofilia, essas coisas. O Rodrigo quer fazer futebol, mas eu ainda não consigo deixar, porque teria que levá-lo até lá e isso não é possível por causa do horário do meu trabalho".*

Ela continuou relatando que, quanto ao fato de brincar na rua, há uma maior liberdade para as crianças na casa da sogra, pois lá o relacionamento com os vizinhos é bom e as brincadeiras de rua são muito comuns, o que não acontece na rua de sua casa, local que ela considera perigoso: "*A gente já fica preocupada, porque ali na esquina já tem uns menino que vende droga, e aí tem essas influências... pra mim não teria problema deixar eles brincar na rua com os amigos, com o amiguinho da sala... eu sabendo onde ele tá, não tem problema. Mas aí eu preciso segurar mais ele por causa disso, tem sempre um aí vendendo, outro querendo brigar por causa de pipa, querendo bater, então a gente acaba prendendo*".

Durante todo o tempo da entrevista, Regina manteve a cabeça baixa, sem contato visual. Em alguns momentos começava a mexer muito a perna, em especial quando falava a respeito da sua soropositividade e do marido e sua dependência de drogas, demonstrando maior mobilização afetiva. Falar dos filhos pareceu tranquilo e, nesses momentos, expressava carinho (sorria, balançava os ombros, mexia a cabeça). Em relação ao falecimento de seus filhos, não houve nenhuma expressão de emoção, parecia se manter distante e pouco afetada pelos acontecimentos.

Ao fim da sua participação, na devolutiva, Regina contou que resolveu terminar com o marido (separação de corpos), pois concluiu que ele não teria condições de lhe oferecer o que ela necessita em um relacionamento. Enfatizou que apesar disso, ainda o ama: "*Gosto muito*

dele, é o pai dos meus filhos, a pessoa que eu sonhei passar o resto da minha vida". Ela se refere a esse fim como uma decisão que pode mudar: "*Ainda estou pensando, nós dois estamos, estamos ainda muito grudado um no outro, não foi uma coisa que nós queríamos que acontecesse"*, mas após atender um telefonema amoroso – que parecia ser do próprio ex-marido- comentou que está com um novo namorado, uma pessoa de quem gosta, mas que não a faz esquecer-se de Fabio. Entretanto, ela decide manter o relacionamento atual, pois não crê que o antigo possa ter sucesso.

5.1.2 Análise da entrevista: Regina

Na entrevista com Regina ficou evidente sua disponibilidade em participar da pesquisa, mas não pareceu ser um real envolvimento. A participante esteve presente, mas se mostrou distanciada afetivamente, inclusive pelo comportamento gestual, em que ficou olhando para a mesa durante todo o tempo. Ela apresentou a sua família nuclear, falando sobre seus casamentos, filhos vivos e mortos sem rodeios, dando uma impressão de banalização da situação, sem que demonstrasse maior envolvimento afetivo, como quando, de cabeça abaixada e rindo um pouco, na tentativa de amenizar o verdadeiro significado que as situações poderiam ter, disse que não tinha novidades, que sua vida "é típica da família brasileira".

Ao se referir ao primeiro casamento, quando contou da incompatibilidade e das diferenças existentes entre o casal, Regina teve um tom de voz baixo e triste, demonstrando culpa e sentimento de fracasso.

Ela também não se referiu às crianças mortas pelo nome, chamando-os por a 'menininha' e o 'menininho', demonstrando também dificuldade em falar o nome da filha mais velha. Ela citou este nome, apenas uma vez, como se o fato dela ser de seu primeiro casamento, morar com a avó e estar agindo de forma diferente ao que Regina sempre fez, tornasse-a estranha ao núcleo familiar, ainda que ela seja percebida como vitoriosa por isso. Essa dificuldade em nomear, em especial as crianças falecidas, pode estar relacionada à tentativa de manter um distanciamento da dor da perda, pois nomear é personificar, é fazer da perda mais real, próxima e dolorosa.

É possível perceber, portanto, que Regina procura se distanciar das experiências dolorosas da sua realidade e dos sentimentos que são despertados por elas, ocupando-se, principalmente, dos problemas concretos da vida diária da família e evitando suas próprias angústias pessoais. Assim, ela volta a sua atenção para as questões familiares no geral, dos

filhos e do marido, compreendendo-as como comuns à vida das pessoas. Com os problemas sendo considerados banais e parte da dinâmica familiar, não há uma diferença explícita sobre a maneira como ela percebe as questões de um filho ou de outro, pois todos são vistos como uma forma de se ocupar e se manter oferecedora do cuidado, podendo, assim, ter uma visão positiva de si mesma.

As figuras masculinas são vistas como muito frágeis, representando quem necessita de cuidado, como o marido, dependente de drogas, e o filho, para quem ela buscou atendimento psicológico. Apesar de ser considerado mais "centrado" do que Julia, Rodrigo em sua percepção precisa de mais cuidados. Já as figuras femininas são poderosas: a filha mais velha pode vir a ser alguém a quem ela irá se orgulhar e invejar, e Julia uma sobrevivente de condições externas que a limitaram, mas que ela soube lidar de forma a se desenvolver.

Para ser capaz de continuar cuidando dos filhos sem deprimir, depois de tantos acontecimentos difíceis pelos quais passou, Regina não pode entrar em contato com o sentimento de culpa e responsabilidade pelas situações sofridas, recorrendo à projeção destes aspectos no mundo externo. Nesse sentido, fica mais fácil lidar com situações de impotência e, ainda, ser capaz de reparar. Além disso, ela mostrou como principal preocupação a dependência química do marido, que pode representar uma possível vitória, já que ele está sendo cuidado (internação) e é capaz de mudar.

Quanto à sua soropositividade, que ela considera como um "agravante", o assunto não é explorado como dificultador ou penoso. Ser portadora do vírus HIV é visto com distanciamento, em especial, na forma de lidar com este assunto, já que não passa de uma situação que pode dificultar, mas não limitar a sua vida. Dessa forma, ela busca poupar os filhos de um possível sofrimento, mantendo a verdade sobre sua saúde física em segredo, pois para manter a união familiar as questões de maior angústia não podem ser compartilhadas. Quando perguntada a esse respeito, se há segredos com os filhos, Regina responde que não, que a única coisa que não fala com eles é sobre o fato de ser soropositiva. Essa "exceção", por um lado, revela uma comunicação superficial, que pode aumentar a angústia do não saber das crianças. Entretanto, Regina demonstra cuidado com os filhos, preservando-os de uma realidade difícil. Esse segredo parece ser mantido para que a família e, em especial, a própria Regina, não se sintam fragilizados no que poderia ser compreendido por ela como mais uma "falha" em sua função de mãe, que, por ser portadora de um vírus, não é capaz de assegurar saúde a sua família.

Sua dificuldade em comunicar e sentir não só como um "agravante" o fato de ser portadora do vírus, pode se relacionar com sua dificuldade em entrar em contato com seus

próprios limites e fragilidades. Essa situação pode ser representativa das perdas e limitações de Regina, no entanto, é desconsiderada e banalizada, para que, assim, seja possível prosseguir sem que os tantos lutos e perdas em seu caminho a paralisem. Entretanto, esse segredo e a possibilidade iminente de novas perdas, ainda se fazem presentes inconscientemente, trazendo muitas inseguranças para as crianças. A descoberta da doença junto ao nascimento de sua filha falecida, fez com que Regina se sentisse culpada por ter transmitido o vírus para a filha, mesmo que talvez este não tivesse sido o motivo real de morte da menina.

Diante da morte da filha, Regina recorre à possibilidade de substituição do objeto perdido, como o fato de querer adotar uma criança que fosse uma menina. Desse modo, sua necessidade de ter filhos para cuidar e se preocupar não poderia ser abandonada. A adoção, portanto, torna-se o modo mais esperançoso, já que o sentimento de que outra criança poderia morrer não seria suportado.

Com a vinda de Julia, há um sinal de esperança. Contudo, devido às dificuldades apresentadas pela menina (déficit de aprendizagem e miopia grave), que são apontadas por Regina como oriundas da mãe biológica, existe a fantasia de que as falhas maternas são responsáveis por problemas que as crianças poderão vir a ter. Tal concepção faz com que Regina também se questione quanto ao seu papel de mãe e quanto ao cuidado com os filhos. Nesse sentido, ela poderia sentir as suas perdas como decorrentes de suas próprias falhas, sendo a morte dos filhos encarada como um castigo por algo que fez, sentimentos insuportáveis, que precisam ser negados.

Julia, apesar de suas dificuldades, representa para a família possibilidades de crescimento emocional, ela também é vista como uma criança criativa e inteligente, admirada principalmente pelo irmão. É a única pessoa da família que consegue falar sobre as crianças falecidas. Por ter condições de se expressar mais livremente e ser espontânea, a filha adotada se torna, então, a expressão dos conteúdos familiares que não podem ser ditos, em especial sobre os lutos. Esta comunicação pode ser facilitada pelo fato dela não pertencer biologicamente à família e, dessa forma, não ser julgada ou pouco compreendida ao entrar em contato com as situações angustiantes da história familiar. Além disso, Julia pode ser a porta-voz do grupo familiar por não estar “contaminada” pelo vírus como Regina. Nesse sentido, o HIV poderia ser compreendido pela mãe como uma fraqueza e algo que é capaz de aniquilar seus filhos, dando-lhe uma sensação de impotência para reparar quem é de seu próprio sangue; talvez seja por isso que Regina sinta-se capaz de “salvar” apenas quem não é da família (filha adotada, marido que pode se curar).

Da mesma forma, Jane, a filha que vive com a avó, é vista como alguém madura e inteligente, capaz de tomar as decisões certas. Ela é uma figura de grande importância para Regina, pois é representativa dela própria, com uma segunda chance de fazer melhor. Ela está fora desse núcleo familiar, apesar de fazer parte dele, portanto, não está sendo contaminada pelas fragilidades da mãe. Por este mesmo motivo, Regina pouco fala da filha, possivelmente em uma tentativa de evitar que ela se envolva e se aproxime das influências maternas, sendo atingida pelo fracasso da mãe.

Em razão de perceber os filhos como frágeis e vulneráveis, Regina busca superprotegê-los, como ao não deixá-los brincar na rua ou praticarem esportes. O mesmo intuito pode ser visto no fato de não contar a eles sobre o vírus, na tentativa de que sejam poupados do sofrimento e das limitações da mãe.

A tensão que envolveu ser portadora do HIV e estar grávida parece ter colaborado com a necessidade de superproteção em relação a Rodrigo. A possibilidade de ter mais um filho doente que pudesse morrer, ainda que ela já houvesse começado o tratamento do HIV há algum tempo, pode ter intensificado suas angústias. Nesse contexto, a interação entre mãe e filho foi fortemente influenciada por outras situações, fazendo com que a mãe precisasse se dedicar ainda mais aos cuidados da criança, com necessidade de superprotegê-lo, contra as adversidades representadas por ela mesma.

O momento em que Regina demonstrou maior envolvimento afetivo foi quando falou a respeito do marido e sua dependência química. Esta situação assume grande importância, pois o problema e condição do cônjuge abafam a própria condição dela e, ainda, permite que ela se sinta ajudando o outro, já que se sente incapaz de ajudar a si própria. Desse modo, é mais fácil pensar que o outro é quem precisa de ajuda e cuidado, devido ao pouco espaço para reflexões e sentimentos direcionados a ela própria. A condição do marido dificulta sua participação na família, fazendo com que Regina se sinta desestimulada quanto aos planos e sonhos, restando, como única solução, a “cura” do marido.

A negação é uma defesa característica de Regina, em especial ao se referir sobre as perdas que teve ao longo da vida: apesar de descrevê-las diretamente, não mostra envolvimento emocional, o que pode denotar que para Regina elas não existem, já que são negadas da sua realidade e na forma como isso aparentemente repercute em sua vida. Ela tem um discurso que fala de perda o tempo todo, a perda da saúde, a perda do primeiro casamento, a perda do marido que ela gostaria de ter, a perda das crianças, entre uma série de outras. Regina, então, precisa conviver com essas perdas que sofreu ao longo da vida, necessitando, para tanto, não pensar nelas, para que consiga seguir em frente. Essa conduta de “bola pra

frente" permite que ela tenha condições de seguir em frente, fazendo aquilo que é esperado, como falar sobre a morte do filho, pois se entende que o luto pelo filho não deve ser negado. Não há condição para sofrer e sentir dor, pois se houver o conhecimento da realidade, esta pode não permitir que ela se reerga, já que a ameaça da perda está o tempo todo presente, seja pelas perdas que já aconteceram ou pelas que podem acontecer (como a dependência química do marido, sua própria soropositividade e a impossibilidade de sofrimento dos filhos).

Há uma necessidade de não se expor, de expressar apenas o superficial, a fim de mostrar que está tudo bem. Diante dos problemas, em particular os lutos, sua postura é de passividade e de falta de envolvimento afetivo, que a defendem de uma possível desintegração, possibilitando-a de cuidar para que seja possível preservar aquilo que sobrou. Para tanto, faz-se necessário negar as questões que todas as situações difíceis em sua vida acarretam como a ameaça de morte, para que não haja mobilização afetiva suficiente que ela não possa lidar. Há um receio iminente de se deparar com a morte, o abandono dos filhos, a fragilidade e as perdas.

Entretanto, nessa postura defensiva de evitar contato, existe uma tentativa significativa de reconstrução. Regina é uma mulher que está o tempo todo tentando juntar seus pedaços e continuar com sua vida. Essa maneira de lidar com as dificuldades lhe traz um forte sentimento de solidão, ela não pode contar com ninguém, pois todos à sua volta são mais frágeis do que ela, precisam dela e não têm capacidades de ajudá-la em sua real condição. Em sua relação com o marido fica evidente seu desejo de poder contar com ele, mas, ao perceber que ele passa a ser mais uma fonte de preocupação que de apoio, agrava seu sentimento de solidão.

Durante a entrevista, no contato com Regina, pareceu frágil sua condição de negar os problemas e sentimentos ruins, já que parecia que, a qualquer momento, ela poderia desabar. Ainda que os machucados sejam doloridos e a percepção da difícil realidade possa desestruturá-la, ela precisa continuar. É necessário, portanto que ela mobilize muita energia extra para driblar a insegurança com relação à condição dela própria de sobrevivência. Desse modo, ela escolhe não ver os acontecimentos como eles são, para não se aproximar afetivamente, demonstrando uma não apropriação, um sentido vazio, pois se apropriar significa deprimir. Assim, ela se distancia das situações difíceis que possam paralisá-la, continuando a viver, ainda que de uma maneira pouco espontânea.

5.1.3 Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E): Regina

No segundo encontro com Regina, ela conversou animadamente sobre filhos e contou sobre sua família de origem, que não havia sido citada na entrevista. Nesse momento ela demonstrou maior envolvimento afetivo, talvez pelo fato de não estar em situação em que se sentia avaliada, como na entrevista. Falou sobre brincadeiras de ruas, do que podia fazer quando era criança e do que seus filhos podiam fazer hoje. Demonstrou contradição durante a conversa, querendo dizer que os incentivava a brincar na rua e, ao mesmo tempo, que não o fazia por ter medo da violência.

Ao falar da sua infância e da infância dos seus filhos, ela se referiu mais ao que ela própria sentia falta. Contou que os filhos vivenciavam as mesmas questões que ela havia tido em sua infância. Por exemplo, na casa de sua avó muitas coisas eram permitidas e na casa da mãe não. O mesmo acontece com Julia e Rodrigo, que recebem permissão para brincar na rua da casa da avó, porque lá é menos perigoso.

Quando lhe foi proposto iniciar a atividade, ela mudou de postura, tornou-se mais preocupada, demonstrando certa persecutoriedade, parecendo sentir-se exigida quanto à realização da tarefa. O contato emocional foi mais difícil, ela hesitou ao ouvir a proposta, distanciando-se até corporalmente (sorriu desajeitada e se afastou).

Ao iniciar os desenhos, fez questão de mostrar que estava bem e confortável, mas se manteve rígida e sem graça. Além disso, lamentou muito por não poder usar a borracha, dizendo: *"No meio do caminho, a gente quer usar e não pode"*.

Ao final desta atividade ela demonstrou irritação, em especial, ao ser solicitada a fazer o desenho da sua família, afirmando, com um pouco de ironia, "já ter desenhado a sua família" nas outras produções. Quando perguntado como foi realizar o procedimento, ela respondeu: *"Não foi muito bom fazer esses desenhos, não. Não gostei de lembrar do momento ruim... Ah, assim, a gente viajar na praia tava bom, mas, assim, de lembrar o momento que tá"*.

a) Primeira Unidade de Produção (UP): Uma família qualquer

Figura 1: Primeira unidade de produção de Regina no DF-E

Estória

Posso só descrever essa família? [Pode] *Ah... assim ó: uma família tipicamente da época, mas, assim, acho que é uma família que, apesar das dificuldades, ainda consegue... ah sei lá! Ainda consegue assim, tá junto aí nesse mundo cheio de problemas, cheio de... com muitas diferenças, que a gente tem que olhar pra elas, um olhar pra diferença do outro e... aprender a lidar, aprender a conviver com a diferença do outro, com o limite do outro, sei lá uma família que tem... se esforçado para tá junto* [Uma família que tem se esforçado para tá junto?] *É.* [Que tipo de problema você acha que essa família encontra?] (risos) *Que tipo de problema...* (pausa) *Ai, é muito difícil explicar... Assim, é tudo novo, para cada um deles, algumas coisas que tem acontecido que... coisas que não era prevista que... acho que cada um não sabe lidar com aquilo... mas, que tem se esforçado pra... conseguir... sei lá, conseguir...* (risos)... *Aí, não sei.* [Quem são as pessoas no desenho?] *Essa é a minha família.* [Essa é a sua família?] *Ãnh.* [Quem é quem aí?] *Quem é quem...* (aponta da direita para a esquerda) *Essa aqui é a minha filha mais velha, o Rodrigo, a Julia, o Fabio e eu* (risos) [E onde que eles estão?] *Eles estão fazendo um passeio aí num parque* (risos) [Num parque?] *É* [Como eles estão?] *Bem* [Me parece que você está um pouco separada deles] *É, então, não sei* (risos)... *foi o primeiro que eu desenhei e depois não teve como mudar* (risos). [Tá certo...

Você pode dar um título para esse desenho?] *Um título?* (pausa) *Um título... "Família apesar das adversidades"* (risos).

Interpretação

Nesse desenho fica evidente a necessidade de Regina em manter a família unida, todos juntos sem diferenciação, constituindo-se em um bloco. As diferenças aparecem no casal pai e mãe, em que bolsos são desenhados simbolizando a sexualidade e também uma mão no marido, que pode representar seu vício. A filha mais velha é desenhada em uma figura que é muito maior do que as outras, mais feminina e mais poderosa. Nela é projetada a função feminina e maternal, como uma possível substituta de Regina, possivelmente por ela se considerar um risco para a família em sua condição não saudável. Dessa forma, o sentimento de solidão causa desencontros no grupo, em parte pelo questionamento de Regina se ela faz parte desse grupo ou não (ela é desenhada distante dos outros, simbolizando ser a oferecedora do cuidado no grupo, a única que cuida e que não é cuidada), em parte pela dificuldade do restante das pessoas em criar a própria identidade, em estar junto e ser separado do outro ao mesmo tempo, pois estão em uma união forçada. Os membros da família mostram-se dependentes um do outro, sem espaço para a diversidade. As dificuldades e a intervenção do meio externo são sentidas como possíveis desintegradoras do núcleo familiar, por isso é necessário muito esforço para que a união seja mantida.

b) Segunda UP: Uma família que você gostaria de ter

Figura 2: Segunda unidade de produção de Regina no DF-E

Estória

Uma estória dessa família... Essa família também é a minha família, um pouco mais completa e fazendo um passeio na praia. [O que ela tem de mais completa?] *Dessa vez eu incluí mais pessoas.* [Quem?] *Eu coloquei minha mãe e coloquei a minha filha mais velha com o namorado aí* (risos) [Quem é?] *Essa aqui é a minha filha mais velha com o namorado* (referindo-se às duas pessoas tomando sol), *essa aqui é a Julia com o pai dela indo nadar, indo pro mar com a prancha, eu e o Rodrigo jogando bola, aqui minha mãe e alguém aqui conversando.* [Alguém da família ou alguém de fora da família?] *Ah, sei lá, tanto faz.* [E vocês estão de férias?] *É...* [E como essa família está se sentindo?] *Feliz porque tá podendo tá junto e fazendo uma coisa legal, uma coisa que é sonho de grande parte deles.* [Como assim, a que você está se referindo?] *Sonho de a gente estar junto, de fazer um passeio junto... de estar feliz aí...* (reforça o chão do desenho). [Faltaria alguma coisa aí?] *Não.* [E tem alguém que não está feliz ou todos estão felizes?] *Acho que tá todo mundo feliz.* [Mais alguma coisa?] *Não, só isso mesmo.* [E um título para essa estória?] *Ah... "Família feliz".*

Interpretação

Nesse desenho as forças desintegradoras (que a impossibilitam de ter a família ideal) desaparecem por meio da idealização de ter uma família completamente feliz; essa idealização traz segurança, o que permite que eles consigam se separar, mas ainda permanecer em duplas. Regina gostaria que ela e o marido fossem uma dupla que juntos cuidassem dos filhos. Como esse desejo não pode se tornar real devido à indisponibilidade do marido é necessário que haja pessoas de fora para ajudar no cuidado. A busca pela ajuda da mãe simboliza em Regina sua necessidade de poder contar com alguém, pois se sente desprotegida e sozinha. Entretanto assumir o valor que essa ajuda materna pode lhe prestar (e a sua incapacidade de cuidar de tudo sozinha) é dolorido, assim, ela despreza a figura materna quando lhe dá uma companhia que não nomeia dizendo "*Ah, sei lá, tanto faz*". A filha mais velha, mais uma vez, aparece de forma a representar o que Regina desejaria para ela própria. O ideal de família aqui é vazio, soando falso, pois traz felicidade em uma narrativa e desenhos pobres e evasivos, como um clichê.

c) Terceira UP: Uma família em que alguém não está bem

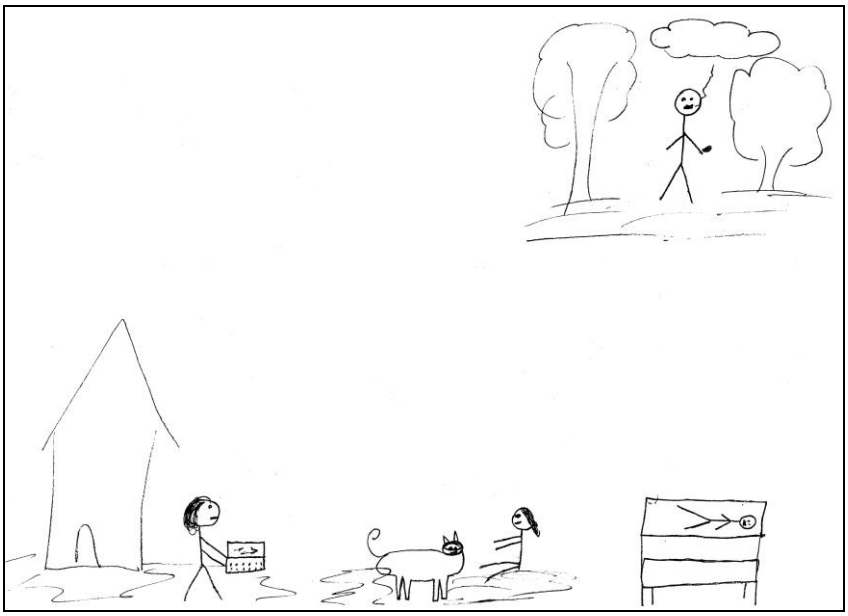

Figura 3: Terceira unidade de produção de Regina no DF-E

Estória

Essa família... (pausa) *Então, quando alguém não tá bem parece que fica cada um no seu mundo, cada um vivendo a sua tristeza mais separada. Aqui tá a Julia brincando com o cachorro, o Rodrigo na cama dormindo, eu no computador... E o pai tá longe lá, em outro lugar.* [Quem não está bem nessa família?] *É, ninguém tá bem na verdade por conta do pai que tá longe.* (pausa) [Hum... essa é a sua família então?] *É.* [E vocês não ficam bem quando vocês estão separados?] (assente com a cabeça). [E cada um fica fazendo uma coisa... aquele lá é o animal da família?] *Cachorro* (risos). *Não sei desenhar direito* (risos). [Sem problemas. E no desenho então, retrata bem a situação de vocês, o pai tá internado] *É.* [E o Rodrigo está deitado por quê?] *Porque, realmente quando acontece assim, essas coisas assim, ele fica dormindo.* [Hum... e você no computador?] *É.* [Fazendo o quê?] *Conversando, brincando, jogando...* [Tentando distrair] *É.* [E o que mais?] *E a Julia distrai com o cachorro, com os bichinhos dela, com a televisão. Fica cada um meio que no seu mundo assim, num primeiro momento, depois a gente começa a... um fortalecer o outro.* [Como?] *Aí a gente começa a ficar mais junto. Assim ó: quando o pai tem a recaída na droga, primeiro todo mundo se isola, depois a gente começa mais a ficar junto, a ficar mais junto com o outro. Onde tá um tá todos os três. Então se eu tô no quarto as criança vem pro quarto, mesmo se eles estiverem brincando eles querem brincar lá perto. E se eles tão na sala eles vem me chamar: "Ô mãe,*

vem assistir filme, vem jogar". Então aí um já começa a dar força para o outro. [Então é mais fácil dar conta das dificuldades quando vocês dão força um pro outro.] *É.* [E qual é o título dessa estória?] *Título dessa estória... "Um momento difícil"* (pausa) [É esse momento agora, atual?] *É, assim, momento atual tá mais pra diferente do que pra difícil, acho que difícil é quando... o começo mesmo, a hora que ele, que... tá indo tudo bem, aí, de repente, tem aquela recaída, que você não esperava. Então, acho que o difícil é logo que acontece. É... essa situação, o pai ainda não tá internado, ele só tá longe, e aí você já tá imaginado o que é que tá acontecendo, ainda não tá em tratamento* [Entendi, a angústia de não saber o que é que pode estar acontecendo.] *É, de saber e não saber ao mesmo tempo. Não tenho a certeza, mas tenho a desconfiança. Acho que esse é o pior... aí quando ele tá se tratando, quando tira... quando não tá usando mais a droga, é difícil, mas é um pouco mais tranquilo.*

Interpretação

Nesse desenho Regina demonstrou o quanto se sente fragilizada e sem condições de manter, sozinha, essa família unida. Ao perceber que a situação é difícil para a mãe, as crianças passam a juntar forças para manter a união familiar. Dessa forma, é possível pensar que os filhos se preocupam com a figura materna e sua condição e tentam fortalecê-la, com receio do seu estado emocional. O marido, com problemas e dificuldades, é desenhado ainda mais isolado, como se estivesse preso, em uma ideia de que nesse momento ele é uma parte fragmentada da família, ele é uma parte doente que precisa se manter longe, apesar de precisar de cuidados. Para se referir ao "não estar bem", Regina demonstra sua fragilidade, sua fraqueza e "resistências baixas" em relação às perdas, que são projetadas na dependência química do marido, de forma a se defender de pensar nos lutos em si ou na própria doença. Na estória fica ainda mais evidente que ela não acredita que a família possua recursos para lidar com os conflitos do "não estar bem". Diante disso há um isolamento, com a necessidade de cindir (assim como no processo de luto), havendo depois uma falsa união como forma de possibilitar o esquecimento: eles "dão força um para o outro", mas não vivenciam o conflito de fato. Em um momento difícil, não é possível elaborar e juntar partes, portanto, há uma fragmentação que impede a união real.

d) Quarta UP: A sua família

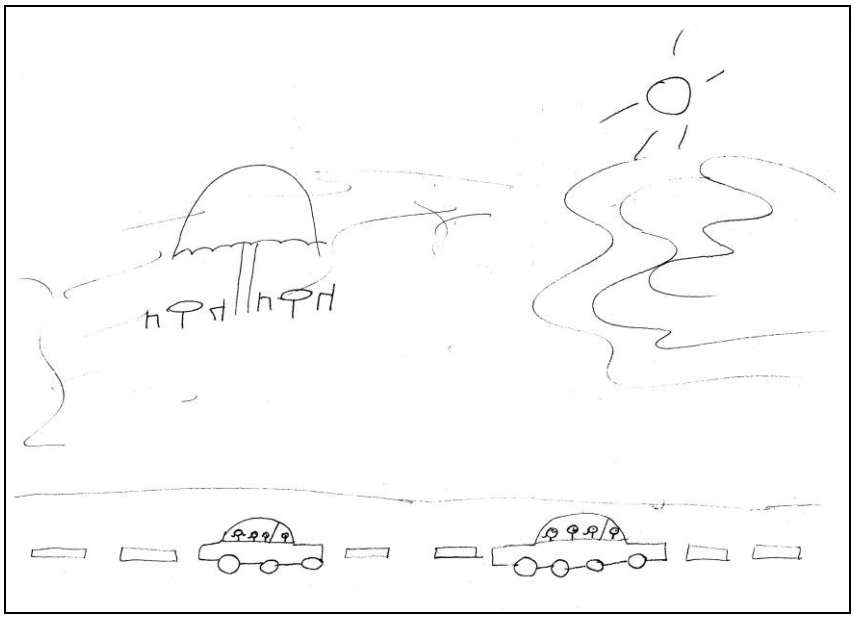

Figura 4: Quarta unidade de produção de Regina no DF-E

Estória

Aqui a gente tá indo viajar, indo passear... [Vocês estão indo de carro?] *É, muita gente* (risos). [Quantas pessoas?] *Eu não contei não, mas tá toda a minha família aí. Meu marido, minhas crianças, minha mãe, a Jane...* (conta as pessoas falando baixinho) *tem mais duas pessoas aí então* (risos). [Mais duas pessoas?] *Acho que é mais duas, deve ser o namorado da Jane e um amigo de alguém.* [Estão todos junto indo para onde?] *Praia! Eu e a praia* (risos) [Como eles estão?] *Bem, ansiosos para chegar logo* (risos) [Quem está mais ansioso?] *As crianças.* [Quem?] *O Rodrigo e a Julia* [E você?] *Também estou ansiosa, mas feliz por estar todo mundo junto.* [Quem está dirigindo?] *Quem tá dirigindo? Um carro é o Fabio, e o outro deve ser eu, né?* (Risos irônicos) *Sei lá!* [E é longe daqui essa praia?] *Ah é, é longe. Tem que andar bastante.* [Quanto tempo vocês vão ficar?] *Ah, vamos ficar um mês, quinze dias, por aí...* (Risos) *Pra enjoar de ficar lá, ficar bastante.* [Como é que todo mundo vai ficar com essa viagem?] *Acho que vai ficar todo mundo feliz, passar um tempo junto, fazer um programa legal, acho que vão ficar feliz.* [E o título?] *"Passeio dos sonhos"* (Risos). [É o passeio dos sonhos porque tá todo mundo junto ou porque é a praia?] *Ah, não sei! É porque tá todo mundo junto, pode ser. É porque, tipo assim, eu tô pondo o meu sonho. Eu não sei qual é o sonho dos outros* (Risos). *Pelo menos... acho que eu só não sei o sonho da minha filha mais velha...*

Interpretação

Neste último desenho, Regina parecia esgotada e muito cansada com a atividade. Dessa forma, procurou se envolver o mínimo possível, às vezes respondia aos questionamentos com ironia. Como forma de proteger as pessoas, elas foram desenhadas dentro de carros, demonstrando a necessidade de *holding*. Elas estavam indo em direção às férias, buscando um momento de descontração, semelhante a uma fuga das adversidades, ou seja, um espaço em que podem usufruir sem responsabilidades e exigências, sem problemas e conflitos, uma situação idealizada. Este desenho também mostrou o estado fragilizado e dependente de Regina, pois, com tantas pessoas para cuidar, ela não tem recursos suficientes para elaborar os lutos, não consegue voltar o olhar para si mesma e muito menos para o outro, pois se sente exausta. Nesse sentido, ela demonstrou necessidade de ser cuidada e amparada, em especial pelas figuras femininas da mãe e da filha. Relacionado a esse desejo de ser cuidada, Regina incluiu o marido no desenho, dizendo que ele está dirigindo um dos carros e demonstrando a necessidade de poder confiar nele, na sua ajuda no cuidado com os filhos.

Nesta última UP, ela preencheu todo o desenho (com a areia), para não haver espaço vazio, mas ficou perdida quanto ao número de pessoas que colocaria nos carros, sinalizando a tentativa de incluir todos da família, até os filhos perdidos (dois). Contudo, a perda de alguém não pode ser sentida como perda, como ausência, por trazer à tona sua própria fragilidade, assim, é banalizada: ao se referir a essas duas outras pessoas, ela afirmou que deveriam ser conhecidos da família. Há certa confusão: reconhece que não são pessoas da família, mas os inclui no grupo familiar. Durante esta última produção, Regina ainda está reagindo ao desenho anterior, em que foi solicitado que ela desenhasse alguém que não está bem e, de certa forma, exigido que ela pensasse em um momento doloroso da sua vida. Assim, ela respondeu às questões com ironia e demonstrou impaciência, projetando na psicóloga sua raiva por fazê-la falar de situações que são angustiantes.

5.1.4 HTP: Rodrigo

No primeiro encontro com Rodrigo ele se mostrou muito tímido. Na maior parte do tempo ficou com a cabeça abaixada, mas também sorria e levantava a cabeça para responder ás questões, olhando a psicóloga nos olhos. Falava pouco e baixo, nem mesmo os estímulos nos inquéritos do HTP e Teste das Fábulas o incitavam a continuar falando. Quando foi lhe solicitado os desenhos, Rodrigo hesitou e disse que sua irmã era a única pessoa da família que

desenhava bem, foi preciso conversar com ele por um tempo, ressaltando que não tinha certo nem errado na tarefa para que, então, ele começasse a fazê-lo.

a) Desenho da casa

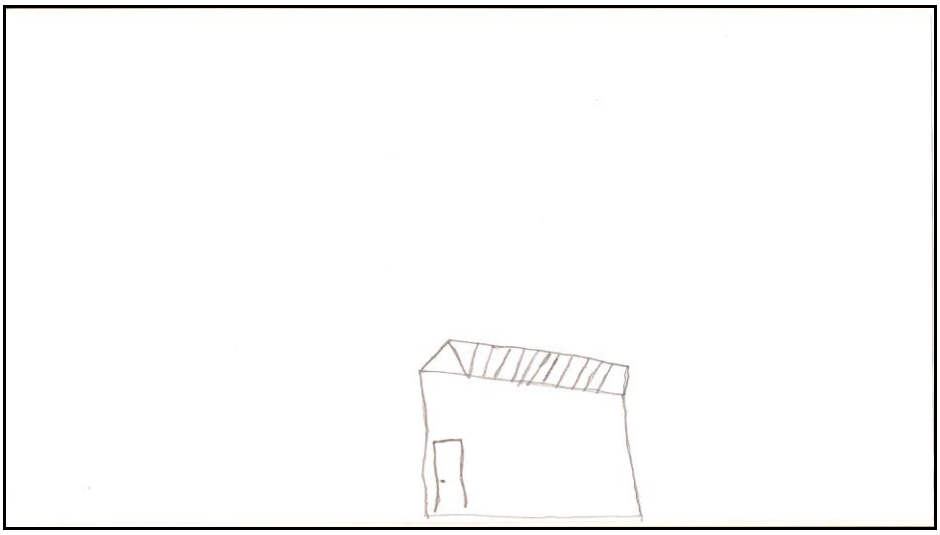

Figura 5: Primeiro desenho feito por Rodrigo no HTP

Inquérito

1- Quantos andares têm esta casa? *Um.*
2- De que esta casa é feita? *Tijolo, pedra, cimento*. Mais alguma coisa? *Olhando, não.*
3- Esta é a sua própria casa? *Mais ou menos.* Mais ou menos? De quem que ela é então? *Não sei.*
4- Em que você estava pensando enquanto estava desenhando? *Que eu não tava desenhando bem.*
5- Você gostaria que essa casa fosse sua? *Sim.* Por quê? *Também não sei.* Mas você gostaria que ela fosse sua? (sinaliza afirmativamente com a cabeça).
6- Se esta casa fosse sua e você pudesse fazer nela o que quisesse, qual quarto você escolheria para você? *O quarto grande.* É tudo no primeiro andar, né? Seria no fundo, na frente, no lado? *No fundo.* Nos últimos cômodos? Por quê? *Porque na frente fica a sala e no atrás ficam os quartos e o banheiro.* Então ficaria junto com os outros quartos? (sinaliza afirmativamente com a cabeça).
7- Quem você gostaria que morasse nesta casa com você? *Todo mundo, minha família.* Sua família... sua mãe sua irmã, quem mais? *Meu pai, minha outra irmã... todo mundo.* Por quê? *Pra gente ficar junto.*

8- Quando você olha para esta casa, ela parece estar perto ou longe? *Perto.*

9- Quando você olha para esta casa, você tem a impressão de que ela está acima, abaixo ou no mesmo nível que você? *Abaixo.*

10- Em que esta casa faz você pensar ou lembrar? *Não sei.*

11- É um tipo de casa feliz, amigável? *Sim.*

12- O que nela lhe dá essa impressão? *Porque mora a minha família, a gente brinca.*

13- A maioria das casas é assim? *Não. Porque essa aqui é bem diferente.* Diferente em que sentido? *Esquisita.* Esquisita por quê? *Por causa que eu desenhei ela bem diferente das outras.* Diferente das outras casas que existe ou das outras casas que você costuma desenhar? *Das outras que existem.* Você quis desenhar ela diferente? (sinaliza afirmativamente com a cabeça) E porque você acha que quis desenhar ela diferente das outras casas? *Eu sempre faço assim.*

14- Como está o tempo neste desenho? *Não sei.* Não sabe? Tá chovendo, tá sol, tá frio, tá calor? Tá noite, tá dia? *Não sei. Ah, dia da semana: sexta-feira.* Sexta-feira? *É um bom dia sexta-feira.* Por quê? *Porque é o último dia de aula.*

15- De que tipo de tempo você gosta? *Quando tá de dia.* Quando tá de dia? E tem que estar calor, estar frio? *Mais ou menos.* Mais ou menos o que? (não responde). Tem que estar um pouco calor e um pouco frio, tipo hoje? (sinaliza afirmativamente com a cabeça).

16- De quem esta casa o faz lembrar? *Ninguém.* De ninguém? (sinaliza negativamente com a cabeça).

17- Do que esta casa mais precisa? *Não sei.* Não sabe do que ela precisa... olhando o desenho? *De cuidar dela.* De cuidar dela? Em que sentido? O que você acha que deveria ser feito nessa casa? *Ah... fazer algumas coisas, algumas mudanças.* Na parte de fora ou na parte de dentro? *Na parte de fora.* Tipo o quê? *Pintar.*

<u>Análise</u>

Rodrigo desenhou a casa com poucos detalhes, reforçou os traços das paredes, denotando sinal de agressividade contida. Esse reforço pareceu necessário como forma de se defender da ameaça do mundo externo, por sentir-se muito desprotegido, com necessidades de apoio egoico. Porém é uma defesa que falha (os traços são falhados), que se mostra insuficiente para que ele se sinta assegurado. Tal atitude remete a uma experiência em que houve deficiência afetiva provinda do ambiente familiar, fazendo com que Rodrigo não

sentisse segurança suficiente nem proteção para agir no mundo externo, assim, ele precisa buscá-la por si mesmo.

Pelos aspectos do desenho, é possível pensar em uma restrição da área da fantasia e uma criatividade abafada (telhado pequeno). Além disso, ao atender a solicitação para desenhar, ele o faz de maneira empobrecida e muito rápida, demonstrando dificuldade de entrar em contato com a fantasia.

Há sinais de dificuldade de contato com o mundo, mesmo que haja o desejo (ausência de janelas na casa, presença de porta fechada). Quando há o contato, este parece ser permeado por pouca profundidade (porta deslocada da casa), com receio da invasão que o ambiente externo pode provocar, especialmente pela falta de proteção e segurança no mundo compartilhado (telhado pequeno). Assim, por temer o contato com o outro, a criança parece querer se proteger, dificultando o acesso a ela (porta deslocada, sem janelas).

Não se expor ao meio externo por sentir que não é possível confiar, denota provisão de *holding* insuficiente, que, consequentemente, faz com que ele se retraia do contato e, ainda, que se sinta incapaz de lidar com suas angústias com receio de não conseguir aplacá-las (hesitação, respostas pouco verbais). Contudo, apesar dos sinais de baixa autoestima, Rodrigo, ao afirmar de que material a casa é feita (tijolo e a pedra), sinaliza recursos egoicos, em que esta casa está protegida e firme.

Também no inquérito nota-se falta de acolhimento e suprimento insuficiente de afeto (ausência de cozinha), apesar do desejo pelo cuidado (a casa precisa de pintura). Tal característica aponta para o fato de que Rodrigo recebeu provimento básico, contudo este não se mostrou suficiente para seu desenvolvimento emocional. Rodrigo percebe a família como diferente das outras ("a casa é esquisita"), que precisa estar unida para dar conta das adversidades (todos precisam morar juntos na casa). Contudo, apesar dessa união familiar, a criança ainda se sente excluída (a casa é "mais ou menos" dele), pois para estar junto do grupo ele precisa ser como todos, não ter individualidade nem diferenciação.

Suas respostas, muitas vezes relacionadas ao "não sei", representam a dificuldade para criar, ser espontâneo, sugerindo prejuízos no processo de simbolização. É difícil ser espontâneo e simbolizar, trazer algo do mundo interno para o externo, já que a sensação de desproteção é muito grande. Dessa maneira, Rodrigo parece recorrer ao isolamento, retraindo-se, aspecto percebido no contato com ele.

Por fim, ao dizer do que a casa precisava, Rodrigo respondeu que era de cuidado, como a pintura, demonstrando sinal de esperança nessa família, de maturidade/saúde e de

melhora. Trata-se de uma possibilidade de que algo possa ser feito para que essa casa retome a sua confiança, seja mais forte e sinta-se verdadeiramente bem.

b) Desenho da árvore

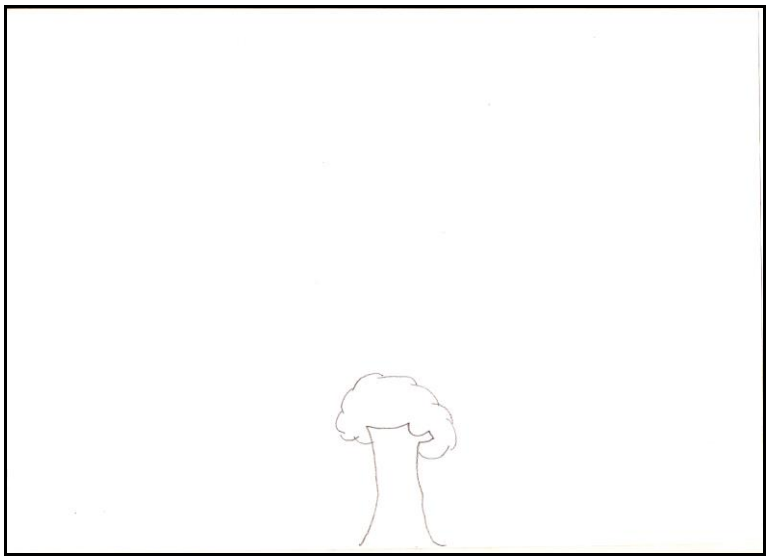

Figura 6: Segundo desenho feito por Rodrigo no HTP

Inquérito

1- Que tipo de árvore é esta? *Uma árvore normal*.
2- Onde fica esta árvore? *Num parque.* Como que é esse parque? *Grande*. Grande só? *Grande, cheio de árvore e bichos*. Ele é longe? *Não*.
3- Mais ou menos qual é a idade desta árvore? *Não sei.* Não sabe? O que você acha que ela é, se ela é novinha, se é velha... *Nova*. Nova? Tipo uma árvore bebê, uma árvore criança, adolescente... *Criança.* Uma árvore que tá crescendo então. (sinaliza afirmativamente com a cabeça).
4- Esta árvore está viva? *Ahãm.*
5- Qual é a impresão que ela te dá de ainda estar viva? *Não sei. Ué ela ainda tá em pé.* Ela ainda tá em pé? (sinaliza afirmativamente com a cabeça).
6- Para você esta árvore parece mais um homem ou uma mulher? *Não sei.* Não sabe? Se você olhar para ela você acha que ela parece mais o que? (pausa) *Não consigo falar.*
7- Se ela fosse uma pessoa ao invés de uma árvore, para onde ela estaria virada? *Não sei.*
8- Esta árvore está sozinha ou em um grupo de árvores? *Tem mais.* Tem mais delas? (sinaliza afirmativamente com a cabeça) (fica em silêncio).

9- Quando você olha para esta árvore, você tem a impressão de que ela está acima, abaixo, ou no mesmo nível que você? *Abaixo.*

10- Como está o tempo nesse desenho? *Verão*. Verão? E o que mais? *Não sei.* E o dia? (pausa) *Tá de dia.* Que dia ou mês que é? *Qualquer dia?* Sim. *Não sei.*

11- Há algum vento soprando? *Sim.* Para que lado? *Pra cá* (para a direita dele). Como esse vento é? *Mais ou menos forte.* Mais ou menos forte? Tá balançando as folhas da árvore? *Ahãm.*

12- O que esta árvore faz você lembrar? *Nada.* Não te faz lembrar nada? (sinaliza negativamente com a cabeça).

13- Esta árvore é saudável? (sinaliza afirmativamente com a cabeça). O que nela te dá essa impressão? *Porque todo dia vem alguém e rega ela*. Todo dia? *Ou a chuva*. Então tem sempre alguém cuidando dela? (sinaliza afirmativamente com a cabeça).

14- Ela é forte? (sinaliza afirmativamente com a cabeça). E o que te dá essa impressão dela? *Não sei.*

15- De quem esta árvore faz você lembrar? *Ninguém.* De ninguém? *Não.*

16- Do que esta árvore mais precisa? Não sei.

17- Alguém já machucou essa árvore? *Não*.

Análise

O desenho da árvore também é bastante empobrecido. A copa, que se refere aos afetos, à sua elaboração e à força do ego, é pequena em relação ao tronco, demonstrando que o afeto está reprimido, sendo difícil manifestá-lo. Nesse sentido, a possibilidade de fantasiar e criar ficam restritos. Assim como na casa, este desenho denota a necessidade da presença de uma força egoica grande para lidar com a afetividade, protegendo-a do contato (copa fechada e galhos praticamente ausentes).

A presença do tronco largo indica dependência, mas nesse caso esta é uma dependência que não está sendo satisfeita, já que ele se sente desprotegido e, por isso, não pode manifestar as suas necessidades nem expressar a sua singularidade pelo receio de não ser compreendido. A copa e o tronco estão bem delimitados, demonstrando uma dificuldade de fluidez do conteúdo afetivo para o racional, assim o acesso de um para o outro fica limitado.

No desenho aparecem dois “projetos” de galhos que foram cortados. Os galhos, que têm significado de expansão, demonstram um bloqueio da capacidade de criar, de agir com espontaneidade. Rodrigo se sente pequeno diante do mundo (tamanho da árvore), inferior

(nível abaixo), assim, sua busca de contato no ambiente externo é limitada, por se sentir com poucos recursos.

Há sinais de dificuldade de abstração e simbolização (não responde verbalmente ao inquérito), mostrando-se preso a um pensamento um tanto concreto (árvore viva porque está em pé), consequência de uma restrição da área da criatividade. Contudo, ao relatar que a árvore é saudável porque alguém cuida dela, ele demonstra sinal de esperança, pois é possível ser cuidado – se não houver alguém que cuide (a mãe), o tempo e a vida cuidarão. Assim, nas situações em que o cuidado materno não é certo e não transmite segurança, ele fica a espera do cuidado oferecido pelo ambiente.

O desenho da árvore permite um olhar mais esperançoso para o seu desenvolvimento emocional do que a casa, Rodrigo se identifica com ela (dizendo no inquérito que é uma árvore criança, ainda que não consiga dizer de que sexo é). Apesar de se sentir sozinho e precisar de acolhimento, ele reconhece que tem o básico para se desenvolver – mesmo que por vezes se sinta inseguro quanto à permanência desse cuidado - e pode, assim, demonstrar esperança. A folha virada tem o sentido de antagonismo e oposição, contudo, nessa aplicação em especial, pode ser compreendida como um sinal positivo, como a expressão do verdadeiro *self* e a necessidade de mudar.

c) Desenho da pessoa

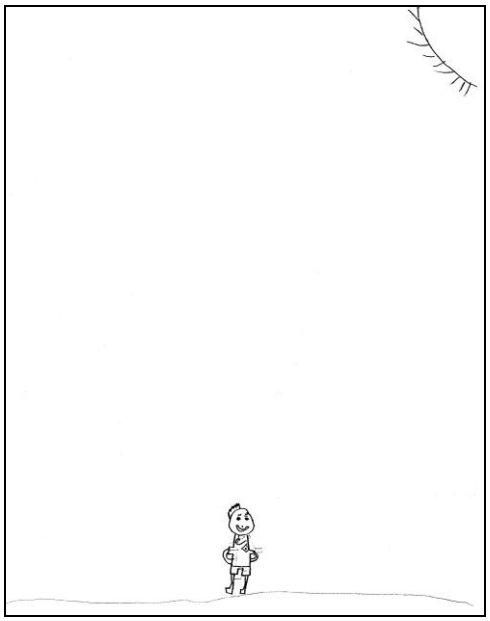

Figura 7: Terceiro desenho feito por Rodrigo no HTP

Inquérito

Quando solicitado a fazer o desenho de uma pessoa, Rodrigo disse que não iria conseguir, pois já havia tentado muitas vezes sem sucesso. A psicóloga precisou estimulá-lo, lembrando-lhe que já havia feito outros dois desenhos, além de salientar que ele poderia fazer como quisesse, pois ela não avaliaria se o desenho estava bonito ou feio. Assim, ele mudou de postura e começou a fazer o desenho, sorrindo e aparentando estar se divertindo.

1- Essa pessoa é um homem ou uma mulher? *Homem.*
2- Quantos anos ele tem? *A minha idade* (11 anos).
3- Quem é ele? *Não sei*. Não sabe quem é? (sinaliza negativamente com a cabeça)
4- Ele é um parente, um amigo ou o quê? *Não sei.*
5- Em quem você estava pensando quando estava desenhando? *Nada.* Nada? Dessa vez você não ficou preocupado se desenhou bem ou não? (sinaliza negativamente com a cabeça).
6- O que ele está fazendo? *Nada*. Nada? Tá parado só? Onde que ele está? *Não sei.* Não sabe? (sinaliza negativamente com a cabeça).
7- O que ele está pensando? *Nada*.
8- Como ele se sente? *Bem.* Por quê? *Porque ele tá rindo.* Por que ele tá rindo? *Porque ele tá feliz*. Aconteceu alguma coisa para ele ficar feliz? *Não sei.* Ele é feliz? (sinaliza afirmativamente com a cabeça).
9- Em que a pessoa faz você pensar ou lembrar? *Nada.*
10- Esta pessoa está bem? (sinaliza afirmativamente com a cabeça).
11- O que nele lhe dá essa impressão? *Não sei*.
12- Esta pessoa está feliz? (sinaliza afirmativamente com a cabeça).
13- O que nele lhe dá essa impressão? *Porque ele tá alegre.* Pelo sorriso? E o que mais? *Só.*
14- A maioria das pessoas é assim? *Não*. Não? Por quê? *Não sei.* Como é a maioria das pessoas? *Bem diferente*. Em que sentido? *Não sei*. Não sabe por que ele é diferente dos outros? *Porque é um desenho.* E dos outros desenhos? *Então...* (não responde).
15- Você acha que gostaria desta pessoa? *Não sei.* Não sabe?
16- Como está o tempo neste desenho? *Verão, tá de dia...* O que mais? *Tá sol, tá bem quente... só.* Que dia que é? *Não sei.*

17- De quem esta pessoa o faz lembrar? *Ninguém.* Ninguém? (sinaliza negativamente com a cabeça).
18- Do que esta pessoa mais precisa? *Não sei.* Você não sabe do que ela mais precisa? (sinaliza negativamente com a cabeça).
19- Alguém já machucou esta pessoa? *Não.*
20- Que tipo de roupa esta pessoa está vestindo? *Não sei* (pausa). O que é que você fez aí? (apontando para o desenho) É uma camiseta? (sinaliza afirmativamente com a cabeça) E aqui na camiseta o que é? *Eu tentei fazer o símbolo do Brasil.* É um jogador de futebol? *É o Neymar* (dá um sorriso). Ah, sim! Aqui é o símbolo da Nike? (sinaliza afirmativamente com a cabeça). E esse aqui, o que é? O cabelo? É um topete? (sinaliza afirmativamente com a cabeça e sorri).

Análise

No início, após a solicitação do desenho da pessoa, Rodrigo aparentou irritação, desejando se evadir de uma aproximação mais pessoal com a psicóloga. Entretanto, nesse desenho, há a presença de um pouco mais de afeto, pois Rodrigo desenha uma pessoa que é admirada por ele (o jogador de futebol Neymar), tendo mais cuidado ao fazê-lo e se divertindo com isso (desenhou sorrindo). Este é um desenho mais pessoal, mais enriquecido e com características particulares, que indicam o desejo de ser alguém, uma possibilidade de se mostrar diferente do outro (da família), ter suas próprias características e desejos (apesar de se parecer com um ídolo).

Por ser a figura de um ídolo (Neymar), o desenho pode ser considerado estereotipado, Rodrigo busca no ambiente externo a imagem de alguém famoso, na tentativa de identificação com esta figura (este é um ideal futuro, do que ele gostaria de ser, e que está sendo dificultado pela mãe, ao impedi-lo de fazer futebol).

As mãos para trás tem o mesmo sentido dos galhos cortados da árvore: a impossibilidade de ação efetiva no ambiente e a dificuldade no contato interpessoal, reações derivadas da falta de apoio (principalmente da figura materna) que dificulta a sua ação no mundo. Como forma de defesa desta mobilização, há sinais de repressão (desenho pequeno).

O desenho também revela dificuldade na passagem pela transicionalidade, na transformação dos desejos em ação no mundo compartilhado (ausência de pescoço). Entre a cabeça e o tronco, assim como na árvore, é visível a separação abrupta do afeto e do racional, os dois aspectos não podem ser compartilhados, precisam estar separados para existir.

A figura foi feita com pernas frágeis, indicando dificuldade de sustentação e prejuízo na autonomia; a cabeça grande pode sinalizar a presença de muito conteúdo afetivo e pouca capacidade de apropriação. Seu sentimento de estagnação no mundo e de dificuldade de ação espontânea podem ser percebidos logo no início, quando Rodrigo afirmou não conseguir desenhar uma pessoa, bem como no inquérito, no qual ele responde muitas vezes que "não sabe".

A escolha da figura do Neymar parece estar relacionada ao desejo de Rodrigo de jogar futebol, o qual não é possibilitado pela mãe. É possível pensar que o desejo não atendido de Rodrigo (pela mãe) de fazer futebol, está relacionado a uma dificuldade materna em atender a expressão criativa do filho, que faz com que ele se retraia, podendo originar em um sentimento de futilidade, pois a sua forma espontânea de se expressar é impossibilitada por meio do não reconhecimento dos seus desejos.

Ao final da aplicação, Rodrigo pediu que os desenhos fossem mostrados para sua mãe, que o aguardava na sala de espera. Essa solicitação pode ser compreendida como um pedido de ajuda, para que a psicóloga auxilie na comunicação com a mãe, deixando claro o desejo da criança e, também, sua capacidade de produzir algo.

Sendo assim, em uma análise geral dos desenhos do HTP, é possível perceber que Rodrigo é uma criança dependente (tronco largo no desenho da árvore), que precisa ser independente, mas encontra dificuldades na aquisição da autonomia (pernas frágeis no desenho da pessoa). Esse fato se deve a falta de segurança no meio externo (telhado pequeno e porta deslocada da casa), que é sentido como hostil e o faz ter necessidade de se proteger, corroborando com uma dificuldade no contato com o outro (ausência de janelas no desenho da casa). Dessa forma, a ação no meio externo fica dificultada (galhos cortados no desenho da árvore e mãos para trás no desenho da pessoa) e Rodrigo se sente excluído do seu meio (como quando diz que a casa é "mais ou menos" dele).

Essa sensação de exclusão se deve ao fato de que Rodrigo não sente ter as suas necessidades atendidas (como no caso de não poder jogar futebol), precisando conter seus sentimentos em relação a isso e manter a sua agressividade contida no ambiente familiar, local em que ele sente não poder expressar seus sentimentos pela fragilidade da mãe (reforçou os traços do desenho da casa), o que intensifica em Rodrigo um sentimento de futilidade.

A dificuldade de expressão também é causada pelo bloqueio na área da fantasia (com a falta de pescoço no desenho da pessoa, a delimitação entre copa e tronco e galhos cortados no desenho da árvore e as frequentes respostas "não sei" nos inquéritos dos desenhos) e assim, a capacidade de criar fica limitada. Entretanto, há um desejo de cuidado ("precisa pintar a

casa”) e a esperança de que isso possa acontecer de fato (alguém “rega a árvore todo dia” e o pedido de que a psicóloga mostrasse os desenhos para sua mãe).

5.1.5 O Teste das Fábulas: Rodrigo

Fábula do passarinho (1)

Resposta

Ele tentou voar. [Para onde ele tentou voar?] *Para onde os pais dele foi*. [O papai voou para um lado e a mamãe para o outro.] *Tentou ir pro lado da mãe*. [E o que mais?] *Não sei se ele conseguiu*. [Não sabe? Aconteceu mais alguma coisa?] (sinaliza negativamente com a cabeça).

Interpretação

O conteúdo desta fábula está relacionado a questões relativas à independência e dependência. Rodrigo apresenta um desfecho empobrecido, uma dificuldade em dar solução para o conflito, pois não compreende ainda de que forma deve agir no mundo, como uma criança ou como um adulto. Ele demonstra necessidade da proteção da mãe, pois duvida dos próprios recursos. Dessa forma, busca um dos pais (no caso a mãe, pois a ausência do pai é real) para protegê-lo. A falta de confiança em si é tamanha que não é possível dar uma solução (“não sabe se conseguiu”), revelando uma forte dependência da mãe e uma dificuldade de aquisição da autonomia.

Fábula do aniversário de casamento (2)

Resposta

Não sei. [Não sabe?] *Não sei.* [Não sabe por que ela fez isso? O que ela sentiu para querer sair da festa?] (sinaliza negativamente com a cabeça).

Interpretação

Essa fábula é significativa da expressão do conflito da relação edípica. Há um forte bloqueio na estória, uma impossibilidade de vivenciar essa relação, percebida pela dificuldade da criança em responder. Esta é uma continuidade do relato da fábula anterior, em que o ficar só, a sensação de abandono é causador de forte angústia. Rodrigo evita entrar em contato com sua hostilidade e sexualidade e, ao responder “não sei”, é muito enfático, como se não houvesse espaço para pensar no conflito. A fábula apresenta uma situação desconhecida que o faz sentir receio do que pode acontecer, por isso, não é possível pensar em um desfecho para a estória, nem mesmo desenvolver uma estória.

Fábula do cordeirinho (3)

Resposta

Obedece. [Obedece? E o que mais?] (pausa) *Aí ela dá leite pro outro*. [Dá leite pro mais novo? E o cordeirinho mais velho?] *Não sei*. [Ele vai lá comer o capim... como ele se sente?] *Ajudando o outro*. [Mas ele fica feliz, fica triste...] *Feliz*. [E o que mais?] *Não sei*. [Não? E o filhote cordeirinho mais novo?] *Também fica feliz.*

Interpretação

Essa fábula explora o tema da rivalidade fraterna. No desfecho da estória, há muita repressão da agressividade, ela não pode existir. Rodrigo é submisso e obedece, atende as expectativas que recaem sobre ele. Em sua percepção, ele não tem direito de ter as coisas e, dessa forma, não é possível se apropriar do mundo, pois não há espaço. Ele deve se conformar e abrir mão de suas necessidades e desejos pessoais em função do outro.

Fábula do enterro (4)

Resposta

Não sei. [Não sabe?] (pausa longa). [Não quer continuar?] (sinaliza negativamente com a cabeça).

Interpretação

Houve bloqueio nessa fábula, Rodrigo fez uma pausa longa, manteve a cabeça baixa e, assim, comunicou que não queria continuar. Ele se mostrou deprimido, a questão da morte não pode aparecer, pois ela representa perda, ausência e vazio. Além disso, denota dificuldade em trabalhar as várias perdas que a família já sofreu, não podendo nem pensar sobre elas. Os sentimentos são reprimidos sem possibilidade de elaboração, restando o medo de entrar em contato com eles. O bloqueio, então, se deve ao que a estória evoca, os conteúdos destrutivos inerentes à morte, além dos sentimentos de impotência diante das frustrações. A morte representa o fim, e simboliza o corte total das relações com o mundo. Esses são sentimentos que Rodrigo não pode lidar. Como a sensação da iminência de perda é presente em sua vida, Rodrigo teme pela morte da mãe que, caso aconteça o deixará sozinho em um momento em que ele não sente ter autonomia para isso. Nesse sentido, ainda que a mãe não satisfaça todas as suas necessidades, ele é dependente dela para viver e teme pela sua perda.

Fábula do medo (5)

Resposta

Do escuro. [Do escuro? O que mais?] *De ficar sozinha. Só...* [Só? Ela tem medo de ficar sozinha? Ela fica sozinha?] *Não sei*.

Interpretação

Esta fábula refere-se ao conflito principal da criança, a sua fonte mais importante de angústia. Desta forma, é possível pensar que a resposta remeteu ao conflito anterior, presente na fábula do enterro, o medo de perder a mãe e ficar só. Com dificuldade em lidar com a perda, não é possível oferecer um desenvolvimento e desfecho para a estória. Há, então, a negação do que pode acontecer (para não entrar em contato e ter de lidar com a existência do conflito).

Fábula do elefantinho (6)

Resposta

Ele cresceu. [Cresceu? Como assim?] *Ele não tá mais naquele tamanho*. [Não tá? Então ele tá ficando adulto.] (sinaliza afirmativamente com a cabeça. [E isso é bom ou ruim?] *Ruim*. [E a criança, o que ela sente ao ver ele ficando maior?] *Que vai ter que levar ele pro zoológico*. [Vai ter que deixar ele lá? E isso é ruim?] (sinaliza afirmativamente com a cabeça). [E o que o elefantinho sente?] *Nada*. [Ele não fica triste de crescer?] (sinaliza negativamente com a cabeça).

Interpretação

Nesta fábula, fica evidente o receio de conquistar a autonomia e crescer, pois isso pode representar que, com o crescimento, ele não terá mais alguém que cuide dele (e estará cada vez mais distanciado da mãe). Ser autônomo significa ficar sozinho, dar conta de tudo sem o outro. Ainda assim, mesmo que ele aparente pensar no crescimento como algo ruim, que o fará se distanciar das pessoas e sair de casa, ele termina o seu relato de forma indiferente: o elefantinho não fica triste de crescer e, dessa forma, ele também não sentirá nada. Crescer é necessário e, assim como na fábula do cordeirinho, ele precisa se submeter para fazer o que se espera dele.

Fábula do objeto de argila (7)

Resposta

Vai dar pra ela. [Por quê?] *Porque ela pediu*. [E como ela vai se sentir?] *Não sei*. [E a mãe?] *Vai ficar feliz*. [E o que mais?] *Só*.

Interpretação

O desfecho desta fábula representa o exemplo típico de como Rodrigo subjuga as próprias necessidades e desejos em prol da mãe, por senti-la necessitada e frágil, com receio de desapontá-la. Demonstrando uma necessidade de fazer tudo pela mãe, para não desagradá-la. Ao fim dessa estória, ele começou a bocejar bastante, demonstrando que o envolvimento emocional na atividade estava excessivo.

Fábula do passeio (8)

Resposta

Porque ele não foi. [E o que mais?] *Só*. [Como a criança se sente?] *Triste*. [Por quê?] *Porque o pai dele não foi*. [E a mãe?] *Também*. [E o que eles fazem?] *Não sei*. (boceja a toda hora).

Interpretação

Nesta fábula, os conflitos edipianos podem ser pensados, mas ainda não são solucionados (não há desfecho para a estória). Rodrigo se esquiva oferecendo uma resposta esperada, talvez por uma forte sensação de culpa por tomar o lugar do pai que está ausente, o que possibilita, assim, que ele tenha seus desejos respeitados em detrimento do outro. Esta situação contraria o que Rodrigo sente ser sua função na família, a de quem se submete e permite que as necessidades do outro estejam acima das dele, intensificando o sentimento de culpa.

Fábula da notícia (9)

Resposta

Não tenho ideia. [Não tem ideia?] *Não sei*.

Interpretação

Rodrigo deu uma resposta bem enfática e firme, mostrando sua insatisfação com a atividade e com o envolvimento com a tarefa. Além disso, é possível pensar que o contar algo remete à existência de segredos na família, que fazem com que ele fique com raiva e medo, procurando mesmo não saber de nada. Diante de tantas demonstrações de cansaço e desagrado nesta atividade, foi perguntado à criança se ela gostaria de dar continuidade ao teste e informado que faltava apenas uma estória. Rodrigo concordou, mostrando-se um pouco mais animado, talvez pela proximidade do fim.

Fábula do sonho mau (10)

Resposta

Um pesadelo. [Que pesadelo foi esse?] *Não sei*. [Mais alguma coisa?] (sinaliza negativamente com a cabeça).

Interpretação

Essa resposta representa qual(is) fábula(s) teriam predominado, ou seja, que conflitos estão mais presentes, além dos seus medos e desejos. Como sua resposta, mais uma vez, foi evasiva, é possível pensar que em quase todas as situações de conflito apresentadas, Rodrigo procurou evitá-las e bloqueá-las, fazendo uso de uma intensa repressão. Em outros momentos, ele subjugou as suas necessidades a favor do outro, em particular, a mãe. Nas situações em que houve desfecho, o personagem agiu como o esperado pelo outro, da mesma forma como Rodrigo age diante de situações de conflito, ou seja, sempre faz aquilo que a mãe espera, para não desagradar.

Nas respostas das fábulas, ficou clara a dificuldade de Rodrigo em agir no mundo (e na forma como ele deve fazer isso), pois não há confiança em si mesmo e nos próprios recursos, o que gera em uma dificuldade na aquisição da autonomia. Dessa maneira, ele se percebe ainda muito dependente da mãe, pois teme ficar só. Assim, ele se torna uma criança submissa que atende as expectativas que recaem sobre ele para não desagradar, pois teme perder a mãe ao percebê-la como uma pessoa muito frágil. Por haver uma sensação iminente de perda, os sentimentos relacionados à morte são reprimidos, na tentativa de não sofrer ao entrar em contato com eles.

5.1.6 Síntese da família Borboleta “Castanha Vermelha”

Por meio da análise dos dados coletados na entrevista, no DF-E, no HTP e no Teste das Fábulas, foi possível perceber que Regina e Rodrigo lidaram com as suas dificuldades e limitações de forma parecida durante a participação na pesquisa. Por evitarem se expor e se incomodarem ao fazê-lo, mãe e filho envolveram-se com distanciamento e pouca afetividade nas atividades, como foi percebido em seus momentos de silêncio, respostas evasivas, postura corporal retraída (com a cabeça abaixada e sem fazer contato visual com a psicóloga) e dificuldade em se expressar (como quando alegam não saberem desenhar).

As perdas a que essa família foi acometida, para ambos, resultaram numa dificuldade em confiar no meio externo. O receio da morte é constante, seja por causa das perdas que já ocorreram ou do vício do pai e da soropositividade da mãe, ainda que os sentimentos derivados dessas situações sejam negados. Portanto, a vivência das perdas reais e das possíveis faz do ambiente externo ameaçador de fato, e assim é sentida a necessidade de se

proteger. Regina e Rodrigo se defendem retraindo seus sentimentos, agindo no mundo de forma a conter suas emoções e procurando se envolver pouco com os acontecimentos.

Diante disso, ao reprimir seus afetos e buscar lidar com a realidade de forma mais concreta, Regina e Rodrigo têm certa dificuldade em simbolizar. Nesta família, uma relação saudável e criativa com a realidade, permitida por meio da incidência dos fenômenos transicionais, é difícil de ser conquistada, e assim, o luto pode não ser elaborado.

Para Regina se defender da angústia e outros sentimentos despertados pela dura realidade que viveu, especialmente nas situações em que sente culpa, é preciso projetar suas ameaças interiores no mundo externo. Essas dificuldades que são sentidas como limitações, são possíveis resultados das perdas dos filhos, do final do casamento, da perda de um parceiro como ela gostaria de ter e da descoberta da doença, lutos que não foram elaborados. Sentir a perda e os reais sentimentos derivados dela é sentir a culpa pela possível fantasia de ser ela própria a responsável pelas mortes, por possuir conteúdos ruins dentro dela. Dessa forma, evitar os sentimentos das dificuldades permite a Regina viver como se estivesse “tudo bem”, os acontecimentos são banalizados e o perigo da morte negado. Nesse sentido, estando em um ambiente de ameaça constante, a criatividade de Regina é abafada, e dessa forma, ela não consegue acolher a expressão criativa de Rodrigo (não permite que ele faça futebol; o ambiente familiar não possibilita a expressão da agressividade).

Assim, torna-se difícil para ela perceber que esses mesmos conteúdos que parecem pertencer ao meio externo, também pertencem a ela própria. Entretanto, essa compreensão é necessária para que ela possa agir de forma mais espontânea com a realidade, sendo capaz de criá-la e transformá-la, continuar se desenvolvendo e viver em uma realidade compartilhada de uma maneira pessoal. Dessa forma, ela poderá voltar seu olhar para si sem temer as próprias limitações, pois possui recursos para agir em situações difíceis.

Para Regina, não é impossível experimentar o sofrimento na vivência das repetidas perdas que sofreu, apesar de buscar não senti-lo na maior parte das vezes. Assim, além de negar o sofrimento, ela também espera que este seja aplacado pela presença do outro, especialmente um parceiro que a satisfaça, seja lhe oferecendo segurança e companhia ou a perspectiva de retomar a vida apesar das adversidades. Da mesma forma, o que Regina espera desse parceiro, Rodrigo espera dela: segurança e satisfação das suas necessidades. Além disso, o outro também tem a função de representar a necessidade de cuidado, para que assim, ela possa se ocupar com problemas que a fazem distanciar ainda mais das suas questões pessoais. Esse cuidado ofertado ao outro (como no caso do marido, que ela se empenha em buscar ajudá-lo) pode representar a esperança que, sendo cuidado, o outro poderá cuidar dela.

Entretanto, a situação torna-se complicadora no momento que ela percebe que não pode esperar do outro uma satisfação plena (como no caso do marido) e assim ela se sente muito sozinha e desesperançosa.

Regina então se envolve com as questões do marido e dos filhos para não ter de pensar sobre si própria. A fim de ser a oferecedora do cuidado e não se colocar em posição de quem também precisa de ajuda (o que significaria ter de assumir suas limitações e dificuldades) ela se sente muito só tentando amparar esse sentimento com o trabalho e com novas relações, em uma tentativa de fuga das dificuldades e busca por satisfação. Ser a fonte de fortalecimento e a responsável pela manutenção do bem estar familiar – que é compreendido como a condição de não sofrer – desenvolve uma necessidade de não deprimir para não se sentir impotente, e assim, perceber que as dificuldades podem ser vencidas. Regina pode, então, sentir-se bem, pois "salvar" o outro representa reparar o sentimento de que pode ter "destruído" a família (morte das crianças, fim dos casamentos, doença), compensando as suas falhas e tendo, dessa forma, condição de "salvar-se".

Na percepção de Regina, a união familiar se torna a melhor maneira de lidar com as dificuldades, e as diferenças dentro do núcleo familiar, podem representar a impossibilidade dessa união. Entretanto, para as crianças, a necessidade de não se diferenciar para não distanciar, pode prejudicar o desenvolvimento da sua individualidade, assim como pode inviabilizar a descoberta dos seus sentimentos, em especial os ruins. A necessidade da mãe de manter todos juntos de maneira a não haver diferenciação, faz com que Rodrigo se sinta excluído, pois a união não é capaz de incluir suas características particulares dentro da família. A ideia de que, para sobreviver, a união familiar é necessária, fica subtendida e os conflitos individuais, por menores que sejam não podem ocorrer.

O desenvolvimento emocional de Rodrigo, a forma com que ele se relaciona e se expressa com o mundo externo, está muito relacionado ao funcionamento da mãe, que busca adaptar-se e continuar vivendo sem que o receio e a angústia dos momentos difíceis que passou se tornem paralisadores. Nesse sentido, Regina se sente demasiadamente insegura com ela própria para ter condições de sustentar a criatividade do filho e atender as suas necessidades.

Dessa forma, ao perceber a ameaça de perda constante, em especial da perda materna, que não lhe passa confiança e segurança, Rodrigo reprime seus sentimentos para que nenhuma outra situação difícil seja desestabilizadora da união familiar. Assim, diante dessa falta de expressão, a sua vivência no mundo externo se torna falsa, o que lhe origina em um

sentimento de futilidade. Sem a satisfação suficientemente boa das suas necessidades, e na ausência da expressão criativa e espontânea no mundo, não há sentido em aprender.

Rodrigo, ao dizer de sua incapacidade para desenhar, demonstrou baixa autoestima e confiança em si próprio. Há também muita dificuldade em responder às perguntas feitas e um aparente desejo de desistir das atividades, para não ter de lidar com os sentimentos derivados das situações difíceis da história da família, agindo como a mãe. Além disso, expressar-se deixa de ter sentido, pois em sua percepção, isso não lhe proporcionará a satisfação das suas necessidades.

Rodrigo tem dificuldade de expor suas qualidades e defeitos com medo de decepcionar e prejudicar o outro, principalmente a figura materna. Com isso dentro de casa, ele se porta como uma criança exemplar e "não dá trabalho", reprimindo toda a sua angústia e sentimentos, ao contrário de Julia que é capaz de se expressar bem dentro do ambiente familiar, sem temer consequências. Rodrigo então admira muito a irmã, é ela quem desenha bem e que sabe fazê-lo, é ela que sabe se colocar no mundo.

Entretanto, Rodrigo consegue ter condições de perceber que para viver de fato, é necessário ser verdadeiro e espontâneo, sofrendo intensos conflitos na busca entre agir dessa forma e se sentir culpado, ao intuir que a não negação dos sentimentos despertados pelos acontecimentos ruins, possam desestabilizar a mãe. Rodrigo também sente que, por ser sua mãe uma pessoa frágil, ele precisa protegê-la. Assim, ele tem a necessidade de esconder seus sentimentos e problemas, agindo de acordo com a maneira que a mãe lida com seus medos e dificuldades.

Para Rodrigo e para Regina, existir sozinho nos momentos difíceis, que são os momentos em que a família se separa, é uma tarefa angustiante. A forma como a mãe conduziu os seus lutos dificulta a maneira com que Rodrigo lida com a realidade da perda. Regina não elaborou o seu luto, ela negou e bloqueou os sentimentos derivados dele, e assim Rodrigo também o faz em situações conflituosas. Com a mãe sem condições de assumir seus sentimentos mais dolorosos e de suprir as necessidades do filho, Rodrigo se tornou pessimista, à espera que novas perdas aconteçam. A falta de perspectiva, nesse sentido, é causadora do sentimento de futilidade que o faz não querer se expressar, deprimir e desejar não sentir. No entanto, ao viver essa sensação de perda a cada dia no relacionamento com a mãe (a perda das suas necessidades atendidas), Rodrigo parece ser capaz de sentir mais do que ela as emoções que são derivadas das situações conflituosas e difíceis, demonstrando estar mais enlutado.

Rodrigo percebe que apesar das tentativas maternas de banalizar as situações, como quando diz que os conflitos são “típicos da família brasileira”, a sua família não é como as outras. No inquérito do desenho da casa no HTP, ele revela que é uma casa esquisita, diferente das outras casas. A partir disso, infere-se que o “estar junto” é mais um desejo materno do que uma realidade, um desejo de uma família que seja feliz e unida, mas que na visão de Rodrigo não é como as outras. Ainda assim, ele reproduz o desejo de união da mãe quando responde que na casa moram todos da família: “pra gente ficar junto”. Entretanto, a sensação de solidão permanece, já que a união familiar que eles conseguem alcançar não é suficiente para que todos se sintam acolhidos.

Na realização das atividades, Rodrigo demonstrou que quer e precisa ser diferente do outro, ter seus desejos e necessidades próprios satisfeitos. Contudo, isso implicaria em agir diferentemente do desejo da mãe. Para que isso não aconteça, Rodrigo se retrai e não mostra seu estilo de ser pessoal, havendo um bloqueio do seu desenvolvimento emocional. Esse aspecto também é demonstrado durante o Teste das Fábulas, em que as respostas de Rodrigo demonstram uma criança que faz exatamente o que se espera dela (no caso o que a figura materna espera), muitas vezes subjugando as próprias necessidades e desejos, em favor da mãe. Com tantos problemas na família, ele sente que não pode trazer, para o contexto familiar, a reivindicação das suas próprias necessidades e do desejo de ter um lugar no mundo, por isso os desejos e a raiva são anulados em prol da estabilidade da união de todos.

Sentir-se seguro para se expressar e expor seus sentimentos, sem colocar em risco a união familiar, é muito importante para o desenvolvimento emocional de Rodrigo, pois só assim ele terá condições de sentir que é possível ser verdadeiro com os seus sentimentos, ser criativo e confiar em seus recursos.

Com tantas limitações em torno do desenvolvimento de Rodrigo e Regina cabe a Julia, a filha adotada, permitir que seja possível haver o luto real pelas perdas. A ela é transmitida essa tarefa, entre outras relacionadas às angústias mais intensas da família. Assim, Regina vive seu luto projetado na filha adotada, evitando sentir de fato, as dores das perdas que teve.

O medo de ficar sozinho, para Regina e Rodrigo, está relacionado a uma ameaça constante, pois foram muitas as dificuldades que a família precisou enfrentar. Portanto, fica clara a necessidade de ficarem juntos, para um proteger o outro e não desintegrar. Enquanto Regina projeta no outro as suas dificuldades e necessidades, Rodrigo mantém a esperança de que algum cuidado seja suficiente para que ele consiga dar continuidade ao seu desenvolvimento, afinal “alguém rega a árvore todo o dia (mesmo que seja a chuva) e assim ela permanece em pé”.

Em suma, para Regina e Rodrigo, o sofrimento derivado das perdas precisa ser reprimido. Regina precisou se distanciar da dor e tristeza da morte dos filhos (e também das outras perdas) para que assim sentisse ter condições de continuar vivendo. A elaboração do luto representa uma ideia perigosa, pois viver de fato todos os sentimentos que surgem com a consciência das perdas, poderia debilitá-la. Regina projetou no meio externo aquilo que considerou ser difícil de aceitar, assim, ela se sente insegura, pois o meio se torna hostil. Além disso, por sentir culpa, ainda há um sentimento de que ela própria foi a responsável pelas perdas, e assim, no cuidado com os filhos, ela oscila entre acreditar que pode protegê-los e, ao mesmo tempo, que pode ser nociva a eles, pois duvida da sua própria condição materna de oferecer proteção.

Como forma de defesa desse meio hostil, e do receio da desestabilidade da união familiar – que remete para Regina em proteção - as angústias são distanciadas e evitadas, assim, o desenvolvimento emocional de Rodrigo fica limitado a não condição do ambiente de ampará-lo em suas necessidades e ajudá-lo na compreensão e expressão dos seus sentimentos. Dessa forma, o ambiente também é hostil para Rodrigo, pois a iminência da perda e a fragilidade materna o impossibilitam de confiar, de ser espontâneo e se expressar criativamente, dificultando assim (para ambos, pois Regina também tem sua capacidade de criar restrita) que as perdas possam ser ressignificadas.

5.2 Família Borboleta “Pingos de Prata”

5.2.1 Síntese da entrevista: Rosário

O primeiro contato com Rosário foi realizado por meio do serviço de Psicologia da prefeitura de uma cidade próxima a Ribeirão Preto, por intermediação da psicóloga responsável pelo atendimento infantil do referido serviço. Rosário tem 38 anos de idade e trabalha no comércio. Ela buscou atendimento para o filho Leonardo de 12 anos, por sugestão da escola e do conselho tutelar, com a queixa de dificuldade de aprendizagem e com a alegação de que o menino não queria ir à escola. Ela também relatou a perda de uma filha que aconteceu há sete anos, e por isso a psicóloga responsável sugeriu sua participação na pesquisa.

Primeiramente foi realizado contato telefônico e marcado um encontro na casa da família para a apresentação da pesquisa. Tanto Rosário quanto Leonardo aceitaram a

participação e Rosário assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os encontros seguintes foram todos realizados na casa da família, por preferência de Rosário.

Neste primeiro encontro, Rosário apresentou sua casa, um imóvel pequeno, com poucas paredes e portas apenas no quarto dos adultos e no banheiro. O quarto das crianças era fechado por uma cortina. A sala estava toda enfeitada com flores em uma espécie de altar para Ana, a filha que Rosário perdeu. Havia também uma foto de Ana, que aparentava ser da época em que a menina morreu. Nesta foto aparecia apenas o seu rosto e ela estava com um pequeno sorriso; além disso, havia alguns pequenos apetrechos de meninas próximos à foto.

No segundo encontro, em que foi realizada a entrevista, Rosário foi muito educada e simpática, procurando oferecer conforto à psicóloga. Os filhos não estavam em casa e a entrevista ocorreu na cozinha.

Rosário contou de forma bem confusa, apesar de falar calma e pausadamente, sobre a sua família. Ela falou da história familiar, dos filhos e das mortes sem sequência cronológica e acrescentando informações tardiamente sobre algum assunto que já tivesse dito. Em alguns momentos, se estendeu demasiadamente em informações cotidianas sobre o seu trabalho e o trabalho de casa (como as roupas para lavar e organizar, a limpeza da casa, a disposição dos móveis) sendo necessário que a psicóloga interviesse para dar continuidade à entrevista. Rosário também foi muito enfática ao falar sobre si mesma, fazendo afirmações diretas sobre a sua personalidade do tipo: “porque eu sou assim”.

Ela começou falando o quanto a sua família é desorganizada, dando foco à sua família de origem. Contou que morou com seus avós desde pequena, pois seus pais trabalhavam na roça, e quando tentavam levá-la ao trabalho junto com eles, ela adoecia. Por isso, ela foi sendo deixada na casa dos avós, a princípio durante a semana retornando à casa dos pais aos finais de semana, e depois, quando tinha três meses de idade, a todo momento. Foi nessa época que os pais perceberam que Rosário estava muito apegada aos cuidadores e não queria mais voltar para a casa. Sobre seu avô, Rosário demonstrou um carinho especial, dizendo que sente muita falta dele e que ele era como um pai para ela, uma pessoa muito carinhosa e atenciosa: *“Nossa Senhora, ele era muito carinhoso, e eu falo que eu sou carente hoje.”* Ela continuou morando na mesma casa dos avós, mesmo depois do falecimento do avô. A respeito dessa perda, que foi muito sentida por Rosário, ela retomou as lembranças sobre os pais, relatando a falta de intimidade e carinho entre eles. Contou que sua mãe é uma pessoa que nem sempre esteve presente na sua vida e por isso, atualmente ela não sente que pode contar com a ajuda dela ou de seu pai. Relata também que teve muitos problemas nos relacionamentos com as irmãs. Justifica que isso aconteceu porque sua avó e sua mãe tinham

formas de educar muito diferentes. Segundo ela, as irmãs a acusam de trabalhar demais, o que gerou motivo para desentendimentos e uma separação com uma das irmãs em especial, chamada Suelen, que já dura cinco meses:

"Eu fui criada com a minha avó, minha vó me ensinou a vida de uma forma, elas foram criadas com a minha mãe, e minha mãe não se importava muito. Então elas falam que eu sou ambiciosa pra serviço, elas falam que eu sou muito ambiciosa pra serviço... A Suelen minha irmã, desde pequenininha, minha vó falava que ela não gostava de mim, minha vó fala que 'punhava' um vestido em mim e ela puxava meu vestido, me dava tapa" (sic).

Essa rivalidade, segundo o relato de Rosário, dura desde a infância das meninas, porém se concretizou no dia em que ela se negou a cuidar da filha de Suelen, pois precisava trabalhar. Desde então, por serem as irmãs muito próximas da mãe, ela mantém pouco contato, visitando a mãe esporadicamente, sem entrar em sua casa. Entretanto, essa rivalidade sofreu uma trégua durante o adoecimento de Ana, pois a família sensibilizou-se e todos ofereceram ajuda para Rosário. Ela diz que nessa época, as irmãs se aproximaram um pouco, mas que logo voltou a ser como era antes.

Ao falar sobre as diferenças e intrigas entre as irmãs, relatou o quanto se sente parecida com a avó. Assim como ela, Rosário não gosta de sair de casa, preferindo ficar com os filhos assistindo a um DVD; não gosta de conversar com os vizinhos, deseja deixar a casa arrumada e limpa e é muito trabalhadeira, pois pretende dar aos filhos o que ela não pode ter:

"Eu falo assim que do mesmo jeito que minha avó era, eu sou (risos). *E eu falo assim minha vó gostava de limpeza, a casa tava sempre bem arrumadinha... também não sou de ficar batendo papo com vizinho no portão não... não gosto. A Suelen falou pra minha mãe que eu só pensava em trabalhar, que eu não gostava de fazer nada na vida. Aí eu falei, eu preciso, tenho meus filhos pra cuidar... o que eu não tive de pequena eu quero oferecer para os meus filhos agora".*

Depois do falecimento do avô, Rosário se casou e teve quatro filhos. Desses, o mais velho, Lucas, nasceu prematuro de oito meses e faleceu de uma parada cardíaca logo em seguida ao parto, e a segunda mais velha, Ana, morreu aos 14 anos de câncer. Depois, do nascimento de Ana, ela engravidou de Sílvio e Leandro, que estão vivos. Na gravidez de Leandro, o último filho deste seu primeiro casamento, ela se separou e foi morar com os pais, para acompanhar o pai que estava doente. Depois de um tempo, ela começou um novo relacionamento e foi morar com o parceiro. Neste segundo casamento, Rosário teve três filhos, Edgar, Leonardo e o irmão gêmeo deste último, Guilherme, que faleceu antes de seu nascimento. Com o fim do relacionamento com o seu segundo marido, pai de Leonardo,

Rosário começou a se relacionar com Antônio, com quem está até hoje. Sobre esse relato dos casamentos, nascimentos e mortes dos filhos, desde o momento em que conhece o seu primeiro marido, ela disse: "*Aí eu casei... tive os três meninos mais velhos meu... três não, né, tinha quatro, dois morreu* (falou bem baixo). *Aí depois eu separei, separei na gravidez do Leandro... tem 17, 18 anos que eu separei. Aí fui morar com o pai do Leonardo... também não deu certo... tô no terceiro ai tentando, 'vamô' vê* (risos). *Fácil não é não, né? Mas, tem que tentar."*

Ao ser questionada sobre os eventos isoladamente, Rosário explicou: seu primeiro filho, de quem pouco falou, Lucas, faleceu há 22 anos; ela relatou a morte dele com naturalidade: "*Foi logo depois do parto, eu estava grávida de oito meses, me deu pneumonia, entrei em trabalho de parto... Aí ele nasceu, ele tinha peso, tinha tudo, mas o pulmãozinho dele tava fraco por causa da minha pneumonia, passou pra ele... Aí deu parada cardíaca, ele não aguentou"*.

Logo em seguida, Rosário passou a relatar sobre a morte de Ana, que tratou em detalhes e demoradamente, contando sobre a trajetória da doença até a morte da filha: "*Ana teve neoplasia na medula óssea, teve que fazer um transplante, não deu tempo de fazer o transplante... Aí ela teve... Deu hemorragia na cabeça, ela passou por duas cirurgias, a plaqueta abaixou demais e ela não aguentou* (disse com pesar). *Ela ficou muito doente. Só no hospital, ela ficou três meses, direto, sem vir pra casa, depois do derrame que deu na cabeça dela.* (pausa) *Uma barra muito grande que a gente passou* (falou bem baixo)*".*

Nessa época, Rosário pode contar com a ajuda familiar. Ela contou que ficava todos os dias com a filha no hospital e à noite, quem assumia o cuidado era a sua mãe ou sua tia. Disse que precisava voltar para ficar com os filhos que estavam sofrendo muito com a sua ausência, em especial Leonardo, que tinha então cinco anos de idade e não conseguia dormir sem que ela estivesse presente.

Em algumas situações em que a avó precisava se ausentar, especialmente nos momentos de tensão da doença da neta, os filhos eram cuidados pela irmã da mãe ou por amigos da família. Rosário comentou que, em relação a isso, sentiu ter abandonado muito seus outros filhos: "*Eu falo assim que eles ficaram muito 'jogados' também né... porque a gente tinha que dar atenção pra ela. Eles dormiam na casa da minha mãe, porque no outro dia era muito difícil, tinha que ir pro hospital, não tinha como tá levando, e eles na época tava na creche, pessoal da creche me deu a maior força. Eu falo que foi muito difícil aquele pedaço, tanto pra nós quanto pra eles. E se pergunta se a gente recuperou do choque, eu não recuperei... eu tenho que ser forte por causa deles, eu falo assim, se eu me enfraqueço, como*

é que eu vou cuidar deles? Não tem como". Essa ideia de que era necessário manter-se forte pelos filhos, apareceu em outros momentos na entrevista de Rosário, que também disse: "*Eu tenho que me segurar o máximo que eu posso porque senão... desaba o mundo pra eles".*

As crianças não tinham contato com a irmã doente, e solicitavam muito à mãe que pudessem vê-la. Rosário contou que após três meses da internação de Ana, ela conversou com o médico sobre a urgência dos irmãos em vê-la. Infelizmente, a garota tinha febre alta recorrentemente, e o médico concordou com a visita apenas caso ela melhorasse. No dia seguinte a essa conversa, Ana não teve febre e, assim, os irmãos obtiveram autorização para visitá-la.

Para esse momento, houve muitos preparativos como o acompanhamento de um psicólogo durante a visita, pois Ana estava muito debilitada e diferente da forma como os irmãos a tinham visto pela última vez: "*Eles iam chegar lá e não iam encontrar ela como ela saiu daqui. Ela saiu daqui andando e já não tava andando mais, ela tinha feito uma traqueostomia, cabecinha raspada... Aí o que aconteceu... mexeu muito com eles, verem ela naquele estado".* Após essa visita dos irmãos, na noite do dia da visita para o dia seguinte, Ana faleceu. Rosário se emociona ao relatar esse momento: "*Foi assim, que nem a gente tava falando né, praticamente ela quis se despedir dos irmãos para falecer, que... na hora que ela viu os meninos na beira da cama, o olho dela brilhava".*

Por fim, quando Ana faleceu, os dois filhos mais velhos, Sílvio e Leandro, optaram por continuar a morar com a avó, situação que Rosário associa à dificuldade em perder Ana e morar na mesma casa em que viveram juntos, como quando disse: "*O Sílvio também, você percebe que ele sente, ele fica parado tristinho... ele te olha, assim, triste sabe, não tem aquela coisa de conversa... Às vezes eles* (Sílvio e Leandro) *vêm aqui, senta um pouquinho e daqui a pouco falam: 'Ah... vô embora'. Nem conversa com a gente, nem nada sabe... você percebe que eles... se trancaram".*

Para Edgar, a situação foi ainda mais complicada: ele tinha sete anos de idade quando foi considerado apto a ser doador de Ana, o que impressionou muito os médicos, pois eles eram irmãos apenas por parte de mãe. Entretanto, a cirurgia não pode acontecer a tempo, pois Ana faleceu. Nesse sentido, Rosário alegou que o filho se sentiu muito culpado pela morte da irmã: "*Ele era compatível... então eu falo que pra ele foi difícil, ele se culpava na época, de não ter conseguido ajudar ela... é difícil tirar da cabecinha dele".*

Segundo Rosário a sensação de culpa e todas as dificuldades advindas da perda de um ente querido foram muito sofridas para Edgar. Em seu relato ela disse: *"Edgar deu muito trabalho, dá até hoje... Agora que ele deu uma acalmada, que ele fala que não vê ela, mas*

teve uma época que, na escola, ele não sentava na carteira porque tava vendo ela, que ela tava sentada na carteira dele... Ele não dormia à noite porque dizia que ela tava deitada na cama dele. Ele chorava a noite inteira". Com esses acontecimentos, Edgar começou a receber atendimento psicológico por meio de um convênio, porém, ao fim de 27 sessões, o atendimento acabou e Rosário deveria pedir outro encaminhamento, o que se tornou difícil para ela, por ter de entrar na fila de espera novamente. Assim, ela alegou ao psicólogo que esperaria: "*Vou rezar e pedir a Deus muito que não vai precisar"*. Como Edgar também passou por atendimento psiquiátrico, o medicamento receitado estava fazendo o efeito desejado, com isso ele estava conseguindo se distrair, tendo inclusive, atualmente, manifestado o desejo de trabalhar meio período, o que foi possível ao conseguir um emprego em uma oficina.

Leonardo também sofreu muito com a morte da irmã. Rosário enfatizou que os dois tinham uma relação muito próxima, pois Ana gostava de brincar com ele. Ela alegou que Leonardo entrou em depressão após a morte da irmã, tendo recebido atendimento psiquiátrico.

Dessa forma, com todas as dificuldades, por pelo menos três meses a família viveu momentos muito difíceis de profunda angústia. Até hoje, segundo Rosário, os dois filhos (Edgar e Leonardo) falam muito da irmã: "*Eu falo que é (pausa)... Eu falo que... isso nunca vai sair da cabecinha deles, né? Eles era muito unido, tudo eles, muito agarrado um com o outro, e... O Lucas faz 22* (que ele morreu)*, do Lucas eu sinto* (a perda)*, mas sinto mais da Ana... a Ana eu falo que a gente viveu muito tempo com ela".*

Assim, Rosário começou a contar sobre a maneira que ela e os filhos encontram para lidarem com a ausência de Ana, sendo importante para eles manter lembranças dela. Ao falar sobre isso Rosário comentou sobre a dificuldade dos filhos de se distanciarem dessas fontes de recordações: "*Esses tempos atrás eu estava tirando as fotos dela da estante... Ele* (Leonardo) *virou pra mim e falou: 'O que você vai fazer com essas fotos?'. E eu disse: 'Ah, eu vou guardar; parece que a claridade tá apagando elas'. E ele: 'Vai apagar o quê, deixa aí. Você vai deixar essas fotos aí senão eu vou colocar do lado da minha cama'. Aí eu deixei... Tem uma bolsinha de ursinho dela que eles não deixaram eu dar embora... porque as coisinhas dela eu dei quase tudo embora... e eles não deixaram essa bolsa de ursinho e nem as bonecas... As bonecas têm duas comigo... Aí eles pegam essa bolsa de ursinho, eles limpam ela e guarda... As bonecas também... eles limpam, dão banho nas bonecas... Tem um vestidinho dela, que tá pendurado lá no meu guarda-roupa. De vez em quando eles vão lá, abrem: 'Mãe não tô vendo o vestido da Ana aqui, onde é que tá?'. Aí eu falo: 'Tá no meio das roupa'. Vou lá e mostro, e eles: 'Ah bom, pensei que você tinha dado embora'. Eles não*

querem que dá aquele vestido embora. Eu não posso tirar tudo deles... de jeito nenhum... eu fui tirando os brinquedos que eram dela aos poucos, assim fui dando... pra eles não perceber muito, porque também é a maneira que eles tem de adorar ela... aí eu deixo. Lá na mesa da sala tem um buquê de flor lá que é pra levar no túmulo dela".

Além de manter as lembranças de Ana em casa, Rosário e os dois filhos mais novos costumam visitar o túmulo dela com frequência: "*A gente lava o túmulo dela, manda rezar missa... a gente não abandona não, Deus me livre".* Atualmente, a família também visita com mais frequência o túmulo de Guilherme, que está sendo reformado (colocando piso, pintando), levando flores assim como para o túmulo de Ana. Leonardo começou então a pedir que visitassem o túmulo do irmão. A respeito dessas visitas, Rosário relatou: *"Leonardo sempre diz: 'Mãe vamô por uma flor lá pro meu irmão'. Porque se eu compro flor pra por na Ana eu compro flor pra ele por lá, eu falo assim, eu não deixo sem flor lá... Vixe é a adoração deles* (Edgar e Leonardo). *Às vezes a gente vai no cemitério, eu passo lá e primeiro a gente vai lá em cima, porque a Ana tá enterrada lá, o Guilherme tá embaixo, e Leonardo diz: 'Não mãe, primeiro eu vou no meu irmão, depois vou no da Ana'... Aí assim vai, né?".* Rosário relatou que a rotina de visitar o cemitério, é desejada por todos, mas muitas vezes é uma atividade difícil para Edgar, que fica sensível e "*Entra em pranto de choro*" (sic).

Ao ser questionada sobre o irmão gêmeo de Leonardo que faleceu antes de nascer, Rosário falou das dificuldades que passaram nesse momento, pois Leonardo também correu muitos riscos em seu nascimento: "*O Leonardo, eu falo que tá comigo de tanto que eu pedi a Deus, porque olha* (risos)*... Porque o outro neném morreu dois dias antes de nascer, dentro de mim ainda. E eu não sabia que ele tava morto. Eu sentia mexer e quem mexia era o Leonardo. Aí minha bolsa rompeu, fui para o hospital... o Leonardo tava atrás do outro... ele já tava encaixado pra descer... aí o Leonardo empurrou... acho que ele fez muita força e deu desconforto respiratório nele, foi entubado... Ele ficou mais de 60 dias entubado com os aparelhos no hospital".*

Rosário contou que ficou muito preocupada com a saúde de Leonardo. Ela havia se separado durante a gravidez do pai dos meninos e por isso estava sozinha no hospital, tendo ficado bastante impressionada com a quantidade de tubos que foram colocados em Leonardo após seu nascimento. Contou que o médico solicitou que ela fosse embora para casa, pois ela desmaiou ao ver o estado do filho, mas ela se negou: *"O médico disse: 'Mãe você vai ter que ir embora'. E eu respondi: 'Não, eu só saio daqui com o meu filho vivo ou morto nos braços'. Aí ele falou: 'Ah, mas a gente vai precisar do leito'. E eu falei: 'Não tem problema, me dá*

uma coberta que eu deito no chão, mas do lado do meu filho eu não saio'. Eu fiquei dois meses direto com o Leonardo no hospital".

Sobre o irmão gêmeo de Leonardo, quando perguntado a ela sobre o nome da criança, ela contou que não foi ela que escolheu, e que: "*Eles puseram Guilherme*". Ao dizer "eles" Rosário se referiu aos seus parentes: "*Minha mãe que foi tirar o registro né, aí ela não teve como falar comigo nem nada, aí ela registrou... Mas a gente não comenta nome com ele* (com Leonardo)*, ele sabe onde tá enterrado e tudo, mas a gente nunca fica comentando muito não, porque pode ser um pouco pior pra ele".*

Quando perguntado à Rosário se Leonardo sabe da história do seu nascimento, ela respondeu que sim, pois ele é uma criança muito esperta. Da mesma forma, contou que decidiu falar a verdade sobre o pai, sobre a separação e a falta de contato dele com a família, e a respeito de um acontecimento em que ele foi acusado de assassinar a companheira, após a separação dele e de Rosário. Sobre isso, ela disse que, ainda que alguns conhecidos tenham demonstrado estranhamento por ela ter contado a história para o filho, ela achou melhor que ele soubesse a verdade: "*Surgiu uma estória aí no final do ano que o pai dele tinha empurrado a mulher do caminhão, que tinha matado a companheira... Aí vieram me falar: 'Porque você não escondeu dele? '. E eu falei: Gente põe uma coisa na cabeça de vocês, como eu ia esconder dele se apareceu até na televisão?".*

Leonardo sabe quem é o pai e eles se encontraram algumas vezes na rua, quando o menino tinha quatro anos de idade, porém nunca conversaram. Rosário contou que não permite contato entre o pai e os meninos e que o ex-marido sabe disso. Já com Antônio, o relacionamento é bom, apesar de ele preferir não se envolver na vida dos enteados. Rosário contou que, nos oito anos em que estão juntos, Antônio nunca bateu ou chamou a atenção dos meninos e sempre se refere a ela quando algo não lhe parece correto, solicitando que ela tome uma atitude: *"Antônio me chama e fala: 'Olha, você acha que tá certo o que eles estão fazendo?'. Ele é um homem bom, mas quando eu fui morar com ele eu falei: 'Ó eu posso até morar com você, eu tenho os meus filhos, mas vou te falar só uma vez, você nunca rele a mão nos meus filhos, eu sou pior do que um leão enjaulado se tratando deles'. Aí ele pegou e falou assim pra mim: ' Pode ficar tranquila, que se tratando disso, se eu tiver que falar alguma coisa, eu vou falar pra você'. E desse jeito a gente sempre continuou".*

Rosário também relatou a sua preocupação com Leonardo e sua saúde, pois desde que a irmã morreu, ela alegou que ele tem tidos "recaídas". A isso, ela refere o fato dele não querer ir à escola, que piorou muito nesse último ano (ele está há quase um ano sem ir à escola corretamente). Ela alegou que ninguém conseguiu descobrir o porquê de ele não querer

ir mais à escola. Disse que conversou com o diretor da escola, e que este disse que Leonardo estava se tornando uma criança agressiva, pois reagia às provocações dos colegas quando estes o pegavam chorando. Rosário resumiu dizendo que o filho: "Não leva desaforo para casa", e que: "Não sabe o que se passa na cabecinha dele". Nas tentativas de uma comunicação a fim de compreendê-lo, Rosário alegou que o filho abaixava a cabeça e começava a chorar, quando era questionado sobre o porquê de não querer ir à escola: "*Eu falo assim que tem muita preocupação, a gente vê tanta coisa passando na televisão, né? Vai saber se alguma coisa aconteceu e ele não quer contar... eu tô muito preocupada"*. Dessa forma, Rosário o mudou de escola, mas essa não foi uma boa estratégia, pois a escola é longe e Leonardo, que precisa ir andando, leva 40 minutos para chegar lá, o que o deixa com bastante medo.

Após o relato dessa questão sobre a distância da escola, Rosário contou sobre um possível motivo para o medo de Leonardo ir sozinho até lá, derivado de alguns episódios de desmaio do filho. Desses episódios, relatou um dia em que ele desmaiou na rua de casa, após ir à padaria. Leonardo ficou por pouco tempo desacordado e pode voltar sozinho para casa, porém todo machucado. Além desse momento, outros episódios de desmaio, ou da possibilidade de um, ocorreram em locais cheios. Entre eles, Rosário contou de um episódio em que a família estava na igreja e Leonardo queixou-se de dor de barriga, tendo ele, alguns minutos depois, desmaiado na porta de igreja, situação que Rosário questionou dizendo que talvez ele tenha ficado "muito emocionado". Ela também relatou sobre uma festa de aniversário dele, que aconteceu na casa do padrinho, onde Leonardo passou muito mal e precisou ir embora. Além desses acontecimentos, episódios parecidos acontecem quando Leonardo está na escola. Rosário relatou que na última vez em que foi à aula, o filho precisou sair mais cedo, ficando aos cuidados de uma servente, que estava muito preocupada que ele desmaiasse. Essa situação fez com que Rosário buscasse um médico: "*A gente morre de medo de ele desmaiar porque a gente não sabe o que fazer. Aí eu perguntei pra ele: 'Leonardo você sente alguma coisa?'. E ele: 'Não mãe, não sinto'. Aí foi que minha mãe levou ele na neurologista pra mim e minha mãe conversou com a neuro... Aí ela pediu uns exames mas não deu nada graças a Deus...* (pausa) *Mas a gente fica sempre com um pé atrás... muito preocupada".*

Assim, enquanto a mãe está no trabalho, Leonardo fica na casa da avó materna, e apesar da cidade ser pequena, Rosário deixa claro que o vistoria em suas idas à casa da avó: "*Ele levanta cedo e vai pra lá* (para casa da avó). *Aí a hora que eu chego do meu trabalho eu ligo pra minha mãe: 'Ele chegou?'. Aí a hora que ele tá saindo de lá ela me liga: 'Ó ele tá*

saindo daqui' aí eu marco no relógio (risos)... *Se começa a demorar eu já sei... Ele tem o caminho certinho pra ir e voltar, porque...eu fico em cima, e se ele tá demorando muito, eu vou atrás".*

Sobre o relacionamento entre os irmãos (Edgar e Leonardo), Rosário disse que é bom, e que em alguns momentos acontecem briguinhas entre eles. Nessas ocasiões, disse que aconselha os filhos, em especial Edgar que fica mais chateado e que se diz provocado, a ignorar as brigas, pois não há nada pior do que ser ignorado: "*A pior coisa do mundo, eu falei pra ele, é quando alguém fala alguma coisa pra você e você sai de perto e deixa ele falando sozinho. É um desprezo tão grande que a pessoa não vai mais fazer isso com você".* Apesar das brigas, os irmãos são unidos. Rosário disse que acredita que eles conversem sobre tudo, inclusive sobre Ana, mas não na sua frente, pois são muito reservados em relação à irmã.

Quando questionada sobre a rotina familiar, Rosário contou que os filhos dormem muito cedo. Ambos, Edgar e Leonardo, tomam algum tipo de medicamento psiquiátrico. Leonardo começou a tomar o remédio porque foi diagnosticado como hiperativo. Rosário disse que foram muito bons para ele os efeitos do medicamento, pois o garoto sequer comia sentado, e atualmente já consegue se concentrar em atividades que gosta muito como ver televisão e pintar, apesar de ser um pouco preguiçoso.

Quando estava indo à escola, Leonardo participava do "núcleo": um local para atividades extracurriculares para os alunos de baixa renda das escolas na cidade. Rosário disse que ele estava indo muito bem, mas de repente resolveu parar. Ela contou que o filho é muito desanimado com as coisas, e sempre desiste do que começou antes de ir até o fim, mas que pratica futebol todo sábado, o que o faz ficar fora de casa o dia todo.

5.2.2 Análise da entrevista: Rosário

Na entrevista, Rosário esteve muito disposta a colaborar e demonstrou satisfação por participar da pesquisa. No início, houve certa dificuldade em compreendê-la, pois sua fala era desarticulada, e os acontecimentos não seguiam uma ordem cronológica, nem tão pouco foram explorados até o fim.

Ao ser estimulada a falar sobre a sua família, ela iniciou relatando sobre a família de origem e contou a história da sua ida para a casa dos avós. Esse relato foi feito com tranquilidade e carinho, pois falar dos avós lhe desperta afeição e saudade. Durante a sua fala, Rosário chamou a avó de mãe e, ao dizer que por causa do avô ela "é carente até hoje", ela direciona o carinho que recebeu principalmente a ele, sentindo muito a sua ausência.

Inicialmente, ela justificou a sua ida à casa dos avós como inevitável para preservar a sua saúde, porém com o decorrer da entrevista, ela demonstrou ambiguidade no relacionamento e nos sentimentos a respeito da mãe, que em alguns momentos é uma pessoa com quem ela não pode contar. Ela sinaliza desta maneira, que ela sente ter recebido pouco *holding* dos seus pais, o que perdura até hoje.

Falar da sua família de origem a fez contar sobre o relacionamento com as suas irmãs, com quem ela demonstrou rivalidade e descontentamento. Para ela o desentendimento acontece, pois ela e as irmãs foram criadas por figuras diferentes (mãe e avó) que as induziram a agir de forma distinta: "*Minha vó me criou de um jeito e minha mãe criou elas de outro*". Ela demonstra, assim, que valoriza a educação que recebeu da avó e que os princípios que carrega (como trabalhar bastante para dar aos filhos o que eles precisam) não são compartilhados pelas irmãs (criadas pela mãe): por isso elas não conseguem se entender. Todavia, nessa relação também parece haver a presença de certo ciúme, indicado pela afirmação de Rosário de que não entra na casa da mãe, pois as irmãs estão lá. Ela parece sentir que suas irmãs tomam todo o espaço na relação com a mãe, já que estão sempre próximas a ela, intensificando um sentimento de solidão.

Apesar dos avós terem cuidado de Rosário e terem sido figuras importantes em sua vida, a ausência da mãe não foi sanada, por isso ela sente que não recebeu *holding* suficiente (que esperava receber da mãe). Há então a sensação e o medo de que ela pode ter sido esquecida pela mãe, fazendo com que ela se sinta privada do carinho e cuidado dos pais, sendo que suas irmãs não foram. Essa situação intensifica os sentimentos de ciúme, pois as irmãs podem ter a mãe por perto e ela não. Diante dessa rivalidade, ela se sente só e pouco apoiada, não há intimidade e segurança nas relações familiares; nos momentos em que a mãe e as irmãs puderam oferecer algum apoio (como na doença de Ana) estas atitudes não foram suficientes para que a rivalidade cessasse ou diminuísse. Dessa forma, Rosário sente que as figuras que perdeu (os avós e Ana) eram importantes, fontes de afeto e apoio, assim como os envolvimentos amorosos que teve com os seus maridos. Por isso, mesmo que existam dificuldades nos relacionamentos, ela não pode desistir de encontrar e permanecer com um parceiro: "*Tô no terceiro aí tentando, vamô vê* (risos). *Fácil não é não, né? Mas, tem que tentar"*.

Contrariamente à rivalidade entre ela e as irmãs, no relacionamento entre seus filhos, ela alegou haver união. Comentou o quanto eles são "muito junto, muito apegado". Segundo ela, isso aumentou o sofrimento deles pela perda de Ana, e dificulta ainda atualmente a elaboração da perda da irmã. Em contrapartida, ao falar sobre as brigas dos irmãos Leonardo e

Edgar, ela os estimula a “ignorar o outro”, pois dessa forma, também se ignora a rivalidade, pois, para Rosário, ela poderia desestabilizar a união familiar. Nesse sentido, a rivalidade fraterna não é trabalhada, pois as diferenças e desentendimentos precisam ser reprimidos. Da mesma forma, os filhos mais velhos Sílvio e Leandro, optam por não expor seus sentimentos quando, após a morte da irmã, resolvem morar com os avós e, ao visitar a mãe, não conseguem ficar lá muito tempo e desejam ir embora.

Sílvio e Leandro, ao optarem por morar na casa da avó, reproduzem a mesma situação de Rosário quando criança, e são, então, criados de forma diferente de seus irmãos mais novos, agindo de maneira mais reservada e intimista em relação às perdas familiares do que Edgar e Leonardo. Dessa forma, o fato dos filhos mais velhos não morarem com ela, não lhe parece algo ruim e não a deixa apreensiva (essa situação não representa uma perda). Isso acontece porque os cuidados da avó também são bons (assim como foram para ela), ainda que a forma de cuidar e educar da mãe e da avó os tornem diferentes.-Essa situação-revela também a insegurança de Rosário para exercer sua função materna. Como ela sente ter recebido *holding* insuficiente durante o seu desenvolvimento, ela não acredita que pode oferecer *holding* aos filhos, situação esta que foi reforçada com o falecimento das crianças. Assim, sentindo-se impossibilitada de oferecer aos filhos tudo o que precisam, e considerando-se prejudicial, na medida em que não se percebe como capaz de acolhê-los, ela permite que eles sejam cuidados pelos avós.

Ao contar sobre os filhos, Rosário procurou falar brevemente sobre a ordem de nascimento e morte deles. Nesse momento, surgiram muitas questões a respeito do luto e da maneira como ela reagiu à perda dos três filhos. Inicialmente, ao falar do seu primeiro casamento, ela se confundiu na quantidade de filhos que teve dizendo: “*Tive os três meninos mais velhos meu... três não, né, tinha quatro, dois morreu”*. Sua fala pode ser compreendida como uma dificuldade em considerar Ana como não sendo mais sua filha. Entretanto, ela não demonstrou essa dificuldade em relação a Lucas, o outro filho que perdeu desse primeiro casamento. Em outro momento da entrevista, ela falou sobre a diferença entre Lucas e Ana, alegando que, apesar de sentir falta de Lucas, este não fez muito parte da sua vida como fez Ana; dessa forma, a saudade da garota e a dificuldade em aceitar a sua perda são maiores.

Entretanto, o envolvimento de Rosário com a filha Ana, após sua morte, representa uma importante questão sobre o relacionamento dela com sua própria mãe desde a sua infância: como se sentiu abandonada, Rosário temeu esquecer-se da mãe e ser esquecida por ela, o que lhe causou muita angústia. Assim, na relação com a filha falecida, ela pode mostrar para a sua mãe que uma filha nunca deve ser abandonada e esquecida. Dessa maneira, ela

reforça os rituais e recordações sobre Ana, que acontecem por meio dos comportamentos de Edgar e Leonardo.

Ao falar sobre Ana, Rosário se emocionou e contou muitos detalhes sobre a trajetória da família desde a doença da filha até sua morte. Seu relato nesse momento ganhou um pouco mais de ordem cronológica. Ela relatou então sobre a doença e a dificuldade da família ao receber a notícia e conviver com o tratamento: "*Uma barra muito grande que a gente passou*". Sobre o período no hospital, Rosário o relatou com pesar e, durante a sua fala, procurou enfatizar o quanto se esforçou para estar junto da filha (ainda que isso significasse distanciar-se dos outros filhos). Ela procura, assim, valorizar suas atitudes como mãe (o que ela demonstra também em outros relatos, por exemplo, do nascimento de Leonardo), comunicando que acredita ter feito tudo o que podia. Apesar de ficar o dia inteiro no hospital com Ana, Rosário pode passar as noites com os seus outros filhos, pois sua mãe e sua tia a ajudavam nos cuidados da filha doente. Ainda assim, estando presente o quanto podia, Rosário alegou que seus filhos ficaram "muito jogados", demonstrando um sentimento de culpa, pois, por sentirem muito a sua falta, Leonardo e Edgar "deram muito trabalho", choravam e não dormiam sem a mãe.

Com as dificuldades que a família precisou enfrentar, a união familiar parece ser vista por Rosário como algo de grande importância: ela procura enfatizar bastante a saudade que um sentia do outro. Os meninos queriam a mãe e queriam a irmã, a irmã queria ver os irmãos, e a mãe se sentia mal por sua ausência na vida dos outros filhos. Essa era uma realidade dura e difícil para todos. Nesse sentido, ela relatou com muita emoção a última vez que os meninos viram a irmã, ressaltando que a necessidade de se verem e estarem juntos era tão grande, que Ana: "Quis se despedir dos irmãos para falecer".

Depois da morte de Ana, há uma separação e um adoecimento na família. Os irmãos mais velhos vão morar com a avó e Edgar e Leonardo começam a ter vários sintomas. Dessa forma, Rosário afirma a necessidade de que ela própria seja forte para ajudar os filhos na aceitação da perda: "*Tenho que ser forte senão o mundo desaba para eles*". Ela demonstra, assim, que seu luto não pode ser vivido plenamente. Rosário parece acreditar que a família não conta com ajuda externa nesse momento pós-perda, apesar de reconhecer que a teve durante o adoecimento de Ana (família de origem, creche, patrões, etc). Entretanto, foi uma ajuda que durou pouco e por isso, as suas atitudes para com os filhos são muito importantes e servem de exemplo.

A família busca então a construção de alguns rituais para Ana, de forma a não se esquecer dela e buscar mantê-la viva de alguma maneira: "*A gente não abandona não, Deus*

me livre". Ela demonstra medo de esquecer a filha, pois isso representaria abandoná-la. Entre esses rituais estão a manutenção de objetos pertencentes à Ana (como as bonecas, bolsas e roupas), as fotos da menina colocadas na sala de forma reservada lembrando um altar, as visitas ao cemitério para levar flores e as missas em sua homenagem.

Ainda que rituais desse tipo sejam importantes para que a família possa elaborar a perda do ente querido, quando Rosário discorre sobre eles, ela demonstra o quanto os sentimentos derivados da perda estão fortemente presentes na família. Ela revela um sentimento de satisfação sobre essas atitudes, causando a impressão de que a perda de Ana é recente. O luto é subjetivo e individual em cada família. Para a família de Rosário, Ana está presente de diferentes formas, e ainda que sua morte não seja negada, a sua ausência parece ser. Assim, há um esforço para recordá-la por meio da manutenção de objetos que pertenceram à menina e dos rituais em sua homenagem, para que Ana seja uma figura presente em suas vidas, determinando parte da rotina familiar. Para tanto, é necessário que formas concretas da presença de Ana sejam mantidas, e que sejam visíveis, pois de outra maneira poderia lhes causar a impressão de que houve um abandono, que representaria um esquecimento, situação esta que não seria suportada. Ana tem o significado de um elo para a família. É por meio das lembranças e rituais para ela que a família se une e encontra coisas em comum. Assim, há uma união por meio da morte, pois esta possibilita que a família tenha um objetivo em comum que lhes estimula a ficarem juntos. Ir ao cemitério, por exemplo, é um momento valioso em que a família, apesar de tomar como uma obrigação consegue sentir prazer por estarem juntos.

No relato de Rosário, ela ressaltou o quanto todas essas atitudes são importantes e principalmente requeridas pelos filhos. Ela alegou que os meninos não querem dar embora os objetos de Ana, pedem que a família vá ao cemitério, e são eles que consideram que doar os objetos e fotos de Ana são uma forma de abandoná-la. Diante disso, Rosário permite essas atitudes e desejos, pois considera essa uma forma de expressão real dos sentimentos deles: "*É a forma que eles têm de adorar ela*". Nesse sentido, Ana passa a ser percebida como uma figura quase santificada e essa admiração leva a uma identificação dos meninos e de Rosário com a falecida.

Para os meninos, manter Ana "viva" na rotina da família significa também manter "viva" a própria família, e garantir que a mãe não os abandonará. O medo de que Ana seja abandonada representa o medo de que eles próprios também o sejam, pois não há segurança de que a figura da irmã tenha sido bem introjetada pela mãe, e assim eles precisam ajudá-la. Ao vivenciarem a angústia materna, os meninos percebem a importância de manter as

lembranças da irmã, no sentido de que, para Rosário, uma filha deve estar sempre presente na realidade psíquica da mãe. Rosário, por sua vez, quer esquecer o passado doloroso e a angústia relacionada à perda da filha. Entretanto, ela sente necessidade de mantê-la viva de alguma maneira, desejo este que é satisfeito por meio dos rituais para recordá-la. Os rituais então são assumidos pelos filhos, que exercem a função de lembrar-se da irmã e apropriam-se do luto para que a mãe não precise fazê-lo. Nesse forte apego às lembranças de Ana e na plena vivência do sofrimento de sua perda, sobra pouco espaço para que os outros problemas da família sejam trabalhados.

Dessa forma, a família não pode permitir o abandono de Ana (para que ela seja sempre lembrada pela mãe). A atitude de Leonardo e Edgar sobre a manutenção das lembranças de Ana, também demonstra um sentimento de culpa, gerado pela morte da irmã, que representaria a concretização da rivalidade fraterna. Nesse sentido, os seus sintomas, representam à culpa por estarem vivos, como é comum aos irmãos enlutados, de crescerem e se desenvolverem apesar da morte da irmã (e assim, por meio dos rituais, eles podem reparar o que sentem ter tirado dela: a mãe).

Edgar apresentou muitas dificuldades que prejudicaram o seu desenvolvimento, após o falecimento de Ana. Como relatou Rosário, ele precisou de atendimento psicológico, pois tinha visões que o aterrorizavam da irmã na escola e em seu quarto, além de sentir-se culpado por ter sido escolhido como doador de Ana e não ter podido colaborar com a sua melhora. Após o atendimento psicológico, Edgar foi levado ao psiquiatra e começou a fazer uso de medicação, o que o acalmou. Isso fez com que Rosário achasse que não seria necessário recorrer novamente a um atendimento psicológico, ainda que o filho continuasse a apresentar manifestações de sofrimento e que ele começasse a se tornar mais “maduro” (pois, desejou começar a trabalhar). Entretanto, Rosário tende a amenizar a situação de Edgar, apesar dos seus sintomas manifestos (seja na época da perda ou no momento atual), crendo que o remédio já é suficiente para a sua melhora. De maneira similar, ela age com Leonardo (ainda que ele receba um pouco mais de sua atenção no que diz respeito aos sintomas manifestos). Há uma tentativa por parte de Rosário de manter os sintomas dos filhos, pois eles representam uma forma mais concreta de trazer Ana e os sentimentos da sua perda para dentro do contexto familiar.

Nesse sentido, quando se refere às consequências da morte de Ana nos filhos, ela diz que Edgar “deu muito trabalho” e que Leonardo “entrou em depressão”. Sua fala a respeito dos filhos é mais superficial e a preocupação que ela alega ter (especialmente com Leonardo) é dita mecanicamente e com pouca afetividade. Esse afastamento se deve ao fato de Rosário

sentir que os sintomas dos meninos não são preocupantes, pois eles mantêm Ana na família. Dessa maneira, Rosário se esforça para manter sobre controle as "recaídas" de Leonardo (recusa a ir à escola e episódios de desmaio), sem conseguir relacioná-las entre si, e saber o que de fato elas representam (ela disse que Leonardo pode ter desmaiado na igreja porque "*ficou muito emocionado*"). Portanto, ela não consegue compreender o porquê de Leonardo não querer ir à escola, ainda que o silêncio e desconforto do filho causem questionamentos e receio do que pode estar acontecendo: "*Vai que algo aconteceu e ele não quer dizer*".

Diante do comportamento de Leonardo, Rosário busca justificativas na personalidade dele: a respeito da agressividade do filho com os colegas "ele não leva desaforo para casa", sem atentar ao motivo que leva Leonardo a ser agressivo. Os episódios de desmaio despertam mais ansiedade por parte de Rosário: ela busca "monitorar" as saídas de Leonardo de casa para garantir que ele chegue onde precisa. Entretanto, a busca do médico que após consultá-lo disse que ele "não tinha nada" e, assim como em Edgar, o uso de uma medicação psiquiátrica, faz com que ela se acalme, como quando diz que os remédios "são muito bons" e "ajudaram muito". Assim, é possível pensar em um interesse pelo cuidado dos sintomas e não pela causa (pois eles colaboram no processo de recordação de Ana e por isso não devem ser combatidos completamente).

Apesar das dificuldades, as questões relativas à saúde de Leonardo parecem receber mais atenção de Rosário. Dessa forma, ela busca atendimento psicológico para ele e não para Edgar, inclusive porque a busca pelo tratamento é requerida pelo conselho tutelar. Leonardo, ao desejar parar de ir à escola e perder interesse no aprendizado, parece não se permitir desenvolver, assim como o irmão. Seus sintomas o impossibilitam de locomover-se sem que alguém precise estar completamente atento a ele e dificultam a sua interação social, o desenvolvimento intelectual e emocional. Rosário fala sobre a sua percepção do total desinteresse de Leonardo pela escola e por aprender ou por qualquer atividade que ele inicie (como quando se refere às atividades extracurriculares (o núcleo) que tinha depois da escola, em que ele ia e gostava, mas desistiu). Da mesma maneira, se contradiz quando conta do quanto Leonardo gosta de jogar futebol aos sábados, onde inclusive passa o dia inteiro fora e nunca teve um episódio de desmaio. Ainda que Leonardo goste do futebol, ele desiste também dessa atividade. Essa dificuldade de estar em outros lugares e se envolver com atividades fora do ambiente familiar (como a escola) demonstra um receio por parte de Leonardo de estar só e de deixar a mãe só, o que prejudica o seu desenvolvimento.

Outra questão que parece ser amenizada quanto a sua seriedade, é sobre o nascimento de Leonardo. Nesse momento, Rosário também apresenta uma contradição ao falar que não

esconde nada do filho dizendo que ele é muito esperto, e ao mesmo tempo, que preferiu não contar detalhes sobre esse acontecimento. Ainda que essa seja uma forma de proteger o filho, as possíveis consequências desse evento no nascimento são desvalorizadas. Rosário relatou com pouca apropriação dos sentimentos o fato de Guilherme estar "morto dentro dela" e de Leonardo ter precisado fazer "força para nascer", o que lhe causou um "desconforto respiratório" e, posteriormente, uma longa internação na UTI. Assim como ao relatar sobre Ana, ela ressaltou o esforço que fez pelo filho Leonardo, ao ficar com ele, ainda que não houvesse um leito para ela no hospital: "*Só saio daqui com o meu filho vivo ou morto nos braços*" (demonstrando, mais uma vez, sua crença de que uma mãe não pode abandonar um filho). Essa situação em que não foi possível viver o luto de um filho, pois o outro corria riscos, fez com que Rosário tivesse necessidade de se voltar para a preocupação mais urgente sem a possibilidade de viver o pesar pela perda.

Entretanto, após a melhora de Leonardo e com o passar dos anos, o luto não vivido de Guilherme continuou. Ainda durante seu relato, falar mais profundamente a respeito da morte desse filho foi um processo difícil. A informação sobre esse irmão gêmeo de Leonardo aparece depois de um bom tempo de entrevista, e é dita de forma abafada e contida, como um acontecimento que não precisa de reflexão, como quando disse: "*Ele era gêmeo, o outro faleceu. O Leonardo eu falo que tá comigo de tanto que eu pedi a Deus, porque olha* (risos). *Porque o outro neném morreu dois dias antes de nascer, dentro de mim ainda".* Leonardo representa a sua capacidade de produzir algo bom (e de vencer as dificuldades), já sobre Guilherme, não há muito o que dizer (até mesmo o nome da criança não foi ela quem escolheu). Ao falar das visitas ao cemitério, ela se referiu a Guilherme de forma a compreender que as visitas a ele são mais recentes, e que Leonardo é o responsável por desejar visitar o irmão e insistir para que isso seja feito da mesma maneira como para Ana (levar flores para o seu túmulo e reformá-lo, representando também uma maneira de reparar o irmão assim como ele o faz com Ana por meio dos seus rituais).

Nesse sentido, da mesma maneira que para Edgar perder Ana pode ter lhe despertado um sentimento de culpa, em Leonardo esse sentimento também pode existir, pois ele sobreviveu a uma situação que seu irmão gêmeo não pode. Assim, a rivalidade entre irmãos, e as consequências dela, nessa família, pode ser compreendida como algo que aconteceu concretamente, que dificulta a continuidade do desenvolvimento dos meninos pelo sentimento de culpa, sentimento este fortalecido pela dificuldade em concretizar o luto e elaborar os sentimentos derivados dele. Assim, para os irmãos há necessidade de reparar, trazendo as questões relativas às perdas, especialmente de Ana, para dentro do ambiente familiar. Junto à

rivalidade que existe entre os irmãos, está a rivalidade da mãe com as suas próprias irmãs, que por ser fonte de conflito, ocasiona em dificuldades para Rosário intervir na rivalidade entre os filhos (como quando diz na entrevista que sugere aos meninos ignorarem uns aos outros nos momentos de conflitos), influenciando na forma como esses sentimentos devem ser trabalhados.

A sensação de abandono causada em Rosário quando foi deixada com os avós, fez com que ela temesse ser esquecida pela mãe, especialmente por sentir que pode ter sido substituída pelas irmãs. Nesse sentido, criou-se uma rivalidade entre Rosário e as irmãs, na qual Rosário sentiu-se negligenciada, durante a sua infância, do carinho e cuidado materno. Mesmo que sua mãe a auxilie atualmente, a mãe da infância, e o que ela simbolizava, ainda permanece. Diante dessa sensação de que foi excluída, Rosário teme perder a sua capacidade de criar no mundo (pois não há nada pior que ser ignorada) e, somado a devastadora experiência de perda dos filhos, sua capacidade de agir de forma espontânea e criativa fica ainda mais debilitada.

Portanto, as questões relativas à morte de Ana devem ser vividas e lembradas para que a filha não seja esquecida como ela sente ter sido. Com o falecimento de Ana, Rosário deseja mantê-la junto à família, pois assim pode demonstrar para sua própria mãe que uma filha sempre continua presente na realidade psíquica da mãe. Para tanto, os filhos, principalmente Leonardo e Edgar, têm uma importante função: vivenciando as angústias maternas, e sentindo necessidade de lembrar a irmã, eles podem tornar reais as necessidades de Rosário (por meio dos sintomas e rituais Ana está presente). As lembranças desta perda a fazem pensar sobre a sua dificuldade em oferecer *holding* a eles, sentindo assim, que ela falha em sua função. Desse modo, Leonardo pode representar uma vitória e a superação do medo de que ela não seja uma boa mãe (pois ele sobreviveu), e ela se empenha em cuidar dele (da maneira que lhe é possível).

Com essa história de vida, a família se une buscando conter a rivalidade que possa existir entre eles. Dessa maneira, com os esforços concentrados na manutenção das lembranças de Ana e nos rituais em sua homenagem, ao viver a morte há pouco espaço para a vida.

5.2.3 Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E): Rosário

No dia em que aconteceu a aplicação do DF-E, Leonardo estava em casa (Edgar havia conseguido um trabalho e por isso não estava ausente). Rosário alegou que não tinha onde

deixar Leonardo, mas que o procedimento poderia acontecer na cozinha enquanto ele esperaria na sala assistindo televisão. Leonardo estava muito ativo e animado, mas se acalmou ao se preparar para assistir um filme de que muito gostava. Após um tempo do início do procedimento, entretanto, aconteceu um acidente na rua da casa em que moram, no qual um caminhão bateu em um poste causando uma queda de energia na rua. Esse acontecimento deixou Leonardo furioso, pois a televisão não poderia ser ligada. Dessa forma, ele ficou andando de um cômodo para outro, insistindo que a mãe fizesse algo a respeito para que a televisão funcionasse.

Entretanto, por se sentir muito frustrado e agitado, Leonardo ao entrar várias vezes na cozinha, observou o procedimento, tentando participar dele em alguns momentos. Essas "invasões" de Leonardo não foram impedidas pela mãe por um bom tempo, que em alguns momentos permitia e se divertia com as "colaborações" do filho. Por fim, ela se cansou e começou a ser mais ríspida. Ele, contrariado, a obedeceu por uns minutos. Durante essas interferências, Rosário percebeu que Leonardo não tomou seu medicamento (e contou sobre o quanto era difícil lidar com a sua hiperatividade antes dele começar a tomar o remédio), e o fez tomá-lo. Mais tarde ele continuou fazendo muitas solicitações à mãe, especialmente pedindo que ela arrumasse a televisão ou que ela lhe oferecesse algo para comer. Após um tempo, a energia retornou e Leonardo foi assistir ao seu filme, fazendo pequenas interrupções e voltando para cozinha ao fim do procedimento, para mostrar os produtos que sua mãe vendia (na sua maioria itens de maquiagem e sapatos), desejando que a psicóloga os comprasse, pois eram "muito bonitos" e "combinavam com o estilo da psicóloga". Junto a isso, houve momentos rápidos de interrupção do procedimento por visitantes e telefonemas, situações, entretanto, já esperadas por ser o local de aplicação a própria casa do participante.

Durante esses acontecimentos, foi sugerido que o procedimento ocorresse em outro momento, mas pela dificuldade com os horários, Rosário preferiu dar continuidade a ele naquele mesmo dia.

A respeito do próprio procedimento, Rosário estava bem disposta e se divertiu. Entretanto, disse várias vezes que não sabia desenhar. Assim, ao fim dos desenhos sempre ria e demonstrava um pouco de insegurança.

a) Primeira Unidade de Produção (UP): Uma família qualquer

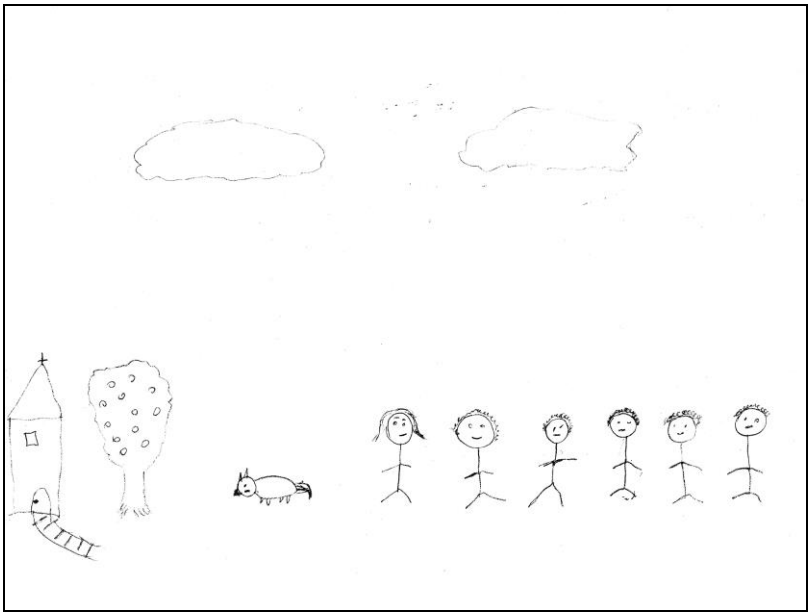

Figura 8: Primeira unidade de produção de Rosário no DF-E

Antes de Rosário começar a contar sua estória, no momento de construção desse primeiro desenho, Leonardo se aproximou dela para perguntar-lhe o que ela estava fazendo, e riu quando ficou sabendo da proposta. Logo ele sugeriu que ela o desenhasse, assim como desenhasse Antônio, Edgar e o cachorro da família, insistindo constantemente. Leonardo também fez comentários brincalhões, por exemplo, sobre o tamanho da cabeça das pessoas do desenho. Mãe e filho riram muito das interferências de Leonardo e Rosário se queixou com ele de não poder usar borracha, por isso ele não poderia rir dos desenhos que ela estava fazendo. Assim, ele começou a lhe dizer de que forma ela deveria fazer o desenho do cachorro. Rosário não atendeu às sugestões de Leonardo, dizendo que era "muito complicado", o que o deixou ansioso. Assim, ele fingiu que estava nervoso com a situação, atitude que divertiu a mãe. Ao final do desenho, ela atendeu a um dos pedidos do filho, e fez o cachorro da família. Leonardo ficou animadíssimo e correu para o quintal a fim de conferir se ela "estava fazendo o cachorro corretamente", voltou concluindo que não estava parecido. Assim, Leonardo questionou onde estavam a boca e os olhos do cachorro. Quando Rosário mostrou a ele, Leonardo ficou indignado e riu dizendo: *"Você tá 'me tirando' então!"* (sic). Rosário não se importou com o comentário e continuou o desenho. O filho olhou para a árvore que ela desenhou, ficou muito empolgado e disse que estava boa, questionando se aquela seria uma árvore de manga. Os dois ficaram discutindo qual pé de fruta seria a árvore (de acordo com as preferências de Leonardo).

Ao fim, Leonardo e Rosário tiveram uma pequena discussão sobre o desenho, pois ela incluiu os irmãos mais velhos Sílvio e Leandro. Leonardo disse: [L – Ah, mas esses aqui moram separados]. R - *Não tem problema, e se eu quisesse que eles morassem comigo?* [L- É... esse, esse, essa...] R- *E se eu quiser por eles pra morar aqui, pode ser?* [L- Pode! Chama eles pra vim.] R- *O quê?* [L - Chama eles pra vim!]. Nesse momento Leonardo falou com tom de provocação, o que fez com que Rosário se esquivasse do assunto, dizendo que o filho não tomou o remédio e por isso estava agitado. Os dois tiveram uma discussão sobre isso, Leonardo tomou o remédio e saiu cantarolando para a sala. Solicitou-se então que Rosário contasse uma estória sobre o desenho.

Estória

Ai Meu Deus! (risos) *Uma estória?*(com expressão de preocupação) [Você já começou aqui, falando com Leonardo que a família vai à igreja] *É... eu gosto de ir na igreja* (nesse momento, com a voz eufórica, Leonardo a interrompeu para falar sobre a queda da energia e começou a se lamentar pela possibilidade da televisão ter queimado. Rosário manteve a calma e foi dando instruções para o filho que começava a ficar impaciente) *Então... minha estória... meus filhos não moram todos comigo, né?* (pausa) *E se eles morassem daria para sairmos todos juntos.* (Leonardo interrompeu mais uma vez e ela foi atendê-lo, retornando com um ar cansado) *Então, minha estória seria essa.* [Mais alguma coisa?] *Não* [Então essa é a sua família] *É... Eu, o Antônio, e os meninos* (pausa) [Você pode dar um título para essa estória, para esse desenho?] (pausa) *Não sei... Acho que se tivesse todo mundo morando junto, traria mais felicidade... Porque assim, tem hora que eu não me importo deles morarem com a minha mãe, mas tem hora que eu sinto falta.* [É... e aqui no desenho é você, o seu marido e os quatro filhos... que título você daria então?] "*Família feliz"*.

Interpretação

Em seu primeiro desenho, Rosário o faz mais elaborado, com um maior preenchimento do espaço (igreja, árvore, nuvens e cachorro), apesar da presença de figuras esquemáticas. Ainda assim, é um desenho bastante empobrecido, com uma evidente tentativa de não se expor. As pessoas desenhadas não possuem uma face completa (ausência de nariz) e expressão facial. A árvore é desenhada com frutos e raízes, representando um sinal de esperança, de uma família que ainda tem condições de prover para si própria, porém não há

linha de solo, o que demonstra uma ausência de firmeza e de segurança no ambiente. O desenho da igreja e dos filhos parece ser feito para representar aquilo que se espera de uma família, o que seria moralmente aceito (ir à igreja e ter os filhos morando com a mãe), além do desejo de todos estarem juntos. Por outro lado, a igreja também pode significar simbolicamente, uma forma de representar e lembrar Ana, sendo possível o contato com ela dessa maneira.

A estória que se segue é uma descrição do desenho, mas com a expressão do desejo de estarem todos juntos, revelando que Rosário ficaria feliz com isso. Pensar em um momento em que todos estão juntos (sendo ela a responsável por oferecer o cuidado para os filhos) somada a culpa pela distância, fez com que ela descrevesse o desenho e não tivesse condições de elaborar e criar sob uma proposta de família idealizada (aquela que ela gostaria de ter, mas não tem).

A atitude ativa de Leonardo, nesse primeiro desenho, inicialmente, foi sustentada com uma relação de carinho entre os dois, em que foi possível imaginar a família ideal (e que traria a satisfação das necessidades, como na discussão sobre qual pé de fruta seria a árvore). Entretanto, também representou a relação de dependência que ele possui com a mãe, e o desejo que ela o gratifique (arrume a televisão, desenhe um cachorro que ele goste) e que ela não se esqueça de garantir a continuidade de existência dele.

Por fim, ao questioná-la sobre a inserção dos irmãos no desenho que “moram separados e por isso não deveriam estar lá”, Leonardo a provoca e não se intimida diante da tentativa de Rosário de incluir os filhos e assim introduzir também a rivalidade fraterna, pois ele percebe que, no caso desses dois irmãos, eles estão presentes na realidade psíquica da mãe, ainda que morando longe dela, e por isso, não sente a rivalidade como ameaçadora.

b) Segunda UP: Uma família que você gostaria de ter

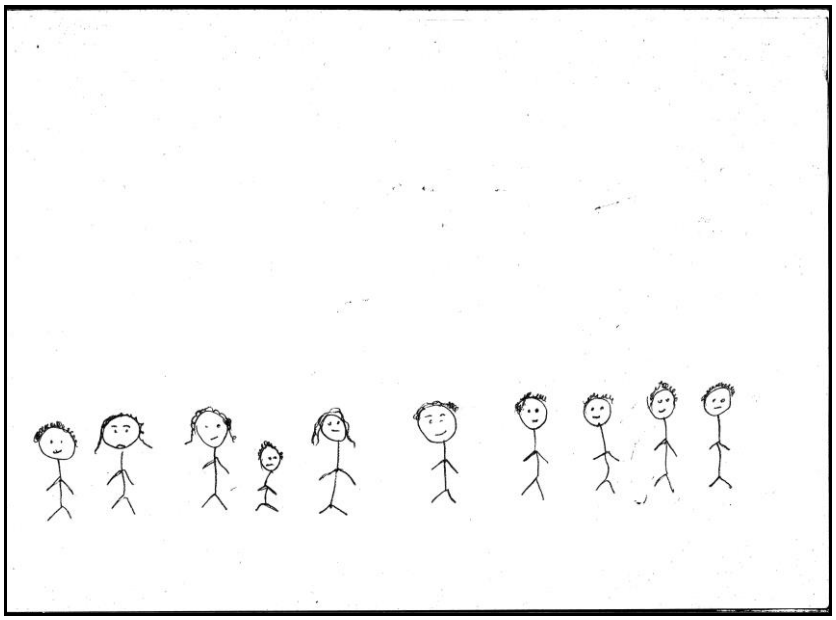

Figura 9: Segunda unidade de produção de Rosário no DF-E

Assim como no primeiro desenho, Leonardo interferiu. Ele começou dizendo que esse era um desenho ainda mais difícil do que o outro e observou a mãe desenhar, perguntando quem são as pessoas: [L- Quem é?] R- *Meu pai*. [L- E aí é a sua mãe?] R- *Pode ser*. (dá de ombros) [L- Ué, mas faz eles dando as mãos mãe!] R- *E aí eu vou desenhar minha vózinha aqui.* [L- O cabelo dela não é assim] R- *Não consigo desenhar o cabelo dela, o que vale é a intenção.* [L- E aqui é a Camilinha] R- *Nãoo... não vou desenhar a Camilinha não! Aqui ó pai, vô, vozinha, e depois vem mais pra cá*. [L- Aí você põe a Camila aqui.] R- *Tá, você quer pôr a Camila, vamos pôr a Camila.* [Quem é Camila, sua prima?] [L- É... menininha, filhotinha ainda] (Camila é filha de Suelen) R- (risos) *Pronto. A Camilinha... serve assim?* [L- Mas tem que por o nome!] R- *Precisa por?* (não coloca os nomes) *Então pronto.* [L- Tem que desenha mais um desses aqui] R- *Pronto*.

<u>Estória:</u>

Aí, uma estória... Uma estorinha... A vózinha tá aqui, porque ela é como uma mãe pra mim foi ela que me criou, a minha mãe e meu pai, pertinho de mim... Meus quatro filhos, o Antônio e a Camilinha. (Rosário ficou emocionada) [L- Ah, você tá chorando!] (risos). *Não tô não* (risos). [E aí o que eles estão fazendo, o que estão sentindo?] *Todos reunidos... No momento aqui não estão todos felizes, mas na minha estória eu gostaria que estivessem todos felizes*. [L- Não mente que é feio!] R- *Ah, mas eu não tô mentindo, tá todo mundo feliz no*

momento? [L- Não.] R- *Então, só que na minha estória eu queria que tivesse todo mundo feliz. Tá bom assim?* [L- Tá.] R- *Então tá bom.* [O que eles estão fazendo aí no momento da sua estória?] R- *Bom, no momento da minha estória eles estariam reunidos aí para uma festa*. [Que tipo de festa?] [L- Junina!] R- *Não!* (Leonardo riu) *Seria uma festa...* [L- Da Lapa!] R- *Ah, o aniversário da vózinha que tá chegando.* [L- O meu! O meu foi e ninguém me deu presente.] [O aniversário da sua avó está chegando?] R- *Tá... ela tá fazendo 89 anos.* [L- O meu foi e ninguém me deu presente! Porque a senhora não vai me dar?] (diz com insatisfação) R- *Eu vou te dar já te falei isso.* [L- Ah e o que é... uns 'dois real'?] R- *Tudo o que demora, quando chega... chega bem.* [L- Ô mãe... me dá 'dois real' pra mim comprar pão de queijo pra mim assar? Ah, não compra assado, é ruim eu gosto quentinho. A senhora dá?] R- (suspiro) *Aí seria essa família* [Mais alguma coisa? E o título?] (Leonardo continua insistindo para conseguir o pão de queijo) R- *Ah seria... "Família em festa".* (Leonardo começa a cantar).

Interpretação

Na representação da "família que você gostaria de ter" Rosário expande as figuras desenhadas incluindo pessoas da família de origem. A mãe de Rosário, com quem o relacionamento é mais conflituoso, é desenhada com um sorriso triste, logo após ela concordar com Leonardo de que seria essa sua mãe e de ignorar o seu apelo de "fazê-los de mãos dadas" (mãe e pai de Rosário). Dessa forma, nesse desenho, fica clara a dificuldade e ambiguidade no relacionamento com a mãe, além da raiva e do descaso para com ela, representadas na resposta "pode ser" para Leonardo quando ele perguntou se aquela é a sua mãe (ela tenta assim demonstrar que a mãe não é importante).

A avó é desenhada com um pouco mais de cuidado e afeto (ela leva, inclusive, um objeto no cabelo), a sua figura e a figura do marido recebem maior ênfase. Nesse desenho em especial, é possível perceber que os filhos não têm diferenciação entre si. Novamente, com o uso dos desenhos esquemáticos, compreende-se que houve uma tentativa de se distanciar da situação e não se envolver muito com o procedimento.

Durante a construção do desenho, foi possível perceber "subgrupos" na família, pai-e-mãe, avó (a figura de Camila é colocada no fim do desenho por insistência de Leonardo; antes disso havia um espaço entre avó e ela própria), Antônio, e os filhos. Esse espaço, em que foi incluída Camila, representa o ajustamento de Rosário com a sua família de origem. Ela não desenha nenhuma das suas irmãs, por isso, o desejo de não incluir Camila, quando Leonardo solicitou, está relacionado aos sentimentos da rivalidade fraterna em que a sobrinha representa uma irmã, e na "família em que gostaria de ter" a rivalidade fraterna não deve ser permitida,

pois desestrutura a união familiar. Nesse sentido, Leonardo insiste e representa o desejo da mãe e da família de uma maior aproximação com essa irmã (pois, assim seria a família que gostaria de ter, sem conflitos).

A estória se refere a um acontecimento feliz, com um título feliz, que é contradito pelo próprio desenho. O desejo de "estar em festa" e unidos demonstra uma realidade em que essa união familiar não acontece. Esse desejo e a afirmação de que gostaria que estivessem todos felizes são desmentidas por Leonardo, quando ele lhe disse "não mente que é feio". Nesse sentido, da mesma forma que Rosário relembra o carinho recebido pelos avós e demonstra que não sente ter recebido o mesmo dos seus pais, Leonardo expressa a sua insatisfação para com a atenção a que lhe é oferecida, quando questiona a respeito do seu presente de aniversário. Ele também acusa a mãe de tentar lhe "comprar" oferecendo algo que não é o que ele precisa ("uns dois real"). Assim, como há uma distância entre Rosário e sua mãe, Leonardo teme que haja também uma distância entre ele e Rosário, que ela o esqueça, e que não possa atender as suas necessidades. Ele demonstra então que deseja mais afeto de sua parte (como quando diz que "não quer o pão de queijo pronto da padaria, e sim aquele que se assa em casa e se como quentinho"). Entretanto, Rosário não percebe as necessidades de Leonardo dessa maneira, e não consegue ir ao encontro da criatividade dele no momento em que ele solicita, falhando na tentativa de atender o ritmo do filho e responder com o objeto que ele cria.

c) Terceira UP: Uma família em que alguém não está bem

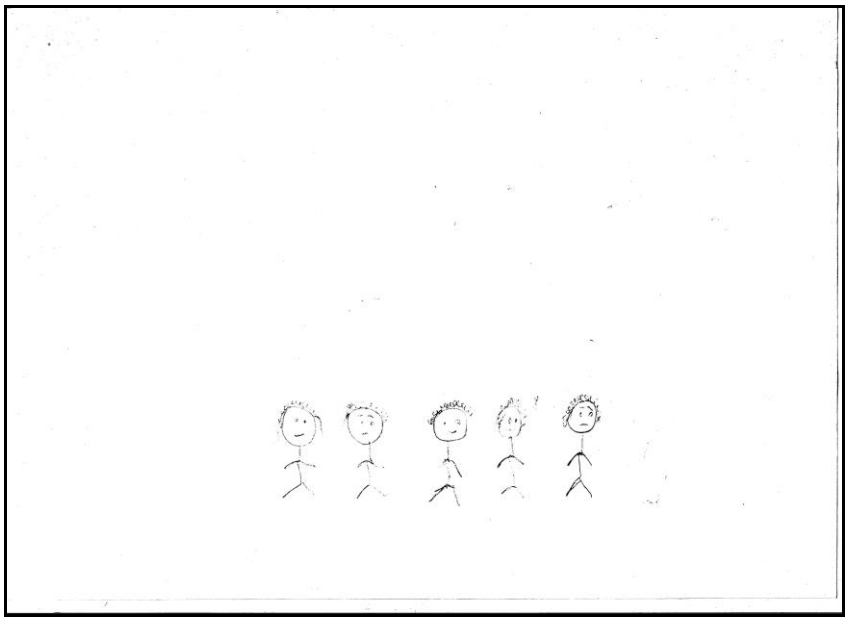

Figura 10: Terceira unidade de produção de Rosário no DF-E

Após a sugestão do terceiro desenho, Leonardo havia se sentado junto à mesa, mesmo com as insistências de Rosário para que ele fosse para a sala. Ao escutar a proposta, ele já disse: [L- Ixiiii!] (bem alto) R- *Ninguém está bem na nossa família* [L- Essa aí pra fazer desenho é péssima! (pausa) Não cansou mãe? (com tom provocativo) Então deixa eu fazer!] [Você quer fazer um desenho de uma família também?] [L- Não.] (Leonardo ri, volta a reclamar da televisão e vai para a sala).

Estória

Após o fim do desenho e da saída de Leonardo, antes mesmo que fosse solicitado para contar uma estória, Rosário começou a falar muito baixo: R- *Bom, essa família não tá bem... Porque não tá todo mundo lá* [Eles estão tristes então?] R- *Sim* [E o que eles estão fazendo nesse momento?] R- *Estão reunidos... Eu, meu marido, o Leandro, Sílvio, Edgar, procurando alguma coisa pra levar pra ele* [Essa aqui é você?] (apontando para a primeira figura) R- *Ãhn. O Antônio, o Leonardo, o Edgar e o Sílvio* [Ele tá aqui?] R- *Não ele tá longe* [Onde estão?] R- *Pode ser na minha casa mesmo* (fica emocionada) [E o título?] R- *"Família infeliz*".

Ao fim da estória, Rosário estava muito emocionada. Foi feito uma pausa para que fosse possível lhe oferecer acolhimento psicológico. Nesse momento, ela contou que seu filho Leandro estava preso, acusado de tráfico de drogas, segundo ela injustamente, pois na realidade uma pessoa havia planejado tudo para que seu filho fosse acusado do ato. Ao se referir a essa pessoa, ela demonstrou que já imagina quem seja e o porquê, sugerindo que talvez este fosse um ataque pessoal a ela. Fala do seu filho Leandro como um garoto muito bom que não se envolveria com essa situação, mas que tinha um amigo que era "má influência". Ela também contou que nesse dia (o dia da aplicação do DF-E) estava ocorrendo o julgamento dele, e que ela não quis ir, pois não suportaria ter de lidar com essa situação. Dessa forma, sua mãe é quem foi no seu lugar acompanhar o julgamento de Leandro, e ela estava ansiosa por notícias.

Interpretação

Claramente esse desenho despertou muita tristeza e ansiedade em Rosário. Também foi um dos poucos momentos em que Leonardo saiu espontaneamente da cozinha, após tê-la provocado ao questionar se ela não se cansou e dizer que é péssima para fazer desenhos. Nesse sentido, ele está falando dos limites da mãe em tolerar as dificuldades e em perceber a

verdade sobre o “não estar bem”, e assim não amenizar os sintomas (como faz com Edgar e Leonardo). O desenho, extremamente empobrecido, não demonstra diferença entre uma pessoa e outra. Além disso, durante a estória, há uma confusão nos nomes, uma mudança na primeira ordem para a segunda em que, ela primeiro não cita Leonardo (talvez na tentativa de neutralizar quem a estava incomodando naquele momento) e na segunda vez, o coloca e retira Leandro, o filho que, em sua visão, realmente não está bem, pois está preso. O relato dela é muito confuso e, antes do fim do desenho, quando se emociona e fala de Leandro, é difícil compreender quem é o “ele”, que ela refere ao dizer que “não estão todos” (falta alguém), e que eles estão “procurando alguma coisa para levar para ‘ele” (levar algo para essa pessoa ausente). Com esse discurso, ela está falando da sensação de descontinuidade na família quando alguém está distante (seja porque morreu, ou porque está preso), e da sua dificuldade em avaliar se essa pessoa continua a pertencer à família (assim como acontece com Ana). Porém, Leandro apesar de preso ainda está vivo, e é possível retomá-lo de alguma maneira (levar algo para ele) e assim amenizar o sentimento de descontinuidade na família (sentimento este que também representa a dificuldade de Rosário de retomar a própria “continuidade”, ou seja, retomar a capacidade de “continuar a ser” e existir na realidade compartilhada).

O desenho de “alguém que não está bem”, despertou em Rosário as preocupações e sentimentos que ela quis conter em si. Ela não conseguiu estar presente no julgamento do filho, sentindo que ela e sua família estavam sendo injustiçadas, pois o filho está envolvido em algo que, em sua fantasia, foi uma retaliação a ela própria.

Diante dessas situações difíceis, ela se mantém passiva e conformada, como quando diz “pode ser na minha casa mesmo”. Essa passividade e tentativa de amenizar e de se esquivar dos problemas, representam a sua desorganização diante da separação, o que a faz afastar-se do filho, ainda que não deseje fazer isso.

d) Quarta UP: A sua família

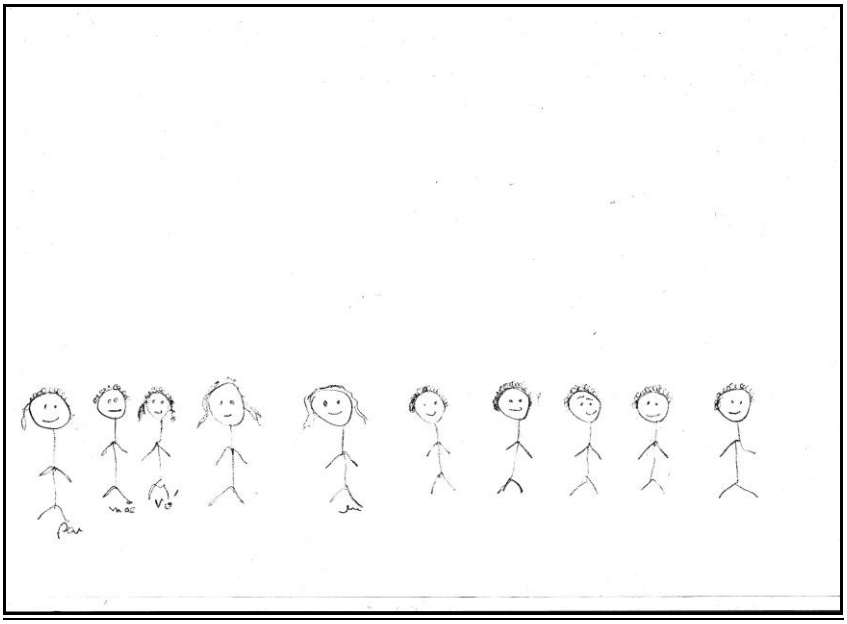

Figura 11: Quarta unidade de produção de Rosário no DF-E

Na realização deste último desenho, Leonardo retornou para ver o que a mãe estava fazendo e dizendo que estava com fome: [L- Ô mãe dá dinheiro pra eu compra salgadinho?] R- *Senta na sala que depois eu te dou* [L- Eu tô com fome!] R- *Se você sentar lá na sala e deixar eu terminar você vai ganhar, senão, não!* [L - Ah, a senhora terminar esse último?] (Leonardo se senta ao lado dela) R- *Não, se você ficar sentando aí* (na mesa da cozinha) *você não vai ganhar, você tem que sentar lá na sala.* [L- Ah não! E depois você faz outro, e mais outro, e mais outro (se referindo aos desenhos)... E depois vai chegar o Antônio e pôr ele pra desenhar também! (pausa) O que é que ele vai fazer mãe? Vai querer sair fora de casa também?] R- *Não é chato assim*! (pausa) (Leonardo saiu da cozinha e Rosário desenhou rapidamente mais uma figura na folha, escrevendo os nomes de cada uma. Ao escrever o nome de Edgar ela escreve 'Eudgar'. A última figura que Rosário desenhou foi Ana, e ao escrever o seu nome, ela o faz de forma bastante ilegível com cara de pesar). R - *Essa seria a minha família!*

<u>Estória</u>

[E uma estória dessa família?] R- *Um momento que... pudesse tá todo mundo reunido... e acho que... que pudesse ter mais carinho... e estaria todo mundo* [Onde eles estariam?] R- *A minha vó na casa dela, meu pai e minha mãe tá na dele, o Leandro preso, o*

Edgar tá trabalhando, o Leonardo na minha mãe, o Antônio tá trabalhando... e a Ana já não tá mais entre a gente (pausa. Rosário se emocionou e começou a chorar de forma contida) [E aí fica a saudade, né?] R- *Uma grande saudade* (pausa longa) [E apesar de estar ausente não deixa de ser da família] (Rosário concordou com a cabeça e pareceu querer se controlar. Outra pausa longa) [É isso?] (sinaliza afirmativamente com a cabeça) [E um título?] (sinaliza negativamente com a cabeça) R- *É muito difícil* (pausa).

Interpretação

Neste último desenho, as figuras ganharam sorrisos (simbolizando uma família feliz e completa), a figura da avó continua diferenciada pelo cabelo e as de maior destaque são Ana e a própria Rosário. Em seu relato da estória, Rosário foi contraditória: ela alegou que este era um momento que estavam todos juntos e ao mesmo tempo disse que cada um estava em um lugar diferente, demonstrando que a união familiar é desejada, porém não é uma realidade, sendo que algumas das separações são irreversíveis (morte da Ana) ou ocorreram como punição (prisão de Leandro). Influenciada pelo desenho anterior, em que ela se desorganizou diante da "perda" de um filho, ela se esforçou muito em manter os filhos próximos, simbolizando (por meio do desenho) aqueles que foram perdidos (como Ana). Isso demonstra sua necessidade de que haja presença concreta do que foi perdido, especialmente de sua própria mãe na época em Rosário era criança (para que ela pudesse, assim, sentir que estava viva na realidade psíquica da mãe).

Esse relato, ao falar das separações, (especialmente da morte de Ana, mas tratando também da perda da mãe na infância) a emocionou, pois ao estar frente a sua realidade, ela se entristece, demonstrando que a diferença entre realidade e os seus desejos são fonte de sofrimento. Nesse momento, a expressão do verdadeiro *self* permite que Rosário inclua a filha perdida na família, demonstrando que ela faz parte da sua realidade externa e interna, ainda que a perda seja irreversível, e admitindo a tristeza pela sua morte. A atitude de encarar a ausência da filha como um fato que causa parte da desintegração da união familiar, a deixa sem palavras diante de uma situação que é "muito difícil".

Portanto, ao desenhar Ana, ela o faz da maneira mais sutil que pode, desenhando-a rapidamente, embora em destaque, e escrevendo o seu nome de forma ilegível (expondo os sentimentos ambíguos sobre considerar a presença ou ausência da filha na família). A realidade da sua tristeza não pode aparecer como uma expressão sua, assim, ela projeta a sua dificuldade na elaboração da perda de Ana nos filhos, em especial em Edgar, como quando,

ao escrever o nome do filho ela escreve “Eudgar”. Rosário demonstra neste último desenho, sua dificuldade em finalizar, em lidar com a frustração do fim, ficando em silêncio e se negando a dar um título para a UP, pois isso representaria a concretização dessa situação de finalização (da morte de Ana, da família real que não é a família desejada).

Leonardo ao falar que os desenhos tomariam todo o tempo da mãe, e que quando Antônio chegasse, ele teria de realizá-los também, ressalta o seu receio de ser abandonado e esquecido por Rosário.

5.2.4 HTP: Leonardo

A aplicação do HTP aconteceu na casa da família. Leonardo estava aos cuidados de uma tia (outra irmã de Rosário), que se mostrou contrariada por ter de ficar com ele na casa. Ele ficou muito comportado e foi bastante hospitaleiro, oferecendo água à psicóloga e solicitando que ela se sentasse, enquanto a tia permanecia no quintal, alheia aos acontecimentos dentro da casa e olhando para dentro alguns momentos, demonstrando irritação com as solicitações do teste. A aplicação do HTP ocorreu na mesa da cozinha e Leonardo estava inicialmente feliz e disposto para a participação, ainda que um pouco tímido. Ele fez os desenhos bem apressadamente e sujou um pouco as folhas de barro (suas mãos estavam sujas).

a) Desenho da casa

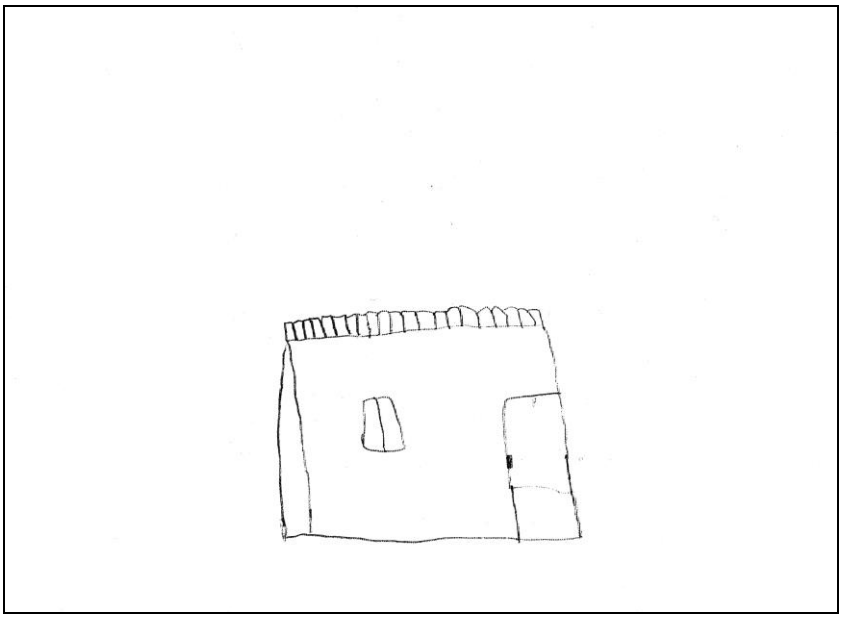

Figura 12: Primeiro desenho feito por Leonardo no HTP

Inquérito

1- Quantos andares tem esta casa? *É... acho que dois*.
2- De que esta casa é feita? *É de... bloco.* Bloco? Como assim, bloco de que? *Aqueles blocos que aumenta o muro.* E o que mais? *Tijolo e cimento*.
3- Esta é a sua própria casa? *Eu acho que é* (risos). Acha que é? Por quê? *Não sei.* Quando você desenhou, você pensou que esta fosse a sua casa? (sinaliza afirmativamente com a cabeça). E de quem mais? *Da minha mãe e do meu padrasto*
4- Se esta casa fosse sua e você pudesse fazer nela o que quisesse, qual quarto você escolheria para você? *É... O do meio* (risos). O do meio? Conta um pouco como é essa casa, o quarto é em qual andar? *No andar de cima*. E quantos quartos têm? *Quatro*. E porque o seu é o do meio? *Ah... não sei* (risos).
5- Quem você gostaria que morasse nesta casa com você? *Minha vó... e só* (risos). Por quê? *Porque eu gosto da minha vó.* Mais alguma coisa? *Só por isso*.
6- Quando você olha para esta casa, ela parece estar perto ou longe? *Perto*. Por quê? *Porque parece*.
7- Quando você olha para esta casa, você tem a impressão de que ela está acima, abaixo ou no mesmo nível que você? *Na minha frente*.
8- Em que esta casa faz você pensar ou lembrar? (pausa) *Não sei*. Não sabe? Olha para ela... No que você pensa? *Casa da minha vó*. E o que mais? *Nada*.
9- É um tipo de casa feliz, amigável? *É*.
10- O que nela lhe dá essa impressão? *Ela tem gente morando*.
11- A maioria das casas é assim? (pausa) *Não*. Por quê? *Porque têm umas que tá vazia e umas que tem gente morando*.
12- Como está o tempo neste desenho? *Sol*. Tá calor, tá frio? *Mais ou menos* (risos). E que dia do ano ou mês você acha que é? *Acho que é... outono*.
13- De quem esta casa o faz lembrar? *Meu cachorro*. Por quê? *Porque parece com ele* (risos).
14- Do que esta casa mais precisa? *Ixi... Não*. Não? (sinaliza negativamente com a cabeça).

Análise

Leonardo fez um desenho rápido e empobrecido, assim como o inquérito. A casa aparenta estar de lado e em perspectiva dupla, o que simboliza regressão. O telhado parece ser feito “em pedaços” e está enfatizado, demonstrando a sensação de desproteção no ambiente familiar. Nesse sentido, é possível perceber muita fragilidade na segurança que o ambiente familiar oferece (até mesmo concretamente na casa da família, que é bem simples, sem acabamento e com o telhado forrado com um plástico) e deficiência de *holding*. Com isso há uma intensificação da insegurança e a sensação de que suas necessidades não são satisfeitas (este não é um lar protegido, as tensões e dificuldades estão representadas no desenho de uma casa que parece não se sustentar).

Há uma tentativa de proteção da casa (e da compreensão de que é preciso se fortalecer), ainda que de forma mais regredida (reforçando os traços das paredes). Entretanto, a possibilidade de sustentação do ambiente familiar é restrita (as paredes são muito tortas e irregulares, a casa flutua). Assim, é necessário força egóica para sustentar essa família que é construída de forma fragmentada (a casa é feita de blocos).

A casa está torta, inclinada verticalmente, o que sugere que a satisfação das necessidades no ambiente familiar é conquistada por meio das fantasias, evitando assim o máximo de contato com a realidade (ausência de linha de solo).

A interação com o ambiente é desejada e temida (presença de uma janela e de uma porta com fechadura), evita-se um contato maior e mais íntimo, pois ele pode representar perigo. Dessa forma, Leonardo procura minimizar a necessidade deste contato externo, evitando-o por não sentir segurança.

Assim como os cuidados oferecidos pelo ambiente, o mundo da fantasia também é fragmentado (telhado) e há dificuldade em integrar realidade e fantasia. A casa parece contida, representando a sua tentativa de reprimir os próprios desejos e fantasias.

No inquérito, Leonardo ficou disperso e deu respostas que variaram de evasivas para pessoais, demorando e respondendo de forma pouco elaborada. A insegurança desta casa (do ambiente familiar) e a falta de continência e limites refletem na dificuldade quanto ao conhecimento a respeito de quem é essa família e do papel de Leonardo nela (incerteza nas respostas: “acha” que a casa tem dois andares, “acha” que a casa é dele).

Disse que na casa moram ele, a mãe e o padrasto, mas que gostaria de morar com a avó (possivelmente alguém que lhe ofereça mais segurança e *holding)*. Suas respostas são

concretas e apegadas à realidade exterior. A afetividade aparece no momento em que ele diz que a casa é feliz, pois tem gente morando, e na representação da figura da avó e do cachorro.

Leonardo apresentou dificuldade ao responder do que a casa precisa, evitando falar a respeito das necessidades familiares. Pensar nas necessidades da família representa também pensar nas suas próprias (que não são plenamente atendidas e por isso, as da família provavelmente também não o são), necessitando de muitas mudanças e intervenções (como quando perguntado sobre o que a casa precisa, em que ele disse: "Ixiii..." negando-se a responder, como se quisesse demonstrar que isso é muito complicado e que ele não saberia falar nada a respeito).

b) Desenho da Árvore

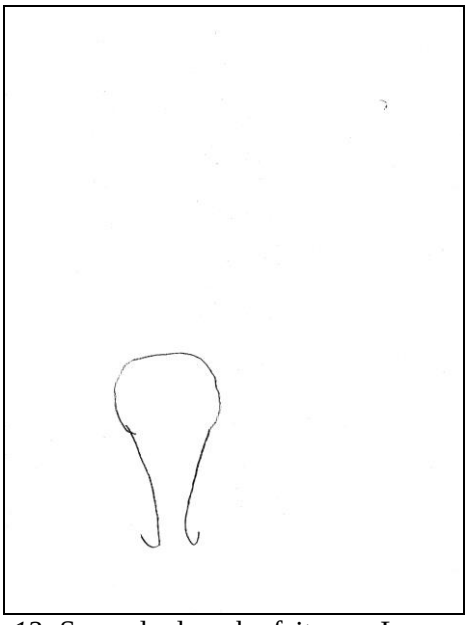

Figura 13: Segundo desenho feito por Leonardo no HTP

Durante a realização deste desenho e inquérito, que foi feito muito rapidamente, Leonardo demonstrou muito sono, bocejando bastante e com pouco interesse na atividade, aparentando estar mais deprimido.

<u>Inquérito</u>

1- Que tipo de árvore é esta? *É de... de fruta*. De fruta? Que tipo de fruta? *É... maçã*.
2- Onde fica esta árvore? *Na minha casa*. Em que lugar da casa? *No fundo*. No quintal? *É*.

3- Mais ou menos qual é a idade desta árvore? *Uns 90 anos*.
4- Esta árvore está viva*? Tá*. E o que te dá essa impressão? *Parecer ser gente*.
5- Para você esta árvore parece mais um homem ou uma mulher? *Homem*. Por quê? *Porque parece*. O que te dá essa impressão? *Não sei*.
6- Se ela fosse uma pessoa ao invés de uma árvore, para onde ela estaria virada? *Pra frente*.
7- Esta árvore está sozinha ou em um grupo de árvores? *Sozinha*.
8- Quando você olha para esta árvore, você tem a impressão de que ela está acima, abaixo, ou no mesmo nível que você? *No mesmo nível*.
9- Como está o tempo nesse desenho? *De chuva*. Tá frio? (sinaliza afirmativamente com a cabeça). Qual época do ano? *Inverno*.
10- Há algum vento soprando? *Tem*. Qual direção? *Pra trás*. Como assim? *Pra trás da árvore*. E que tipo de vento é? *Ah... aqueles "ventim".* Como assim, tipo uma brisa? *É*.
11- O que esta árvore faz você lembrar? *Meu irmão*.
12- Esta árvore é saudável? *É*. O que te dá essa impressão? (pausa). *O que me dá impressão*? Sim. *Ah, que ela tá viva*. Como assim? *Parece que ela tá andando*.
13- Ela é forte? *É*. *Porque ela nunca vai morrer*. Por quê? *Ãnh*? Por quê? *Ah, se ninguém cortar*... Ela vai estar sempre lá? *Sim*.
14- De quem esta árvore faz você lembrar? *Ah*... (pausa longa). *Ah, do meu irmão*. Qual deles? *O Leandro* (o irmão que estava preso).
15- Do que esta árvore mais precisa? *Da água*. E o que mais? *Da grama, da terra, do esterco*... Por quê? *Ãnh*? Por quê? *Pra ela não morrer*.
16- Alguém já machucou essa árvore? *É*... (pausa). *Mais ou menos*. Como assim? *Ah, parece que machucou*. Onde machucou? *Do lado*. Como foi? *Ah... tem um corte*. Tem um corte nela? E quem fez isso? *Ah, não sei*. Ela tá bem? (sinaliza afirmativamente com a cabeça).

<u>Análise</u>

Nesse desenho, a falta de detalhes e a rapidez com que ele é feito (17s), chamam a atenção. Além disso, há grande expressão de sono e desmotivação, sendo possível pensar que a realização da atividade estava muito difícil. Aparentemente este desenho o deprimiu, e ele parece sentir não ter recursos suficientes para satisfazer as demandas do mundo exterior. Sua disponibilidade interna e confiança em seus próprios recursos são muito pequenas e não

possibilitam uma interação muito eficaz com o ambiente (ausência de galhos) que é fortalecida pela sensação de que ele não é cuidado (como quando diz no inquérito do que a árvore precisa: tudo o que é necessário para a sua sobrevivência). Assim, a sensação de ausência desses recursos aumenta a necessidade de gratificação imediata (o que acontece concretamente, ao desejar tudo a todo o momento, como no caso da aplicação do DF-E com Rosário). No desenho, também há sinais de retraimento, regressão, impulsividade e preocupação consigo mesmo (ausência de detalhes, desenho mais localizado à esquerda).

Assim como o desenho da casa, o desenho da árvore não se parece com uma árvore, sinalizando dificuldades no desenvolvimento do *self*. Há pouca diferenciação entre pensamento e ação, o que repercute em atuações e dificuldades para diferenciar o que pode e o que não pode ser feito (copa e tronco não têm separação).

Também é possível perceber uma tentativa frágil de barrar as interferências do mundo externo em sua vida. Dessa forma, ao entrar em contato com ele, Leonardo se sente invadido por elas (representadas em uma tentativa de finalizar o tronco e ausência de linha de solo). Há dificuldades também em diferenciar realidade e fantasia (copa e tronco não têm separação) e a expressão da afetividade fica limitada (a copa é compacta).

Nesta produção, há um contraste maior entre desenho e inquérito. Neste último, apesar de também ser empobrecido, as respostas são mais elaboradas do que o desenho em si. Há demonstração de afetividade durante o inquérito (é uma árvore de fruta, está viva porque parece gente, o desenho lembra seus irmãos). A idade atribuída à árvore (90 anos) remete à figura da avó, que é muito importante para lhe oferecer cuidados e recursos para que a interação com o ambiente seja possível. O desejo da satisfação das necessidades básicas se apresenta também ao responder que esta é uma árvore de maçãs (ou seja, que dá frutos, alimenta, acolhe), ainda que depois responda que se parece com um homem.

A sinalização de que existem muitos perigos potenciais (de diferentes graus) para o desenvolvimento aparece nas respostas do inquérito (a árvore só viverá se ninguém cortá-la e já sofreu um corte). Nesse momento, em relação a essas possíveis invasões do ambiente externo, há muita ambiguidade, desde a onipotência ao pensar que a árvore nunca vai morrer, até a percepção de que isso depende de que alguém vá ou não cortá-la, e por fim a conclusão de que há um corte (um trauma, a representação de que aconteceram situações muito ruins que deixaram marcas dolorosas, ainda que ele não consiga ter clareza do que causou esse machucado).

Dessa maneira, a árvore está machucada e precisa de cuidados básicos para não morrer (grama, terra e esterco) e de proteção (para que ninguém a machuque ainda mais e ela

continue a viver). Assim, sendo esta uma árvore de frutos, ela poderá desenvolver-se e produzir, um sinal de esperança que depende, entretanto, da forma como o ambiente cuidará dele.

c) Desenho da pessoa

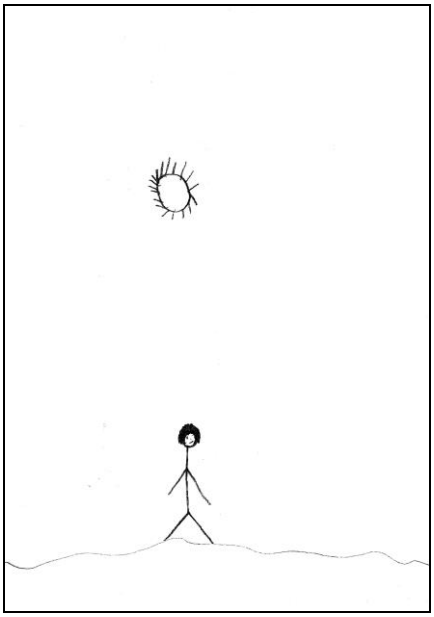

Figura 14: Terceiro desenho feito por Leonardo no HTP

Inquérito

1- Essa pessoa é um homem ou uma mulher? *Homem*.
2- Quantos anos ele tem? *Ãhn... 19*.
3- Quem é ele? *Meu irmão Leandro*.
4- Em que você estava pensando quando estava desenhando? *Pensando em pipa*... Pipa? Que você gostaria de estar soltando pipa? *É* (risos).
5- O que ele está fazendo? *Ele tá jogando vídeo-game*. Onde? *Aqui em casa*. Com você? *É*.
6- O que ele está pensando? *Tá pensando em trabalhar*. Ele já trabalha? *Não*.
7- Como ele se sente? *Acho que é... bem*. Por quê? *Ãhn*? Por quê? *Porque sim*.
8- Em que essa pessoa faz você pensar ou lembrar? *Na minha irmã*. Qual irmã? *Na Ana*. Por quê? *Porque ela morreu*. E faz você pensar nela? (sinaliza afirmativamente com a cabeça). E o que mais? *Só*.

9- Esta pessoa está bem? (não entende bem a pergunta). *Mais ou menos*. Por quê? *Ah, não sei*. Não sabe? (boceja e ri). *Não sei*.

10- Esta pessoa está feliz? *Tá*. Por quê? *Porque eu acho que eu tenho*.

11- A maioria das pessoas é assim? *Ah, eu acho que é*. Por quê? *Ah, porque eu não saio muito com ele*. Como assim? Você não o conhece direito? *Conheço. É que eu nunca saio com ele*. Então ele deve ser igual a todo mundo? *Acho que é*. E eles se parecem com seu irmão? *Mais ou menos*.

12- Você acha que gostaria desta pessoa? *Sim*.

13- Como está o tempo neste desenho? *Chuvoso*. Que época do ano é? *É quinta* (o dia da aplicação do teste). Quinta? O que mais? *Tá frio*. Tá dia, noite? *Tá de noite*.

14- De quem esta pessoa o faz lembrar? *Ah... meu amigo*. Que amigo? *O Caio*. De onde ele é? *Da escola*. Por quê? *Ah... porque ele vem na minha casa*. Vem sempre? *Não, que nem ontem ele veio aqui*.

15- Do que esta pessoa mais precisa? (risos) *Eu acho que é de "comê"*. Por quê? *Porque ela é mais magra*. Ela tá com fome? *Não*.

16- Alguém já machucou esta pessoa? *Não*.

17- Que tipo de roupa esta pessoa está vestindo? *Uma bermuda e uma camisa*.

<u>Análise</u>

Também neste desenho, há sinais de regressão e retraimento, além de insegurança, concretismo e inadequação (falta de detalhes, desenho muito pequeno em relação à folha, localizado no plano inferior).

Há poucos traços faciais (retraimento), a ênfase dada ao pescoço indica necessidade de controle e, ainda que seja uma figura esquemática, a sustentação do corpo é frágil. A afetividade é contida (assim como a copa da árvore, a cabeça da pessoa é pequena); apesar do tamanho é dado ênfase na cabeça, demonstrando que para Leonardo muitos pensamentos e preocupações estão presentes, havendo grande dificuldade em trabalhá-los e compreendê-los, a fim de relacioná-los com a sua realidade e agir de acordo com eles sem impulsividade.

O desenho pobre indica baixa auto-estima (sua imagem corporal é defasada) e dificuldades na autonomia (corpo frágil, identificação com os irmãos Leandro e Ana). Em relação a isso, é possível observar que a identificação é com os irmãos fragilizados e com "problemas", numa dificuldade em diferenciar-se deles (pois ele sente necessidade de reparar o que acredita ter feito aos irmãos, por exigir demais da mãe e "tomá-la" deles, vencendo-os

no que diz respeito aos sentimentos de rivalidade fraterna). Entretanto, a figura representa a ele próprio, e ele consegue se diferenciar dos irmãos quando, no inquérito, é perguntado se a pessoa é feliz, e ele responde que sim, pois “acha que tem” (referindo-se à felicidade e ao fato de ter a mãe com ele), percebendo que não está na mesma condição que Ana e Leandro.

Assim, ele inicia identificando-se com o irmão que está preso (pelo sentimento de desproteção e solidão), o que o faz perceber a dificuldade em que ele se encontra e temer perder esse irmão assim como perdeu Ana (sentindo ainda mais medo de que ele também possa ser esquecido). Nesse sentido, ele faz confusão entre ele e ela ao referir-se sempre ao pronome “ele”, mas ao citar Ana, dizendo que “ela” precisa comer, pois está magra (simbolizando os rituais e cuidados feitos para a irmã, que objetivam reparar a sua culpa, a sensação de que, ao ser voraz na busca da satisfação das suas necessidades e não recebendo limites, ele retira da mãe todo *holding* que ela pode oferecer, mesmo que insuficiente para ele, e dessa maneira nada sobra para os irmãos). Ainda assim, sua identificação é com as figuras masculinas (de um lado o irmão que está preso e de outro o amigo que vem lhe visitar – vem lhe oferecer algo, a companhia).

Em suma, os desenhos do HTP demonstraram que Leonardo sente-se inseguro quanto à proteção oferecida no ambiente familiar, demonstrando receber *holding* insuficiente e tendo a sensação de que as suas necessidades não são satisfeitas. Dessa maneira, ele busca gratificação imediata e não encontra no ambiente continência e limites para contornar suas atitudes impulsivas. Sendo assim, ele não confia nos próprios recursos para ajudá-lo a encontrar no ambiente aquilo que necessita, apresentando uma interação pouco eficaz com a realidade externa. Há dificuldades em integrar realidade e fantasia que, somado a falta de limites, repercute em comportamentos impulsivos, já que ele não sabe diferenciar o que pode ou não fazer. Nesse sentido, ele não consegue viver satisfatoriamente na realidade compartilhada e tem dificuldades em conhecer qual é o seu papel e sua identidade no ambiente familiar. Como age de forma impulsiva e sem limites, Leonardo prevê que haverá retaliação para as suas atitudes. Este sentimento é intensificado pela culpa que sente na relação entre os irmãos, cuja rivalidade fraterna (a partir da morte e distanciamento deles) não pode ser trabalhada na família, pois esta teme a desunião por meio dos conflitos. Assim, o ambiente se torna invasivo na medida em que não lhe oferece a satisfação das suas necessidades e pode prejudicá-lo (por meio da retaliação). Como consequência, Leonardo apresenta um comportamento regredido e baixa autoestima para agir no ambiente externo, com dificuldades na aquisição da autonomia.

5.2.5 O Teste das Fábulas: Leonardo

Fábula do passarinho (1)

Resposta

É... ele vai tenta voar pra achar a mãe e o pai [Vai tentar voar? E o que mais?] *É... ele vai pra um lado e depois vai pra outro* [E ele vai achar?] *Vai* [E depois?] *Vai ficar perto dos dois* [Pra que lado ele vai primeiro?] *Pro lado da mãe* [Mais alguma coisa?] *Só.*

Interpretação

A resposta de Leonardo representa sinais de dependência das figuras parentais, que ainda são fonte de referência nas situações de maior ansiedade, mesmo que nem sempre sejam figuras facilmente acessíveis. Dessa maneira, é necessário que ele tenha recursos próprios para que também possa buscar sozinho por segurança e pela satisfação dos seus desejos e necessidades.

Fábula do aniversário de casamento (2)

Resposta

Ah... Eu acho que ela tá passando mal [De quê?] *Porque eu acho que ela comeu bastante* [E o que mais?] *Aí sai um outro moleque lá fora... Aí ele vai "chama" os pais dele e vão chamar a ambulância pra ir pro hospital* [Que moleque é esse?] *Um amigo dele* [E o que mais?] *Só* [E no hospital?] *E o médico fala que é pra ele tomar remédio* [E como ele se sentiu?] *Ah... bem na hora que ele tomou o remédio* [E o pai e a mãe?] *Ficou feliz* [E o que mais?] *Aí ele ficou bem, não precisou... Aí ele não comeu muito mais.*

Interpretação

Nessa estória, também há confusão entre os pronomes "ele" e "ela", tornando possível pensar que a sua identidade não é, para ele, uma questão bem esclarecida, pois se identifica com vários dos seus irmãos. A voracidade é a forma que ele encontra de buscar a satisfação das suas necessidades, especialmente na relação com a mãe. Esta é uma reação mobilizada pela deficiência de *holding* que ele sente ter dela. Entretanto, para ele sua voracidade pode gerar retaliação (pois ele sente que seus irmãos são privados de *holding* por sua causa). Assim, com o receio da retaliação derivada da rivalidade fraterna, ele projeta no outro (um amigo, uma pessoa de fora da família, o médico) a sua necessidade de receber cuidado e *holding* para sua impulsividade diante dos acontecimentos novos e conflituosos (como o amigo que aparece na fábula). É possível também perceber uma necessidade de contenção dos impulsos agressivos (é necessário ir ao hospital e tomar remédio para se sentir melhor).

Fábula do cordeirinho (3)

Resposta

Ele come capim... Porque o outro, aquele lá, come capim fresco e deixa o outro "toma" leite [Deixa quem tomar o leite?] *O que... o que foi achado* [E como ele se sentiu?] *Bem e... acho que ela é a mãe dele* [Quem se sente assim? O cordeirinho que foi achado?] *É* [E o outro que foi comer capim?] *Ah, se sente bem* [Bem, por quê?] *Porque ele já tá crescen... Porque ele cresceu, né, e já tá bem* [E o que mais?] *Aí o outro também cresce e tem um filho* [Tem um filho, o mais novo?] *É* [E aí?] *E aí o outro que achou ajuda ele a criar* [Ajuda o cordeirinho a criar o filho. E o cordeirinho mais velho?] *Aí depois que criou aquele, o cordeirinho mais velho teve filho* [E eles ficaram como?] *Ah, tipo irmão* [Tipo irmão? E eles estavam bem?] *Sim* [E o que mais?] *Só.*

Interpretação

Nessa fábula, Leonardo faz uma representação da sua própria família, irmãos de diferentes pais, mas com a mesma mãe. O ser "achado" pode representar o cuidado familiar que ora é oferecido pela mãe, ora pela avó. Dessa forma, apesar das dificuldades, a família pode se manter unida, pois ser "tipo irmão" é se ajudar mutuamente (mesmo quando os irmãos tiverem seus próprios filhos). Leonardo permite que o cordeirinho mais velho aceite ir comer capim em prol do mais novo que foi privado do leite e agora precisa dele (porque ficou sem sua mãe). Entretanto, apesar da cumplicidade que cria entre os cordeirinhos (tornando-os irmãos por se ajudarem), essa aceitação do outro e de perder algo para ele representa uma necessidade de reparar o que sente ter feito para os irmãos (ao ter a mãe para si e por ter tirado dela todo *holding* que podia). A rivalidade fraterna derivada dessa "vitória" dele sobre os irmãos seria amenizada diante das suas tentativas de reparação (deixar o cordeirinho mais novo com o leite, assim como manter as lembranças e objetos de Ana em sua casa).

Fábula do enterro (4)

Resposta

É... um homem. [Um homem?] (pausa) *É* [Quem ele era?] *Ele era policial* [Policial? E aí?] *E aí ele descobre quem matou* [E quem foi que matou?] *Um bandido* [Um bandido matou o policial?] *Ãnh?* [Matou o policial? Por quê?] *Porque ele prendeu o filho dele* [O filho dele fez alguma coisa?] *Tava... tava roubando* [Aí ele ficou com raiva e matou o policial?] *É porque prendeu o filho dele* [E o que mais?] *Aí só.*

Interpretação

Aqui os conteúdos agressivos aparecem vinculados à questão da morte. A ideia de que há retaliação por algo que se faz de errado (que haverá retorno no mesmo nível) é primitiva. O ambiente é hostil e a regra é a de sobrevivência e defesa. Assim, a figura que geralmente é vista como a de um herói (o policial) sofre as consequências por ter feito aquilo que era a sua função. A agressividade então gera situações ruins, e por isso, é compreendida como perigosa e punitiva, o levando a sentir culpa. Há receio da retaliação derivada das suas atitudes impulsivas e agressivas. Por isso, ele deseja receber limites e contenção para não ser prejudicado pelos seus impulsos agressivos. Entretanto, ele não sente receber esse limite da figura materna; para ele, ela também é percebida como impulsiva e não pode protegê-lo. Assim, sem receber *holding* e continência dos pais, ele não tem limites e não consegue oferecer algo de bom (já que as suas atitudes só podem gerar em retaliação), e também não pode esperar do ambiente externo essa oferta de limites e continência, pois a mãe não permite (como no caso do atual marido, Antônio, que não pode interferir na educação das crianças, e como no caso da recusa de Leonardo em ir à escola que é aceita pela mãe).

Fábula do medo (5)

Resposta

De um bicho [Qual bicho?] *Lobisomem* [E aí?] *Aí a mãe dele contou uma estória pra ele que... que ele perdeu o medo, aí teve um dia que um cara falou assim: "Ó o lobisomem!" Ele falou: "Deixa o lobisomem"* [Falou isso? Por quê?] *Porque ele perdeu o medo.* [E qual estória foi essa que contaram para ele perder o medo?] *Não sei.* [E o que mais?] *Só.* (fica olhando as anotações).

Interpretação

Nessa fábula Leonardo demonstra a perda do medo, pois não acredita que haja um castigo duradouro (que é reforçado com o não recebimento dos limites pelo ambiente externo). Assim, utiliza-se de uma resposta popular (a figura do Lobisomem, uma escolha muito fantasiosa e primitiva – a que as crianças pequenas recorrem), e reage a possibilidade do medo por meio de soluções onipotentes e que não necessitem de maior elaboração (a mãe lhe contou uma estória que o fez perder o medo). Entretanto com a perda do medo e com uma postura onipotente, perde-se ainda mais o sentido dos limites, e ele fica exposto às consequências dos seus atos no ambiente externo. Ao referir que o personagem ignora o lobisomem e o perigo que o acompanha, ele se refere à solução que a mãe encontra e que sugere a ele e ao irmão para lidarem um com o outro em seus momentos de conflito, contendo a agressividade e a rivalidade.

Fábula do elefantinho (6)

Resposta

Elefante? Ele... tomou uma água com veneno. [E aí?] *Aí ele morreu.* [O que mais?] *Aí depois a menininha descobriu, começou a chorar... Aí depois a mãe dela falou que ia dar outro pra ela.* [E ela ficou como?] *Aí, na hora que ela arrumou o outro, aí ela ficou bem, o outro também era igual.* [Era igual? Mas quando ela perdeu o elefantinho, ela ficou mal?] (sinaliza afirmativamente com a cabeça). [E o que mais?] *Só.*

Interpretação

Em continuidade com a fábula do medo, a falta de limites ocasiona em perdas, e assim o elefantinho toma água com veneno e morre (não há *holding*, não há continência) e a garotinha fica mal pela perda, pois se sente responsável. Assim, a única forma de reagir ao sentimento de culpa é por meio da negação e da possibilidade de substituição do objeto (a mãe lhe dá outro elefantinho igual), pois o autocontrole necessário para preservar o objeto não é possível.

Fábula do objeto de argila (7)

Resposta

Vai dá. [Por quê?] *Ah, porque é a mãe dela.* [E o que mais?] *Aí a menina deu e a mãe ficou feliz.* [É? E a menina como se sentiu?] *Ah, se sentiu bem.* [E o que mais?] *Só.*

Interpretação

Essa é uma resposta popular, Leonardo respondeu o que acredita ser aquilo que se considera correto. Como ainda há uma forte relação de dependência com a mãe e não lhe é estimulado uma forma de expressão positiva da sua agressividade, e nem a manutenção da rivalidade, ele concorda em dar à mãe aquilo que ela deseja.

Fábula do passeio (8)

Resposta

Porque ele matou os peixinhos do pai. [Como foi isso?] *O menino foi dá comida e colocou um pouquinho de veneno e matou.* [Porque ele colocou um pouquinho de veneno?] *Porque o pai dele não queria arrumar um cachorro.* [E ele ficou com raiva?] *É.* [E aí?] *Aí o pai bateu nele e colocou ele de castigo e arrumou um outro peixinho pro pai.* [Arrumou outro peixinho] (sinaliza afirmativamente com a cabeça). [E o que mais?] *Aí ele ficou feliz, aí tirou ele do castigo.* [Mais alguma coisa?] (sinaliza negativamente com a cabeça).

Interpretação

Mais uma vez, as atitudes agressivas sofrem retaliação, de forma a compreender que as ações agressivas (ou compreendidas como ruins) produzem mais agressividade (e penalizações). A sua intolerância à frustração o leva a ter atitudes agressivas que receberão punição, assim como sua dificuldade em receber limites. A figura do pai nessa fábula é evocada como a ofertadora desse limite (que se recusa a comprar o cachorro), assim ele retalia o pai (mata os seus peixinhos) por não tolerar o limite que lhe é imposto. É necessário que ele receba mais contenção e que o pai possa sobreviver as suas atitudes aliviando-o da culpa pela sua voracidade e agressividade (lhe pondo de castigo e comprando outro peixe para si).

Fábula da notícia (9)

Resposta

Que o pai dele morreu. [E aí?] *Aí ele... Aí ele... Começou a chorar, chorar... Aí depois de uns dia... ele parou de chorar e ficou bem... Aí a mãe dele comprou camiseta e foi brincar com ele.* [E aí?] *Aí pra ele não fica com trauma.* [E o que mais?] *Aí ele ficou bem.* [E a mãe como é que ela tá se sentindo?] *Ah... ruim* [E o que mais?] *Só* [E o menino ficou bem?] (sinaliza afirmativamente com a cabeça).

Interpretação

Assim como nas outras fábulas, a morte é um conteúdo presente, representando as situações limitadoras e punitivas. Há também uma continuidade com as fábulas anteriores em que a sua falta de limites prejudica a ele e aos outros (assim como sente ter prejudicado os irmãos com sua voracidade). Ele perde a figura que ofertaria a contenção para as suas atitudes agressivas e os limites que precisa: o pai. Diante disso, ele necessita ser gratificado (ganhou uma camiseta) e de atenção e cuidado constantes (a mãe foi brincar com ele, mesmo não estando se sentindo bem), para que os acontecimentos não o prejudiquem (não o traumatizem).

Fábula do sonho mau (10)

Resposta

Bicho papão. [Como foi?] *Ah... Ela sonhou... Ela sonhou que os papão ia pegar ela... pra "comê"*. [E aí?] *Aí depois de uns dias, ela parou de sonhar e começou a brincar com as amigas. Ela trabalha de "vende" saquinho de bala... Aí depois ela parou*. [E o que mais?] *Só.* [Ela ficou bem?] *Sim*.

Interpretação

Diante da ansiedade pelo tema do medo (sonho mau). Leonardo deu uma reposta popular (sonho mau com bicho) para representar o medo da sua própria voracidade (medo de ser comido). Dessa forma, mais uma vez há uma solução mágica e onipotente (parou de sonhar) para permitir retomar o desenvolvimento: foi brincar com as amigas. O trabalho, nesse sentido, pode estar representando a possibilidade de que, ao crescer, nada mais o incomodará.

Nas respostas do Teste das Fábulas, foi possível perceber que Leonardo vive as questões relacionadas à própria rivalidade fraterna acrescida à rivalidade fraterna da mãe, que não consegue lhe oferecer limites e continência para que a sua agressividade não seja sentida como ameaçadora para ele e para os outros. Por meio de atitudes vorazes e onipotentes, ele sente que pode ter tudo para si, e por isso percebe-se como vitorioso em relação aos seus irmãos. Desse modo, ele se sente culpado (pois crê que pode destruir o objeto efetivamente) e passa a temer retaliação pelas suas atitudes, desejando repará-las.

5.2.6 Síntese da família Borboleta “Pingos de Prata”

Tanto Rosário quanto Leonardo sentem que a figura materna não lhes oferece ajuda e confiança, e por isso, recorrem às avós como as possíveis substitutas dessa falta. Ambos sentem-se sós e desamparados, sendo que Rosário se isola, buscando pouco contato com o meio externo (e evitando defrontar-se com uma realidade dolorosa). Leonardo, por sua vez, busca encontrar o outro, por meio das atitudes impulsivas, solicitando por continência e limites para amadurecer e ter condições de compreender melhor o que sente, temendo, entretanto, sofrer retaliação por suas atitudes agressivas.

Rosário teve as suas figuras de amor perdidas (avó, filha); ela procurou lidar com essa falta, mantendo presente o máximo possível dessas pessoas (continuou morando na casa do avô, permite que as recordações de Ana e os rituais em sua homenagem sejam essenciais para o fortalecimento da união familiar). Assim, ela evita os sentimentos derivados da perda, percebendo que a sua família real não é a família que gostaria de ter. Entretanto, a vivência em um mundo compartilhado se torna difícil, pois perceber a sua realidade, aceitá-la e agir nela é custoso e doloroso.

Desse modo, os problemas são amenizados, em uma atitude passiva e conformada, para que, diante da realidade muito difícil, ela possa continuar sentindo-se capaz e forte para os filhos e para ela própria. Com a negação de alguns sentimentos relacionados à dor da perda, e na tentativa de manter as perdas evitando ao máximo sentir a ausência do objeto,

Rosário tem dificuldade para finalizar e concluir cada processo da sua vida (as perdas no geral, dos filhos, das irmãs, do fim do procedimento DF-E).

Rosário também não recebeu dos seus pais o *holding* de que necessitava desde criança. Sua mãe permitiu que ela fosse criada pelos avós desde muito pequena. No entanto, suas irmãs foram criadas pela mãe, o que intensificou os sentimentos de rivalidade fraterna e as coloca até hoje diante de conflitos, pois para Rosário, ela perdeu a mãe para as irmãs, e essa perda continua até hoje.

Apesar de ter sido bem cuidada pelos avós e demonstrar carinho por eles, a perda da mãe não foi sanada. Sendo assim, na tentativa de não deprimir, ela tenta se convencer de que essa situação foi melhor para ela, pois os avós eram mais cuidadosos e carinhosos que seus pais. Ainda assim, o receio de ser esquecida pela mãe, proporcionado pela sensação de abandono, a faz sentir-se temerosa de desaparecer da realidade psíquica dela, sendo substituída pelas irmãs. Essa experiência de Rosário, que representou em uma quebra da sua continuidade de ser, e que lhe privou do recebimento do *holding* dos pais, também dificultou a vivência da perda dos filhos. Os filhos perdidos evocam em Rosário dúvidas sobre a sua capacidade como mãe, pois se sente faltosa (recebeu *holding* insuficiente e por isso não pode oferecê-lo suficientemente; assim a perda representa a sua falha enquanto mãe). Portanto, o sentimento de culpa despertado pela perda dos filhos (por não ter podido salvá-los) a faz buscar afirmar e valorizar sua função materna para não deprimir.

Esse histórico de vida somado à devastadora experiência de perda dos filhos, prejudicaram a capacidade criativa de Rosário de expressar-se no mundo. Dessa maneira, ela também não consegue oferecer *holding* ao filho e acolher a capacidade criativa dele, fazendo com que ambos não possam elaborar os sentimentos do luto, pois para isso é necessário o uso da criatividade.

A dificuldade de Rosário no contato com o outro, aumenta a sua sensação de solidão e a faz apoiar-se ainda mais nos filhos que moram com ela, o que fortalece a identificação entre eles. Rosário projeta nos filhos as suas dificuldades para com o luto, e eles assumem a função de sentir e expor os sentimentos da mãe, misturados aos deles próprios, em relação à perda, dificultando uma diferenciação entre eles. Essa situação é intensificada pela identificação que todos sentem com Ana, que é adorada e cuidada em sua morte, recebendo o que cada um deseja para si próprio (em relação à atenção e cuidados). Assim, identificados com ela, as crianças desenvolvem sintomas de doença, que as comprometem em seu desenvolvimento emocional e intelectual.

Leonardo, ao perceber-se recebendo um *holding* insuficiente, busca gratificação imediata, objetivando ter suas necessidades satisfeitas, por meio de uma voracidade e falta de limites em suas atitudes. Dessa maneira, ele necessita de uma figura que possa lhe oferecer limites para sua agressividade e voracidade, possibilitando a sua expressão no mundo sem retaliação, algo que Rosário não se sente em condições de oferecer.

Desse modo, Leonardo ao usar da sua voracidade como forma de recuperar o *holding* materno, sente que está retirando da mãe tudo o que pode. Por isso, ele intui que deixou a mãe sem nada, retirando dos irmãos o que ela poderia lhes oferecer, prejudicando-os e fortalecendo os sentimentos derivados da rivalidade fraterna. Nesse sentido, a rivalidade é dirigida, sobretudo, para os irmãos, ficando a relação com a mãe "protegida" dos conteúdos e sentimentos mais agressivos que possam existir entre eles. Essa rivalidade da criança é ressaltada pela maneira como a mãe vivenciou a própria rivalidade fraterna, que por ter dificuldades em elaborá-la, não consegue oferecer aos filhos o suporte para que eles trabalhem os seus próprios sentimentos relacionados aos conflitos entre eles.

Essa situação se torna ainda mais angustiante no que diz respeito à Ana e Guilherme. Leonardo vive a rivalidade fraterna sentida como concretizada após a morte dos irmãos (pois ele está com a mãe e os irmãos não). A morte de Ana e Guilherme representa a sua vitória sobre eles. Portanto, a identificação que ele sente com Ana intensifica o desejo de manter as lembranças da irmã e não deixá-la desaparecer na família, como uma forma de reparação. Essa atitude é baseada na compreensão de Leonardo de que o mundo funciona por meio da retaliação do que se faz, e assim, a morte da irmã poderia ser um risco para ele, na medida em que ele sofreria a retaliação da sua vitória sobre ela. Além da sua necessidade de manter Ana viva na família, relacionada às questões da rivalidade fraterna, Leonardo também o faz para que a mãe não se esqueça da irmã, ao compreender que se a mãe pode esquecer-se dela, também esquecerá dele próprio. Ele percebe sua mãe como frágil pelo pouco *holding* que recebeu e pelos sentimentos de insegurança e duvida sobre a sua capacidade de criar e produzir, especialmente após a perda dos filhos. Dessa maneira ele conclui que é importante que Rosário ainda possua os filhos falecidos presentes em sua realidade psíquica, fazendo com que ela lembre-se deles e garantindo que ele também não será esquecido, continuando a ser especial para a mãe. Por parte de Rosário, as lembranças de Ana são importantes para trabalhar a sua relação com a própria mãe, demonstrando para ela que uma filha nunca deve ser esquecida e abandonada, como a mãe fez com ela (e dessa maneira ela preserva mais as lembranças de Ana do que as dos outros filhos).

Assim, a respeito da perda de Ana, especialmente, e a dos outros irmãos, Leonardo e Edgar são responsáveis por manter as recordações sobre elas. Nesse sentido, Leonardo precisa viver a perda dos irmãos, mantendo rituais e recordações para substituir a sua ausência, sem conseguir criar uma forma única de trabalhar as perdas e crescer com os sentimentos delas. O mais importante, é que Ana (a representação de todas as perdas) não seja esquecida (pois isso seria abandoná-la e abandonar a própria família) e continue sendo cuidada por todos. Dessa forma, ele assume o luto pela mãe.

Com tantas questões relacionadas a perdas e lutos que são vivenciadas por Leonardo, e com receio de perder a figura materna, o menino apresenta um comportamento bastante regredido e induzido pelos próprios desejos. O seu papel na família não fica claro, e a agressividade é a sua forma de expressão, em que consegue demonstrar a sua insatisfação quanto aos cuidados recebidos e a necessidade de receber os limites que possam contornar a sua existência, contendo seus impulsos agressivos e oferecendo segurança para o desenvolvimento da sua espontaneidade. No entanto, Rosário não pode oferecer continência e contorno para as atitudes do filho, estando ela muito envolvida nas próprias questões da sua infância e na dor da perda dos filhos.

O processo criativo de ambos fica dificultado pela sensação de que muitas necessidades básicas (relacionadas a afeto e segurança) não são correspondidas. Como o *holding* materno é deficiente, os limites em Leonardo não são desenvolvidos, prejudicando o seu amadurecimento e a sua capacidade de agir de forma criativa, pois ele não tem segurança nele próprio e no ambiente externo, que possa permitir-lhe agir de forma a conciliar realidade interna e externa. Ele está voltado para a sua necessidade de satisfazer-se e reparar os irmãos. O medo de agir e destruir o objeto, consequência da sua impulsividade e falta de continência, compromete o desenvolvimento da sua capacidade simbólica.

Rosário busca manter a crença de que a família consegue se expressar bem a respeito dessas perdas, e que a atitude dos filhos em relação à manutenção das recordações de Ana devem ser respeitadas, pois representam a forma que eles encontram de demonstrar sua saudade e amor. No entanto, no decorrer dos procedimentos adotados com ela, foi possível perceber uma contradição a esse respeito ao dizer que a família conversa sobre Ana, mas os filhos não o fazem na frente dela. Ao desenhar Ana na última UP do DF-E ela o fez rapidamente, aparentando esconder isso de Leonardo.

Por fim, tanto para Rosário como para Leonardo é necessário manter o luto de Ana como uma forma de homenageá-la (e mantê-la presente). A elaboração dos sentimentos dessa perda (e das outras que são ainda menos trabalhadas) fica defasada, e o processo de luto

mantém-se de maneira a influenciar no desenvolvimento emocional do menino, pois há um prejuízo na aquisição da sua capacidade criativa, ao não conseguir receber da mãe acolhimento para que ela exista. Então, ele busca um contato familiar (que poderia satisfazê-lo e ajudá-lo) e que não pode ser encontrado diante de tanto esforço para unir-se na morte dos entes queridos.

5.3 Família Borboleta "Seda Azul"

5.3.1 Síntese da Entrevista: Helena

Helena, de 38 anos de idade, é casada com Cleiton, mãe de Isabela, de oito anos, e de Paula, de 22 anos de idade e trabalha em um salão de beleza. Ela e o marido buscaram atendimento psicológico para Isabela e estavam muito preocupados e ansiosos. A queixa era de que a filha apresentava taquicardia, ânsias de vômito, cãibras na barriga, medo de ficar sozinha, dificuldade para dormir, pensamentos recorrentes sobre morte acompanhados de "vozes" que ela escutava em sua cabeça e por fim um episódio em que entortou os pés e as mãos. Durante a entrevista para a busca do atendimento, Helena contou que perdeu um filho há sete anos, irmão este que Isabela não chegou a conhecer, e assim foi sugerido a ela e à família a participação na pesquisa. Dessa forma, após aceitar participar da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a família relatou o desejo de que os encontros ocorressem em sua casa.

No dia da entrevista de Helena, Cleiton não estava presente, o que a deixou muito ansiosa, pois ela esperava que ambos estivessem em casa para receber a psicóloga. Durante toda a entrevista, ela se preocupou com a chegada do marido e precisou atender a alguns telefonemas e visitas de pessoas que o procuravam; entretanto, se manteve calma e simpática, com muita hospitalidade. No final, quando a psicóloga esperava para ir embora, Helena e o marido, que havia chegado, a convidaram para sentar no sofá, e fizeram muitos comentários sobre como estavam encontrando escorpiões na sala, pois na cidade havia uma epidemia deles, e que por isso precisavam tomar muito cuidado.

A casa da família é pequena, bastante quente e com muitos objetos usados para decoração. A entrevista ocorreu na cozinha, sem que as janelas fossem abertas, ainda que no dia fizesse um forte calor. Dessa forma, para a psicóloga ficou a sensação de um ambiente claustrofóbico.

Helena começou a falar da sua família de origem, que reside na cidade onde ela nasceu, e acrescentou que não são pessoas unidas e que sempre brigaram muito. A causa dessa briga é um terreno, muito disputado por todos, deixado pelo avô falecido de Helena. Atualmente, esse terreno foi divido entre sua avó e dois tios, mas as brigas continuaram por diferentes motivos. Um dos seus tios, que não morava nesse terreno, resolveu mudar-se para a casa da avó de Helena, que estava muito doente, a fim de cuidar dela, mas essa atitude despertou ainda mais rivalidade entre os irmãos, que acreditam que ele tenha vindo para disputar a herança com eles. Helena disse que, em sua percepção, esse tio está fazendo o correto, pois as pessoas abusavam muito da condição de sua avó e ela precisa de cuidados.

Helena contou que depois da ida desse tio para a casa de sua avó, ela melhorou bastante. Ele fez um muro entre a casa de sua mãe e as dos irmãos e começou a exigir que todos dividissem as contas. Para Helena, visitar sua família de origem é um momento difícil, pois todos falam muito mal uns dos outros e as intrigas nunca acabam. Dessa maneira, ela evita a casa dos tios, restringindo-se a visitar mais a casa da mãe e da avó.

Quando questionada sobre essa família (se corresponde à família do seu pai ou da sua mãe), ela se confundiu e disse que a família do pai era "uma questão de morte". Seus avós paternos morreram e todos os outros membros da família paterna são de outra cidade; seu pai separou-se da sua mãe há 20 anos e ela tem pouco contato com ele, apesar de serem uma família mais unida.

Sobre a separação dos seus pais, ela contou que sentiu um grande alívio quando aconteceu, pois eles brigavam muito: "*A minha mãe, ela tem um gênio, acho que ela puxou mesmo pra família lá* (risos). *Ela é assim muito boa, mas ela é muito nervosa, esquentada sabe... eu falo que eu não puxei pra ela, puxei mais para o lado do meu pai. Nossa, tudo pra ele tá bom, ele é parado até demais... mas tirando isso, é... isso aí"*.

Quando questionado à Helena sobre a sua família atual, ela falou sobre a família do marido. Disse que é tudo mais tranquilo, pois é uma família em que um ajuda o outro, e por isso se sente melhor lá. Como as duas famílias moram na mesma cidade, a mãe de Helena sente ciúme da situação, pois percebe o interesse da filha por ficar mais na casa da família do marido: "*Ela* (a mãe de Helena) *me diz: 'Agora você vai subir e não vai aparecer mais'. E eu falo: 'Oh mãe, é porque lá todo mundo quer te ver, quer conversar, faz conta de você. ' Lá tem assuntos diferentes, lá na minha mãe, não, é a mesma coisa... 'Seu irmão tá mexendo nos papel lá no fórum pra ver se 'tira' nós daqui', sabe?"*. Diante dessas intrigas, a família de Helena não consegue vivenciar outra coisa a não ser os problemas internos. Helena contou que evita ao máximo que essas conversas cheguem até Isabela: "*Aí eu* (exalta a voz) *nem*

passo isso pra Isabela... ainda mais agora com esses problemas dela, às vezes minha mãe começa a falar alguma coisa eu já falo: 'Ah mãe ajuda aí, pô, pára! '. Porque ela... agora que aconteceu essas coisas com ela (se referindo a Isabela) *que eu descobri que ela é uma menina muito atenta, a gente acha que ela não tá nem aí pra aquilo que você tá falando, mas ela tá*".

Helena contou que está no seu segundo casamento. Sobre o primeiro casamento, disse que gostava da família, porém, a sua ex-sogra sofria muito, pois seus filhos eram alcoólatras, inclusive o ex-marido de Helena: "*Ele era trabalhador tudo, só que, saindo dali, era aquelas pessoa que bebia, e era fraco, sabe? Bebia, tinha família, tinha uma casa pra voltar, responsabilidade... aí ficava fraco demais*". Esse relacionamento, que começou quando Helena tinha 14 anos de idade, não era bem aceito pelos pais dela, que não confiavam no rapaz, dez anos mais velho que ela. Ainda assim, eles permitiram o namoro, pois era melhor que o casal estivesse namorando por perto. Assim, Helena engravidou e eles resolveram se casar, ainda que a mãe de Helena houvesse insistido para que ela não se casasse, sugerindo que ela poderia ajudar a criar o neto: "*Aí eu falei: 'Não, quero casar, eu gosto dele'. Aí caso... mas eu casei sabendo, mas achava que ia conseguir mudar, né, e não, pelo contrário*".

Quando questionada sobre sua primeira gravidez (do filho Davi que faleceu), Helena disse que foi um período muito difícil, e que só depois com a gravidez de Isabela (sua filha do segundo casamento) é que pode perceber a diferença entre ter o marido por perto apoiando e auxiliando no que era necessário: "*Não dava um pingo de valor em nada* (se referindo ao ex-marido), *não aproveitou nada daquilo, sabe? Nada, o negócio dele era só beber... até que um dia eu acordei pra vida, foi assim ó, mas eu não podia nem mais olhar pra cara dele, tanta humilhação... E eu não precisava daquilo porque eu tinha minha casa, tinha meu pai, minha mãe, eles ainda eram casados*". O primeiro casamento durou sete anos e eles tiveram dois filhos: Davi e Paula, com três anos de diferença um do outro. A separação aconteceu quando Helena tinha 21 anos, mas antes desse período, eles se separaram e se reconciliaram muitas vezes, até que por fim, a mãe de Helena lhe deu um ultimato, dizendo que se ela voltasse com ele novamente não poderia mais contar com ela: "*Foi bom ela ter falado aquilo. Ela falou: 'Agora você vai pra ficar, passe o que passar e eu não quero saber'. Claro que, no fundo, né, coitada... Mas aquilo foi bom pra mim. Fui e aguentei, muito tempo sabe, caladinha, até que um dia eu acordei pra vida*". Por fim, Helena se separou definitivamente e foi morar ao lado da casa da mãe com seus dois filhos. Nessa mesma época, seus pais se separaram.

Helena conseguiu um emprego e recebia ajuda financeira também da sua mãe para sustentar os filhos. "*Aí que foi me criando vontade mesmo de não voltar, uma que, o meu*

menino, tadinho, ele 'prejudica' aquilo porque ele viu muita briga... Essa vez que eu larguei dele (do ex-marido)*, foi quando ele* (Davi) *levantou da cama de madrugada e colocou a mão na cabeça, não esqueço disso, e falou: 'Pára mamãe, eu não aguento mais vocês brigar; eu quero dormir'. E eu falei: 'Não, chega, não precisa disso, não'. E ele gostava do pai, apesar de tudo*". Com a separação, Helena considera que tudo melhorou para a família: ela começou a sair mais com as crianças, pois já não tinham medo de encontrar o pai.

Dois anos depois, ela conheceu Cleiton, seu atual marido, que estava se separando da sua esposa. Cleiton a ajudou muito, ficaram amigos e ele foi cativando Davi e Paula. Helena contou que Cleiton é um homem muito bom, mas bastante sistemático, e que isso torna a convivência um pouco difícil. Assim, retomando a estória de vida dos dois, Helena contou que quando resolveram morar juntos, Cleiton estava em um momento de dificuldades financeiras. Ela relatou que ele é muito impulsivo quando se trata de negócios e sempre quer aproveitar o que parecem ser boas oportunidades, o que muitas vezes o coloca em situações complicadas: "*Ele é assim, sempre dá com a cara na porta. Já perdeu muita coisa. Hoje já era pra gente ter a nossa casa própria, porque lá onde eu morava com a minha mãe, meu irmão agora mora lá. Ele tava em casa alugada; eu falei: 'Tá certo né? A casa vai ficar fechada? '. Aí... nós viemos pra cá porque, aí eu... ai nós... aí meu menino* (se confunde muito)".

Helena contou que seu marido sugeriu que ela tivesse um negócio próprio, e que, a princípio, ela estava muito receosa, pois sentia que era mais fácil estar empregada e ter a certeza do que receberia no final do mês. Com a insistência dele, decidiu trabalhar como costureira. Cleiton lhe deu as máquinas de costura, mas o negócio não foi bem sucedido, pois Helena não tinha gostado da função. Assim ela decidiu fazer um curso para se tornar cabeleireira. Esse curso foi feito em uma cidade grande, próxima à que moravam, e foi perto de terminá-lo, quando Cleiton estava montando um salão de beleza para Helena, que Davi, então com 14 anos de idade, faleceu, em uma semana, após ter sido diagnosticado com sinusite.

Sobre isso, ela contou que Davi estava sem ir à escola por causa de uma dor de cabeça e sintomas de gripe, e após alguns dias sem melhora, ela e a mãe o levaram para o médico. Assim, o médico suspeitou que ele tivesse sinusite e o dispensou. Davi faleceu dois dias depois, tendo sido levado para o hospital às pressas e morrido sem causa identificada. No dia dessa primeira consulta médica, Helena resolveu entrar em contato com o pai do menino e avisou, por meio da ex-sogra, sobre o quadro do filho. Ela contou que ficou muito

impressionada porque o pai, que nunca dava atenção a nada que acontecesse com os filhos, retornou a ligação se disponibilizando para cuidar de Davi.

"*Aí levou o falecimento dele... aí pra mim, acabou tudo, sabe? Parece, é muito estranho, que o mundo acabou, não tinha vontade de fazer nada, sei lá... Aí toda gente que ia lá, falava dele demais né, que ele era muito dado... Essas pessoas, você via que não era por curiosidade que elas ia lá. Era pra levantar, a gente, entendeu? 'Helena, você não pode fazer isso* (deprimir) *porque, você tá fazendo uma coisa que você gosta* (se referindo à profissão de cabeleireira), *você tem a Paula pra acabar de criar ainda... e outra, uma pessoa sadia, ir embora de uma hora pra outra, é porque não foi por acaso'. Eu acredito também que não foi*". Helena recebeu apoio de muitas pessoas, amigos, família, do centro espírita que frequentavam, e também de outras mães que passaram por situações parecidas "*Muitas mães que ia,* (ao centro espírita) *que tinham perdido seus filhos... é engraçado, você nem conhece, mesmo eu indo lá, eu nunca tinha visto, cada um tinha uma história... Apareceu um caso muito parecido de uma menina* (dá mais ênfase na fala), *uma semana antes! Um caso igualzinho o dele, tava com uma gripe, ficou mais ou menos uma semana, levou no médico porque essa gripe não desaparecia, dor de cabeça, e veio a falecer, com o mesmo sintoma e não... Como é que fala? Não descoberta a causa direito, você entendeu?*".

Helena contou que ficou muito deprimida após a morte do filho e, que passado um mês, ela tomou forças para continuar indo ao curso, pois este era pago e o salão de beleza já estava pronto para ela trabalhar. Paralelo a isso, Paula, sua filha, começou a apresentar vários sintomas: "*Passou um mês... eu fui, falei: 'Não, eu vou terminar'* (diz bem baixinho). *E foi, sabe? Naturalmente... foi caminhando... A minha filha Paula, tadinha, começou a me dar muito trabalho... Na época, eu não levei pro psicólogo, eu acredito que ia ajudar muito ela. Eu me lembro, ela não tinha esse medo que a Isabela sente, ela me deu trabalho, assim, ela tava no computador, ou tava na calçada com uns amigos dela lá, aí ela começava a se bater na cabeça, que tinha gente falando na cabeça dela... Nossa, aí eu procurei o centro espírita... Então eu lembro mais ou menos do que a Isabela às vezes sente*". Paula tinha doze anos e também começou a se cortar: "*Foi tão grave depois que, depois que passou isso... Eu olhava... a minha mãe mesmo olhava e falava: 'O que é isso, Paula, no seu braço? '. Ela estava se cortando... Ela pegou essa mania. Uma moça tão bonita! Não sei se tem uma foto dela aí*".

Para Helena, Paula sofreu muito com a morte do irmão, pois os dois eram muito próximos e viviam juntos. No entanto, ela sempre foi uma menina muito fechada e não compartilhava com a família o que estava sentindo ou pensando: "*Ela tem 22 anos e eu acho*

ela muito fechada. Ela não se abria, eu pegava ela chorando... Então, é o que eu falo né, parece que a pessoa fica parada no tempo... mas uma pessoa que eu acredito que precisava de ajuda é ela... muito fechada".

Um ano depois, ela engravidou de Isabela, o que deixou Paula muito perturbada: "*Q-Quando eu ganhei a I-Isabela... aí não sei, minha filha, ela falava que não,* (exalta a voz), *que não era ciúme nada, mas aí que ela começou a ficar rebelde, aquele estilo que ela tinha de roqueira, pesada, é... era muito pesado... Ela rasgava as roupas dela, ela mesma se fazia as roupa dela, enfiava um monte de alfinete, saia pra rua toda carregada*". Com esses episódios de rebeldia de Paula, Helena sofreu muito, até que um dia perdeu a paciência e teve a pior briga que já tiveram, pois Helena queria proibi-la de sair de casa a não ser que se vestisse adequadamente: "*Ela chegou até a vim em cima de mim e eu fui em cima dela... virei duas mulher em cima dela, entendeu? Não deixei... falei: 'Ou você tira essa roupa ou você não sai mais PRA NADA', nem pra escola, porque a escola era tudo na vida dela*". Ao falar sobre o gosto de Paula pela escola, Helena relatou o quanto isso a impressiona, pois a filha mais velha sempre gostou de estudar e não perdia um dia de aula; já Isabela é o contrário.

Após essa briga, Helena disse que Paula começou a se comportar de modo diferente, apesar de não abandonar totalmente seu estilo. Nessa época, a filha namorava um rapaz, com quem ainda vive e que ajudou Helena com os comportamentos rebeldes de Paula. Helena disse que, atualmente, Paula é uma pessoa normal, não tem mais os sintomas que apresentou na época em que perderam Davi, e se interessa muito pelos estudos. Entretanto, estranha o fato da filha dizer que não quer ter filhos. Helena também contou que Paula mora perto da avó materna em outra cidade, e que a decisão de se mudar da cidade em que moravam veio de Cleiton, que acreditava que teria melhores possibilidades. Como Paula estava prestando vestibular, seria muito prejudicial para ela mudar-se com eles, além de não querer se distanciar do namorado. Assim ela continuou na cidade dos avós.

Na época em que Isabela nasceu Paula não gostava muito de ficar com a irmã, o que Helena justificou dizendo que ela não gosta de crianças, e que por isso se irritava quando pediam que ela cuidasse de Isabela: "*Aí a Isabela nasceu a-a... acho que é o jeito dela, por ela ser muito fechada e ser seca... ela mesma fala que não gosta de criança... não é que ela odeia, mas não tem aquela coisa, não tinha paciência com a irmã. Às vezes eu falava: 'Segura ela um pouco pra eu acabar de fazer alguma coisa aqui'... Sabe, era muito difícil, vivia resmungando, não gosta... eu também não podia forçar ela vira babá da irmã*". Ela continuou relatando que Paula começou a gostar muito de gatos: "*Eles são a vida dela*". Paula

adotou vários gatos para cuidar depois da mudança da mãe, deixando Helena desgostosa com a bagunça e o cheiro que ela acredita que tenha a casa da filha.

Isabela sofreu um pouco com a mudança de cidade, a adaptação para a ida à escola e também com o trabalho da mãe (Helena, apesar de trabalhar ao lado da casa em que moram, precisa se ausentar em muitos momentos). Ao começar a falar sobre Isabela e a mudança de cidade, Helena é novamente solicitada a falar da sua família atual. Mais uma vez ela responde sobre a família de origem dela e de Cleiton. Assim, foi perguntado a ela sobre o relacionamento de Isabela com os irmãos paternos (Cleiton tem três filhos do primeiro casamento, Armando de 31 anos, Lívia de 29 anos e Vitor de 28 anos). Helena respondeu que eles se vêem muito pouco, sendo que o relacionamento é um pouco melhor com Lívia, que gosta de Isabela e que todos dizem que são muito parecidas fisicamente.

Helena disse que os filhos de Cleiton não desejavam trabalhar e conquistar a vida por conta própria, fato que auxiliou no fracasso profissional do pai. Os filhos homens se envolveram com vários problemas com drogas e tornaram a vida familiar muito difícil. Em uma época, Vitor, após envolvimento com drogas, foi morar com eles, situação que deixou Helena muito apreensiva, pois ela tinha medo e ele vivia lhe pedindo dinheiro emprestado. Quando negavam o que ele pedia, Vitor se tornava agressivo e Helena temia que Isabela se assustasse. Por fim, em uma discussão mais séria em que Vitor bateu em Helena, Cleiton o colocou para fora de casa, situação que Isabela não presenciou, mas escutou a discussão. Isabela ficou bastante assustada com os acontecimentos na casa quando Vitor estava presente, e por isso ela ficava avisando a mãe quando sabia que o irmão estava por perto.

Helena contou que no dia da agressão quis chamar a polícia, mas Cleiton a impediu, dizendo que com os processos que o filho tinha, mais uma ocorrência o colocaria na cadeia. Vitor foi preso algum tempo depois, e isso fez com que ele se tornasse uma pessoa mais amena. Por isso, Helena disse ter pena dele: "*Hoje é assim, ele veio no dia dos pais, não queria entrar, fiquei com dó... Eu sou assim, tenho aquele momento de raiva na hora e tudo... eu vejo muita história de pessoas drogadas, de como é na família, do tanto que é triste... porque tirando isso, eles é uma pessoa ótima, é uns menino que, o que é deles é seu, sabe, tira deles pra dá... O que estraga é isso aí, foi aí que o pai dele foi acordando*". Assim, ela continuou falando dos enteados, da trajetória deles desde que ela começou a se relacionar com Cleiton, sempre enfatizando que são bons meninos que se perderam nas drogas, e por isso, ela releva muita coisa do marido, pois sabe como ele sofre com essa situação.

A respeito de Isabela, quando foi questionado se a menina sabia da morte do irmão e de que forma a história foi contada para ela, Helena respondeu que a filha tem conhecimento

do que aconteceu, mas que, por falta de saber o que dizer da causa da morte, disse a ela que Davi morreu, pois desobedeceu à mãe, andou descalço e com a friagem pegou uma gripe muito forte.

Ela relatou que Isabela tem muita dificuldade em fazer lição de casa, sempre acreditando que não é capaz ou que não consegue compreender a lição. Também contou que a filha gosta muito de nadar, mas que começou a ficar com medo, dizendo que iria se afogar e, por isso, se negou a fazer as aulas de natação da escola. Além disso, Isabela tem apresentado muito medo de morrer e de perder pessoas queridas, sintoma que começou a aparecer após ela assistir ao último capítulo de uma novela espírita em que a vilã da história vai para o umbral (uma espécie de dimensão em que as pessoas que morrem e não são "boas" ficam). Assim, ela começou a temer o lugar e a possibilidade de ir para lá se morresse, o que a fazia ligar para familiares (em especial as avós) para pedir que rezassem por ela. Como não sabia o que fazer, pois Isabela alegava sentir seu coração disparar, queria dormir no quarto dos pais todos os dias e dizia ouvir vozes em sua cabeça, Helena buscou ajuda na religião e, apesar de serem espíritas, foram a outro tipo de crença, o que, entretanto, intensificou ainda mais os medos de Isabela. Assim, após um episódio conversivo em que Isabela entortou seus pés e mãos, Helena decidiu buscar atendimento psicológico.

5.3.2 Análise da Entrevista: Helena

Apesar de se mostrar bastante disposta e receptiva, Helena fez um relato ansioso sobre a sua família, não seguiu uma ordem linear dos acontecimentos e buscou apresentar explicação para os fatos que relatava. Ela desejou se aliviar das angústias que sofre no convívio familiar e, ao mesmo tempo, teve receio de dizer o que sente e pensa, procurando amenizar a conduta das pessoas com alguma explicação sobre a atitude delas.

A casa, decorada com muitos objetos, abafada e com as portas e janelas fechadas, em um dia de calor, possibilitou pensar na quantidade de conteúdos difíceis e exaustivos que a família carrega, presos no núcleo familiar, como uma herança que precisa ser passada e que não há alternativa a não ser recebê-la, ainda que ela não seja benéfica para eles. O desconforto foi significativo, Helena precisou que as dificuldades fossem sentidas não só através do seu relato verbal, mas também fisicamente, em uma casa muito quente, fechada e perigosa (havia escorpiões na sala e por isso era preciso cuidado), o que contrasta com a tentativa de aconchego e hospitalidade.

Há muita dificuldade por parte de Helena em falar da sua família constituída. Todas às vezes que essa questão foi levantada, ela deu uma resposta curta e generalizada, voltando a falar sobre a família de origem dela e do marido. Essa atitude possibilita pensar na tendência de Helena em se colocar na posição de filha, de alguém que ainda precisa ser cuidada, e de que a família atual não representa a família ideal, pois muitos conteúdos do passado precisam ser elaborados, dificultando, assim, o seu envolvimento nas questões recentes.

Dessa forma, ela enfatizou bastante a família de origem. Começou relatando sobre a sua insatisfação para com ela, pois é uma família desunida e que está sempre brigando entre si. Ela contou sobre a disputa do terreno deixado pelo avô e do tio que vem para ajudar a avó que está sendo explorada pelos outros filhos. Esse tio representa a possibilidade de proteção e cuidado que os homens podem oferecer, pois ele vem para defender a família da rivalidade fraterna, impondo limites aos irmãos, assim como faria um pai. Portanto, Helena demonstrou um carinho especial pela função paterna, ocupada pelo tio que cuida da avó, pelo avô que fornece o terreno, e depois pelo seu próprio pai, que são os fornecedores de cuidado, proteção e dos provimentos para a família.

Nesse sentido, ela falou do pai com carinho e apresentou uma relação mais ambivalente com a mãe. Esta ofereceu ajuda e esteve próxima de Helena nos momentos em que ela precisou, mas também foi relatada como uma pessoa geniosa e nervosa, diferente do pai, que é alguém tranquilo que sempre diz que “tudo está bom”. Entretanto, esse pai está longe, e resta a ela conviver com uma família com muitos problemas, e que não oferece segurança e conforto. A distância do pai, para ela, representa uma perda, a perda da função paterna protetora, e por isso, se refere à família do pai como uma “questão de morte”: seu pai está longe, os avós paternos morreram, a fonte de cuidado e proteção não existe, ou seja, ela está desamparada.

Diante disso, ela parece ter buscado encontrar essa função paterna nos maridos. Sobre o seu primeiro casamento, que aconteceu quando ela era muito jovem, Helena relatou ter tido esperança de que o marido pudesse mudar. Ela acreditava que ele poderia lhe oferecer cuidado e proteção, mas que as dificuldades (não resistir ao desejo de beber) não possibilitaram que isso acontecesse. O homem então aparece na vida de Helena como aquele que tem boas qualidades, mas é levado pelas fraquezas. Nesse sentido, é a mãe quem assume a função mais castradora, de apresentar limites (como no caso do seu primeiro casamento, em que a mãe a forçou a tomar uma atitude, após as várias separações que Helena passou), e não de conforto e acolhimento.

Da mesma maneira, Helena age em seu segundo casamento, ao se referir a Cleiton como um homem bom, mas que se perde em sua ambição. Seu atual marido foi, no início, uma representação de um pai, que a ajudou a fazer escolhas e as financiou, além de oferecer cuidado para ela e os filhos do primeiro casamento, ao se aproximar deles após um período de "cativação". Entretanto, atualmente, Helena demonstra insatisfação, pois o envolvimento do marido com os filhos-problemas, e a maneira como ele conduz seus negócios, não oferece conforto e segurança para a família (como quando disse que eles poderiam até ter sua própria casa, e que ela saiu da sua cidade, onde tinha uma casa para ela ao lado da mãe, confiando que seu marido retomaria a vida de forma bem sucedida). Ela o vê envolvido no cuidado dos filhos do primeiro casamento e por isso não consegue encontrar *holding* em sua relação com ele.

Ao se referir a essa mudança de cidade e da casa da família que passaria para o irmão que vivia de aluguel, Helena, assim como em outros momentos, começou e se referir sobre o falecimento do seu filho, demonstrando grande dificuldade em começar seu relato, como quando disse: "*Aí... nós viemos pra cá porque, aí eu... ai nós... aí meu menino* (se confundiu muito)".

Mesmo quando falou sobre o nascimento dos seus filhos do primeiro casamento, ela não se referiu a Davi como o filho que faleceu. Contou que a gravidez foi um período difícil, pois não recebeu ajuda do marido, e que foi por meio da demonstração do menino sobre o quanto estava triste pelas brigas frequentes dos pais, que ela pode ter certeza de que a iniciativa de se separar de vez era a melhor opção. O falecimento de Davi foi relatado a partir do momento em que ela contou como se tornou cabeleireira.

Esse trabalho transmite para Helena sentimentos muito diferentes. Por um lado, ele representa a sua independência e vitória (por ter concluído o curso em condições difíceis). Por outro, o trabalho traz as recordações do falecimento de Davi. Essa situação demonstra um contraste entre a nova vida (que a possibilidade de uma profissão bem sucedida e prazerosa oferece) com a vida que foi embora (ser mãe de Davi). O trabalho apareceu como uma possibilidade de revivê-la e tirá-la da dor, dando-lhe algo a que se apegar (os amigos falavam para ela não desistir, pois tinha seu curso e sua filha Paula para criar).

Ainda assim, ela conseguiu expressar sua dor da perda do filho, mesmo que com dificuldade em falar sobre o assunto, e sobre o momento seguido à morte, em que o mundo pareceu acabar: *"Aí pra mim, acabou tudo, sabe? Parece, é muito estranho, que o mundo acabou"*. Parte dessa dificuldade em viver e falar do assunto está relacionada à forma como seu deu a morte de Davi, sem diagnóstico, em poucos dias (uma semana) e diante de sintomas

muito comuns (dor de cabeça), que crianças e adultos têm com frequência. A realidade se tornou difícil de ser aceita já que os acontecimentos foram muito rápidos e inesperados.

Entretanto, Helena encontrou conforto ao conversar com parentes, amigos e religiosos, mas principalmente, ao poder compartilhar com outras mães enlutadas, a dor da perda do filho. Essa situação de compartilhamento de experiência foi reconfortadora, pois lhe permitiu perceber a perda do filho como uma tragédia que pode acontecer com qualquer um, constatação que a aliviou da culpa por sentir-se falha ao não ter conseguido proteger e manter o filho vivo. Em especial, conversar com uma mãe que perdeu a filha de maneira muito parecida com a morte de Davi permitiu esse alívio e a percepção de que a morte estava relacionada a algo maior, de cunho religioso. A partir disso foi fortalecida a ideia de que, para uma pessoa jovem e saudável morrer sem motivos, é porque já estava predestinado a isso, o que a fez acreditar que a morte de Davi tinha um propósito, permitindo-lhe construir um sentindo para ela.

Assim, envolvida em uma forte tristeza, Helena buscou dar continuidade à vida, tendo encontrado muitas dificuldades no que diz respeito ao comportamento da filha mais velha. Paula começou a desenvolver muitos sintomas, batendo-se e alegando que ouvia vozes, e posteriormente, começou a cortar-se. Diante desses acontecimentos, Helena tinha condições de perceber a seriedade da situação, mas não de assumir a função materna de cuidado e proteção e assim, estar junto da filha para que suas dificuldades fossem trabalhadas. Portanto, ela negou a proporção dos problemas, esquivando-se do assunto como quando disse: "*Uma moça tão bonita! Não sei se tem uma foto dela aí*". A percepção de Helena de que a filha estava sofrendo muito e que não se sentia em condições de ajudá-la, gerou-lhe um sentimento de culpa por não ter tomado uma atitude. Ela deixou isso claro quando contou que Paula era muito fechada e que sempre a pegava chorando, por isso ela teria se beneficiado muito de um tratamento psicológico, entretanto, Helena não a levou para um.

Nesse sentido, Helena se identificou com a dor da filha, mas por não ter condições de acolhê-la e suprir as suas necessidades, distanciou-se e passou a perceber a filha como alienada: "*Parece que a pessoa fica parada no tempo"*. Helena não tinha condições de exercer sua função materna, pois, os problemas surgidos pela tristeza de Paula, refletiam também a sua própria dor da perda, possibilitando pensar que Paula, além de viver o próprio luto, também estava assumindo parte do luto da mãe. A relação entre mãe e filha piorou quando Helena resolveu engravidar novamente, desta vez de Cleiton, e Paula passou a ter atitudes vistas pela mãe como rebeldes e insuportáveis, mudando seu jeito de vestir e estando sempre "toda carregada".

De alguma maneira, Helena pareceu fazer uma associação entre rebeldia e perdas: como quando disse à Isabela que Davi morreu por desobedecer à mãe, e como quando, lembra-se da sua própria atitude “rebelde” de casar-se contra a vontade da mãe e da perda do primeiro filho deste casamento. Nesse sentido, a ansiedade causada por ela, ao perceber Paula com atitudes de muita oposição, a deixa em pânico, e faz necessário que ela se afaste.

O relato da briga entre as duas foi feito como forma de demonstrar que Helena estava no seu limite. Assim, ao mostrar a sua insatisfação com a filha (que em sua visão, demonstrou estar desintegrada durante esse período pós-morte de Davi), sentiu-se culpada e também precisou falar do que é agradável nela, ressaltando por várias vezes a disponibilidade que a garota tem para estudar, que não apresenta mais os sintomas que já teve e que agora namora um rapaz muito bom, que ajudou Helena na fase de maior rebeldia de Paula, cuidando bem dela (como ela própria gostaria de se cuidada). Assim, a dificuldade de Helena de oferecer *holding* para a filha, em um momento em que ela própria se sentia fragilizada frente à tristeza da perda de Davi, distanciou e prejudicou o relacionamento entre mãe e filha, permitindo que, por exemplo, Helena não se importasse em mudar de cidade e deixá-la morando com a avó.

A família que Helena construiu após a morte de Davi, com Cleiton e Isabela, ainda está em busca por proteção e afeto. Helena, possui muitos sentimentos inconscientes que dificultam que ela possa esclarecer para Isabela assuntos que a deixam ansiosa e com medo, como no dia em que Isabela assistiu ao último capítulo de uma novela que tratava de morte, e não recebeu esclarecimentos a respeito do assunto e nem continência para a sua ansiedade, ocasionando muitos sintomas que explicitam a questão da morte na família e obrigam todos a falar sobre o assunto.

Helena relatou, quando falou dos problemas da família de origem, que procura não permitir que Isabela tenha conhecimento de tudo; entretanto, essa não é uma tarefa bem sucedida (como quando disse que fica impressionada pela filha lembrar assuntos que ela acreditava que não estivesse atenta a eles). Assim, Helena parece ter medo de contaminar Isabela com os seus problemas e sentimentos, mas dificulta a situação ao não lhe dar informações corretas sobre os acontecimentos, que estimulam Isabela a fantasiar a respeito deles para buscar respostas.

Helena percebe sua família de origem como caracterizada pela desunião, o que lhe causa um sentimento de insegurança e, consequentemente, medo das situações em que há rivalidade, pois estas podem intensificar ainda mais o sentimento de desproteção. A figura feminina não lhe parece capaz de impedir que os filhos rivalizem e destruam um ao outro (seja na sua família de origem, constituída ou a do marido). Ela busca, então, uma figura

masculina que ofereça continência e proteção: figura esta que ela acredita encontrar nos homens da sua família e em seu marido. A falta de limites gera consequências que influenciam na estrutura familiar, dando uma sensação de uma família frágil que não possibilita a continuidade do desenvolvimento emocional (deficiência de *holding*). Assim, ela própria se sente incapaz de intervir nos sentimentos de rivalidade entre os filhos e não se percebe capaz de oferecer para eles os cuidados e a satisfação das suas necessidades, recorrendo ao marido para ajudá-la. Entretanto, Helena não sente que Cleiton consiga auxiliá-la nessa tarefa, o que a deixa ainda mais insegura por temer as consequências da rivalidade entre os filhos (e perceber a sua família constituída como percebe a sua família de origem: desunida e desintegrada).

5.3.3 Procedimento de Desenho de Família com Estórias (DF-E): Helena

A aplicação do DF-E ocorreu tranquilamente. Helena fez os desenhos com um pouco de receio e ansiedade, reclamando algumas vezes, com bom humor, de não poder usar a borracha, mas concluiu a atividade e aparentou ter se divertido em fazê-la.

a) Primeira UP: Uma família qualquer

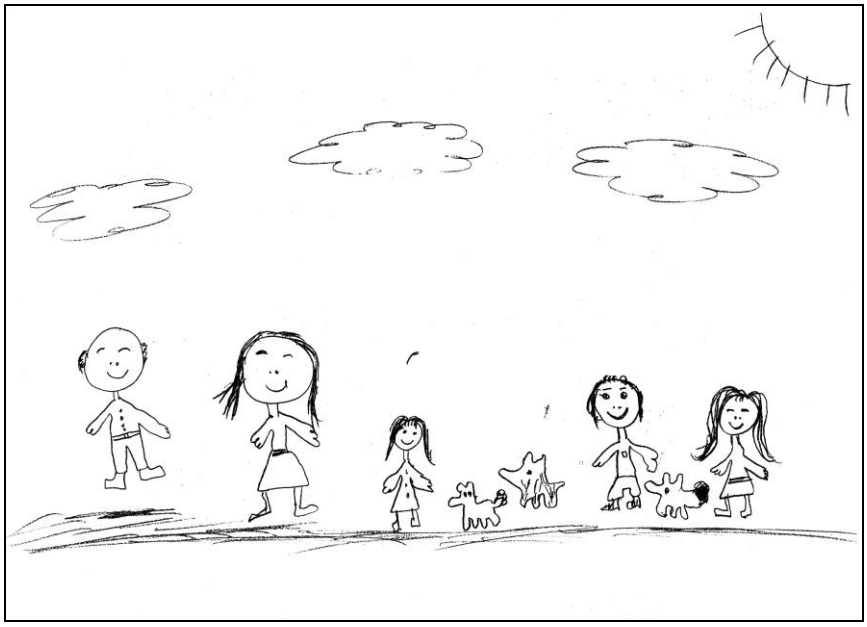

Figura 15: Primeira unidade de produção de Helena no DF-E

Estória

Então, engraçado, é o que veio na minha cabeça, olha só... O Cleiton, engraçado, por mais que eu tive uma vida com o ex, não dá pra captar nada de bom... deve ter tido, mas eu não consigo. Mesmo ele sendo desse jeito, às vezes ignorante, tudo (agora está se referindo a Cleiton) *ele tá sempre nos meus planos... Então é a mãe, que é eu né, seria eu né, a Isabela, coloquei a Bela aqui, com a Tita e a Panqueca, a cachorrinha que 'nós pego' da rua,* (risos); *depois você vai ver, tá presa ali, elas não me deixa... a pequenininha só quer colo, a-a branquinha, só quer colo, não pode me ver... Aqui veio ó meu menino ó, é família, né? Veio ele, sempre vai estar na minha cabeça. Sabe, em tudo às vezes que eu faço, tudo que tem que fazer, às vezes eu me lembro dele, tá? Um cachorrinho que eu tinha, o Tom, é... foi muito marcante assim. Ele foi lá pra casa, é... antes de... antes de eu engravidar da Bela... ele me preencheu também, porque a Paula saía muito, ela ia fazer... as coisas de escola, de dia, às vezes de sábado, ia fazer algum trabalho, aí depois começou a namorar, né? E ele era... O Cleiton ainda não estava morando direito comigo... Ele ia muito lá, mas não morava, então ele me fazia muita companhia... E eu nunca tive um cachorro, foi meu primeiro cachorro. E tanto é, Marcela, que quando eu vim pra cá eu deixei ele lá com a Paula, eu me arrependo até hoje... E ele... morreu... depois de... quase um ano... é... a Paula fala que ela acordou e, ela foi levantar e já sentiu ele duro... Sabe, ela já pisou nele, ele era pequenininho... e foi assim numa noite muito fria, ou foi de tristeza, apesar que, assim, a gente via ele, que quando... quando eu queria... O Cleiton que me deu ele... que quando a gente veio pra cá, e ele não queria que eu trouxesse ele por enquanto porque ele estragou muita coisa, e por ele ser machinho, ele fazia xixi, então tinha que ensinar ele a não fazer, ele fazia xixi tudo na porta da minha geladeira, do fogão, lá na minha cidade. E do portão então: saiu até uma peça do portão, porque ele mijava e os de fora vinha pra marcar território... Mas então, eu fiquei com aquele pesar na cabeça, né? Meu Deus será que ele morreu então de tristeza, porque ele era apegado comigo, né? Mesmo com a Paula lá, era comigo que ele ficava, eu que cuidava dele, dava comida... minha mãe ia lá, pegava ele... Então eu penso muito nele, e... A Isabela, ela não lembra dele, mas é que a gente falava dele... ele... Quando ela nasceu, ele já tava lá, só que a gente foi falando dele pra ela... Às vezes ela até lembra de alguma coisa, quando ela veio pra cá, ela tinha três aninhos, consegue será, lembrar alguma coisinha de cachorro? Então, o Davi, o cachorrinho... e a Paula* (mostrando o desenho) [E o que vocês estão fazendo aí no desenho?] *Tá aqui, feliz* (dá uma risada feliz) [Estão felizes?] *É... eu nunca penso assim, em tristeza... porque eu acho, gente, a pior coisa do mundo você*

estar assim, triste... é... Nossa tristeza pra mim é o pior! Não sei se é porque eu já passei muito... tristeza não só, tadinho, na falta dele (referindo-se à Davi), *mas nas outras coisas.* [E vocês estão onde?] *Então, eu não ia nem fazer essa nuvem, mas como a gente gosta muito do dia, eu coloquei assim, um lugar... tem sol...* [E um título?] *Ah, como é eu vou te falar, né?* (pausa) *Não sei te falar... ó, então Marcela... é o "Destino"? É não é? Pode ser...* [Você acha que esse é o seu destino estar todo mundo junto ou que deveria ser?] *É, não digo assim, todo mundo junto, mas o que veio né, acontecendo...*

Interpretação

No primeiro desenho da família, Helena incluiu as figuras de amor que perdeu (Davi e o cachorro Tom), que estão próximos da figura da filha Paula, a mais distante, talvez por ser a mais distante concretamente da família. As figuras de Cleiton e da própria Helena, são desenhadas com cabeças grandes, o que sinaliza muito afeto contido. Cleiton está flutuando, coerente com a descrição dele na visão de Helena, como um homem bom, mas muito sonhador, que aposta na sorte e parece não agir de forma realista. Diferente da figura de Isabela, que é desenhada como a mais próxima do chão (representando o fato de que, Isabela, por meio dos seus sintomas, não esconde seus sentimentos e demonstra que algo não está funcionando bem na família), as outras figuras também são feitas um pouco flutuando, representando a dificuldade da família de contato com a realidade. A figura de Davi e de Isabela são as únicas que parecem estar com os olhos abertos, como se representassem o contato com o mundo exterior.

Isabela está no centro, é ela quem sustenta a família e a união dos pais, é ela quem traz para dentro da família atual as questões do passado (Paula, Davi, Tom), e faz com que eles voltem a ser relembrados (como por meio dos seus sintomas). Helena percebe que a filha pode estar exercendo essa função, mas se questiona a respeito quando pergunta se ela poderia se lembrar de um cachorro que conheceu quando muito pequena "consegue lembrar?", como se ela pudesse assim, assumir o luto da mãe por Davi.

Nesse desenho ela contou a estória do cachorro Tom, de que ela gostava muito e lhe fazia companhia. A morte de Davi é projetada na morte do cachorro, e muitas semelhanças aparecem no seu relato, como a ideia de que eles morreram sem causa definida e a culpa por tê-los abandonado de alguma maneira (Davi porque Helena saiu para passear no dia em que ele morreu e Tom porque ela se mudou e o deixou para morar com Paula, "morreu de tristeza"). Na sua estória, é possível perceber uma inversão de papéis entre ela e Paula, em

que a filha retomou a sua vida após a morte do irmão e ela se sentia só em sua tristeza, tendo ganhado o cachorro como compensação, como companhia (situação comum com crianças). O cachorro Tom era um objeto confortador ("ele me preencheu") para os momentos de mais ansiedade e tristeza.

Nessa estória também foi relatada a dificuldade no relacionamento e diferenças entre Helena e Paula, que não conseguiam se unir e oferecer apoio uma para outra durante a aceitação da perda de Davi. Helena se colocou em posição de filha, de quem precisava de cuidado e assim, sua relação com Paula, ficou delicada na medida em que a menina percebeu que a mãe não podia lhe oferecer cuidado e por isso o buscou sozinha, fazendo Helena sentir que a sua capacidade enquanto mãe estava sendo testada, como quando disse: "*e essa é a mãe, que é eu né, seria eu, né?*". Após o falecimento de Davi, Helena se sentiu com poucas condições de exercer a função de proteção para a filha (e para o que Tom simbolizava: o luto por Davi). Assim, ela deixou o cachorro sobre os cuidados de Paula, demonstrando culpa por não ter ela própria assumido essa responsabilidade. Entretanto, por estar o relacionamento entre mãe e filha prejudicado, Helena parece ter uma desconfiança subliminar de que Paula possa tê-los negligenciado (ao cachorro e ao luto por Davi), e dessa maneira possibilitado a morte de Tom (pois, em sua percepção, ele pode ter morrido "de tristeza", por sua ausência, por não receber *holding* suficiente).

A ideia da predestinação, de que as coisas acontecem porque fazem parte de um plano maior, do destino, fica clara na estória e título, dessa forma, não é necessário ficar presa aos pensamentos tristes (como quando disse que não pensa na tristeza, pois é muito ruim), já que o que tiver que acontecer acontecerá e nada pode mudar.

b) Segunda UP: Uma família que você gostaria de ter

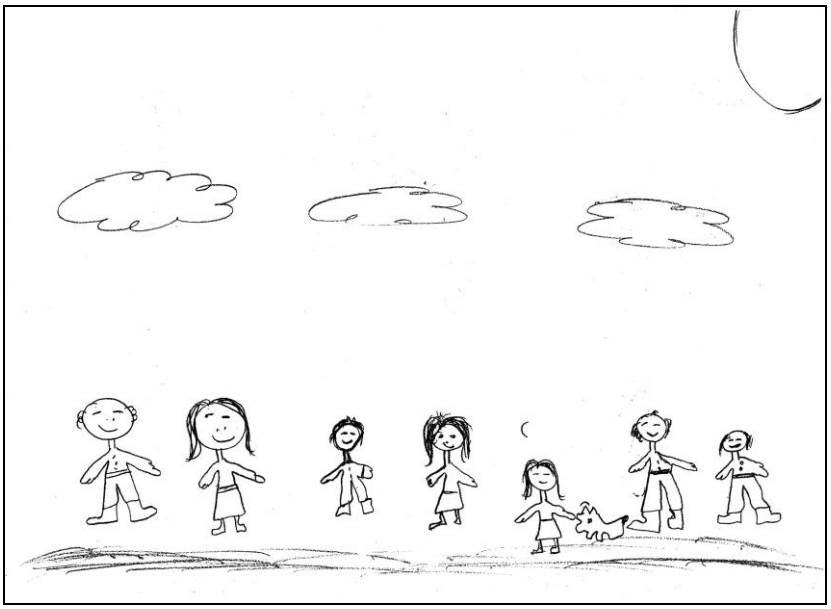

Figura 16: Segunda unidade de produção de Helena no DF-E

Estória

Ah, assim, eu pensei quase a mesma coisa, né? O Cleiton, eu né, aqui no caso seria o meu menino, né? É que, assim, é uma hipótese da gente, eu nunca penso em acabar né, assim, a Paula que vem primeiro né, ela, a Isabela, o cachorrinho dela né, e aqui meu pai, eu queria que ele tivesse mais próximo, não coloquei os outros porque eu tô sempre vendo né, ele eu demoro muito a vê e meu outro irmão, poderia tá tudo aqui perto. Porque, assim, a família do Cleiton também mora tudo aqui perto, o que falta pra completar eles é esses menino 'pára' com isso, né? Porque são todos unidos sabe, sempre se vê, tanto é que ele ta lá (se referindo a Vitor que está preso), *mas o pai dele vai de 15 em 15 dias vê ele* (na prisão). *Tem pai que eu sei que nem tá aí, nem vai, então eu sei que o que falta pra mim seria o meu pai, que demora a vim, às vezes de ano em ano, a gente fica só se falando né... E esse meu outro irmão também*. [Esse outro irmão é mais novo, mais velho?] *Mais velho* [Ele mora na mesma cidade que o seu pai?] *É, assim que meu pai separou ele quis acompanhar meu pai... e hoje ele já é casado, tem filho... e eles moram muito longe* (disse com pesar) [E o que vocês estão fazendo aí?] *Ele tá no dia também* (risos) [Ao ar livre? E como é que eles estão?] *Tão bem também, tá tudo feliz* [Na mesma cidade?] *É, eu imaginei que sim, né?* [Esse cachorrinho é...] *É a Tita né, que a Isabela não desgruda* [Mais alguma coisa?] *Só* [E o título?] *O título... ahnn... "Poderia ser assim?"* (deu muitas risadas e saiu para pegar água).

Interpretação

Nesse desenho, novas pessoas são inseridas no lugar dos cachorros, apesar de Helena ainda manter um deles (cachorro) na companhia de Isabela (aqui também o cachorro assume a função de objeto confortador). Assim como no primeiro desenho, ela e Cleiton são desenhados com cabeças grandes e todos flutuam, com exceção a Isabela, que mais uma vez está representada como a responsável por trazer a realidade e unir a família.

Há a inserção da figura paterna (seu próprio pai), representando a função de cuidado e proteção "queria que ele estivesse mais próximo", junto ao irmão, que também está longe. Davi também aparece no desenho, como algo que ela ainda gostaria de ter. Nesse sentido, o desenho representa a perda das figuras masculinas (em especial o pai e o irmão que estão longe e não mantém contato) e consequentemente a perda dos limites, proteção e cuidado que os homens podem oferecer. Para ela, os irmãos da sua família de origem rivalizam entre si, pois não há uma figura de autoridade que imponha limites e ordem. Dessa maneira, a sua família de origem não pode se unir sem a presença das figuras masculinas, assim como Cleiton faz com a sua primeira família, cuidando do seu filho que está preso.

Nesse sentido, reconhecendo o esforço do marido em relação ao filho, Helena procurou exaltá-lo em sua função paterna, ao dizer que ele visita o filho preso de 15 em 15 dias, o que muitos pais não fazem, e por isso a família é unida. Ela demonstra, portanto, acreditar que o marido pode exercer a função paterna, oferecedora de limites e segurança, para a sua família constituída, ainda que perceba sua fragilidade. Assim, faltaria à sua família de origem alguém que fizesse essa mesma função de cuidar e de unir a todos.

Este desenho já é um pouco menos elaborado que o primeiro, no sentido de que, o contato com a constatação da perda e do vazio na elaboração da "família que você gostaria de ter" a deprime. O título "Poderia ser assim?" dá essa ideia, pois a clareza de que a realidade não é a desejada fica evidente.

c) Terceira UP: Uma família em que alguém não está bem

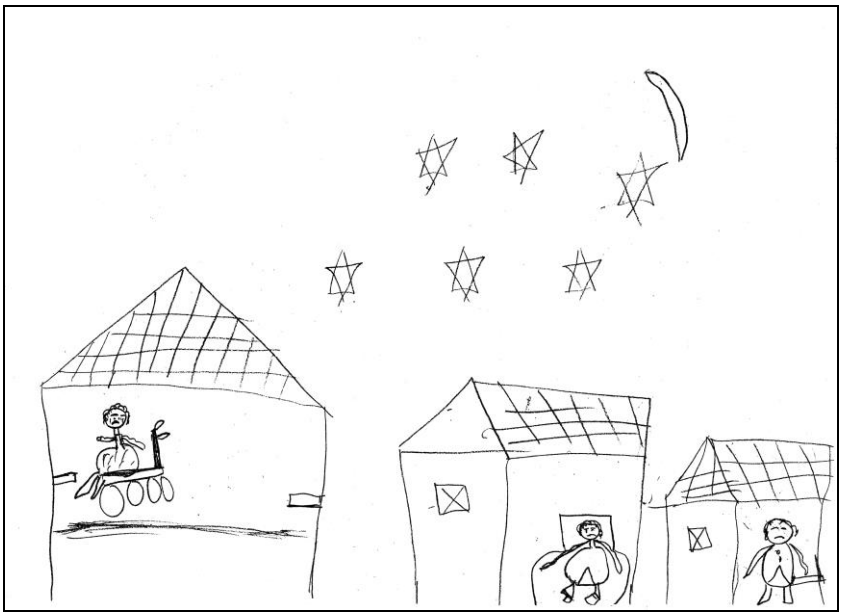

Figura 17: Terceira unidade de produção de Helena no DF-E

Estória

Então, alguém que não tá bem que eu tenho certeza são pessoas da família da minha mãe né, minha avó, que sofre muito com a briga... que é assim ó, aqui tá a casa dela (a casa maior)*, ela mora na frente... aí no fundo tem o terreno que tem a casa que os dois filhos fizeram, é onde que tem a briga com o que tá aqui com ela* (o tio que veio para cuidar). *Então esse daqui* (casa do meio)*, esse meu tio, ele mora só, então às vezes a gente chega lá e ele tá sempre sozinho, tem um monte de problema de saúde também... Esse do fundo é o que mais briga. Então a minha avó, apesar de ela estar mais bem de saúde agora do que ela já teve, ela fez uma tristeza, sabe? Dos irmãos que não conversava por causa desse que chegou pra cuidar dela. Então esse daqui* (o do meio) *não conversa com esse que tá cuidando dela, esse piorou* (se referindo ao da última casa). *Sabe já até entrou com um negócio lá no fórum pra ver... porque esse daqui* (o que veio cuidar da avó) *mandou fazer até um muro. Então separaram de eles* (dos outros tios) *vê minha vó, se eles quiserem ver minha vó, não que o meu tio proibiu, mas tem que dar a volta, apertar a campainha e entrar. Então pra eles foi o cúmulo, porque sempre foi livre para passar, você entendeu? É enorme lá, sabe, só você indo lá pra sa... nossa é grande mesmo, então acho que é as três pessoas que devem estar bem amarguradas, de ódio no coração, porque deve ter, né? E de tristeza, né? Que é minha vó... Aqui* (aponta as duas últimas casas) *são ódio no coração, os dois, e os dois mal de saúde,*

porque esse aqui (se referindo ao da casa do meio) *é bem obeso esse meu tio, e eu gosto dele, sabe, ele é bem obeso... E esse daqui tá indo pro mesmo caminho, ele tem problema de feridas nas pernas, sabe... então são coisas, Marcela, que às vezes eu fico pensando, será que eles não tão vendo a situação que eles ficam brigando por causa de coisa que eles já tem? Que cada um tem sua casa, seu canto... só que vai conversar, vai falar... então eu acho que é as três pessoas, minha vó de tristeza de ver essas desavenças dos irmãos, e eles com esse ódio no coração e com essa falta de saúde que eles tão, esse aqui (se referindo ao da casa do meio) tá com um problema seriíssimo no coração, de obesidade já sabe* [E a sua vó, ela tá...] *Ela fica na cadeira de rodas agora, depois que ela ficou muito doent... nossa, ela ficou meses internada, ninguém dava mais nada por ela, ficou parecendo um passarinho sabe?Quando cai de uma árvore, de repente, menina, a vó melhorou, ela tá com 92 anos, você vê e fala: "Não... Ela tem uma pele que você precisa de ver, lisa!". É só que ela fica nessa tristeza... toda vez que você chega lá ela fala: "Olha aí minha filha, os seus irmãos como é que tá"* [E ela é obesa também?] *Ela já foi, agora não, não é magra mas também não é mais gorda... é que eu não soube pôr ela aqui na cadeira* (risos). *E fica, ela levanta, toma o banhozinho dela, e fica, né? Porque tem até a pessoa que cuida dela, e ela já vai pra cadeira e fica na varanda, lá. De primeiro quando não tinha o muro, o muro era baixinho então ela ficava vendo o movimento da rua o dia inteirinho, cidade pequena é assim... aí depois que o meu tio veio, que quis pôr 'orde' lá* (sic), *aí levantou, apesar que foi bom porque ia muito assim, esses ladrãozinhos... Um dia era cadeira, no outro roupa do varal, então tadinha ela fica lá, eu falo, é como se ela tivesse vendo a rua, mas não tá vendo nada, né? Fica o dia inteiro... tudo eles leva pra ela na mão dela, só sai pra ir no banheiro, e a noite pra ver a novelinha... só... esse aqui fica socado o dia inteiro lá dentro* (se referindo ao da casa do meio), *já esse aqui demora mais pra ver ela, ele é mais de opinião, mais durão... Então, são os dois da família mais endurecidos sabe, e a vó por tá alí tadinha, vendo...* [E o título?] (Risos) "*Família desunida", essa é!*

<u>Interpretação</u>

Este terceiro desenho está bem representado pela estória. O período da noite desenhado representa a tristeza, já que o sol nos outros desenhos representou momentos felizes. As figuras são empobrecidas, mas demonstram as principais características levantadas por Helena no processo de não estar bem: tristeza, raiva, não ter uma ocupação, brigas e

solidão. O tio que vem auxiliar a avó, não é desenhado apesar de citado na estória, pois em sua percepção, ele vem para oferecer o cuidado e por isso está bem.

É possível identificar na descrição do desenho, a presença da rivalidade fraterna, na família da mãe de Helena, em que seus tios desejam ter a mãe (por meio da disputa do terreno). Nesse sentido, os irmãos parecem avaliar aquilo que lhes falta, e assim, disputar entre eles o ganho e a gratificação. Sua própria mãe, entretanto, não é citada, parecendo não estar envolvida na disputa fraterna. Esse relacionamento entre os tios faz pensar no relacionamento de Helena com seus próprios irmãos, que estão próximos seja do pai ou da mãe e ela, assim como sua mãe, está distante dos seus genitores. A rivalidade que pode existir entre eles foi expressada de forma indireta, por meio da história sobre a rivalidade entre os tios. Helena ressaltou a sua percepção do quanto às disputas dilapidam a família (e a faz desejar não visitá-los) e prejudica a saúde de todos (especialmente da avó citada no desenho).

Helena também demonstra as fantasias de cura a partir do cuidado do outro, como quando disse em relação à avó que estava muito mal "parecendo um passarinho quando cai da árvore", e que com a presença e cuidado do tio ficou boa, com 92 anos de idade e "uma pele muito lisa" (como se ela tivesse renascido a partir do cuidado e da proteção que lhe foram oferecidos). Entretanto, esse cuidado restringe sua liberdade (após a construção do muro a avó fica impedida de ver a rua), simbolizado que a rivalidade entre os irmãos pode ser muito nociva para a figura da mãe e para a família, sendo necessário isolá-la, como forma de protegê-la. Com essa atitude, toda a família é prejudicada, pois não há quem possa oferecer *holding*.

d) Quarta UP: A sua família

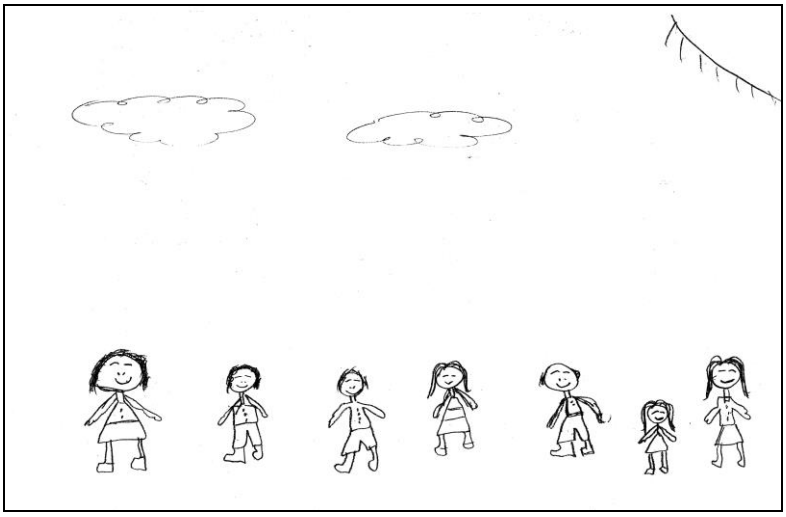

Figura 18: Quarta unidade de produção de Helena no DF-E

Estória

A minha família, você fala... [A sua família] *É eu já coloquei, né?* [Você me diz que já desenhou sua família uma vez, é isso?] *É...* (desenha) [E essa, o que você me conta?] A*ssim, essa é que eu acho que é a família mesmo né, de verdade, que seria a minha mãe* (primeira figura esquerda para a direita)*... que qualquer coisa, tudo ela preocupa... Se ela não tá aqui e tem como ela resolver alguma coisa, ela vai atrás. Esse daqui seria... É meu irmão* (depois da figura da mãe)*, não tá aqui, mas seria a minha família de verdade, que se precisar dele... esse é o que mora lá com o meu pai né, e esse é o meu outro irmão, que mora na cidade onde eu morei, inclusive, qualquer coisa que às vezes acontecia que o filho dele tava aqui né* (Vitor, filho de Cleiton)*, nossa... queria saber o que tava acontecendo. Queria vir defender sabe... ainda é até perigoso essas coisas, né? É... Eu... Esse aqui é o meu pai... porque mesmo estando longe ele tá sempre ligando, e o que acontece ele vem atrás mesmo, quer saber sabe, a Isabela e a Paula* (as duas últimas figuras)*. Acredito que seja a minha família mesmo, de verdade... O meu irmão que mora onde meu pai mora... tudo que acontece que ele fica sabendo ele liga, ele quer saber, sabe? Eu sei que são pessoas que se um dia eu precisar é só ir e chegar até lá* [E o que vocês estão fazendo?] *Então, tá todo mundo junto aí, né?* [Onde?] *Ah, num encontro né... às vezes nos encontramos todos juntos* [E como vocês estão?] *Tá bem, pra mim tá bem... Família unida, né? Apesar de alguns estar distante, estão assim, sempre ligando sabe... tá sempre ligando comunicando tudo o que tá acontecendo... eu penso assim, se um dia a gente procurar eles por algum motivo, ou se tipo assim, vem defender a gente por algum... eu tenho certeza, eles vem, já tive essa base nessa época... Meu pai queria vim e me tirar embora daqui, o meu irmão... se o Cleiton não tomasse uma atitude, mesmo sabendo que era filho dele... Porque naquele extremo, aquele menino podia fazer alguma coisa, tanto comigo quanto com a Isabela, essas pessoas, me fala, elas tem uma reação assim ó... Uma pena* [Não chegou a acontecer nada além daquele episódio?] *Não, graças a Deus, porque logo fomos dando um jeito de afastar, tanto é que não deu certo aqui e ele voltou pra cidade dele* [E um título?] "*Família unida"*.

Interpretação

Nesse desenho, Helena retratou a sua realidade atual e não desenhou o filho Davi (pois desenhar a "sua família" retoma a compreensão de que a ausência do filho é irreparável) e o marido (pois este não pode ser considerado como da sua família por sentir que ele não a

protegeu no episódio com Vitor, deixando-a em uma situação de risco), assim ela acrescentou: "*eu acho que é a família mesmo né, de verdade*".

A partir da ideia de que a família deve ser unida e se proteger (em especial poder se sentir protegida, já que ela se coloca em posição de quem precisa dessa proteção), Helena ressaltou na estória a forma como seu pai, mãe e irmãos se colocam em sua defesa e cuidado (irmãos e pai quiseram tirá-la de casa no episódio com Vitor, a mãe se preocupou com ela). Em seu relato sobre esse cuidado da família, ela parece se sentir mais confiante e fortalecida; entretanto, ela está falando de uma união na estória que é representada por uma desunião no desenho (as figuras estão todas muito separadas uma da outra), o que pode ser compreendido como uma contradição do seu relato.

Também é possível perceber que ainda há forte dependência de Helena para com uma figura que possa lhe oferecer *holding* e proteção. O desenho de "a sua família" a fez retomar a sua família de origem e o desejo de receber, especialmente do pai e dos irmãos (as figuras masculinas), o cuidado e proteção que necessita. Portanto, para amenizar a falta do *holding* e segurança que ela receberia do seu pai e irmão que estão longes, ela busca o marido para suprir essa falta. Helena então ressaltou as atitudes que considerou positivas e protetoras em Cleiton (no episódio com Vitor) para não se sentir privada do cuidado e carinho familiar. Sua relação com Cleiton é ambivalente na medida em que ela acredita que ele pode protegê-la, mas que também a expõe a perigos. Por isso, ela ainda depende muito da sua família de origem (dos homens principalmente) para proteger a ela e aos filhos.

5.3.4 Síntese da Entrevista: Cleiton

Cleiton tem 51 anos e é comerciante. No dia da entrevista, ele já estava esperando na mesa da cozinha. As janelas estavam abertas e não fazia muito calor. Helena estava saindo para levar Isabela a uma festa na escola. Cleiton parecia tranquilo, mas ansioso para ir embora.

Ao perguntar sobre a sua família, Cleiton demonstrou não compreender a pergunta e ficou bastante desconfortável, insistindo para que a psicóloga fosse mais direta: "*Me faz um tipo de pergunta para mim poder te responder*". Depois ele relatou sobre a sua família de origem, que os considera muito unidos, pois todos se ajudam quando é necessário: *"Tem sempre pessoas, um ajudando o outro... Digamos que uma pessoa, hoje ela tá mal de situação, então vai lá e cada um ajuda um pouquinho, põe ela trabalhar cada um, não digo*

de trabalhar de empregado, de ser autônomo... e, então, aí a gente, vamo dizer assim, eu já cai... quatro, cinco vezes... voltei à estaca zero, eles me ajuda de novo".

Cleiton contou que já teve diferentes trabalhos no comércio, pois a família, composta de cinco irmãos, sempre trabalhou com seu próprio negócio, guiada pelo pai que os estimula: *"Nós somos em cinco irmãos e o meu pai é o cabeça"*. O pai de Cleiton tem negócios bem sucedidos e é descrito por ele como um bom administrador, além de ser muito trabalhador. Os irmãos moram em diferentes cidades, pois seguem as oportunidades de negócios onde estiverem.

Sobre a sua mãe, Cleiton relatou que é uma mulher emotiva, que se preocupa muito com os filhos e está sempre entrando em contato para saber como estão. Caso saiba que algum filho não está bem, ela insiste com os outros para que eles o ajudem, como nas palavras de Cleiton: "E*la chora de um lado, chora do outro... e todo mundo tem que ajudar todo mundo".* Ela é uma espécie de elo que procura reunir a família sempre que pode, seja em circunstâncias boas ou ruins.

Ao falar sobre a união dos irmãos e suas profissões, Cleiton se confundiu um pouco ao contar que, após um tempo em que os irmãos viveram juntos, cada um tomou o seu rumo e ele ficou com o negócio da família, época em que seus filhos começaram a preocupá-lo *"[...] A gente pegou uma relação que os meninos não queriam trabalhar, que é os meu, não queriam trabalhar, e eu falando, e um só mexendo com cachorro e o outro... com droga, e no final eu falei 'ó'... deixei a desejar também, e aí... o casamento foi embora, e eu arrumei a outra aí* (risos – se referindo a Helena)*"*.

Cleiton contou que se casou a primeira vez com 18 anos, que teve três filhos (Armando, Lívia e Vitor) e que o casamento durou 25 anos. O rompimento foi decisão da ex-esposa de Cleiton, que sabia que ele tinha um caso extraconjugal com Helena e decidiu que não queria continuar mais a relação. Entretanto, em seu ponto de vista foi um término tranquilo: *"[...] Não teve confusão... porque no final ela chegou num ponto de: 'Não eu não quero mais, você vai viver'. Porque, eu vivia com a outra, mas não deixava ela* (risos) *e vivia com as duas... Aí no final ela não queria mais"*. O fim desse primeiro relacionamento não foi bem esclarecido por Cleiton em seu relato e quando perguntado a ele se foi no contexto do nascimento de Isabela que o rompimento aconteceu, ele disse: "*É, na gravidez não, e nem depois que... por que... Depois que nasceu, aí eu dava assistência e tudo e... Aí ela falou que... poderia continuar, eu mais o primeiro casamento... e com a Helena, eu dava assistência, tudo, mas dava uma pensão... pra menina... E aí gente vinha viver junto... mas nesse meio de tempo ficou lá mais* (risos – se referindo ao segundo casamento)".

Assim, Cleiton não queria terminar o seu primeiro casamento, mas também não conseguia deixar de se envolver com Helena. Por ele, teria continuado casado com a ex-esposa, pois a considerava uma boa esposa por permitir sua individualidade sem tentar controlá-lo. Entretanto, Cleiton pode aceitar a decisão dela: "[...] *Eu, por mim não tinha deixado ela, mas aí ela quis separar, separamos de boa"*. Quando questionado a ele sobre a forma como os filhos lidaram com a separação e o novo relacionamento do pai, Cleiton contou que no começo houve muita rivalidade, especialmente por parte de Lívia, mas que após a aceitação da ex-mulher, os filhos também passaram a aceitar. Atualmente, o relacionamento entre as famílias melhorou, a ex-mulher de Cleiton e Helena fizeram amizade; o ex-casal ainda tem bastante contato e acompanham juntos os acontecimentos da vida dos filhos.

Na época em que Helena engravidou de Isabela, portanto, Cleiton ainda estava em seu primeiro casamento. Sobre este período, ele contou que teve uma oportunidade de negócio em outro estado, em uma cidade bem longe da que ele morava, e que este foi um momento importante para que ele pudesse pensar em sua vida: "[...] *Eu fui pra lá pra dar um tempo pra pensar e... chegando lá, as coisas deram tudo errado*". Os negócios que Cleiton pensava em fazer não foram bem sucedidos e ele precisou voltar para a sua cidade de origem tendo perdido tudo, como disse: *"na estaca zero de novo"*. Assim, Cleiton falou sobre o fracasso desse trabalho e da ajuda que recebeu da família para montar um novo negócio, enfatizando a importância de ser autônomo: "*A verdade é uma só, se você vier a trabalhar por conta, é bem melhor, porque quando é funcionário, sempre é funcionário. E eu aprendi uma coisa, porque pra você ganhar um dinheiro... que você que... Seu salário, por exemplo, você é uma funcionária, mas você estudou, então se você quiser trabalhar por conta... E, tem gente que é o seguinte, não sabe trabalhar por conta, só sabe trabalhar de empregado, só sabe ser mandado, eu não sei ser mandado, eu sei mandar* (risos)".

Cleiton disse ter estimulado muito Helena a ter seu próprio negócio. Ao descobrir que ela gostava de costurar, comprou máquinas de costura e todo o material necessário para que ela pudesse trabalhar, mas não deu certo. Sobre isso ele falou: "[...] *Eu sei que deu quatro meses, ela comeu foi tudo* (risos)". Com o fracasso do primeiro negócio de Helena, Cleiton tentou estimulá-la para que ela fizesse outra coisa, mas Helena não queria: "*Porque é o seguinte, ao invés de eu dar o dinheiro, eu dava a experiência e falava pra ela o que ela tinha de fazer. Aí chegou num ponto que ela: 'Não, eu não quero trabalhar assim, eu quero trabalhar de empregado, eu não gosto, eu quero ter meu dinheiro no final do mês'... 'Então tá bom, então você trabalha pra mim e no final do mês eu te dou o dinheiro'"*. Entretanto,

com a insistência de Cleiton, Helena resolveu fazer o curso de cabeleireiro e ele começou a montar um salão de beleza na casa dela. Nessa época, ele ainda estava casado com a sua ex-esposa. Cleiton contou que Helena estava com medo de cortar o cabelo das pessoas e errar, e que também se sentia desestimulada, pois o salão não dava lucro: "*Comprei o material pra ela, que era os creme... que era caro, então... dava só lucro... Aí comprei uma tesoura de cabelo... a tesoura era cara* (risos)... *Aí comprei as coisas pra ela, ela foi começando a trabalhar, foi pegando confiança. Eu falei assim: 'Sai cortando o cabelo de todo mundo de graça, você trabalha de graça cortando cabelo, vai aprendendo e vai dar o primeiro passo para que as pessoas saibam que você está trabalhando com esse seu... trabalho'. E assim ela fez, aí todo mundo começou a cortar cabelo com ela, e deu certo*".

Quando perguntado para Cleiton sobre o falecimento de Davi, que aconteceu nessa época do curso de Helena, ele contou com pesar do dia em que o menino faleceu: "(suspiro) *Ah... o menino gostava demais de mim... é que nem aquele ditado, se você quiser a mãe tem que conquistar os filhos... E os meninos dela, era uns meninos muito... humilde... que queria, vamos falar assim, um carinho... É, uma coisa que não tinha com o pai deles, porque bebia muito. Aí eu pagava o guaraná pra eles, salgado* (risos), *aí eles não sabia que eu tinha um caso com a mãe, era como se eu fosse um amigo... E eu ia pra sauna e o menino ia também. E você já viu, moleque gosta de besteira, então começava a falar besteira* (risos) *e se empolgava* (pausa). *Eu sei que... foi nessa época que saímos e o moleque já tava mocinho, ele ficava em casa... Então 'a gente saímos' no domingo... foi até que, ele falou que não tava... parece que... gripado. Aí eu falei: 'Tudo bem, então você vai ficar aqui'. Ele tinha televisão, vídeo-game, que eu tinha dado... e ele tava deitado nesse dia. 'A gente saímos', pra voltar logo... E assim que a gente voltou, umas seis horas da tarde, ele não tava bem. Só que eu tinha deixado a mãe dele, eu não entrava, eu deixava e ia embora. Aí diz que, assim, que ela chegou o menino tava deitado, e pediu pra ele levantar pra tomar o remédio, e ele falou assim: 'Não mãe, você tá gritando comigo'... E ela tava conversando... E eu acho que isso é mal de família porque um tio dele também, do outro lado, morreu também com isso, do nada, e assim que deu remédio, ele teve uma convulsão*".

Ao dar continuidade sobre o relato da morte de Davi, Cleiton começou a tossir. Essas tosses encerraram quando ele mudou de assunto. Disse que houve dúvidas sobre a eficácia do remédio que Davi estava tomando, e se não foi o que causou a convulsão: "*Não sei se foi problema do remédio, mas acho que não foi porque, aquilo tudo, aquele problema que ele tava, aquela dor de cabeça, ele tava quietinho* (tossiu) *[...] No ele levantar, ele passou mal porque, caiu no chão, a mãe dele pediu socorro* (tossiu). *O padrasto dela* (de Helena)... *pegou*

ele e levou pra Santa Casa... E assim foi dando convulsão (tossiu) *uma atrás da outra, até chegar a morte*". Assim que soube da notícia, Cleiton foi até o hospital para acompanhar Helena e o filho *"[...] Fui lá, ajudei, é... fiquei do lado dele* (tossiu - pausa) *e conversava com ele e tudo, e ele não queria morrer... era um menino muito forte*". Cleiton explicou que Davi teve muitas convulsões e resistiu muito até a sua morte. Foi isso o que lhe deu essa impressão de que ele era forte e de que não queria morrer.

Assim, ele começou a relatar a preocupação com Helena, que ficou muito mal após a morte do filho: "*Depois foi a mãe dele que foi preocupante porque, a mãe dele ficava direto, falando... é, se culpando... Mas não tinha culpa nada, porque... aquilo tudo era... A gente saiu era* (tossiu). *Ele tava bem, ele tava gripado... e naquela gripe, surgiu tudo isso...* (tossiu) *e foi de repente, assim que ela chegou*". Cleiton disse que Helena passou alguns meses muito deprimida e que, depois de um tempo, ele decidiu tentar um novo negócio em outro estado. Nesse momento, Helena já estava grávida, o que aconteceu logo após a morte de Davi.

Sobre a gravidez de Helena, Cleiton relatou que não foi planejada, e que eles ficaram surpresos, pois foi em uma época em que ele havia brigado com a sua filha Lívia e manifestado o desejo de ter outra menina: "*Não sei o que aconteceu porque... tanto eu prevenia como ela... e parece que foi uma coisa assim* (pausa). *Um dia eu cheguei nervoso e falei assim: 'Não, eu quero ter outra menina', eu briguei com a minha menina e ela me xingou, depois ficou sem conversar comigo... E eu falei assim: 'Não, então, não quer, não quer', porque eu também sou assim, se não quiser, eu não vou brigar, que nem meu menino agora, é... mexe com droga também, o mais velho...usa droga* (pausa). *Eu nunca gostei de droga, nunca cheirei, fumei, bebi"*.

Nesse momento, ele voltou a falar do primeiro casamento, demonstrando a sua insatisfação e buscando justificar a sua infidelidade: *"Eu sou... assim, a pessoa que... a minha mulher* (se referindo à ex-mulher) *falava que eu era mulherengo... eu não me satisfazia com uma pessoa, eu procurava outra... mas por causa dela mesmo* (aumenta o tom de voz). *Partia dela, porque quando ela não me procurava, eu procurava outra, no entanto que, depois que eu fiquei com a Helena as coisas mudou, porque ela deu mais a-assistência* (fica sem graça). *Porque o casamento é assim, o que você não ganha dentro você busca lá fora, e... tudo que a outra não fazia, a Helena fez, então foi me aproximando do outro lado*".

O relacionamento com os filhos ficou muito difícil logo após a descoberta da infidelidade, em especial com Lívia. Entretanto, eles foram se entendendo e hoje ela e a nova família de Cleiton são bem próximas. Cleiton contou que essa sua filha conversa com ele bastante e já lhe pediu conselhos amorosos em uma época que ela e o marido estavam se

desentendendo e pensando em se separar. Sobre esse assunto, ele disse que estimulou a filha a ser menos "pegativa" (sic) e a não buscar encontrar traição no marido, pois ela poderia encontrar: *"Eu entrei uma vez no meio, mas... assim, falando pra ela que ela tinha que ter mais paciência, que ela não podia ficar muito em cima, que todo mundo que procura acha, então tem coisa que você não pode... ficar correndo atrás"*.

Ainda sobre a forma como seus filhos lidaram com a separação dos pais, Cleiton falou sobre os outros dois filhos que se envolveram com drogas, e sobre como lhes foram dadas todas as oportunidades de trabalho para que crescessem, mas eles não quiseram aproveitar. Sobre o filho mais novo que começou a vender drogas, Cleiton atribui esse fato à má companhia do filho, como responsável por estimulá-lo a praticar atos criminosos, e acredita que desde o começo, seu filho já não conseguiria uma boa solução para o caminho que estava seguindo: *"[...] Porque quando eles começaram, um comenta com o outro, polícia é assim, a hora que você começa a vender, eles sabem... Tanto que... a polícia... sempre vai ver... e você nunca vê, aí foi pego"*. Continua dizendo que tem feito muito esforço para conduzir os filhos para um melhor caminho, mas que a aceitação deles ao que o pai diz, é pequena. Ainda assim, se sentindo desestimulado com a falta de gratidão dos filhos e com as brigas recorrentes, ele insiste nas conversas: *"[...] Olha eu vou te falar pra você, eles me dá uma dor de cabeça [...] E eu sou aquele que falo na hora, brigo, discuto... e depois vou atrás de novo"*.

Ao perguntar o que Cleiton tem a dizer sobre a sua família com Helena e Isabela, ele apenas disse que se dão bem: *"Ah, eu mais a* (pausa) *não tem nada, por que... ela faz o trabalho dela e eu faço o meu, e... ela sempre... O que ela faz fica pra ela mesma, então... pra você fazer uma coisa e, tudo pra você, fica... ela... E eu fico responsável pelo restante* (risos), *e ela só fica pra ela mesma"*.

Sobre Isabela e os seus sintomas, Cleiton disse que está muito preocupado, pois antes ela era uma criança normal e alegre. Atualmente, no entanto, tem tido muito medo e estado insegura: "*Você tá deitado ela tá que nem um zumbi, na porta* (risos)*... não dorme, fica esperando a mãe dela... Esse problema apareceu... e toda hora: 'Mamãe reza pra mim, papai reza pra mim'... Pôs na cabeça dela, não sei da onde veio tanta coisa... Porque antes disso ela falava: 'Vamô papai, corre, corre'. Hoje é: 'Não corre'. Antes era: 'corre, corre'. Hoje é: 'Não corre'* (falando sobre os passeios de carro) *e brincava tudo... Ontem que 'nós foi' lá na cidade num barzinho, e de lá pra cá, eu comecei a correr porque tinha umas lombadas, tal... e ela: 'Não, não corre, tá correndo muito', quer dizer preocupa... entendeu?"* (sic).

5.3.5 Análise da Entrevista: Cleiton

Cleiton se mostrou muito ansioso para terminar a entrevista e pouco confortável com ela, ainda que tenha aceitado falar dos assuntos propostos e oferecido detalhes em alguns dos seus relatos. Sua fala muitas vezes foi confusa e sem sentido, com interrupções do pensamento, emendando um assunto no outro, sem terminar frases. Ele teve dificuldade em responder à pergunta: "Fale-me da sua família", demonstrando tê-la considerado muito abrangente e solicitando que a psicóloga o auxiliasse sobre o que devia começar a falar, oferecendo uma maior estrutura para ele seguir. Além disso, foi possível perceber certa dificuldade com as figuras de autoridade e em precisar se submeter a algo (como em relação à própria entrevista e, como quando relatou sobre o seu trabalho), o que dificultou sua tarefa de responder à questão.

Assim como Helena, Cleiton começou falando sobre a sua família de origem. Ele enfatizou bastante a união que acredita haver entre eles, pois todos ajudam uns aos outros. Entretanto, esta é, de acordo com o seu relato, uma ajuda material, em que o que é oferecido (dinheiro, bens materiais) deve ser o suficiente para garantir estabilidade e sucesso.

Para ele, o trabalho é de extrema importância, pois é por meio dele que é possível garantir-se e sobreviver, além de representar uma forma de reconhecimento do outro, especialmente quando se possui o próprio negócio. Nesse sentido, ser autônomo representa um ganho sobre o outro, diante da manifestação familiar que o valor de uma pessoa e a representação do que é se dá por meio do sucesso do seu negócio. O trabalho é uma forma de se refugiar das dificuldades emocionais, no sentido de que é compreendido como garantia de felicidade e vitória, por isso, passa a ser empregado como justificativa para se esquivar ou até fugir das questões emocionais derivadas dos conflitos familiares (ele muda de estado no momento crítico em que sua ex-esposa o aceita de volta e Helena dá à luz Isabela; desaparece no dia da entrevista de Helena quando ela o espera para receberem juntos a psicóloga; ou até mesmo quando estimula Helena a ter seu próprio negócio ignorando a situação emocional em que se encontram – ele casado com outra mulher e ambos com filhos).

Diante da situação de entrevista, quando precisou falar de questões emocionais, Cleiton sentiu necessidade de valorizar-se, ressaltando as suas escolhas e capacidade profissionais e falando sobre a superioridade do seu trabalho, pois esta é a parte de sua vida em que ele sente ter mais controle: *"Tem gente que é o seguinte, não sabe trabalhar por conta, só sabe trabalhar de empregado, só sabe ser mandado, eu não sei ser mandado, eu sei mandar"*.

Ainda, ao falar sobre a sua família, Cleiton demonstrou dar muito valor à função paterna, de quem apresenta o mundo e fornece provimentos. Para ele, o pai está em uma função muito superior, como o seu próprio pai, "o cabeça" da família, que é bem sucedido em seus negócios e arquiteta os passos dos filhos. Nesse sentido, Cleiton não consegue se sentir bem sucedido em seu papel de pai, porque seus filhos têm muitos problemas (não querem trabalhar, usam drogas, um deles está preso). A sua própria falta de limites (e da percepção da sua potencialidade como homem e profissional, daquilo que ele deve ou não fazer e do que é necessário para relacionar-se com o mundo externo) faz com que ele tenha dificuldades para oferecer os limites a seus filhos. Assim, o desejo de ser capaz como o seu próprio pai e ter a mesma influência que ele na família, aparece em sua tentativa de se relacionar com duas mulheres ao mesmo tempo, pois elas reafirmariam o seu poder como homem, já que ele não recebe do trabalho o mesmo reconhecimento. Sobre isso, Cleiton justifica suas atitudes como responsabilidade da ex-esposa, que não o gratificava e nem atendia as suas necessidades como sentia ser necessário. Por ser homem e se sentir como a figura de autoridade e poder, seria aceitável, em sua concepção, que ele buscasse fora de casa o que sentiu faltar *"[...] porque o casamento é assim o que você não ganha dentro você busca lá fora"*; ele também orienta a filha mais velha a ser menos carente em relação ao seu marido, pois ela poderia descobrir coisas desagradáveis sobre ele, como uma traição. O homem teria então, direito a realização dos seus desejos, e à mulher caberia atendê-los.

Esse seu comportamento tem relação com a maneira como Cleiton percebe a mulher: como quem precisa ter paciência e não ser muito pegajosa, permitindo que o marido saia e não precise dar satisfações (características que ele percebia em sua ex-esposa e que admirava; por isso o desejo de continuar com o casamento ainda que ela não o satisfizesse). A mulher (e a mãe) é o elo familiar, que se preocupa e se compadece diante do sofrimento de todos (como faz sua própria mãe, que usa seu poder de convencimento através do choro para fazer os filhos ajudarem uns aos outros). Ser afetuoso significa, nesse sentido, ser frágil. A mulher seria a responsável por reparar os estragos causados pelo homem, ainda que ela não possa dominá-lo ou deixar de atender as suas necessidades. Assim, ele desejou ter, enquanto relacionou-se com as duas mulheres, as suas necessidades satisfeitas e o controle sobre as duas famílias. Entretanto, isso não foi possível devido à decisão da sua ex-esposa (que não o queria mais); dessa forma sentiu que perdeu o controle da sua vida.

Cleiton reconhece que não pôde estar presente na família e referiu ao seu primeiro casamento dizendo que "deixou a desejar". Ele não demonstrou, entretanto, culpa por sua postura, justificando-a com os acontecimentos difíceis que ele precisou tratar na época: os

filhos que não queriam trabalhar e se envolveram com drogas (além dos problemas no casamento e o seu caso extraconjugal, que ele não assume como dificultadores, mas que o fizeram ter necessidade de se afastar – mudar de estado – para sentir-se em condições de tomar decisões).

Assim, da mesma forma que ele aparenta muita onipotência e crença em si próprio (ele demonstra pensar que o que faz é o melhor, acreditando poder fazer qualquer tipo de trabalho com sucesso). No entanto, essa é uma onipotência que não se sustenta, pois ele a usa como defesa dos seus sentimentos de impotência, por meio de atitudes impulsivas, que ele faz sem avaliar consequências e sem se preocupar com a influência que elas terão sobre o outro.

Sem avaliar as consequências dos seus atos para os outros, ele ameniza os acontecimentos e o impacto deles para as famílias, em especial sobre o adultério. Em relação aos filhos do primeiro casamento, ele se contradisse dizendo que tudo ficou bem e depois que houve muita dificuldade de relacionamento, principalmente com a filha, sem refletir sobre a repercussão dos seus atos na vida deles. Há contradição também quando se referiu ao término do primeiro casamento, em que ele disse que a ex-esposa quis se separar e por isso "separaram de boa", e que "não houve confusão", ignorando o fato de que a ex-esposa fez a escolha da separação por ele e que houve rivalidade entre uma família e outra.

Ao se referir ao fato de não conseguir deixar seu caso extraconjugal e de ter sido "levado" a ficar com a "outra" (se referindo à Helena) ele riu e demonstrou certo desmerecimento, assim como parece sentir raiva dela por ter lhe tirado tanto a sua primeira família como os seus recursos financeiros, (ao se referir ao primeiro negócio de Helena como costureira, disse que em poucos meses ela "comeu tudo"). Cleiton considera-se poderoso por oferecer algo a alguém, mas depois que oferece, se sente esvaziado, com a impressão de que a sua ajuda lhe custou muito. Ele também entende que o aumento dos afazeres pelos quais é responsável se deve ao fato dos outros não assumirem o que deviam, e assim, há o desejo de que não houvesse tantas responsabilidades em sua vida (ele disse que Helena tem seu dinheiro para ela própria, já ele precisa pagar as contas da casa). De certa forma, diante da raiva por sentir-se responsável pela família, enquanto Helena pode usufruir, desde o início, dos ganhos do seu trabalho sem essa preocupação, Cleiton parece desvalorizar o trabalho da esposa, como disse em sua fala ao contar que estimulou Helena a cortar cabelo de graça: "[...] *você trabalha de graça cortando cabelo, vai aprendendo e vai dar o primeiro passo para que as pessoas saibam que você está trabalhando com esse seu... trabalho"*.

Nesse sentido, Cleiton passa a desvalorizar aquilo que não reconhece como o correto (como trabalhar como funcionário) e busca demonstrar que suas influências são boas, e que o

que aconteceu de ruim, não foi por sua causa, como quando se refere aos filhos que usam drogas: *"[...] Eu nunca gostei de droga, nunca cheirei, fumei, bebi"*. Assim, ele se sente prejudicado, especialmente nos negócios, pelo mau uso que seus filhos e Helena fizeram daquilo que receberam.

Na tentativa de não se sentir culpado pelos fracassos, Cleiton demonstrou não perceber que suas atitudes podem causar riscos para si e para os outros (e dessa forma, os problemas dos filhos não foram causados pelas suas falhas). Em seu ponto de vista, as pessoas se tornam responsáveis pelas consequências dos seus atos sem que ele se sinta também em parte responsável por elas, como quando se referiu ao filho que foi preso, dizendo que "assim que se começa a vender drogas à polícia sabe", se referindo a um ambiente em que há retaliação pelo que se faz de ruim.

Sobre o falecimento de Davi, Cleiton demonstrou muito pesar ao relatar suas lembranças. Enfatizou a sua relação com o menino, dizendo logo de início: *"O menino, gostava demais de mim"*, pois ele se aproximou dos filhos de Helena, como um pai, oferecendo a eles aquilo que eles não tinham do seu pai real (carinho, presentes, agrados). Conquistar Davi e Paula era uma maneira de conquistar Helena. É nesse momento que Cleiton é mais sincero sobre o seu relacionamento com Helena na época, dizendo claramente que os filhos dela não sabiam que ele tinha um caso com a mãe. Cleiton ressaltou o que fez pelos filhos de Helena colocando-se como o provedor da família, e relatando uma relação sem conflitos e desentendimentos.

O seu discurso, inicialmente, ganhou um pouco mais de clareza e seriedade. Entretanto, logo em seguida, Cleiton se atrapalhou e começou a tossir muito, demonstrando ansiedade ao tratar do dia da morte de Davi. Ele tratou em detalhes do início em que Davi começou a passar a mal e a ter as convulsões, mesmo não estando presente nessa ocasião, e procurou justificar a causa da morte, crendo que poderia se tratar de uma questão genética, pois um tio paterno faleceu da mesma maneira, de morte súbita, "do nada". Essa racionalização acontece, pois ao perceber o ambiente como retaliador, Cleiton viveu a morte de Davi como um castigo pela sua infidelidade e pela sua necessidade de se sentir demasiado potente. Ao perceber a sua incapacidade de ser bem sucedido no trabalho como gostaria e de proteger os filhos, a sensação de potência se esvai, e ele recorre ao uso da racionalização para explicar os acontecimentos (a morte de Davi) e não se sentir impotente.

Cleiton, também nesse momento, enfatizou a participação e importância que teve na vida de Davi, como se fosse um pai, amenizando uma possível culpa que ele possa sentir por ter saído com Helena no dia em que o menino morreu, como quando disse: *"[...] fui lá,*

ajudei, é... fiquei do lado dele". A estranheza de ver uma criança saudável morrendo, contrário ao que se espera, também foi relatada em seu discurso: *"Ele não queria morrer... era um menino muito forte"*, projetando em Davi a sua própria necessidade de que a doença e morte não fossem reais e de que fosse possível suportar e vencer. Nesse momento, Cleiton também falou do comportamento de Helena após a morte de Davi, e do quanto ele ficou preocupado com a profunda tristeza dela, em especial com a culpa que ela estava sentindo por não ter estado ao lado do filho todo o tempo no dia da sua morte, que ele tentou amenizar dizendo que eles não podiam saber que o seu estado de saúde se agravaria tanto.

Após algum tempo da morte de Davi, o relacionamento de Cleiton com os filhos do primeiro casamento piorou. A briga que teve com Lívia, seguida da gravidez de Helena, demonstram uma fantasia de onipotência, em que Cleiton sente que ao desejar pode concretizar o seu desejo, sendo pai de uma nova menina. Há uma tentativa de substituição do que foi perdido, sem que seja necessário lidar com as consequências da briga e arcar com a responsabilidade de construir uma nova relação com Lívia. Assim, ao não atentar às dificuldades, buscando substituir as perdas e amenizar os acontecimentos, os sintomas que Isabela apresenta assustam e aparentam não ter espaço para existirem sem que haja uma forte desestruturação na família e na segurança de Cleiton como pai.

Esses sintomas fazem com que Cleiton sinta medo, pois Isabela não lhe parece uma criança normal sendo percebida como mais um filho que ele sente ter falhado em sua função paterna. Cleiton tem muita dificuldade em tentar compreender os temores de Isabela *"[...] Não sei da onde veio tanta coisa"*, e a postura dela (em que exibe os medos e fala constantemente das dificuldades e sentimentos) contrasta com a forma que ele procura agir com as dificuldades, fazendo com que ele se sinta confuso e perdido. Nessa relação com Isabela e seus sintomas, Cleiton entra em contato com a sua fragilidade e necessidade de manter suas atitudes narcísicas, procurando se afastar do contato com os fracassos que teve e que sente que ainda pode ter. Para isso, ele utiliza da sua onipotência para evitar sentir-se impotente diante das dificuldades e da sensação de que não há o que ele possa fazer (o que pode ser percebido no discurso sobre o seu trabalho, seu papel enquanto pai que fez tudo que pode e no adultério cometido no primeiro casamento).

5.3.6 Procedimento de Desenho de Família com Estórias (DF-E): Cleiton

Com a sugestão da realização dos desenhos, Cleiton sorriu, mas aparentou estar desconfortável. No entanto, aceitou animado o que foi proposto e brincou com a forma como realizou os desenhos.

a) Primeira UP: Uma família qualquer.

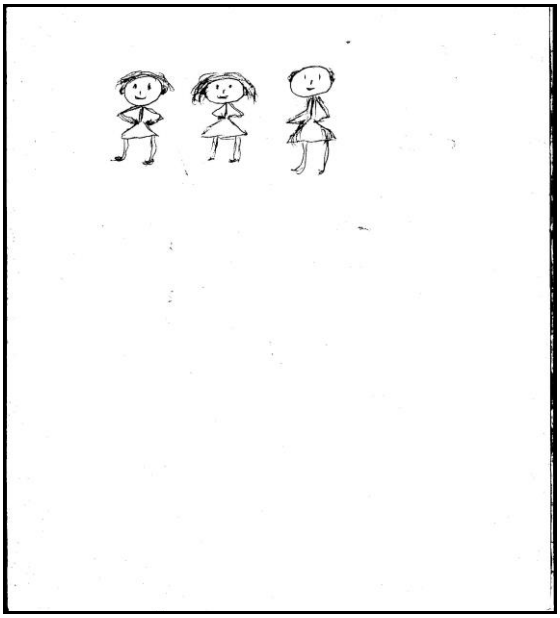

Figura 19: Primeira unidade de produção de Cleiton no DF-E

<u>Estória</u>

Uma família completa, o pai, a mãe (risos) *e a filha*. [Você pode me contar um estória dessa família?] *Uma estória? Essa família é o seguinte: ela tá vivendo a vida... é.... uma vida assim, já com experiência de muito tempo... hum... totalmente diferente porque foi que... É aonde que aconteceu... isso tudo... como eu disse... mudei muito, completamente. E essa... 'tamô' tentando, agora fazer a nova vida, porque essa é uma nova vida... e no entanto que... a Isabela... foi que a gente, tentamos... com esses problema agora... que preocupou muito porque, uma criança falar em morte, e só em morte, aí no entanto: 'Eu não quero morrer'... e preocupou... e eu não sou de preocupar porque, é tanta coisa que apresenta, eu por exemplo, não dou muita pelota do que os outros falam, e eu vejo o que acontece na hora... E na hora, ela falando as coisas. Eu falei não é normal, porque uma criança falar de morte, que não*

quer morrer, e o que é que é a morte? E falando só naquilo, e eu me preocupei porque, quem que é uma criança falar em morrer, ninguém nem sabe o que é morrer nem nada... E foi uma... E acho que eu fiquei preocupado. No entanto, quando foi lá, eu fui lá (se referindo a clínica de psicologia) *é... A mulher foi atender a gente lá. Na primeira vez, falei: 'Minha amiga é o seguinte, eu vim aqui, procurar vocês porque aqui é o ponto de referência que me deram'... esse ponto... Então eu nunca fui, mexi com nada, em... psicólogo... mas com ela, eu falei: 'Não, vou ter que procurar'. Aí foi onde que... A mulher também, nesse tanto, ela é muito 'pegativa', a Helena, nesse ponto, ela é muito 'pegativa' com a menina, e: 'Vamô fazer, tá acontecendo isso', porque eu, no entanto... é... A gente conversa, brinca, tudo... e, mas é bem menos... é mais ela* (Helena) *que tá junto* (de Isabela). *Aí eu parei pra fazer isso tudo, do que tava acontecendo, e foi quando a gente tomamos a decisão de procurar vocês lá, e graças a Deus, deu o resultado, tá dando o resultado, melhorou bastante, até agradeço* [Essa daqui então é a menininha?] (a primeira figura da esquerda para a direita) *É, a esposa e eu* (risos) [E um título para essa estória?] *Eu só não dou 10 por que...* [Não, eu quis dizer um título] *Um título? Que título?* [Um nome para estória] *Ah, um nome pra estória... pra estória?* [É, para a família] *Ah, "Família reunida"... É uma família reunida porque ela sempre procura reunir todos, tanto a outra família quanto essa.*

<u>Interpretação</u>

O desenho de Cleiton é bem simples e empobrecido. A sua primeira atitude foi a de virar a folha, como sinal de antagonismo, de contrariar a atividade. As pessoas foram desenhadas na parte superior da folha, o que indica satisfação na fantasia e objetivos ambiciosos, representando uma família idealizada e com muita contenção dos afetos. Há pouca elaboração dos processos primários (as figuras não têm tronco), e o desenho é feito com sombreamento, o que pode representar traços paranóicos. É dada muito ênfase à sexualidade (destaque nas saias), apesar de haver pouca distinção de sexo nas figuras (só os cabelos nas figuras femininas que são um pouco mais longos). O fato de todas as figuras serem desenhadas com saias (até mesmo ele próprio) remete a sua sensação de impotência diante da família e das questões familiares. Ele estaria então, representado como uma mulher, já que não sente ser capaz de exercer bem sua função paterna, oferecendo segurança e limite aos filhos (filho preso, Isabela e seus sintomas, pouco sucesso no trabalho).

Na estória desse desenho, diferente da entrevista, Cleiton apresentou a sua família nuclear. Entretanto, fez um relato superficial, usando de muita defesa (como quando disse:

"mudei muito, completamente", "preocupei muito"), de forma a demonstrar que sabe da importância da sua função para o bem estar dessa família. No entanto, dessa vez a experiência ganha nos outros relacionamentos o tornaria mais apto a tentar novamente e agir corretamente, valorizando-se apesar do que considerou falhas (como demonstrado quando sugere uma nota ao desenho: "*Eu só não dou 10 por que..."* e como quando disse: "*Fazer a nova vida, porque essa é uma nova vida*"). Da mesma maneira, ele apresentou um problema muito concreto que pouco explorou na entrevista, relacionado aos sintomas de Isabela e seu medo da morte**:** *"[...] preocupou muito porque, uma criança falar em morte, e só em morte, aí, no entanto 'eu não quero morrer'... e preocupou"*.

Entretanto, há certo distanciamento afetivo em sua fala sobre a preocupação com Isabela, ao mesmo tempo em que houve uma mobilização da sua parte levando-a até um psicólogo, pois não sabia como poderia ajudá-la *"[...] Então eu nunca fui, mexi com nada, em... psicólogo... mas com ela, eu falei não, vou ter que procurar"*. Nessa fala, ele questiona o porquê de Isabela ser assim (preocupar-se tanto e desenvolver sintomas), comparando-se com ela e percebendo a situação como algo muito diferente do que ele já vivenciou. Nesse sentido há uma pergunta subjacente para ele mesmo sobre a sua responsabilidade ao que está acontecendo com a filha.

Aparentemente, os sintomas de Isabela estariam mobilizando o pai a pensar sobre morte e sobre o falecimento de Davi, causando-lhe um desconforto muito grande, pois é difícil pensar em algo que está fora da sua onipotência e longe da possibilidade de substituição *"[...] Ninguém nem sabe o que é morrer nem nada"*. Há uma preocupação, pois não se espera que uma criança pense sobre a morte, e o desvio da normalidade em Isabela, poderia representar mais uma falha paterna: *"[...] não é normal, porque uma criança falar de morte, que não quer morrer, e o que é que é a morte? E falando só naquilo, e eu me preocupei porque, quem que é uma criança falar em morrer [...]"*.

Por fim, o título da estória, "Família reunida", é muito concreto e nada coerente com o desenrolar dela, distanciando-se afetivamente do conflito apresentado e ressaltando uma família idealizada que é o elo que liga e une todas as outras, e não como uma família que se sustenta e existe por si própria.

b) Segunda UP: Uma família que você gostaria de ter

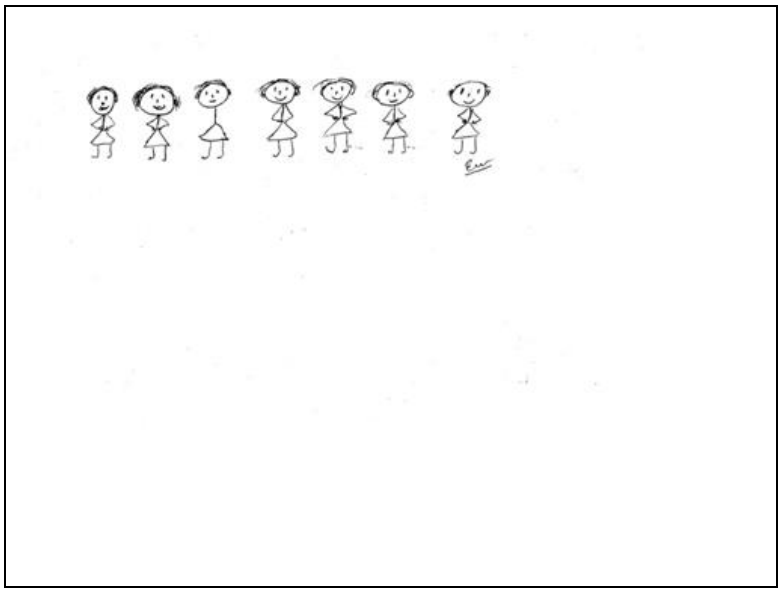

Figura 20: Segunda unidade de produção de Cleiton no DF-E

Antes de iniciar o desenho, ao falar da proposta de desenhar uma família que se gostaria de ter, Cleiton não entendeu a sugestão e respondeu: "Exatamente" (ainda se referindo ao desenho anterior). Assim, ao explicar melhor a proposta, ele ficou um pouco transtornado e respondeu: "Como assim, uma família que você gostaria de ter, de que jeito?", e começou o desenho um pouco irritado com um sorriso irônico. Quando terminou o desenho, ele escreveu os nomes de todos abaixo das figuras (que foram apagados para preservar a identidade dos participantes).

<u>Estória</u>

A estória dessa família é o seguinte: é que a gente tenta, é ver todo mundo bem... e, no entanto que... (pausa)... *tem a Paula* (segunda figura da direita para esquerda) *que a gente preocupa muito também... que tá hoje... é... 'bem dizê' casada, não tá casada no papel, mas tá morando junto, é... No entanto... tá bem... é, não tá bem como diz... financeiramente, mas tá bem de saúde, bem no estar, e tá tentando a vida, quer dizer, no tudo tá muito bom. E tá aqui a Isabela* (terceira figura da direita para esquerda)*, que a Isabela é a nossa, que fica do nosso lado, que tava ocorrendo esse problema, agora graças a Deus tá bem e... tá a mulher* (quarta figura da direita para esquerda) *tentando que... esse lado da família aqui que.... que seria, um "peru"* (da esquerda para direita: Vitor, Armando e Lívia) *que tentaria sempre fazê de todo mundo ficar bem, e a verdade é uma só porque se todo mundo tá bem, as coisas ficam*

bem. Quando tá ruim parece que tudo fica ruim... e nada dá certo e, meus meninos é assim, os do outro lado (se referindo aos filhos do primeiro casamento)... *Ela conversa com um, conversa com outro, porque, no entanto aqui nós não tava tendo diálogo, mas... tem o diálogo. No entanto, mas... eles é problemático, os dois, a menina até que dá certo, mas esse aqui tava bem, agora mesmo, intriga... e a gente preocupa assim, de ficar bem porque... A Lívia tá longe, mas graças a Deus, tá bem, quando tem um probleminha ela liga, e um tá preso* (Vitor), *quer dizer, tá bem também, reclama. E eu falo, 'não dô boi', porque falo: 'Você tá reclamando por quê? Procurou!' Então, uma coisa que você procurou, eu sempre falei, briguei, cheguei até bater, no entanto que, não adianta, pancada se valesse, tava tudo bem* (risos), *no entanto foi.... foi obrigado, você viu? Com muita luta, aí ele achou o que ele precisava, era a cadeia, foi um concurso, fazia muito tempo que ele queria entrar nesse concurso, passou no concurso* (muitas risadas). *Você tá entendendo? Porque ele tava tentando e eu dizia: 'Você vai ser preso, moleque'. Não tem... sabe, não tinha jeito, então ele procurou, não foi falta da gente falar... Às vezes chego lá e olho, reúne todo mundo, 10, 15 num lugar, aí eu falo: 'Aqui deve ser bom'* (risos) *'Deve ser bom demais porque, olha quantas pessoas aqui dentro', tem mil e tantas pessoas lá* (fala mais baixo). *Aí eles têm a entrada deles lá, a gente leva comida, dá um pouco pra um, um pouco pra outro, um pouquinho pra cada um, e eu falei: 'Isso aqui, esse rapaz* (se referindo a Vitor), *é o seguinte, ele não pode reclamar em nada, porque... quantas vezes dinheiro, e as coisas, compra, fala, ele tinha de tudo'. Aí eu falo que ele passou num concurso, que é onde que ele tá* (risos)... *demorou, mas Deus ouviu ele* (risos) [E um título?] *Lá é família reunida, aqui é.... "Família desesperada"* [Família desesperada?] *É, desesperada porque, vou falar pro cê... é um desespero, cada um desandando pra um lado, e eu tentando reunir, você entendeu?* (sic).

<u>Interpretação</u>

Assim como o primeiro desenho, este é feito na parte superior da folha, embora ele tenha desenhado todos os filhos, as figuras são feitas da mesma maneira que as anteriores. A única exceção é a filha Lívia, que é desenhada sem braços, simbolizando que Cleiton a percebe como uma pessoa passiva e sem atitude, incapaz de lidar com problemas nas relações interpessoais, e possivelmente, se sente culpado por percebê-la como abandonada e desamparada.

Também é possível perceber uma pequena separação entre as famílias, formando três grupos, o primeiro composto dos filhos de Cleiton do primeiro casamento (Vitor, Armando e

Lívia), o segundo de Helena, Paula e Isabela (além do próprio Cleiton), simbolizando o distanciamento e o conflito que existe nessa família por completo, que poderia estar mais unida na visão dele. Ao escrever os nomes das pessoas abaixo dos desenhos faz um grifo na sua identificação, ressaltando assim, a sua própria figura.

É evidente o desconforto de Cleiton para com a proposta de se desenhar uma família que se gostaria de ter. Como relatado na estória e título, essa é uma família inalcançável, pois muitos problemas precisam ser trabalhados e os filhos não estão proporcionando orgulho e tranquilidade. Ele fica irritado com a proposta, pois percebe esse distanciamento do seu desejo de família e da sua realidade, em que está: "cada um desandando para um lado, e ele tentando reunir a todos".

Essa é, portanto, uma estória sobre conflitos e preocupações. Cleiton iniciou falando de Paula, pois ela é a fonte de menos angústia para a família, como forma de se distanciar inicialmente da real preocupação, dizendo que "se preocupam muito com ela", mas demonstrando pouca afetividade em sua fala. Da mesma maneira, ele seguiu falando de Isabela, com quem esteve "ocorrendo problemas", mas que estão sendo resolvidos.

Sobre Helena, ele a representou como o elo entre as famílias, assim como é próprio do papel da mãe, que, para ele, tem a função de se preocupar e unir a todos. Os filhos de Cleiton apareceram como "o peru", ou seja, a verdadeira fonte de problemas e angústia. Ele ressaltou as suas tentativas de ajudá-los, procurando se sentir menos culpado e falho em sua função paterna. Entretanto, essas não foram atitudes bem sucedidas e, dessa forma, ele se referiu ao filho Vitor, com um pouco de raiva, como aquele que mereceu ter o que teve (a prisão), pois buscou por isso, e ironizou a situação para se esvair da culpa e do sentimento de fracasso (brincou com a prisão do filho dizendo que foi um concurso em que ele passou, e que a prisão deve ser um lugar muito bom para haver tantas pessoas por lá).

Por fim, no titulo ele desconstrói qualquer possibilidade de essa ser a família que gostaria de ter, chamando-a de família desesperada e dizendo: *"É um desespero, cada um desandando para um lado".*

c) Terceira UP: Uma família em que alguém não está bem

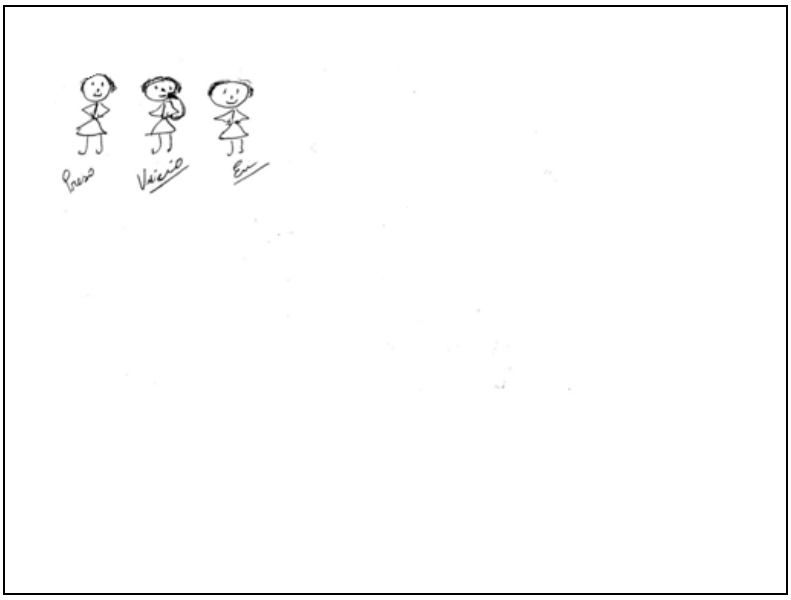

Figura 21: Terceira unidade de produção de Cleiton no DF-E

Iniciando o desenho, ao ouvir a proposta, Cleiton respondeu: "*Em que alguém não está bem? É o meu que tá preso, e o outro usando droga... O problema é sou eu...* [O problema é você?] *O problema é só eu... quem tem problema* (risos)? *Tem minha mãe, e minha mãe chora de um lado... preocupa...* (desenha). *Um preso, um vício, e eu na estória*".

<u>Estória</u>

Aqui é o seguinte, é preocupante por que... você fala, mas sempre fica deprimido, né? Por que... as coisas sempre acontecendo, você vendo, e o dia passando, a idade chegando, e ninguém resolve nada, quer dizer, ninguém é culpado, como diz... seria eles mesmo. Aí, fala pra mim, eu sou... Será que eu fui errado? Eu não acho nada que eu fui errado... Porque muitas vezes a pessoa fala: 'Ah, os pais são errados... Ah, porque não deu'. Não, eu vejo tanta família (longo suspiro) *que passa, que passou... que seria a minha irmã. A minha irmã, ela tem... dois filhos, um casal... Sabe, uma pessoa enérgica, uma pessoa que... é... não tem feito nada de errado... Ela é muito certa... Então, tem o menino dela, caiu nas drogas, tá internado, ela internou ele. Ela ficou muito ruim, emagreceu bastante... e... Animei de ter outra menina, a menina não tem nada, é nervosa só... E o menino, chegou num ponto, internou ele... E o menino é um 171 nato, se descuidar um pouquinho ele... atravessa todinho. Aí, ela internou ele, inclusive eu fui até lá, na semana passada, retrasada... 'a gente fomos'*

na clínica, levar ele lá, ficou três meses internado. Aí ele veio pra cá, ficou acho que uma semana... fazer adaptação, tudo e tal... depois faz exame se ele usar, na urina, e... Então já tá melhor... mas eu vou ter que internar, o Armando, eu tô passando por um jeito, pra poder internar ele. Aí o outro, assim que sair da cadeia tem que internar também! (pausa) [Muito difícil para um pai, passar por essa situação] *Minha filha, e a mãe deles! Eu passo, porque eu falo, eu fico nervoso, brigo e... xingo. Se você vê a mãe deles... ela tá doente* (fala com pesar) *e... ela passa mal, com eles, porque ela... quer que tá todo mundo bem, e eles... toda hora você recebe: 'E ele tá aqui comigo, fazendo tudo isso', e ela vai fala né... que não dá nada, mas agora mesmo tá junto com esse aqui ó* (se referindo à figura de Armando que não está preso mas que terá o mesmo destino de Vitor) [E um título?] *Um nome pra isso aqui?* (risos) *Lá é a família desesperada, essa daqui* (pausa) "*Família desorganizada"*(sic).

Interpretação

No terceiro desenho, Cleiton apresentou as figuras dos filhos com problemas (o que está preso e o dependente químico). As pessoas deixam de ser alguém e são representadas por rótulos, como se os seus problemas a definissem. Armando, o filho dependente químico, é desenhado com a mão no nariz, para representar seu vício. O desenho sugere inibição, atitude de expectativa diante da vida, desejo de voltar ao passado e de permanecer absorto em fantasia, no que diz respeito ao tema tratado no "alguém que não está bem" (o desenho é feito no canto superior esquerdo da folha).

Enquanto desenhava, Cleiton começou se culpando e depois ironizou: "*O problema é sou eu, quem tem problema? Tem minha mãe, e minha mãe chora de um lado... preocupa*", amenizando os acontecimentos (todos têm problema). Ele considera o sofrimento da sua mãe (ou das mulheres/mães no geral) como sendo maior porque elas choram e estão sempre preocupadas (com isso, ele se distancia de demonstrar envolvimento afetivo nas situações-problemas, como se ele não se preocupasse e não sofresse por elas, pois isso significaria ser fraco).

Na estória, ao falar sobre os problemas dos filhos, ele tentou se esquivar da culpa e da sensação de que pode ter falhado: "*Ninguém é culpado, como diz... seria eles mesmo. Aí, fala pra mim, eu sou... será que eu fui errado? Eu não acho nada que eu fui errado"*. Dessa forma, ele procurou se valorizar como pai, comparando a sua situação com a da irmã, uma pessoa muito boa, que também teve um filho que se envolveu com drogas, tentando demonstrar que ainda que os pais façam o seu papel, os filhos podem ter atitudes erradas.

Ao falar da irmã e comparar a sua situação com a dela, Cleiton teve um relato muito confuso, oscilando em se referir a ela ou a ele próprio, em uma identificação da situação das duas famílias. Nesse momento de confusão, ele falou que decidiu ter outra menina, e que meninas "não têm nada". Todavia, diante da percepção de que as meninas também têm dificuldades (especialmente ao pensar sobre as suas duas filhas), ele as ameniza dizendo que a menina "é nervosa só" (pois em sua visão as mulheres são afetuosas, frágeis, emotivas, não cometem erros e enfraquecem), já os homens são causadores de sofrimento.

d) Quarta UP: A sua família

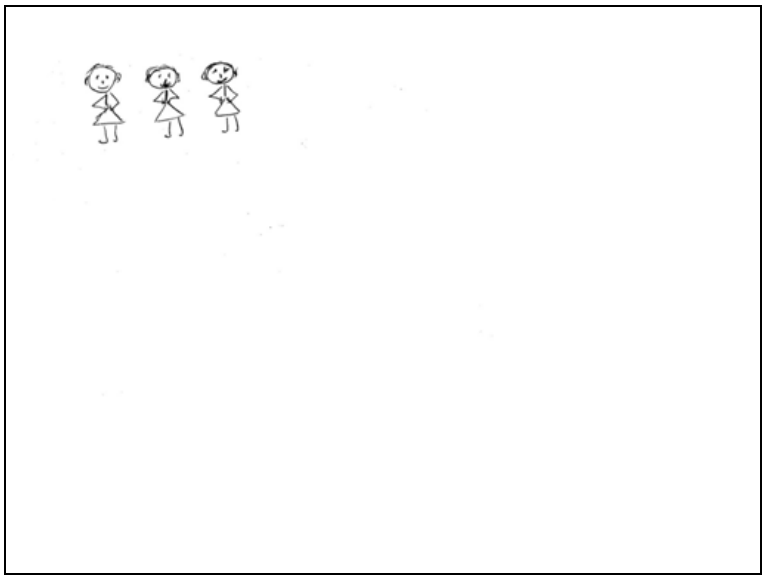

Figura 22: Quarta unidade de produção de Cleiton no DF-E

Ao escutar a proposta do desenho, Cleiton demonstrou insatisfação e disse: "*A minha família? Mas essa já não foi o primeiro?* [O primeiro é uma família qualquer, a pessoa tem liberdade para não desenhar a sua família se quiser] *Hum, uma família qualquer, engraçado, uma família qualquer. O que tenho comigo é o seguinte: eu mal me 'expressiono' a si mesmo, eu, eu me preocupo muito, eu... Agora com os outros, cada um que se preocupa com a sua vida, não tem... Às vezes eu... eu não comparo ninguém, eu comparo eu mesmo... se eu tiver defeito, eu falo pro cê... se você tiver na minha companhia ou tiver junto comigo mesmo, assim... no dia a dia, se tiver de falar... eu não guardo comigo... a expressão minha é falar... e se eu falar às vezes a pessoa fica sentida, mas eu não falo pelas costas* (olha para o desenho). *Aí já é considerada a família* (continua desenhando). É *a gente preocupa, mas hoje, graças a Deus eu tenho paz, tenho a mãe... e... sempre tem uma discussãozinha lá, mas... a minha mãe é problemática também* [Sua mãe? Em que sentido?] *Ah, ela toma remédio, ela toma... pra*

dormir, ela sempre, muito remédio... e ela quando põe uma coisa na cabeça, tem que ser aquilo lá... Ela queria arrumar uma menina, ela arrumou uma menina [Adotou?] *Adotou... depois queria devolver a menina* (risos) *e teve que devolver a menina* [Devolveu?] *Devolveu* (risos). *Mas ninguém aguenta ela, não aguenta, assim, porque, ela de bondade, no entanto, acha que a criança tem que fazer tudo o que ela quer, agora com a idade... Aí hoje ela quer um cachorro, aí ela pegou um cachorro, quando ela não quer o cachorro ela dá o cachorro pros outros, e compra outro... ela tem... ela ganha uma roupa, ela fala assim: 'Brigada'... depois ela não quer aquela roupa e ela dá para os outros... Tudo que ela tem ela dá para os outros... Eu falei pra ela que eu não vou dar mais nada pra ela, porque tudo que eu dô, ela pega e dá pra um, dá pra outro... é só um chegar contando uma estória que ela já vem: 'Vem cá, vou te dar uma coisa'* (risos)" (sic).

<u>Estória</u>

Aí tá a família, hoje a família é isso aqui [É?] *Que a gente considera, e tá junto* [Quem é quem?] *Aqui é eu* (primeira figura da esquerda para direita), *a mulher e a Bela* [E a estória?] *A estória? A estória é a do dia a dia... É a gente tá junto, né? E procurar as coisas que anda bem... Agora esse andar bem, encaminha muita coisa, porque os outros vêm até a gente, e muitas vezes atrapalha também, você sabe que atrapalha... Dos seus filhos do outro lado... você viu? Portanto, tem hora que você tá num nervo, porque você vai sobrecarregando com aquilo, e a gente passa muito nervoso... e... a gente não quer passar isso pra dentro, mas sempre passa... não quer, mas passa* [É, não tem jeito, os problemas ficam] *É, porque... mesmo que você não queira, a cabeça da gente... não tem como você manipular ela. Você pode manipular, fazer que tá bem, mas não tá bem... Porque, tem uma coisa lá na frente acontecendo, tem uma coisa te ligando, falando, do dia a dia, você tenta vê se vai daquele lado e se não vai... e atrapalha até o próprio relacionamento com a outra família... mesmo que você não queira* [E qual seria o título dessa estória?] *Nessa estória, nós tenta ser uma* (pausa) *uma família reunida, uma família* (pausa longa, faz ar de cansaço) *o que é quando você tá tentando... que nome nós damos pra tentar...* [Para alguém que esta tentando algo, é isso?] *É... seria* (longa pausa) [Alguma coisa relacionada a reconstrução?] *Isso! É... estamos reconstruindo... é uma "Família reconstruindo", exatamente* [Foi difícil?] *Foi difícil!* (fala com tom de satisfação e alívio) (risos).

Interpretação

Ao escutar a proposta do desenho, Cleiton se sentiu contrariado por crer que já havia feito a sua família nas outras vezes e ironizou dizendo que ele sempre se refere a ele próprio e não aos outros. No entanto, essa constatação (de que ele está falando dele mesmo nas produções) que surge enquanto ele está desenhando, o incentiva a falar mais sobre seus problemas, ainda que de uma forma pouco clara e confusa, como se o último desenho (em que foi solicitado diretamente que ele fizesse a própria família) o estimulasse a um desabafo. Assim, ele falou da sua mãe, que é "problemática" e que toma muitos remédios. Dessa forma, ele demonstra seu desamparo, pois essa mulher que deveria lhe oferecer o cuidado materno não tem condições de fazê-lo, não pode lhe oferecer *holding* suficiente. Assim, para ele, ela não representa a figura materna (como ele acredita que suas esposas representem). Ele contou da adoção de uma menina pela mãe e das outras situações em que ela desejou algo e se desprendeu pouco tempo depois (como no caso da filha adotada, do cachorro ou dos presentes que ganha), representando um possível sentimento de rejeição e desprendimento da mãe por ele próprio. Com dúvidas sobre a segurança do amor materno, Cleiton se tornou muito inseguro. Esta insegurança pode ser a causa do seu profundo sentimento de impotência (por sentir não ter cativado a mãe) que ele busca combater por meio de uma valorização de si mesmo e de uma necessidade de demonstrar não depender de ninguém.

Na estória do desenho, esta é uma família em que há a tentativa de se unir, mas os problemas atrapalham essa união. Nesse sentido, ele se referiu às duas famílias e a dificuldade, desde o início, de separar uma da outra. Ele passou então, a encarar a sua realidade e ter a constatação dela. A sua onipotência não é suficiente, como quando disse: "você pode manipular a sua cabeça para fingir que está bem, mas se não está, você não vai conseguir", e assim teve a percepção de que ele estará ligado a essas duas famílias e de que não poderá ter só gratificação para si, pois os problemas estarão sempre presentes e precisando da sua atenção. Com a percepção da realidade e o cansaço que isso pareceu proporcionar, ele teve ainda mais dificuldade em se expressar, e pediu ajuda para nomear aquilo que não conseguiu.

Por fim, Cleiton demonstrou alívio no final do desenho: por ter se expressado, por ter aceitado a imperfeição, as falhas e as tentativas frustradas de reconstrução, ainda que se sinta determinado a continuar da maneira que for possível.

Desde o início do procedimento, Cleiton demonstrou necessitar de um enquadre de como proceder, apesar da sua postura onipotente. Especialmente no final, o cansaço e o

contato com as questões familiares de maior angústia, demonstraram a seu desejo de também ser acolhido e ajudado.

5.3.7 HTP: Isabela

No dia da aplicação do HTP em Isabela, Helena desejou conversar com a psicóloga. Distanciando-se de Isabela, ela contou que os sintomas da filha pioraram, apesar do início do atendimento psicológico, e que ela estava muito preocupada. Helena também comentou que um tio de Cleiton havia morrido e que, apesar de terem evitado falar com Isabela a respeito disso, ela acabou tendo conhecimento da notícia. Assim, eles justificaram a morte dizendo que o tio estava muito velhinho.

Ao fim da conversa, Helena levou a psicóloga até a mesa onde estava Isabela e saiu. Isabela então, contou que sabe por que começou a ficar nervosa, a sentir seu coração disparar e a ter falta de ar. Ela associou o início dos seus sintomas com o dia em que quase se afogou na aula de natação. Disse que perdeu o ar e viu tudo escuro "com os olhos abertos, mas sem enxergar". Ela disse que se sentiu como a sua mãe, em um episódio em que esta engasgou ao tomar um milk-shake: *"Igual a minha mãe sabe, porque ela, aquele dia do shopping, ela falou, assim, que viu a morte. E eu também vi a morte quando eu afoguei na piscina. Então acho que foi assim que começou, na piscina e depois vendo a novela"*.

Isabela continuou contando que a imagem da novela era "muito, muito feia" e que tinha medo de morrer e ir para o inferno, assim como a personagem. Ela falou sobre os colegas religiosos da escola que contavam muitas estórias sobre o diabo e que, com eles, aprendeu que, se fizer coisas como "contar uma mentira grande e depois abraçar a pessoa", ela estará se aproximando do diabo. Isso a deixou com muito medo e a fez questionar o que seriam grandes e pequenas mentiras. Enfim, ela perguntou se morrerá como o irmão morreu (pensando que seus sintomas seriam um indício de sua morte). Diante disso, a psicóloga acolheu as angústias e conversou um pouco com ela sobre essas crenças. Após estar mais calma, foi feito a sugestão dos desenhos para aplicação do HTP, a que Isabela aceitou, parecendo muito feliz e satisfeita. Quando começou o seu desenho, ela perguntou à psicóloga se esta não desenharia também. Assim, explicou-se para ela a necessidade de observá-la e anotar o tempo de conclusão de cada desenho.

a) Desenho da casa

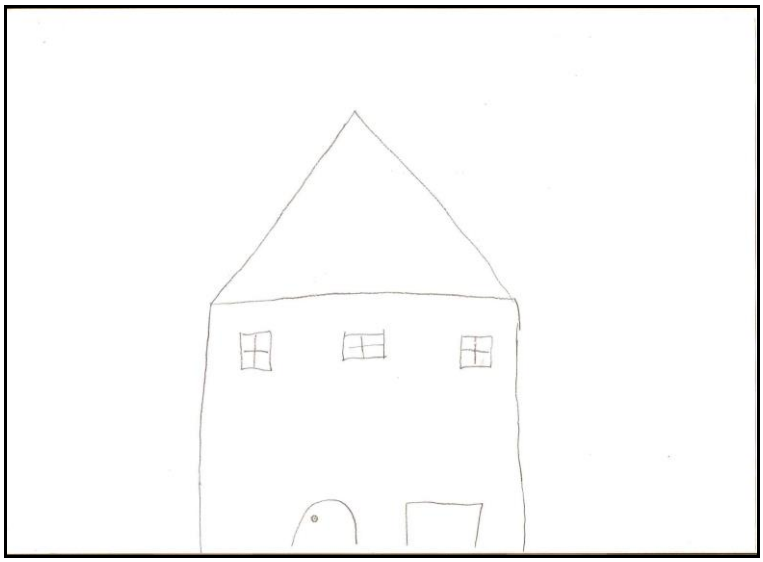

Figura 23: Primeiro desenho feito por Isabela no HTP

Inquérito

1 - Quantos andares tem esta casa? *Andares?Ah... é uma casa normal.*

2 – De que esta casa é feita? *Tijolo.* E o que mais? *Hum... cimento.*

3 – Esta é a sua própria casa? *É!* (risos) *Mas, pra falar a verdade tem três janelas na minha casa.* Tem três janelas? *É eu vou fazer mais uma* (desenha mais uma janela). *E sabe, tem um quartinho no fundo, é o da visita, e tem um quartinho que é o da bagunça* (risos).

4 – Em que você estava pensando enquanto estava desenhando? *Na minha casa, um pouco.*

5 – Você gostaria que essa casa fosse sua? *Só minha? Ah não, eu não ia morar sozinha, sem ninguém... tenho medo.*

6 – Se esta casa fosse sua e você pudesse fazer nela o que quisesse, qual quarto você escolheria para você? *Hum... da gata Marie.* Da gata Marie? *É eu ia fazer ele todo rosa e colocar colantes na parede, mas minha mãe não deixa pôr colante na parede.* Hum... seria onde é o seu quarto mesmo?*É* (risos).

7 – Quem você gostaria que morasse nesta casa com você? *É... os cachorro, né?* (risos). *Se minha mãe morresse e o meu pai, eu ia morar com os cachorros porque namorado eu não quero ter, né?* Por quê? *Aí porque não... não gosto... é nojento* (faz cara de nojo).

8 – Quando você olha para esta casa, ela parece estar perto ou longe? *Perto.* Por quê? *Ah, porque ela até apontando assim* (aponta para si).

9 – Quando você olha para esta casa, você tem a impressão de que ela está acima, abaixo ou no mesmo nível que você? *Assim ó... pra cima.*

10 Em que esta casa faz você pensar ou lembrar? *Ah...* (risos) *é uma casa que tava vendendo, e ela tava toda abandonada... Ah, essa não é a minha casa, mas eu fiz uma casa, entendeu? Eu me lembro de uma casa abandonada quando eu fui lá no meu primo... e ele me mostrou essa casa que tava vendendo.* Então você a desenhou. Você gostaria que ela fosse a sua casa? *Aquela lá abandonada? É porque ela tava novinha e era um condomínio lá... aí tava vendendo... aí ia terminar de construir lá, entendeu? Era um predinho de dois andar.*

12 – É um tipo de casa feliz, amigável? *Ah...* (risos) *tá faltando a garagem*. Tá faltando a garagem? *É, vou fazer aqui* (faz a garagem) *É, é feliz.*

13 – O que nela lhe dá essa impressão? *Ah, assim... a janela, a porta, é isso né, o telhado*.

14 – A maioria das casas é assim? *Não, muito não*. Não, por quê*? Ah, é assim... é... o condomínio.... é assim... é lá, o meu primo mora né, a mãe dele... Ah, assim* (risos). *Como fala* (se confunde muito para falar) *quando eu olho para uma casa que tá velha, abandonada, aí... O moço me... Assim, meu amigo me chamou pra ver essa casa... Aí eu falei: 'Não, eu não vou, porque eu tenho medo'*. Hum, tá abandonada, né? *Tá abandonada e eu tenho a impressão que essa casa tem bicho... Tem umas coisas, sabe, quando eu fui pra uma casa abandonada, tinha um predinho, e eu tava descalça, aí eu pisei em um preguinho*. Machucou o pé? *Machuquei... Aí, porque os pedreiros não tem muito jeito, derruba tudo as coisas no chão... Eu tenho uma impressão que, eu não vou gostar dessa casa, não*. Entendi, então por ela não ser uma casa abandonada você acha que ela é feliz? *É*.

15 – Como está o tempo deste desenho? *Ah, tá calor.* E o mês? *Aí, não sei o mês não.* E dia da semana? *Ah assim, eu acho que foi no sábado*.

16 De que tipo de tempo você gosta? *Ah, do calor... a minha mãe enche a piscina pra eu nadar* (risos).

17- De quem esta casa a faz lembrar? *Aí eu... não lembro de nenhuma casa... só lembro, sabe, o telhado era igualzinho a casa abandonada, e a porta*. Mas te faz lembrar alguém? *Ah, não... só de uma amiga* (risos). É? Quem é? *A Maísa, ela... ela estudava na minha escola, né? Eu não ficava com ninguém, só com ela, ela era a minha melhor amiga. Aí quando foi no segundo e no terceiro, ela... ela era deficiente da perna, não foi mais na escola. Ela tava no primeiro aí, quando acabou o primeiro, ela foi embora*. Porque ela foi embora? *Não sei, acho que ela queria estudar em alguma escola*.

18 – Do que esta casa mais precisa? *Precisa? Aii* (risos). *Da cozinha, da sala, banheiro, dos quarto... a garagem já tem* (risos). *Ai, essas coisas... essas coisa tá faltando*. Por quê? *A*

minha casa tem escada (fala algo incompreensível) *é o banheiro sanitário da Tita* (cachorra), *ela só faz as coisas lá* (risos), *né, porque eu acho assim, tem três lugares, a varanda né que a garagem fica lá, o corredor e a escada, que dá pra ver todas as casas lá e, assim, e a estrada. Se você pegar um binóculo, você vê certinho*.

Análise

A casa de Isabela demonstra ser um ambiente restritivo com muita tensão (a casa é grande) e necessidade de apoio (uso da margem inferior do papel). Há desejo de contato com o mundo externo (muitas janelas, porta, garagem), mas esse contato é feito de forma brusca e às vezes de maneira inadequada e insegura (a porta é muito pequena), pois com receio da invasão do externo, há uma busca por proteção que a deixa defensiva desse contato (dobradiça na porta). Assim, ela faz um desenho grande e empobrecido, em uma tentativa de expansão que acontece de forma desordenada (porta pequena) e que pode representar uma busca por limites e fortalecimento egóico. Isabela procura ampliar o ambiente, mas se sente insegura quanto ao uso desse espaço (em relação ao seu crescimento, no que pode fazer e de que maneira pode aproveitar o espaço familiar para se desenvolver).

Há destaque para a área da fantasia (ênfase no telhado), mas as questões relativas ao afeto têm dificuldade em aparecer, pois não há sensação de acolhimento e segurança; a proteção que ela sente que lhe oferecem não é efetiva (telhado pontudo, sem telhas, é parecido com o da casa abandonada). Com os afetos contidos e sem possibilidade de elaboração, há dificuldade em se expressar, em saber dos seus desejos e necessidades. Assim, é preciso expandir para que as questões mais subjetivas de cada um possam existir também nesse ambiente familiar. Isabela deseja respostas para os seus sentimentos e pensamentos e precisa do contato externo para isso (antes de começar o procedimento ela falou dos seus medos e sintomas, buscando respostas que justificassem o que está sentindo, por meio do contato com a psicóloga, perguntando se ela não desenhará também e produzindo uma terceira janela e garagem no desenho da casa). Diante da necessidade de compreender o que está acontecendo, ela se expressa de todas as formas que pode, inclusive pelo corpo (por meio dos sintomas) para se fazer compreendida, ainda que não seja bem sucedida, sentindo-se só e desamparada ao tentar compreender e elaborar os próprios sentimentos.

É possível perceber que os conflitos que envolvem a relação edípica aparecem muitas vezes durante a sua fala (a casa tem três janelas, tem três lugares: escada, garagem e corredor). Ainda assim, há necessidade de reprimir a sexualidade para poder lidar com tudo o

que sente, pois há grande preocupação pela perda do outro e na possibilidade de substituir essa perda (não quer morar sozinha sem os pais na casa porque tem medo; se perder os pais, ficará com os cachorros e não terá namorado). A compreensão do seu papel na tríade familiar, portanto, não parece bem definida e é motivo de angústia. Assim, ela parece desejar o esclarecimento do seu papel incluindo terceiros elementos (como incluiu mais uma janela), em especial, a função do pai para ajudá-la na busca por limites que a mãe tem muita dificuldade em fazer, e convidando o ambiente a se relacionar com essa família (quarto das visitas). Ela solicita que a relação com os pais e todos os pensamentos que a invadem estejam mais claros e separados dela, para que ela possa se expandir e se desenvolver por meio da compreensão de si mesma.

Esses sentimentos são causados a partir de uma percepção de que ela é necessária ao bem estar e união familiar (disse que a casa está de frente para ela), ainda que esta casa não lhe ofereça segurança (uma casa abandonada com perigos como bichos e pregos no chão). Isabela também fala da figura paterna que não oferece segurança e cuidados suficientes para a manutenção do lar e da segurança dela própria (pedreiros descuidados que deixam pregos no chão e assim, ela machucou o pé). A função paterna, portanto, o terceiro elemento, parece ser perdido e ela não consegue compreender o seu papel. Da mesma maneira, diz que a casa lembra uma amiga que é deficiente (é uma casa abandonada e com limitações), representando a fragilidade do *holding* paterno e materno, que prejudica a sua capacidade de atingir autonomia e a deixa insegura (assim como quando fala do que a casa precisa: “sala, cozinha, quarto”, indicando a fragilidade familiar e a sua própria).

b) Desenho da Árvore

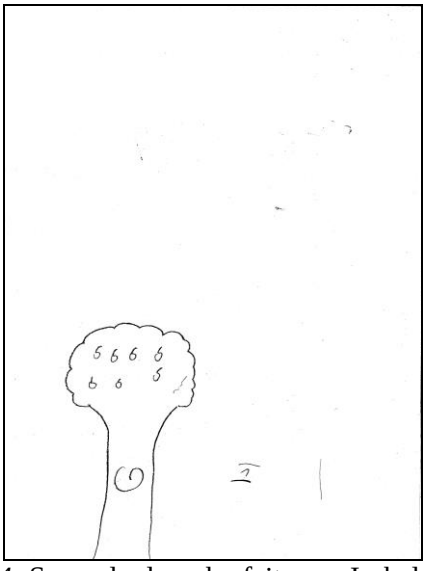

Figura 24: Segundo desenho feito por Isabela no HTP

Inquérito

1- Que tipo de árvore é esta? *Ela é... assim, tem as outra assim e ela é.... Maçã, um pé de maçã.*
2- Onde fica esta árvore? *Onde ela tá... Assim, quando eu fui na... na pracinha, eu vi essa árvore, né... ela tava acabando de nascer. Mas aí, quando ela acabou de nascer eu queria pegar uma maçã, mas não consegui... Porque os meninos pegou tudo, aí tava vazia. Aí eu ficava com vontade, aí eu falei pra minha mãe compra lá no varejão.* E ela comprou? *Comprou.* Ficava na pracinha essa árvore? *Assim, ficava na pracinha. Agora, sabe, ela morreu porque não chovia, esse tempo aqui né, não chovia, e fazia tempo que ela não regava... Porque o moço que plantou ele já se mudou de casa, aí ele deixou ela aí, ela morreu, ela ficou podre.*
3- Mais ou menos qual é a idade desta árvore? *Hum...como ela já tá bem podre mesmo, acho que ela tá velhinha.* Tá velhinha? Quantos anos mais ou menos? *Acho que ela tá com... com... ah... 53, por aí.*
4- Esta árvore está viva? *Não*.
5- O que provocou a sua morte? *Sem água*.
6- Ela voltará a viver? *Eu acho que não, acho que ninguém vai plantar mais ela... A árvore que eu queria plantar é árvore de manga*. De manga? Por quê? *Eu gosto de manga... a manga é a minha fruta preferida.* Então pra ela viver tinha que plantar outra? *É porque ela não resistiria, ela já tava com as folhas caídas... já tava morta*.
7- Para você esta árvore parece mais um homem ou uma mulher? *Hum... homem* (risos). *Parece mais um homem, né? Ou uma mulher porque ela tem as maçãzinhas, né?* Qual dos dois? *Uma mulher*. E te dá essa impressão por quê? *É... porque eu acho que homem não tem maçãzinha, tem*?
8- Se ela fosse uma pessoa ao invés de uma árvore, para onde ela estaria virada? *Pra frente* (para frente dela).
9- Esta árvore está sozinha ou em um grupo de árvores? *Assim, assim... sabe tem essa árvore, aí tem um espaço que tem outra árvore.* Então tem mais árvores perto dela, só estão um pouco distantes? *Tá um pouco distante, tem um espaço*.
10- Quando você olha para esta árvore, você tem a impressão de que ela está acima, abaixo, ou no mesmo nível que você? *Acima por que... ou se você fizer assim* (pega a folha e coloca na frente dela) *acho que seria no mesmo nível*.
11- Como está o tempo nesse desenho? *Tá sol. Quarta-feira, dia 12 de julho*.

12- Há algum vento soprando? *Tem umas folhinha que mexe, e faz um ventinho*. Que direção tá esse vento? *Oh... tem hora que tá... Esquerda*. A sua esquerda? (sinaliza afirmativamente com a cabeça). E que tipo de vento que é? *É fraquinho... só pra dar o ar e o oxigênio*.
13- O que esta árvore faz você lembrar? *Ah, faz lembrar uma árvore que... a Dona Hilda plantou, e... me lembra assim, né, as maçãzinhas... e uma árvore, que fica perto da casa dela, entendeu?* Quem é Dona Hilda? *Quem que é? É uma vizinha. Eu converso com ela... ela fala muita coisa ruim sobre a televisão*. Mais alguma coisa? *Não*.
14- Esta árvore é saudável? *Eu acho que é. O que te dá essa impressão?* (fala de forma incompreensível) *porque ela é novinha... mas, acho... acho que ela já morreu*.
15- Ela é forte? *Se é forte? Olha, não é muito forte não, porque eles subia na árvore, e o tênis dele, a bota, ficava descascando a árvore*. Eles quem*? Os moleque, que pegava as maçãs.... eles subia na árvore pra pegar maçã*.
16- De quem esta árvore faz você lembrar? *Hum... de ninguém*.
17- Do que esta árvore mais precisa? *Ah, de água, de aproveitar pra ela né... de dá água todo dia pra ela não secar e... morrer*.
18- Alguém já machucou essa árvore? *Hum... não... ela morreu por causa da... porque faltava água pra ela*.

<u>Análise</u>

No desenho da árvore, é possível perceber regressão, preocupação consigo mesmo e impulsividade (desenho mais localizado à esquerda). Há indicação de traumas (cicatrizes no tronco), imaturidade e dependência (presença de frutas). Há dificuldades em obter satisfação pelos próprios recursos (ausência de galhos) e de confiar em si mesma (morte da árvore). Muito esforço é feito para conter o afeto e os impulsos, pois não há contenção no ambiente e este não oferece segurança (copa pequena e tronco largo, com livre acesso de um para o outro).

No inquérito, Isabela alegou que esta é uma árvore morta. Ela foi privada dos cuidados básicos (não tem água), e o seu desenvolvimento é impossibilitado por isso (ninguém rega a árvore, ela foi esquecida pela pessoa que a plantou). Isabela se sente pouco cuidada e que nasceu com um propósito (como a árvore que dá as maçãs), depois tiraram dela o que precisava e a esqueceram (o homem planta a árvore, se muda e a esquece sem água, deixando-a apodrecer), demonstrando a sua sensação de receber pouco *holding* e de que as suas necessidades não são completamente satisfeitas. Os seus recursos foram sugados pelos outros

e não sobrou nada que ela pudesse usar para ela (queria uma maçã, mas os meninos pegaram todas). Nesse sentido, aquilo que cria não pode existir (ela queria uma árvore de manga, sua fruta favorita, mas a árvore era de maçã), e ela se questiona sobre o seu papel na família. Isso ocorre porque há para ela a impressão de que os objetos mortos e perdidos são substituídos (precisa plantar outra árvore no lugar da que morreu para que assim ela possa viver). Dessa forma, ela se lembra do irmão e se identifica com ele por meio da árvore (esta, apesar de nova e saudável, não era muito forte, foi usada pelas pessoas que comeram seus frutos e morreu por abandono e falta de água). Assim, há a percepção de que pessoas jovens e saudáveis podem morrer e ela sente correr riscos por não ser cuidada e sentir-se fraca (assim como nos episódios citados sobre as aulas de natação, em que ela teme afogar-se por não conseguir respirar – falta de oxigênio – ou seja, não há *holding* que a faça sentir que está sendo cuidada).

O sentimento de abandono é reforçado ao perceber que, apesar de estar cercada de pessoas, ela se sente sozinha, pois falta aproximação e contato (a árvore está em um grupo de árvores, mas há um espaço entre elas). Assim, além de sentir-se só, ela está exposta a um ambiente hostil que a deixa assustada (a árvore lembra uma vizinha que fala coisas muito ruins sobre o que passa na televisão e lhe apresenta a realidade do mundo como dura e perigosa).

Em relação às questões de gênero, Isabela traz a figura masculina como negligente (é um homem que planta a árvore e abandona, são meninos que tiram seus frutos). Entretanto, por serem as identificações com os gêneros feminino e masculino, pouco importantes para ela nesse momento, Isabela tem dificuldade em responder se a árvore parece um homem ou uma mulher, decidindo por fim que é uma mulher porque homens não dão maçãs (não tem filhos, e também não oferecem coisas boas como frutas). Todavia, quando responde sobre a idade da árvore, disse que esta tem “uns 53 anos” (a idade do seu pai) e por isso está velha e podre (demonstrando o receio de perder os pais e também de morrer, por estar descuidada e nada poder oferecer).

c) Desenho da Pessoa

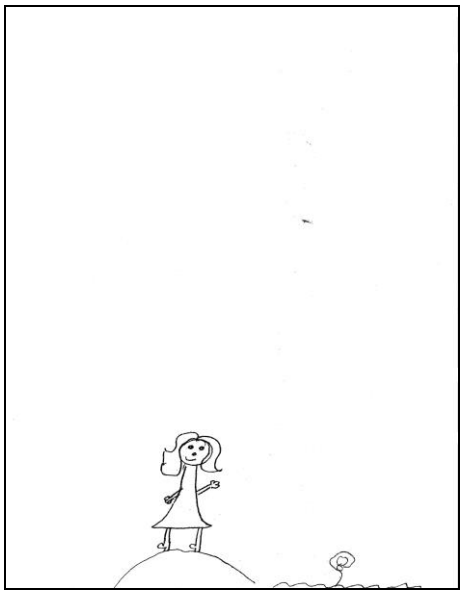

Figura 25: Terceiro desenho feito por Isabela no HTP

Inquérito

1- Essa pessoa é um homem ou uma mulher? *Uma mulher*.
2- Quantos anos ela tem? *Ela tem... bom... sou eu aqui! Oito anos*.
3- Em quem você estava pensando quando estava desenhando? *Eu tava... na Maísa que ela tem um cabelo assim, e tem a franja também. Todo mundo falava que a gente parecia irmãs!*
4- O que ela está fazendo*? Ela tá mandando oi*. E onde que ela tá? *Ó... ela tá... ah, posso acabar de fazer?* (continua desenhando, faz um solo embaixo da menina porque diz que ela está alta). *Porque ela tá num jardim.*
5- O que ela está pensando? *Ah, assim, ela tá pensandoooo... pensando... ah, não sei* (risos).
6- Como ela se sente? *Feliz, bem*. Por quê? *Ah, porque quando ela tá com esse sorriso é porque ela tá feliz* (risos).
7- Em que a pessoa faz você pensar ou lembrar? *Faz... hum... faz...* (longa pausa) *aí, acho que não faz lembrar de ninguém, não... Ah, só o vestido, a Sara, tem um vestido assim, tem os babadinho e é rosa*. Quem é Sara? *Amiga da escola... sabe ela tem o dom de desenhar, ela desenha sabe, cachorro bem, ela faz Chow-chow, Poodle...* Mais alguma coisa*? Ah... o cabelo lembra o da Maísa*.

8- Esta pessoa está bem? *Tá.* Por quê*? Ah, porque ela tá mandando oi, tá em cima de uma perna. E uma coisa, ela tá num jardim, então dá a impressão que ela tá feliz.*
9- A maioria das pessoas é assim? *Tem umas que não, da minha escola*. Por quê? *Tem umas que é meio levada, tem umas que fica triste, que é triste*. Tem umas que é levada e tem umas que são tristes? *Porque tem umas que não tem pai, que... terminou e largou, e fica sem o pai, fica com a mãe... aí fica deprimente*.
10- Você acha que gostaria desta pessoa? (sinaliza afirmativamente com a cabeça). Por quê? *Ah... eu gostaria, se eu fosse ela.*
11- Como está o tempo neste desenho? *Nublado... é dia de chuva... ah... o ano é dia... dia três de agosto, e o mês é o.... como é... sexta feira*.
12- Do que esta pessoa mais precisa? *Nada*.
13- De quem esta pessoa a faz lembrar? *Muito não*. Muito não, só um pouquinho? Por quê? *Hum... só um pouquinho porque só o cabelo e o vestido, que o vestido é igual ao da Maísa.*
14- Alguém já machucou esta pessoa? *Hum... nem conheço essa pessoa, eu que criei* (risos). *Eu acho que não* (risos).
15- Que tipo de roupa esta pessoa está vestindo? *Ah, é uma roupa rosa... e tem batinha, sabe, assim?*

Análise

Assim como no desenho da árvore, neste último desenho é possível perceber dificuldade na contenção dos impulsos, que são sentidos como não satisfeitos de forma intensa (ênfase no tronco, ausência de pescoço). Assim, o contato com o mundo externo é sentido como mais penoso (pernas frágeis), pois ela se sente insegura e descontente (por não receber *holding* suficiente), o que a faz apresentar comportamentos retraídos e regredidos (figura pequena em relação à folha, desenho localizado mais à esquerda). Diante disso, ela se sente dependente e enfraquecida (braços muito finos), ansiosa e com muita necessidade de segurança (linha de solo acrescentada, pernas afastadas, linha do desenho reforçado). Entretanto, ela se esforça para agir diante da falta de confiança em si própria e de um ambiente hostil (braços que parecem em movimento), evitando contato com situações desagradáveis (olhos ocos).

No inquérito ela se identificou com figuras femininas da mesma idade (suas amigas da escola), comparando-se com elas e demonstrando muita empatia, de forma parecida como acontece entre irmãos. Essa relação a deixa um pouco confusa, sentindo necessidade de se

identificar com várias amigas (pois nenhuma delas é sua irmã de fato, ainda que se pareçam fisicamente). Em determinado momento, entretanto, ela volta a demonstrar que apesar da identificação, ela se sente diferente e sem recursos (pois há deficiência de *holding*, e assim ela se compara com a amiga deficiente, e diz que a figura do desenho está em cima de uma perna só).

Após o envolvimento afetivo que houve no desenho da árvore, Isabela falou de um ambiente em que se sente mais segura e que pode contar com figuras de identificação (a escola e as colegas), nas quais procura *holding*. A relação com os pares é um ambiente mais seguro em que ela está feliz e pode se apresentar ao mundo (está em um jardim, dando "oi"). Entretanto, com tantas identificações ela já não sabe dizer o que é dela e o que é do outro, o que configura em terreno fértil para projeção: ela deixou de se perceber no desenho, pois a figura passou a ser também alguém que tem dificuldades e pode ter sido machucada (como quando ao responder a pergunta: "alguém já machucou essa pessoa?", ela disse: "nem conheço essa pessoa", "eu que criei"). Com isso, ao distanciar-se da figura, ela se esquiva da sua maior angústia: a de perder os pais reais (pois de certa forma, já há a perda do *holding* materno e paterno); ela passa então a ter muito receio do abandono e das consequências dele (as crianças que só tem a mãe ficam "deprimente"). A sua dificuldade em sentir-se capaz e potente para lidar com os conflitos, a faz recuar e deixar de se identificar com a figura que desenhou.

Isabela demonstrou em seus desenhos a sensação de insegurança e de pouco recebimento de *holding* no ambiente familiar. Ela deseja então, contato com o ambiente externo para ter suas necessidades atendidas, entretanto este contato é feito de forma insegura. Nesse sentido, Isabela busca pela função paterna para receber dela continência e proteção (já que ela não sente que sua mãe possa lhe oferecer o mesmo), mas não encontra no pai a segurança e cuidado que gostaria. Assim, ela se sente "deficiente", com pouca capacidade de alcançar autonomia, confiar em si mesma e lidar com as suas angústias (como o medo de morrer), o que a faz temer ainda mais a perda dos pais (ainda que eles não ofereçam *holding* suficiente), pois sem eles ela estaria abandonada (como a árvore do seu desenho, sem receber o básico para a sua sobrevivência).

Entretanto, ela busca compreender suas angústias e, apesar de se sentir desprotegida em um ambiente hostil, Isabela se esforça para agir no ambiente. Dessa forma, ela encontra na relação com os pares maior segurança para existir de forma mais espontânea e criativa.

5.3.8 O Teste das Fábulas: Isabela

Fábula do passarinho (1)

Resposta

O que ele vai fazer? Ah... ele sabe voar? Porque, assim, tinha um galhinho por perto, assim no meio e ele podia voar... e assim, né... Ou ele podia esperar a mãe, pra ver se ela volta, né, porque vai que ela não... vai que ela... vai que o passarinho vai pra um lugar longe e a mãe fica escondida dele e aí passa um pouquinho e aí ela vai e o filhote não tá mais lá. [O que o filhote vai fazer então?] *Acho que ele vai esperar. Aí, eu não 'fazeria' isso, eu ia esperar* (risos) *porque eu tenho muito medo de sair sozinha* (sic).

Interpretação

Em sua resposta, Isabela demonstrou que ainda é dependente dos pais (ela esperaria, pois teria medo de sair sozinha). Ela faz um grande esforço para encontrar a mãe, mas não se sente encontrada por ela. Assim, ela percebe que precisa estimular a própria independência, mas tem receio de que não seja capaz de ficar só (ela não sabe se o passarinho teria a atitude de voar, ainda que soubesse como fazê-lo). Isabela se sente impotente e não crê que a mãe tenha recursos para encontrá-la (que pode confiar nela), o que a faria ficar só, situação que aumenta a sua angústia em relação à possibilidade do abandono. Dessa maneira, o medo do abandono e a insegurança não lhe possibilitam tomar atitudes, especialmente porque não sente segurança de que os pais estarão sempre por perto quando ela precisar (e se a mãe passarinho se esconder e ela se desencontrar do filhote?).

Fábula do aniversário de casamento (2)

Resposta

Ai... essa é que é a criança? (aponta na figura) *Ai, por causa que... eu acho que a mãe não tá dando atenção, nem amor e carinho pro filho, só tá dando atenção pro marido. Aí ela sai? Aí ela vai lá na varanda, e fica sozinho, fica chorando e fica com tristeza... Aí... não sei o que mais... Aí fica sozinho lá, pensando: "Aí será que eu não vou ter amor nem carinho, só do meu pai?"* [Só do pai, da mãe não?] (sinaliza afirmativamente com a cabeça) [Mais alguma coisa?] *Não.*

Interpretação

Nessa fábula, que explora os conflitos relacionados ao Complexo de Édipo, Isabela prefere centrar-se no tema da relação dual com a mãe. Embora o pai ofereça carinho, isso não

é suficiente para remediar o que ela sente não receber da mãe. Esta representa o oferecimento de cuidado e proteção, por isso há muito medo da rejeição e abandono, representado na falta do amor materno. Isabela demonstra nessa resposta, a importância do medo que sente da solidão e do abandono por parte da mãe, já que a mãe lhe seria necessária para a sua sobrevivência.

Fábula do cordeirinho (3)

Resposta

Come. [Vai comer?] *Vai* [E aí?] *Assim, ele vai, comer e... acho que ele vai fazer igual café da manhã, ele come e bebe leite* [Ah, ele come pasto e bebe um pouquinho de leite?] *É, igual café* [E aí?] *Aí... Porque, ele era abandonado? Aí acho que ele ficou triste, que ele ficou com ciúmes desse... desse filhinho, desse filhinho dela* [De qual, do que apareceu?] *Não, desse que já tava. Aí, ele ficou com ciúmes porque ele achava que só a mãe deixava o filhinho novo mamar nela... Aí, ele ficava com vontade e ficava com tristeza... aí ele ficava triste, chorando, só vendo o filhinho mamar* [O mais velho?] *Ãnh* [Mais alguma coisa?] *Não.*

Interpretação

Nessa fábula em que a rivalidade fraterna fica acentuada, Isabela dissocia e se identifica com ambos os cordeirinhos, por estarem os dois privados de algo (da mãe) de alguma forma. Num primeiro momento, percebe que não quer deixar de tomar o leite, e quer dar uma solução onipotente em que seus desejos são possíveis (ela tomará o leite assim como no café da manhã). Entretanto, ao se questionar se aquele seria um cordeirinho abandonado, ela se identifica com o mais novo ("sente ciúmes do que já estava") e se sente culpada, pois a fábula retoma a realidade do medo da privação, do abandono e de não ter suas necessidades satisfeitas. Tem dificuldades em oferecer ao conflito uma solução adaptada que indique crescimento.

Fábula do enterro (4)

Resposta

Foi... um moço, que já tava velhinho... Aí, ele foi lá buscar o moço pra por no caixão. Aí... ai... ai... como fala? Ah, aí é isso.

Interpretação

Nessa estória, Isabela se angustia ao pensar na morte de alguém, recorrendo à racionalização e oferecendo uma resposta concreta "morreu um velhinho" (envelhecer é a justificativa para morrer; ela faz uma referência à resposta que a mãe lhe ofereceu para

justificar a morte do tio paterno). Porém, ela se contradiz ao dizer que morreu um “moço” (mas que era velhinho), colocando assim as suas inquietações em relação à morte e a possibilidade de pessoas morrerem sem que sejam velhas (como no caso do seu irmão). A estória não tem ação e agressividade, e no final há um bloqueio que a impede de continuar.

Fábula do medo (5)

Resposta

Do escuro. Do escuro e que ela tá sozinha né... e tá escuro, tá tudo apagado as luzes e a porta tá fechada... Aí pensa que vai aparecer alguma coisa pra ele, mas não aparece, só fica com medo do escuro. [E aí?] *Aí ele deita na cama, ou fica... Sabe, quando eu tenho medo assim eu fico debaixo da cama, não, assim, eu pego a coberta e me cubro, porque eu tenho mais medo, aí se aparece alguma coisa eu* (faz barulho e movimento de colocar a coberta sobre a cabeça). *Ai, eu tenho medo* [Mais alguma coisa?] *Não.*

Interpretação

Os medos para Isabela causam muita desorganização. Assim, ela utiliza de respostas concretas (escuro, solidão) e racionalização (a menina acha que vai aparecer alguma coisa, mas nada aparece), para evitar maior sofrimento e a sensação de impotência. Nesse sentido, considerando a sequência das fábulas anteriores, no contexto da rivalidade fraterna, vencer o irmão e excluir o vínculo com a mãe, geraria uma retaliação, algo que ela teme. Ela também demonstra, mais uma vez, o temor do abandono que sente em relação à figura materna, que, não podendo protegê-la, a exporia ao risco de morte. Assim, ela oferece uma solução para o conflito por meio da negação da realidade (em momentos de medo ela coloca a cabeça embaixo da coberta).

Fábula do elefantinho (6)

Resposta

Como diferente? Tá invisível? [Não sei, o que você acha?] *Eu acho que... o elefantinho sumiu, sumiu do nada. Eu acho que tava com a casa aberta, ele deixou aberta, e quando ele voltou, o elefantinho não tava mais porque, eu acho que ele saiu né, ele foi lá pra fora* [E aí?] *Aí né, quando ele voltou, ele não achou mais o elefantinho. Aí ele ficou assustado né, porque ele pensou que o elefantinho tinha... como falo... é... sumido do nada né... Aí ele tá achando, e é verdade* (risos) [Não encontrou o elefantinho então?] *Não*.

Interpretação

Nessa fábula, Isabela identifica-se com o elefantinho por reconhecer na fábula a possibilidade de acontecimento dos seus temores. Assim, em sua resposta, o descuido e o abandono temidos são concretizados (a casa fica aberta e o elefantinho some) e a possibilidade de mudar, crescer e ser capaz de se afastar dos pais, não é possível diante da falta de cuidado e proteção, que faz com que o elefantinho desapareça (como se representasse a morte dele pelo descuido do dono).

Fábula do objeto de argila (7)

Resposta

Ah, hum... (olhando a figura) *ele ficou com cara de estranho, hein* (risos) *ele não sabe se ele vai dar ou não* [O que você acha?] *Acho que... ele poderia até dar, mas acho que ele tá com uma cara de que ele não poderia dar, não* (risos). *Aí, acho que ele vai falar assim: "Não, não vou dar, não, é meu". Ele tá com uma cara de estranho* [E aí?] *Aí a mãe... é a mãe?*(enfatizando) *Aí a mãe fala: "Não, só um pouquinho, dá pra mim, só pra eu guardar um pouquinho". Aí... o menino fica com a cara de estranho e fala: "Não, não vô dá". Aí ele guarda pra ele, e fico com uma cara de estranho.*

Interpretação

Nessa fábula, Isabela apresenta um pouco de oposição, rebeldia e uma postura ativa (como quando disse que "fica com cara de estranho" e não vai dar o objeto para mãe). Sua resposta indica possessividade e dificuldade em dividir. Essa dificuldade pode revelar um sentimento de privação dos cuidados maternos, portanto ela deve apegar-se ao que lhe é oferecido sem dividi-lo. Assim, não sente que se estabelece, entre ela e a mãe, uma relação de doação amorosa em bases recíprocas (a mãe também não oferece *holding*).

Fábula do passeio (8)

Resposta

O quê que aconteceu? O quê que a mãe falou? Ah, ela falou: "Ai, é hora do almoço filha... vocês não... vocês não (risos). *É hora do almoço* (começa a se atrapalhar pra falar). *Filha a comida já esfriou, e agora... agora vocês estão dando uma volta no parque e nem me chamaram pra ir também, senão eu já tinha... senão eu já tinha nem feito a comida". Só!* [Mais alguma coisa?] *Hum... aí a mãe foi junto com eles né, deixou a comida lá no forno pra ficar quentinha. Só isso* [Eles foram passear juntos então, os três?] (sinaliza afirmativamente com a cabeça).

Interpretação

Nesta fábula, mais uma vez, a relação com a mãe fica evidenciada (ela se atrapalha muito para dar uma resposta e acaba optando por: a mãe ter ficado chateada por não ir passear e haver feito comida, mas resolve fazer o passeio também). Assim, Isabela demonstra dificuldades em unir suas necessidades com as da mãe. Elas aparecem desarmonizadas em relação aos seus desejos (a mãe fez a comida no momento em que a criança foi passear). A culpa pela fábula anterior (em que ela não deixa a mãe ficar com a torre sendo que, nesta fábula do passeio, a mãe lhe faz algo bom: comida) faz com que ela tente reparar com uma solução mágica, demonstrando que não houve separação (a mãe se junta a eles para o passeio no parque).

Fábula da notícia (9)

Resposta

O que ela vai contar? Que ele... ela vai contar... que ele vai ganhar alguma coisa de presente... ou... ou passear assim com alguém... ou jantar, ou pegar um presente que ela vai dar de dia das crianças pra ele. Aí ele fica ansioso, claro, né? (risos). *Aí ele fica ansioso. Aí fala: "Tenho uma coisa pra te contar". E ele: "O quê?" , "Você vai sair, você vai sair pra um lugar, você tem que se arrumar, tomar banho, não vai fazer lição de casa nada, só amanhã você vai fazer". Aí ele fala: "Tudo bem, é bom que eu não faço lição de casa"(*risos). *Aí ele vai e se arruma todinho e vai pra festa. Quando ele chega na festa a festa já acabou, ele ficou atrasado* (risos) [Ele ficou tanto tempo se arrumando que a festa já acabou?] *Ele se arrumou todinho passou até perfume da Boticário. Aí ele fala: "Ah não, eu não acredito". E começa a chorar e fala pra mãe: "Ah não, mãe acabou a festa e agora? Agora eu tenho que fazer lição de casa, mãe?". E a mãe: "Agora você vai pro seu quarto, faz lição de casa". Aiiii é só isso.*

Interpretação

Assim como na fábula anterior, o ritmo entre mãe e filha é desarmonizado, e a conciliação das necessidades das duas não é possível. A criança então perde a festa (perde aquilo que a satisfaria), pois ficou atrasada, já que a dupla não consegue uma relação em que possa haver uma conciliação dos ritmos de cada uma e confluência das suas necessidades e desejos.

Fábula do sonho mau (10)

Resposta

Um pesadelo. Tem de... Eu tinha isso [É? Como era?] *Ai, era ruim, ai era muito ruim. Acordava no meio da noite, de madrugada, três horas da manhã, cinco horas da manhã. Aí eu falava pra minha mãe: "Mãe, 'vamo' dormir comigo que eu sonhei pesadelo e foi um pesadelo muito forte pra mim", entendeu?Aí... quando eu fico com bastante medo que me vai acontecer essa coisa é que eu fico nervosa e me dá cãibra na barriga. Aí é isso.* (sic).

Interpretação

Nesta última fábula, a principal apreensão de Isabela corresponde ao medo do abandono, cujo enfrentamento pressupõe a necessidade de receber mais *holding* e proteção da mãe ("um pesadelo muito forte pra mim" e a solicitação que a mãe durma com ela). O pesadelo representa o medo de algo que não é compreendido e ainda não pode ser nomeado, e repercute em mais ansiedade e sintomas (o medo de acontecer "essa coisa" lhe deixa nervosa e dá "cãibra na barriga"). Dessa maneira, por ser uma situação muito angustiante, ela solicita a presença materna desejando ser cuidada.

Em suas respostas, foi reforçado o medo do abandono em Isabela (por não sentir segurança no amor materno), que a deixa mais insegura e impossibilitada de tomar atitudes. A sua insegurança aumenta na medida em que percebe que distanciar-se da mãe (ou a mãe distanciar-se dela) causará em mais angústia, pois sem cuidado e proteção ela não pode sobreviver. Assim, ela deixa claro que a presença dos pais é essencial, ainda que eles não a ajudem a diminuir os seus temores (do abandono, de morte). Em relação a isso, ela procura se defender dessas angústias por meio da racionalização. A relação com a mãe ficou enfatizada, especialmente, a desarmonia entre elas no que diz respeito aos desejos e necessidades de cada uma, o que atrapalha a satisfação das necessidades de Isabela.

5.3.9 Síntese da família Borboleta "Seda Azul"

Helena, Cleiton e Isabela vivenciam conflitos que originam de muito tempo, desde antes da união do casal. Nesse sentido, a família se constitui sobre incertezas e dificuldades do casal de se apropriar dessa nova relação que estavam construindo. As famílias constituídas que ambos tiveram antes dessa nova união, inclusive suas famílias de origem, se sobressaem e se misturam em muitos momentos, os conflitos são de todos e a unidade e integridade familiar ficam comprometidas.

Helena se sente insegura e desprotegida em uma família com tanta rivalidade e desarmonia, sentindo que falta uma figura de autoridade que coloque limites e ordem (um homem que exerça a função paterna), assim o ambiente familiar que deveria ser o maior

provedor de segurança é onde ela mais teme ser prejudicada. Por isso, ela deseja que Cleiton assuma essa função de protegê-la. Entretanto, ainda que o marido queira fazer isso, ele também se sente fragilizado, tendo que oferecer cuidado para a família (especialmente os filhos do primeiro casamento) sem, no entanto, ter tido *holding* suficiente para si. Assim, os pais de Isabela não sentem que podem oferecer para ela *holding*, proteção e uma postura paterna e materna mais incisiva (apropriando-se do cuidado com a filha), deixando-a muito insegura, desprotegida (exposta aos problemas de todos) e com pouca contenção e acolhimento das suas necessidades para o seu desenvolvimento emocional.

Cleiton, em sua função paterna, demonstrou insegurança e sentimentos de impotência, mascarados em pensamentos e atitudes de onipotência e na crença de que o seu comportamento como pai é o melhor que poderia ter. Sua insegurança o faz agir impulsivamente, sem muitas vezes perceber a influência das suas atitudes no próximo, na tentativa de sentir-se bem e vitorioso. Cleiton valoriza o seu trabalho (acreditando que poderá ser bem sucedido por meio dele), no entanto, o seu envolvimento com ele é superficial e pouco eficaz, pois o trabalho assume a função de esquiva dos conflitos familiares, em acordo com sua compreensão de que o papel do homem não está relacionado ao envolvimento afetivo. Defensivamente, Cleiton adere à figura feminina a função de preocupar-se, sensibilizar-se e oferecer acolhimento, pois as mulheres teriam condições para isso, por serem frágeis e afetuosas, enquanto os homens seriam os detentores da potência, da capacidade de cuidar e prover a família. Dessa forma, ele avalia a sua própria postura e, apesar da tentativa de supervalorização, se considera impotente e pouco capaz de cuidar da sua família (e assim os filhos “se perdem” e se tornam usuários de drogas ou presidiários). Mantendo-se distante das questões que envolvem afeto, Cleiton acaba por distanciar-se também no seu relacionamento com Isabela, que sente não poder contar com a presença paterna para auxiliá-la a conter suas angústias.

Helena por sua vez, percebe a função paterna como a responsável pela união e proteção familiar, e busca encontrá-la no marido. Ao sentir Cleiton distante e pouco capaz de lhe oferecer o que necessita, ela passa a buscar proteção e cuidado nos homens da sua família de origem (como o pai e os irmãos). Helena então repete em Cleiton a experiência que teve em seu primeiro casamento, em que não podia esperar do marido os cuidados que necessitava, acabando por favorecer o distanciamento dele na família.

Cleiton, entretanto, consegue ter condições de perceber que precisa conviver com os conflitos de suas duas famílias constituídas e encontrar uma forma de mantê-las unidas, sem que os problemas de uma sejam absorvidos pela outra, mas encontra dificuldades nessa tarefa.

Portanto, por ser a relação familiar mais distante afetivamente entre Cleiton, Helena e Isabela, há dificuldade na relação dessa tríade. Mãe e filha sentem-se desprotegidas e os pais não podem auxiliar Isabela na descoberta do mundo, e na constituição do próprio *self*. Isabela sente-se então, parcialmente abandonada pela mãe, temendo perdê-la de vez, pois a perda da mãe a faria perder também completamente a escassa sustentação que ela dispõe desta família, e a traria em meio a angústias de aniquilação, que são intensificadas por ser o falecimento do irmão um dado de realidade que as sustentam.

Necessitando de proteção e cuidados, Isabela faz-se ouvir e perceber por meio da manutenção das lembranças que envolvem as perdas sofridas pela família e os medos relacionados a essas vivências. Dessa forma, apesar de Helena desejar negar os sentimentos da perda do filho, apresentando dificuldades em elaborar o luto, Isabela o traz de volta e o vive plenamente. A angústia de aniquilação de Isabela é também intensificada porque a morte de Davi é percebida como consequência da rivalidade fraterna. Os pais são vistos como incapazes de proteger os filhos da rivalidade entre eles e daquela que eles experimentam em relação aos seus próprios irmãos.

Cleiton e Helena parecem também sentir-se culpados por terem saído no dia em que Davi estava doente e faleceu. Cleiton tem mais facilidade do que Helena em pensar que o fato foi um infortúnio e que ele pôde oferecer o melhor para o menino, assim como um pai o faria. A dificuldade de Cleiton é relacionada à penosa fantasia de que ele não foi capaz de proteger o menino de morrer, o que faz com que ele se sinta impotente (inclusive diante do comportamento de Isabela ao falar sobre morte e temer morrer, situação que desperta também o sentimento de que ele está sempre falhando em sua função de pai).

Para Helena, a perda do filho foi devastadora. A sua dificuldade em lidar com os sentimentos derivados da aceitação da perda leva-a a projetá-la em outras situações, como na ausência do pai e do irmão (que é sentida com tristeza, mas também com tranquilidade porque esta não é uma perda irreparável) e na morte do cachorro Tom (em que houve muitas semelhanças com o falecimento de Davi). Tom representou um objeto confortador na época seguida ao falecimento de Davi (e também na ausência de Cleiton, que ainda estava casado e por isso não podia estar sempre com Helena). Ainda atualmente, a figura do cachorro representa companheirismo e cuidado tanto para Helena quanto para Isabela.

No entanto, Helena pode demonstrar sua tristeza quando a realidade da perda fica evidente e ela precisa falar a respeito, assim como demonstrou a importância de ter compartilhado os seus sentimentos com familiares, amigos e outras mães que passaram por situações parecidas, principalmente logo após a perda, reconhecendo os benefícios de

comunicar seus sentimentos. Para aceitar a tragédia de perder um filho tão jovem, que sente que não foi por ela protegido, Helena recorreu à crença de que esse foi um acontecimento predestinado que ela não pode compreender. Assim, não tendo conhecimento de uma causa orgânica para a morte, ela acabou questionando a sua capacidade de cuidado, necessitando encontrar um motivo que pudesse aliviar a sua angústia de sentir-se culpada por um possível descuido do filho.

Ainda que tenha se proposto a falar dos seus sentimentos e dor na época em que Davi faleceu, Helena sentiu muita dificuldade para retomar as suas funções (mesmo tendo voltado logo aos estudos) o que repercutiu no seu relacionamento com Paula. A filha mais velha de Helena desenvolveu sintomas e comportamentos após a morte do irmão e não pode ser compreendida por uma mãe que também sofria muito; assim nenhuma das duas obteve o acolhimento e *holding* que precisavam. Mãe e filha sentiam-se tristes e não conseguiam compartilhar seus sentimentos de forma a serem compreendidas uma pela outra, situação que piorou com a gravidez de Helena. A maneira que Helena encontrou de lidar com a perda influenciou a forma como Paula encontrou de fazer o mesmo, com dificuldade de elaborar seus sentimentos e procurando substituir a figura de amor que foi perdida por outras, fazendo com que elas se distanciassem.

Diante da dificuldade de lidar com a morte de Davi, Helena tende a amenizar a gravidade dos acontecimentos e fugir de alguns sentimentos de tristeza e raiva, procurando aceitar a realidade da perda, mas oscilando entre constatá-la e evitá-la (nos seus desenhos, Davi aparece nos dois primeiros, em que as solicitações são: “uma família qualquer” e “uma família que você gostaria de ter”). Cleiton age de forma parecida, buscando naturalizar os acontecimentos e as consequências das suas atitudes impulsivas, assumindo, entretanto, a culpa pelas suas falhas, mas sem deixar-se envolver muito afetivamente pelos acontecimentos. Nesse sentido, os afetos na família precisam ser contidos para que os acontecimentos não façam Helena e Cleiton questionarem abertamente a sua capacidade de exercer a sua função de pais (que são inconscientemente contestadas por eles diante do falecimento de Davi, o distanciamento de Paula, o envolvimento com drogas dos filhos de Cleiton e os sintomas de Isabela).

Então, na busca por amenizar os acontecimentos dolorosos há uma tentativa de substituir as figuras perdidas. Cleiton procura substituir o que foi perdido de forma bem concreta (a frustração no trabalho por duas mulheres, uma filha que não o satisfaz por outra, a sua ausência por um cachorro), pois se é possível substituir não é preciso sofrer. Para Helena, a dor da perda precisou ser amenizada na possibilidade de substituição, também concreta, de

um filho falecido por outro que acaba de nascer. Ainda assim, ela não ficou tão convencida de que essa troca é suficiente para aliviar a sua angústia e buscou ser confortada e cuidada, assumindo inclusive, uma posição de filha diante da sua família de origem.

Essa busca pela substituição e por evitar sentir demasiadamente o vazio da perda, faz com que Helena, Cleiton e Isabela sintam-se inseguros quanto ao seu lugar na família. Isabela, inconscientemente, sente ter nascido por um motivo e, em função dessa dinâmica psíquica dos pais, descrita antes, teme ser abandonada e privada dos cuidados que tem. Ela também revela o receio de poder ser substituída, o que a deixa ainda mais apavorada com a possibilidade de um abandono. A privação do *holding* e de proteção faz com que ela se sinta com medo de que, sem recursos, ela morra precocemente assim como o irmão.

Desse modo, a pouca confiança que Isabela possui nos cuidados e proteção familiares (principalmente da mãe) deixa-a ainda mais dependente da figura materna. A sensação de que pode ser abandonada, é intensificada pela dificuldade do pai em exercer sua função paterna, pelo seu envolvimento constante com os problemas dos filhos mais velhos e na constatação de que a mãe, pela tristeza que sentiu pela perda do filho, e pelas dúvidas que tem sobre si mesma, não está em condições de atender suas necessidades (como quando diz que as crianças que tem só as mães ficam “deprimentes”, ou seja, ficam muito tristes e adoecem). Helena não consegue oferecer à filha um cuidado que a deixe satisfeita, pois a sua percepção sobre a sua função materna é negativa. Dessa maneira, para Isabela sua importância nessa família não fica clara, podendo algumas vezes se sentir indesejada (após ela ter cumprido o seu papel na família, pois nasceu como uma substituta da perda dos pais) e que não é amada (sentimentos demonstrados por meio do medo de dormir e de ficar só).

Os sintomas de Isabela representam os seus temores e ansiedades e levam a família a reviver suas questões sobre a morte e a perda dos objetos de amor, tornando estas uma realidade mais próxima e inegável. Com Isabela trazendo para o lar, por meio de palavras e atitudes, os temores que pertencem a todos, Helena e Cleiton ficam angustiados por se sentirem mobilizados e sem condições de auxiliá-la a compreender e elaborar sentimentos que eles próprios não conseguiram. A sensação de que não estão em condições de ajudar a filha sozinhos é retratada na fala de Cleiton sobre a estranheza de ver uma criança se preocupando com a morte, pois “ninguém nem sabe o que é morrer nem nada”, prevalecendo nesses momentos os sentimentos de tristeza, raiva e impotência, próprios das situações de perda, que são tão difíceis de lidar.

Isabela, entretanto, utiliza esses sintomas como forma de expressão e de pedido de ajuda, necessitando compreendê-los e receber acolhimento e explicações sobre as questões

que a atormentam, mas, sobretudo, para sentir segurança quanto à capacidade de manter a própria integridade. Nos momentos de maior angústia, ela utiliza a racionalização para defender-se, buscando respostas para o que está lhe acontecendo, para os seus medos e para o mistério que ronda a vida, a morte e o fim de tudo.

Isabela tem a função de expressar os sentimentos familiares e trazer para o lar as questões difíceis, que levam os pais a questionarem a eficácia das suas funções paterna e materna e a qualidade de oferta de cuidado que podem levar aos filhos. Isabela também faz com que eles pensem sobre os acontecimentos do passado (sobre Paula, Davi, o cachorro Tom) relembrando-os por meio dos seus sintomas e aparentemente assumindo a necessidade de fazer o luto (elaborando os sentimentos que ainda não puderam ser elaborados) para que a vida possa ser vivida plenamente. Para Isabela, no entanto, permanece a dúvida sobre a possibilidade de sobrevivência de sua família, que precisa que ela possa reviver o que perdeu como possibilidade de uma segunda chance de trabalhar o que não pode ser trabalhado durante a vivência dos momentos difíceis.

Helena não tem condições de auxiliar a filha a compreender os acontecimentos que ela própria não pode compreender. A sua ansiedade em relação aos conteúdos que envolvem a morte lhe dificulta instruir Isabela sobre seus medos e fantasias, oferecendo *holding*, segurança e cuidado, tudo o que ela mesma gostaria de ter para si. Isabela se torna uma criança ansiosa e insegura, pois o ambiente não lhe transmite segurança. O luto mal elaborado da família, que consiste num duro golpe na criatividade dos pais, influencia no desenvolvimento emocional de Isabela, que não pode ser espontânea diante de um ambiente que não estimula a sua autoestima e capacidade de ação, já que o temor da morte ronda a todos de forma a paralisá-los emocionalmente.

Os sintomas de Isabela, assim, aparecem com o intuito de trazer a atenção da família para essas questões mal resolvidas e possibilitar a elaboração dos sentimentos da perda. Entretanto, ainda há muita insegurança e falta de apropriação de tudo aquilo que possa surgir da perda de Davi. A morte se torna uma experiência concreta que todos querem evitar (e por isso o desespero do que fazer com os sintomas de Isabela, que provocaram tanta ansiedade, a ponto de desestruturar a família que, ao não saber o que fazer, recorreu por todas as opções que as pessoas lhe davam, como a busca de uma religião que não partilhavam da crença). Isabela parece ser o elo dessa família com a realidade, somatizando os sentimentos familiares sobre a perda e assim, retomando o luto e a possibilidade de elaboração dos sentimentos desse difícil processo.

6 DISCUSSÃO

6.1 A vida criativa dos pais

Entre os temas recorrentes nas entrevistas das famílias, as relações familiares foram destacadas, em especial no que diz respeito ao relacionamento com as famílias de origem. Todos os pais entrevistados se referiram primeiro (ou no caso de Regina após uma breve explanação da sua família constituída) à suas famílias de origem quando abordados com a pergunta: “Fale-me da sua família”. Rosário e Helena, principalmente, se referiram a algumas figuras da família origem com muito afeto.

Essa ênfase na família de origem sugere que, após a perda de um filho, o abalo sofrido pela família constituída dificulta o encontro do acolhimento e segurança nela mesma, pois a onipotência dela foi afetada pela perda e, muitas vezes, por outros acontecimentos seguidos a ela. Para as famílias deste estudo, faltou a elas uma figura que pudesse auxiliá-las (que fosse uma figura de segurança, como a função paterna representa) No caso da família Borboleta “Castanha Vermelha”, o pai de Rodrigo estava incapacitado de oferecer ajuda e precisando ele próprio de cuidados, por isso há necessidade de acolhimento para toda a família. Os pais e mães das famílias participantes sentiram muita necessidade de receber apoio e cuidado do meio. A percepção de que precisam ser fortes para auxiliar os filhos sobreviventes (e no caso das mães, por não sentirem que podem confiar no parceiro) os deixam sobrecarregados e cansados, sem recursos para voltar-se para si. Essa sensação faz com que, por exemplo, as mães busquem ajuda psicológica para os filhos, ainda que procurem amenizar os acontecimentos. Todavia, essa busca de apoio e encorajamento no meio exterior é realizada com certa ambivalência no caso da família Borboleta “Pingos de Prata”, havendo também uma tentativa, por parte de Rosário, de evitar o contato, distanciando-se das pessoas e evitando confrontar-se com uma realidade ameaçadora, na medida em que novas figuras de afeto também podem ser perdidas. Regina, por outro lado, busca relacionar-se com o outro (especialmente um parceiro), na esperança de que suas necessidades possam ser supridas a partir desse contato.

Portanto, os pais e mães enlutados podem buscar em suas primeiras figuras de afeto e confiança o apoio que sentem precisar, o que não significa que a ajuda recebida será sentida como suficiente (como no caso da família Borboleta “Pingos de Prata”, em que Rosário se sente só e pouco apoiada pela família de origem).

A fala dos pais e mães sobre sua família de origem demonstrou que esta tem forte influência sobre a maneira como eles procuram se relacionar com as suas famílias constituídas e com o ambiente externo (como no caso de Cleiton, que enfatiza a importância do trabalho recorrendo à figura do pai para representar isso).

Muitos exemplos foram dados que indicavam que o relacionamento dos pais e mães entrevistados com seus próprios pais e mães, é parecido com o relacionamento que os primeiros têm com os seus próprios filhos, sugerindo que aspectos relacionados à transgeracionalidade estejam presentes no contexto familiar, um fenômeno derivado da identificação dos pais como os seus próprios pais. Dessa maneira, destaca-se a importância do ambiente familiar nas relações entre os membros da família e nos acontecimentos a que todos são submetidos, fato que pode interferir no desenvolvimento das crianças, como defende Winnicott (1958/2012) na sua teoria do desenvolvimento emocional infantil. No contexto de uma perda, a importância desta relação fica ainda mais enfatizada, pois o luto só pode ser bem sucedido se o enlutado tiver o apoio e a sustentação do ambiente durante o tempo que ele necessitar para elaborar a sua perda.

No que diz respeito às crianças, as figuras paternas e maternas, já muito importantes na vida delas, o são ainda mais nessa situação delicada de perda de um ente querido. Os pais demonstraram seu entendimento sobre a função paterna e materna, considerando principalmente a materna como a responsável pelo cuidado familiar (deve-se considerar que, na história dessas três famílias em especial, os pais (homens) das crianças falecidas foram ausentes de alguma forma e em diferentes graus, fortalecendo essa ideia de que a mãe é a responsável pelo cuidado). As figuras masculinas (pais) representaram fonte de conflito e dificuldade para as mães e para seus filhos (apesar de Helena desejar receber delas a oferta de proteção e cuidado, ela não é atendida), restando para as mulheres a responsabilidade de lidar com a perda. Entretanto, houve nessas famílias sinais de esperança de encontrar apoio nas figuras masculinas. Para as crianças, ficou evidente uma maior dependência da mãe, que é para elas, a maior oferecedora de cuidado e proteção.

Na realização das suas funções de pais e mães, foi possível perceber nas famílias uma tendência a reafirmar seu esforço nesse papel, mesmo quando enfrentando situações muito dolorosas e difíceis (como as perdas, doenças, drogas, álcool, etc.). Assim, eles procediam para poder sentir-se bem sucedidos e acreditar na sua competência como cuidadores, que pode ser, inconscientemente ou não, questionada na morte real de um dos filhos. A perda de um filho reforça nesses pais o sentimento de culpa, de que eles não conseguiram exercer bem suas funções paternas e maternas.

Com a deficiência na capacidade criativa, para esses pais enlutados continuarem a viver e sentirem-se dispostos a realizarem suas tarefas cotidianas, foi necessário encontrar formas de distrair-se dos sentimentos e lembranças derivados da perda dos filhos. Entre esses sentimentos, destacou-se uma profunda tristeza, a sensação de que estavam paralisados, o choque e a culpa. O sentimento de culpa variou nas famílias, mas esteve presente em todas. Para Regina e Rosário, no caso de alguns dos filhos falecidos, percebeu-se o sentimento de culpa derivado da fantasia de que foram responsáveis pela morte: por terem transmitido algo nocivo para seus filhos, ou por não se sentirem capaz de oferecer *holding* suficiente a eles. Helena e Cleiton culparam-se por não terem estado presentes e dado atenção suficiente na doença de Davi, ainda que Cleiton siga tentando se convencer de que não era possível para eles fazerem algo a esse respeito. Na tentativa de não deprimir por completo e sentir-se capaz de continuar, os sentimentos do luto são evitados. As vivências das emoções derivadas da perda de um filho oscilam em intensidade e retornam com mais força em determinado momento, pois a possibilidade de elaboração é subjetiva e depende de muitas questões que podem dificultar ou não esse processo (tempo de luto, tipo de morte, relação do enlutado com o falecido, etc).

6.2 O luto dos pais

Em grupos de indivíduos enlutados, o luto de pais é frequentemente o menos resolvido (Kamm & Vandenberg, 2001). A família possui ainda mais importância nesse momento, pois a maneira que os pais viveram as primeiras perdas nas relações com os próprios pais influencia na maneira como enfrentarão as outras perdas em sua vida (Pincus, 1989).

Para o trabalho de luto, é muito importante que o enlutado possa resgatar internamente seus objetos bons. Ao não conseguir isso, a pessoa inibe suas emoções. Para tanto ela se afasta do objeto perdido, necessitando também de projetar no ambiente externo seus conteúdos negativos (Aberastury, 1984). Dessa maneira, Regina (família Borboleta “Castanha Vermelha”) demonstra dificuldade em introjetar objetos bons, por ter receio de destruí-los e contaminá-los, o que dificulta muito a elaboração do luto, já que, como propõe Freud (1917/1996) uma das tarefas desse processo é a capacidade de introjetar o objeto perdido. Este será submetido a uma relação ambígua, ao ódio do indivíduo e ao seu amor.

No luto normal, a insensibilidade e a descrença podem ser características presentes. Entretanto, quando se encontra dificuldade nesse processo, é possível que, intelectualmente, o enlutado conforme-se com a perda, mas sem acompanhar seus sentimentos. Muitas vezes o

desejo de evitar a dor da perda é necessário para o luto (Stedeford, 1986). Dessa maneira, os sentimentos mais difíceis, além de evitados, parecem ser aplacados na vivência do dia-a-dia e no envolvimento com o trabalho, buscando-se satisfação por meio dessa ocupação. O trabalho passa a ter uma representação de sucesso e de constituir a possibilidade de se esquivar dos conflitos familiares (como ficou evidente para Cleiton da família Borboleta "Seda Azul"), pois representa uma situação em que é possível ter controle.

Algumas características comuns foram observadas nos pais participantes, relacionadas às defesas utilizadas para enfrentar as dificuldades, especialmente no que diz respeito às vinculadas à perda de um filho. Entre elas, constatou-se uma tentativa de amenizar situações de maior conflito e dificuldades familiares, tornando-as menos preocupantes e causadoras de ansiedade. No caso da família Borboleta "Pingos de Prata", foi possível observar essa reação diante dos sintomas que os filhos apresentam (como os desmaios de Leonardo), e Rosário passa a preocupar-se com questões cotidianas. Na família Borboleta "Castanha Vermelha", de maneira similar, Regina busca amenizar e até mesmo banalizar os acontecimentos ruins a fim de sentir-se em condição de continuar vivendo e assumindo responsabilidades. Dessa maneira, evita-se o sofrimento diante das situações, aumentando, entretanto, a dificuldade em assumir o cuidado do que é realmente importante, para o que de fato "não está bem".

Na tentativa de evitar o confronto com os sentimentos dolorosos, que fazem com que as famílias se sintam paralisadas perante acontecimentos sobre os quais não têm controle, há também o uso do isolamento afetivo como defesa, que as faz distanciarem-se dos sentimentos mais negativos e envolverem-se pouco com os acontecimentos, tratando-os de forma superficial. Nesse sentido, dificulta-se a elaboração dos sentimentos derivados da perda, pois se evita senti-los. Houve, portanto, uma maior demonstração de envolvimento afetivo em conflitos que não estão diretamente relacionados à perda dos filhos. As famílias parecem ocupar-se com essas questões, pois ainda que sejam situações muito delicadas (como o relacionamento com dependentes químicos, presentes nas três famílias) não deixam de possibilitar a esperança de uma mudança, algo que não é possível se esperar da experiência de perder um filho. Assim, as dificuldades vivenciadas não só nas perdas dos filhos como também nos outros problemas familiares (divórcios, vícios, prisões, sintomas, traição, etc) foram relatados, influenciando nas prioridades a serem ditas e na quantidade de informações que poderiam ser usadas para explorar o assunto proposto. É importante considerar que, no caso das três famílias em questão, o fato da morte dos filhos ter ocorrido já há algum tempo, permite que outros problemas tenham mais espaço para existirem.

Dessa maneira, entre a época da perda e o período atual, os sentimentos das famílias relacionados a ela são ora vivenciados ora evitados ou negados. Assim os pais relatam, por exemplo, que os filhos sabem tudo a respeito da morte do irmão e que a família consegue se comunicar de forma satisfatória a esse respeito; entretanto, contradizem essa crença em novos relatos e nos desenhos. Relacionar-se com a realidade total de tudo o que a perda desperta nos pais, os faz temer e sentir-se debilitados demais, sem condições de viver diante de uma dor muito forte. Há um receio de se deparar novamente com a morte e com tudo o que represente um fim.

Os pais demonstraram defender-se da vivência real desses sentimentos também por meio da racionalização. Quando o ambiente não pode assegurar confiança e segurança para o desenvolvimento do verdadeiro s*elf*, a mente assume o controle e a pessoa sente que só pode contar consigo própria. Isso faz com que o indivíduo se considere responsável pelo ambiente ruim o que o leva a desorganizar e buscar conter-se com a ajuda do funcionamento mental (assim como acontece com Regina). Os pais apresentaram, em alguns momentos, dificuldade para relacionar os acontecimentos com os sentimentos derivados deles, atribuindo-os a causas e motivos concretos e racionais. Principalmente a respeito dos sintomas dos filhos, os pais aparentaram ter dificuldade em pensá-los a partir de uma perspectiva emocional, atribuindo a eles causas específicas (como quando Rosário diz que Leonardo desmaiou na igreja porque ficou emocionado com a missa e Helena relaciona as queixas de Isabela a eventos pontuais como as aulas de natação e o episódio de uma novela). Em um funcionamento em que a mente começa a se ocupar da psique (Winnicott, 1958/2012) é difícil associar angústias e ansiedades aos acontecimentos; assim a elaboração dos sentimentos se torna ainda mais difícil.

A projeção e o deslocamento também são utilizados pelos pais como forma de evitar os sentimentos difíceis que podem reforçar a lembrança da perda. Assim, os sentimentos ligados ao ódio e a tristeza e os relacionados às experiências mais difíceis da família são projetados em outras situações. No caso de Helena, o luto por Davi é deslocado em outras perdas, como a morte do cachorro Tom e a perda de outras figuras de afeto. Rosário projeta nos filhos suas dificuldades com o luto e eles assumem a função de representar e expor os sentimentos da mãe. Essas defesas se tornam necessárias, pois essas mães, ao perderem seus filhos, ficam com a crença abalada na própria capacidade criativa e com dificuldades em trabalhar os próprios sentimentos.

Nas entrevistas das três famílias participantes, o relato foi confuso e não seguiu ordem cronológica, especialmente no que diz respeito às mortes. Rangel (2008) constatou em seu

estudo com pais enlutados, que a maioria deles necessitou de um relato minucioso para falar da morte dos filhos. Rosário, ao falar de Ana, e Cleiton, ao falar de Davi, apresentaram um relato mais detalhado e ordenado do que ao referirem-se a outras situações, demonstrando necessidade de compreender o que aconteceu. Regina foi a participante cujo relato foi mais coerente, entretanto também não seguia ordem cronológica. Essa característica pode ter sido propiciada pela abordagem mais livre que a pergunta: “Me fale da sua família” proporciona. A pergunta norteadora não especificou o assunto da perda (diferente do estudo de Rangel) para que fosse possível avaliar de que forma esse assunto poderia surgir ou não no relato do participante.

Ainda assim, os filhos perdidos apareceram nos relatos e desenhos das famílias. Rangel (2008) afirma que estudos sobre luto parental têm constatado que a lembrança do filho falecido pode continuar com os pais, sem que isso signifique uma patologia, mas a rigidez nessas lembranças (como parece acontecer na família de Rosário em relação à perda de Ana) pode ser resultado de um congelamento que se torna patológico. Esse congelamento, para Miller (2002), afeta as experiências do luto e a sua elaboração. Miller ainda fala de tipos de congelamento, entre eles o congelamento físico (fetiche em relação aos objetos que pertenciam ao falecido) e dos sentimentos (que representa a paralisação no desenvolvimento emocional dos pais que se fixam na morte). Rosário demonstra, por meio dos rituais e relato sobre Ana, a dificuldade dela e dos filhos de orientar as suas rotinas e vidas, sem que excessos em relação a memória de Ana os invadam. Nesse caso, as memórias são mantidas pelo medo da família de esquecer Ana. Manter as lembranças dela representa a necessidade de que haja a demonstração do amor á filha perdida, como forma de afirmar que ela não foi esquecida.

Assim, no relato dos pais, com exceção de Rosário (e tratando da filha Ana), percebeu-se dificuldade em falar sobre os filhos falecidos. Regina não tratou os dois filhos falecidos pelo nome, e pouco falou sobre a perda deles, demonstrando desejar distanciar-se dos sentimentos derivados delas e não torná-los assim, reais. Helena, falou muito pouco sobre Davi, apesar de ter relatado um pouco mais sobre a sua morte e ter contando muito sobre a reação da filha Paula, o contexto do falecimento e a imprevisibilidade dos acontecimentos. Cleiton, que não era o pai biológico de Davi, relatou um pouco mais a respeito do menino, falando de suas características e do relacionamento entre eles. Rosário por sua vez, apresentou dificuldades em falar sobre Lucas e Guilherme, falando sobre Ana demoradamente, especialmente sobre sua doença e o período pós-morte.

Desse modo, de acordo com a maneira que as famílias participantes encontraram de lidar com os sentimentos da perda dos filhos, elas demonstraram ter dificuldade na expressão

criativa e no uso do processo de simbolização, com prejuízo na área da transicionalidade. Percebeu-se que a interação entre mundo interno e externo ocorre de maneira pouco eficaz, sendo que os afetos permanecem contidos. A capacidade de ser espontâneo e poder relacionar fantasia e realidade (usando da passagem da transicionalidade) colabora na elaboração dos sentimentos do luto (Barone, 2004). No caso dessas famílias, a não possibilidade de fazê-lo está relacionada à história de vida de cada um (principalmente o contexto familiar em que se desenvolveram) e ao fato da morte de um filho ser, para a capacidade criativa dos pais, um duro golpe que causa um prejuízo enorme. A realidade se apresenta de forma dolorosa e muito custosa para a expressão do verdadeiro *self*; assim o uso do espaço potencial, é uma tarefa difícil diante dos muitos sentimentos que os pais precisam trabalhar e do abalo que sofrem em sua onipotência e confiança no mundo. Portanto, o uso da expressão criativa, tão necessária ao processo de elaboração do luto, é difícil de ser feito.

6.3 A vida criativa dos filhos

Em relação às crianças, foi possível perceber que o ambiente externo exerce grande influência sobre a forma como elas se expressam. Há desejo de se relacionar com o meio e uma crença de que este pode lhes oferecer algo bom, a satisfação das suas necessidades. Todavia, o ambiente familiar sofreu um duro golpe em sua capacidade criativa com a perda de um filho, passando a perceber o meio externo como perigoso, e fazendo com que as crianças o percebam assim também. Elas têm então a sensação de desproteção e fragilidade do ambiente familiar, pois ele não pode satisfazer suas necessidades, e nem oferecer *holding* suficiente e continência. Assim, essa insegurança faz com que as crianças apresentem comportamentos regredidos e tenham dificuldade para sua expressão espontânea, pois seus pais, ao duvidarem da própria capacidade criativa não podem adaptar-se às demandas dos filhos.

Desse modo, a criança não recebe do ambiente o que necessita para crer que o mundo é um lugar no qual se pode ter ilusão e que lhe faça sentido; com isso surgem dificuldades para relacionar-se com a realidade externa de forma criativa, em acordo com seu verdadeiro *self*.

A insegurança do ambiente familiar percebida pelas crianças faz com que elas temam a expressão da própria oposição e da agressividade de porque duvidam da capacidade dos pais para sobreviver a elas. De acordo com Winnicott (1939/2012) a agressividade é importante na expressão do verdadeiro *self* e não tem apenas um sentido negativo. Entretanto, para Rodrigo e Isabela, a agressividade precisa ser contida, pois ela é percebida como nociva e como uma

possível desestruturadora da união familiar. Leonardo é capaz de expressar-se por meio da sua agressividade, porém essa expressão ocorre de maneira regredida e descontextualizada, faltando-lhe a continência do ambiente externo para auxiliá-lo. Sendo, então, a agressividade percebida como muito nociva, sua expressão gera culpa. Nesse sentido, por sentirem a família como frágil, há pouca disposição por parte das crianças para expressar-se no ambiente de forma verdadeira, já que isso poderia desestabilizar a união familiar.

Diante dessa situação, manifestações de natureza mais hostil, como a rivalidade fraterna, são desencorajadas e minimizadas, seja pelos pais, seja pela criança. As disputas e desentendimentos, entre irmãos, são desestimulados na medida em que parecem intensificar conflitos e prejudicar a união desejada. Esta repressão e a evitação dos sentimentos de rivalidade fraterna que foi observada nas famílias participantes, também no relacionamento entre os irmãos sobreviventes com o falecido, pode prejudicar o desenvolvimento das crianças, estagnando o seu crescimento diante da culpa por estarem vivas e crescerem apesar do irmão não poder fazê-lo (Zimerman, 1993; Lima e Kovács, 2011).

O tema da rivalidade fraterna apareceu também nas entrevistas dos pais, que exploraram o vínculo com os próprios irmãos e as diferenças entre eles no relacionamento com os próprios pais. Dessa forma, no caso dessas famílias, a repressão da rivalidade fraterna ganha um sentido especial, pois representando a forma como as crianças sobreviventes relacionam-se com seus irmãos falecidos, acarreta dificuldades para elaborar o luto, uma vez que nem os próprios pais não possuem com seus irmãos um relacionamento em que os sentimentos de competição foram trabalhados. Dessa forma, além de não poderem oferecer aos filhos suporte e apoio para a sua capacidade criativa, os pais também demonstraram dificuldades em manejar o relacionamento entre eles.

No caso do relacionamento entre os irmãos o receio de ter prejudicado de alguma forma o irmão que morreu gera culpa e intensifica ainda mais o prejuízo na busca pela expressão espontânea e criativa dos sentimentos da criança. Essa situação foi observada nas crianças participantes, seja porque o relacionamento com o irmão quando vivo era muito próximo e a perda foi profundamente sentida (como no caso da família Borboleta “Pingos de Prata”) ou porque a vivência da perda do irmão na família influencia a criança sobrevivente a se sentir identificada com o falecido (como na família Borboleta “Seda Azul”).

Na família Borboleta “Seda Azul”, Helena e Paula precisaram se apegar a exigências da realidade exterior (como o estudo e o trabalho) para retomar a vida. Ainda que este seja um passo necessário para a elaboração do luto, ele parece ter acontecido de forma precipitada, com o objetivo de evitar o contato com o sofrimento derivado da perda. Já Isabela busca

compreender o que sente, mas percebe-se só nesse processo, pois não acredita que possa contar com alguém que irá lhe explicar e oferecer continência para as suas angústias. Suas fantasias tornam-se demasiadamente assustadoras e a forma de lidar com a realidade se faz por meio da racionalização. Ainda que ela busque por recursos próprios (relacionados a sua capacidade de criar) modificar a realidade que vive é um processo difícil sem o auxílio da mãe, que não pode ajudá-la em razão da sua dificuldade em usufruir da própria capacidade criativa. Assim, Isabela se sente insegura quanto ao uso que pode fazer do ambiente externo, mas deseja ampliá-lo para possibilitar seu desenvolvimento, poder fazer uso da sua criatividade, e obter respostas para seus questionamentos.

Na família Borboleta "Pingos de Prata", Leonardo parece ter um desenvolvimento emocional ainda mais prejudicado, aparentando ter mais dificuldade em separar fantasia de realidade. As fantasias não são percebidas e utilizadas de maneira a proporcionar uma interação criativa com a realidade e servem de instrumento para alcançar satisfação. Existem poucas atitudes espontâneas e oferta de limites por parte da mãe que possibilite a Leonardo receber contenção das suas angústias, auxiliando-o a crescer com elas e a descobrir-se. Leonardo oscila entre agir de forma regredida e mais madura, evitando as situações próprias de uma criança (como ir à escola) e desejando trabalhar. Nesse sentido, o trabalho representa a possibilidade de gratificação e distanciamento dos penosos sentimentos familiares derivados das perdas que a família sente que precisa viver, como sua mãe também o faz.

Rodrigo, da família Borboleta "Castanha Vermelha", também demonstrou prejuízos na passagem da transicionalidade, o que ocasiona certas dificuldades no desenvolvimento de sua capacidade de simbolização. Para ele, a criatividade de sua mãe (assim como no caso de Rosário e Helena) é restrita e ela não consegue auxiliá-lo na própria expressão criativa. A criança recorre ao isolamento e a racionalização na maior parte das situações de conflitos, para proteger o verdadeiro *self*; nesse caso, o uso do falso *self* começa a se mostrar como uma alternativa de defesa, que dificultará ainda mais essa expressão criativa. Rodrigo sente que não pode confiar no ambiente que está longe de responder à sua criatividade. Com isso, ocorre um retraimento da criança que testemunha a provisão insuficiente de *holding*; dessa forma, ele precisa buscar por si mesmo o atendimento de suas necessidades. A pouca perspectiva de receber aquilo que necessita o torna desinteressado das tarefas de aprendizagem, ainda que deseje se desenvolver.

Para Rodrigo o ambiente é, de fato, hostil e lhe gera insegurança. Além das questões relacionadas às perdas familiares e do medo de perder a mãe, ele também precisa lidar com a dependência química do pai. Essa é uma questão importante a ser considerada em relação às

repercussões geradas em seu desenvolvimento emocional. Segundo Figlie, Fontes, Moraes e Payá (2004) crianças que crescem em família de dependentes químicos podem ter o seu desenvolvimento prejudicado, apresentando maior risco de desenvolver transtornos psiquiátricos, sintomas psicossomáticos e dificuldades escolares. Essas são questões importantes também a serem consideradas nas outras famílias, pois influenciam na possibilidade do ambiente familiar oferecer para as crianças *holding* e segurança.

Rodrigo foi a criança que apresentou maior retraimento, baixa autoestima e passividade no relacionamento com o ambiente. Ele aparentou ter mais condições de se adaptar a realidade, ainda que de forma não completamente eficaz, por meio de um falso *self*. Para Winnicott (1983/2008), o bebê defende-se de um meio intrusivo, que não possibilita o seu gesto espontâneo, por meio da submissão, o que faz com que o lactente se isole e cresça inserido em relacionamentos falsos. Os sentimentos ficam reprimidos e a criança demonstra pouca espontaneidade e postura ativa, desesperançosa no que diz respeito às relações com os objetos, e uma sensação de inutilidade (Winnicott, 1958/2000). É o que acontece com Rodrigo, que parece ter desistido de se expressar no ambiente familiar; todavia ele parece encontrar alguma esperança no ambiente escolar, onde consegue ser mais espontâneo e fazer uso da sua agressividade sem temer prejudicar o ambiente. Junto à família, contudo, ele demonstra um sentimento de inutilidade e estagnação, com receio de novas perdas e de não poder existir de forma espontânea e verdadeira sem que isso afete o outro. Assim ele passa a corresponder as expectativas que recaem sobre ele.

Dessa maneira, com dificuldade em expressar-se espontaneamente e fazer uso da criatividade, as crianças apresentaram dependência em relação aos pais (em especial à mãe) e dificuldade na aquisição da autonomia. Sendo dependentes das mães e pais, as crianças temem o abandono deles e o esquecimento por parte deles, que é fortalecido pela maneira com que as famílias lidaram com as perdas dos filhos (no caso de Leonardo, por perceber a mãe concentrando-se pouco no luto da filha Ana; Rodrigo, pela sensação iminente de perda e Isabela, por perceber a mãe fragilizada sem condições de exercer sua função materna plenamente). Enfim, a expressão da singularidade e do verdadeiro *self* da criança fica dificultada por um ambiente que não satisfaz e não reconhece suas necessidades, já que os pais não conseguem atender à expressão criativa delas.

6.4 O luto dos filhos

Os sintomas que as crianças podem apresentar após a perda do irmão, seja logo em seguida ou muito tempo depois dela, fazem os pais se lembrarem da perda e reviver sentimentos difíceis. Os pais podem vir a apresentar dificuldades em compartilhar com os filhos o que sentem e escutá-los a fim de compreendê-los. Entretanto, para Heath e Cole (2011), caso esses pais possam perceber que o comportamento dos filhos sobreviventes pode estar relacionado a reações de luto, sua atitude pode mudar e uma maior possibilidade de colaboração é visualizada, com a ajuda de pessoas do ambiente externo (família de origem, professores).

Isabela foi a criança que mais apresentou sintomas relacionados à morte do irmão (mesmo não o tendo conhecido). Por meio deles, ela relembra a família dos acontecimentos e possibilita uma nova oportunidade de trabalhá-los, assumindo a função de trazê-los de volta e permitir a retomada do desenvolvimento emocional de todos. De forma parecida, Paula, sua irmã mais velha, que conviveu com Davi, o irmão falecido, parece também ter assumido o luto da família logo quando ele faleceu, demonstrando insatisfação com a maneira como a mãe lidou com seus sentimentos: tentando evitá-los e substituir a ausência do filho. Assim como citado na literatura (Green, 1988; Pincus, 1989; Rangel, 2008), como uma mãe enlutada, foi difícil para Helena oferecer a Paula o cuidado que ela necessitava estando junto dela para compartilhar a dor. Então ela se distanciou e procurou negar a intensidade dos problemas que a filha estava apresentando. Helena evitou o confronto com esses sentimentos e buscou utilizar de algo que a confortasse como o trabalho e o cachorro Tom. Para Winnicott (1971/1975), o objeto, quando tem a função de mero confortador, pode auxiliar nos momentos de angústia, mas não tem o intuito de estimular a expressão criativa do indivíduo em contato com uma realidade difícil. Helena parece ter feito o uso do cachorro Tom como um objeto confortador, que a auxiliou no momento da pós-perda do filho por combater a solidão, mas não teve a função de um objeto transicional que restauraria a relação entre seu mundo interno e externo, reparando a capacidade criativa que havia sido abalada.

Isabela sente-se desamparada e Helena não aparenta ter condições de lhe oferecer todo o suporte que precisa. Entretanto, os sintomas de Isabela obrigam todos a falarem sobre morte, pois ela os questiona constantemente e deixa evidente a possibilidade de que qualquer um pode morrer em qualquer momento. Necessitando de continência, Isabela torna seus medos públicos (chega a ligar para as pessoas e pedir ajuda) e se expressa de todas as maneiras que pode, como pelo corpo (com os sintomas de câimbras, taquicardia, etc.). Todos

esses sentimentos são intensificados a partir da percepção de que ela pode ter nascido com um propósito (pois nasceu logo após a morte do irmão e da demonstração da insatisfação do pai com sua outra filha) e que dessa maneira tudo pode ser substituído. Identificando-se com o irmão perdido, a criança pode vir a desejar que a mãe não o esqueça (o que significaria para ela abandoná-lo), pois se isso acontecesse, a mãe poderia também esquecer a própria criança sobrevivente. Nesse sentido, para a criança é importante perceber o sofrimento da mãe pelo irmão falecido, para que ela possa garantir que ele não será esquecido, assim como ela também nunca o será, continuando a ser única e especial para a mãe.

Na família Borboleta "Pingos de Prata", os filhos também demonstraram diferentes sintomas como resposta à perda de Ana. Os filhos mais velhos, Sílvio e Leandro, distanciaram-se e "se trancaram", evitando expressar seus sentimentos e inibindo-se diante da família (assim como Paula, da família Borboleta "Seda Azul" que, segundo Helena, parece ter ficado "parada no tempo", após a morte do irmão). Edgar sofreu muito com a morte da irmã, especialmente por ter sido considerado um possível agente de cura para ela, e apresentou sintomas que o perturbava (como ver a irmã e ouvir vozes) e que Rosário inconscientemente, não desejou que desaparecessem, pois eles permitiam a inclusão das lembranças de Ana no ambiente familiar; com isso ela negou a gravidade deles e buscou apenas por um atendimento medicamentoso para contê-los. Essa situação foi muito parecida com a de Helena e Paula, em que a primeira precisou negar a intensidade dos sintomas que a filha apresentava (como ouvir vozes e se cortar) evitando-os (não buscou atendimento psicológico para a filha apesar de compreender que ela precisaria e seria muito beneficiada por ele).

Em relação a Leonardo, as difíceis circunstâncias do seu nascimento permitiram que Rosário tivesse condições de voltar-se mais para esse filho, pois ele foi um sobrevivente de uma situação muito difícil a que ela pode ajudar (assim como Regina em relação ao seu marido dependente químico), fazendo com que assim, ela recuperasse um pouco da crença em sua própria capacidade criativa. Leonardo por sua vez, tem a percepção de que algo ruim aconteceu a ele, e de que lhe falta *holding*, desejando receber cuidados básicos e proteção para "não morrer" (como expressado no desenho da árvore), assim como Isabela e Rodrigo (que acreditam que por meio do cuidado e proteção pode haver esperança).

De acordo com a literatura (Lima & Kovács, 2011), é comum em crianças enlutadas comportamentos regredidos, perdas sociais e acadêmicas e a manutenção de um relacionamento fantasioso com o morto por meio da internalização da dor. Como muitas vezes há dificuldade nessas crianças no processo de simbolização, também é comum que seus sentimentos sejam manifestados pela via corporal (Bromberg, 1994).

Para os irmãos enlutados, ter de lidar com a tristeza dos pais, os sentimentos confusos sobre si próprios e as mudanças familiares que acontecem após a morte de uma criança é uma difícil tarefa. Nesse processo, a comunicação sobre a morte e o conhecimento do assunto influencia diretamente na elaboração do luto, conforme afirmaram Bowlby (1973/1998) e Aberastury (1982). Dessa maneira, há uma complicação ainda maior quando não é realizada uma comunicação honesta sobre a morte com a criança, compatível com a sua faixa etária. As três crianças participantes, atualmente, possuem clareza sobre a irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade da morte, essencial à compreensão desta, como cita Torres (1999). Entretanto, Isabela e Leonardo parecem ainda contestar, mesmo que por meio da fantasia, alguns desses conceitos, por sentirem-se muito ansiosos em relação a eles. Isabela ainda parece questionar a universalidade, sofrendo com a possibilidade da sua própria morte, já que seu irmão morreu tão cedo (e por essa morte ter sido associada à desobediência do irmão). Leonardo que compreende os três conceitos, ainda atribui possibilidade de vida por meio das recordações, cuidados e da substituição daquilo que foi perdido. Assim, é muito importante que uma comunicação eficiente seja realizada com a criança, sem mentiras e de forma compreensível.

Isabela foi comunicada da morte do irmão que não conheceu por meio de justificativas que relacionaram a morte dele com a desobediência. Assim, ela se angustia acreditando que as suas atitudes “ruins” possam levá-la à morte também. Informações que quando questionadas são percebidas como irreais, diminuem a confiança que a criança terá na família (Kübler-Ross, 1981/2005). Nesse contexto, a explicação fantasiosa que recebeu sobre as causas da morte faz com que as angústias de Isabela a respeito fiquem intensificadas e não permitem que ela possa perceber a realidade de forma mais compatível com a sua idade, se mostrando extremamente preocupada. Ainda, ao compreender cada vez mais a universalidade e irreversibilidade da morte, ela corre o risco de que sua confiança nos pais fique abalada. A compreensão da morte e dos sentimentos derivados da perda fica, assim, prejudicada a partir do momento em que os adultos silenciam (Winnicott, 1958/2012).

Leonardo, por sua vez, recebeu informações aparentemente realistas, mas ambíguas e incompatíveis com a capacidade de compreensão que ele tinha da morte na época em que Ana faleceu (quando ele tinha cinco anos de idade) e sobre a morte do irmão gêmeo Guilherme.

Para Rodrigo, a comunicação dos assuntos causadores de maior angústia e ansiedade na família parece ser mais superficial, e a compreensão do que de fato aconteceu fica por conta de cada um. Ainda que Regina busque proteger o filho de ter contato com situações muito difíceis, não falar sobre as perdas, em um ambiente em que este é um acontecimento

fortemente presente, pode deixá-lo inseguro quanto ao que esperar de novas situações em que elas poderão acontecer.

Assim, a comunicação é um passo essencial, e a importância da compreensão, pela criança, do que está acontecendo não pode ser menosprezada. Para os pais enlutados, esta é uma tarefa difícil que, entretanto, deve ser feita, mesmo que outro adulto de confiança da criança precise auxiliá-la, como diz Kübler-Ross (1999/2012):

> [...] Se nós, adultos, fôssemos mais honestos, em vez de transformarmos a morte num incrível pesadelo, poderíamos transmitir às crianças em que situação estamos e o que sentimos; se não ficássemos constrangidos em derramar lágrimas ou expressar nossa raiva (se tivermos alguma) e se não tentássemos poupar nossas crianças das tormentas da vida, mas, em vez disso, compartilhássemos com elas então as da próxima geração não teriam tantos problemas com relação a morte e o morrer (pg. 32)

A possibilidade de refletir e falar sobre a morte e a própria morte, prepara as pessoas e permite uma interação com a realidade mais saudável, possibilitando também que a angústia diante do assunto e o espanto em falar abertamente sobre ele sejam menores (Kübler-Ross, 1981/2005).

De qualquer forma, a vivência da perda se torna complicada não só pela incapacidade da família de comunicar seus sentimentos, mas também porque na morte de um ente querido, muitas outras perdas acontecem. Green (1988) afirmou que essa situação trata-se de um luto “embrulhado” em outro luto, pois uma perda representa muitas outras perdas secundárias que conduzem a uma necessidade de readaptação e mudanças. Para as crianças, que ainda estão em desenvolvimento, essa é uma adaptação ainda mais difícil, já que uma criança que perdeu um irmão, possivelmente também perderá, ainda que por um curto espaço de tempo, a mãe e o pai que não conseguirão estar devotos a ela como faziam antes.

Como foi possível perceber na análise das famílias participantes, os pais sentem necessidade de manter as lembranças do filho falecido, mas possuem dificuldades em resgatá-las sem se sentirem paralisados diante da dor. Os irmãos sobreviventes então, podem representar a possibilidade de que isso seja feito sem que os pais sintam-se diretamente responsáveis pelo apego ou desapego. Aberastury (1984) relata que em muitas situações difíceis nas famílias, as crianças podem exercer a função de porta voz desta, pois com sua capacidade de observação, elas conseguem perceber e manifestar o que está inserido no núcleo familiar e que é depositado, inconscientemente, nelas próprias.

Segundo Wolfelt et al. (2002) para as crianças enlutadas, as principais tarefas dizem respeito a conhecer a realidade da morte, expressar seus sentimentos recebendo suporte externo, integrar as memórias dos falecidos, redefinir novas relações, ressignificar a perda e ter novos relacionamentos que possam lhe oferecer suporte. Elas precisam, portanto, de muito apoio dos adultos e de ajuda no processo de compreender o que aconteceu para elaborar seus sentimentos. Todas essas tarefas se tornam ainda mais complicadas quando não há um adulto de confiança na família que esteja disponível para estar junto dela e oferecer continência para o seu sofrimento e dúvidas.

Os significados que são atribuídos às perdas, influenciam como facilitadores ou não no processo de luto (Mazorra, 2009). Assim, diante de sentimentos intensos de todos os membros da família, encontrar uma forma de interagir e expressar que possa ser acessível a todos, permitindo a comunicação, é extremamente importante. Anton e Favero (2011) ressaltam que apesar das dificuldades em falar da perda, a repressão dos sentimentos e pensamentos sobre ela são ainda mais prejudiciais e podem piorar o sofrimento e a saúde física e psíquica do enlutado.

Nesse contexto, nas famílias deste estudo, são as crianças que iniciam uma maneira de comunicar os sentimentos e experiências da perda por meio dos seus sintomas. Nas famílias Borboleta “Castanha Vermelha” e Borboleta “Pingos de Prata”, as crianças trazem para o contexto familiar as questões referentes à perda dos irmãos, e estas são percebidas como naturais e até desejadas pela família. Esta situação não ocorre na Família Borboleta “Seda Azul”, em que Isabela, ao falar sobre morte e seus sentimentos a respeito, causa muito estranhamento e preocupação, principalmente por fazer com que a família se sinta impotente ao ter de lidar com questões difíceis que evita e não compreende.

Muitas vezes, para que uma comunicação efetiva com a criança seja realizada e ela se sinta acolhida, é importante que haja outros adultos na família dispostos para conversar com ela, uma vez que os pais estão profundamente tristes com a perda de seus filhos e nem sempre têm condições de fazer isso. Além disso, como já foi assinalado, o desenvolvimento emocional da criança enlutada sofre consequências específicas no relacionamento dos pais com ela após a perda, que podem não conseguir lhe oferecer *holding* e continência.

Uma situação que dificulta muito a interação da mãe/pai com o filho sobrevivente está relacionada à possibilidade de uma depressão materna, na medida em que perder um filho pode ser devastador. A mãe deprimida pode perder interesse pelos seus filhos e sentir-se constantemente triste (Green, 1988). Assim, além da tristeza vivida pela própria criança em um ambiente que está sofrendo, ela pode sentir-se prejudicada por não receber da mãe aquilo

que necessita (que pode não ser capaz de atender suas necessidades) o que, como foi visto, causa prejuízos no desenvolvimento das potencialidades e do *self* (Barone, 2004). Isso acontece porque uma mãe enlutada pode deixar de investir na criança sobrevivente, deixando-a com a sensação de que perdeu o sentido na família, pois não se considera capaz de ajudar a mãe e de manter-se sem aquilo que antes recebia dela (o carinho e o cuidado). Assim a criança se angustia e precisa defender-se desses sentimentos (Ireland, 2011).

Isabela, que nasceu em um contexto de perda recente, sente que não pode receber da sua mãe enlutada toda a devoção que precisa; assim, ela ainda busca encontrar a mãe e demonstra muito medo do abandono. A relação entre as duas intensifica a dependência de Isabela e dificulta a introdução da figura do pai no vínculo e a manutenção de uma tríade. Já Rodrigo sente sua mãe como necessitada e frágil e também teme seu abandono. Tanto nele quanto em Regina, há passividade no envolvimento com o ambiente, submissão e dificuldade para lidar com as perdas familiares. Eles buscam dar continuidade à vida, apesar das dificuldades, em uma atitude de sobrevivência, porém com pouca apropriação dos seus sentimentos e pouco uso da sua espontaneidade. Rodrigo, ainda que tenha demonstrado o desejo de ser diferente do outro e expressar-se, fica ansioso ao agir de forma diferente da mãe (pois, tem receio de desagradá-la), o que o mantém retraído e dificulta o seu desenvolvimento emocional.

6.5 O luto dos pais e dos filhos

Conforme foi visto anteriormente, com a morte de um filho, os pais podem apresentar dificuldade para oferecer *holding* e cuidado para os filhos sobreviventes, por estarem muito tristes e abalados (Heath & Cole, 2011; Alam et al., 2012). Para as famílias participantes desta pesquisa, o relacionamento com os filhos complicou-se a partir da dúvida dos pais sobre a sua capacidade de exercer sua função de proteger os filhos sobreviventes.

A literatura encontrada (Arnold et al., 2005; Alam et al., 2012) demonstra o relacionamento entre pais e filhos enlutados como complexo, pois os pais podem tanto se voltar completamente para os filhos, sentindo-se mais próximos deles, como também buscar evitá-los para não sentirem-se impotentes diante das situações que possam comprovar a (in)eficácia da sua função na vida do filho. No caso das famílias deste estudo, percebeu-se que a deficiência de *holding* e dificuldade dos pais em atender as necessidades das crianças, problematiza o relacionamento entre eles. Os filhos, em razão da insegurança paterna e

materna, podem não ter, pelo menos por um tempo, suas necessidades supridas, deixando de confiar nos pais.

Muitas vezes surgem sintomas e problemas de comportamento que nem sempre são percebidos pelos pais como reações à perda (Heath & Cole, 2011). Assim, como forma de trabalhar os sentimentos da perda, as crianças tendem a repetir os comportamentos dos pais (por exemplo, se a mãe está negando a repercussão dos acontecimentos, a criança tende a negar também), muitas vezes reprimindo os sentimentos a fim de preservar os pais ao perceber o quanto eles estão mobilizados **(**Lima & Kovács, 2011) - como foi possível identificar no comportamento de Rodrigo, na família Borboleta "Castanha Vermelha", mas não em Leonardo e Isabela.

No caso das famílias da pesquisa, também foi possível perceber que a perda reforçou a necessidade de união familiar, a fim de fortalecer os laços entre os sobreviventes e, em alguns casos (como foi mais visível para a família Borboleta "Pingos de Prata"), manter o laço com o filho falecido. Essa união possibilitaria também um reconhecimento do grupo como família, que é capaz de se manter e continuar vivendo, ainda que uma parte dela tenha sido perdida. Assim, para manter a união, faz-se necessário que não haja conflitos e que os sentimentos derivados das situações conflituosas sejam amenizados, sentidos como comuns ou negados.

Essa necessidade de união diferencia-se em cada família. Na família Borboleta "Castanha Vermelha" a união parece ser a forma de sobreviver às situações difíceis. Entretanto, estas, quando acontecem, causam uma cisão entre os membros que, diante da dificuldade de elaborar seus próprios sentimentos, isolam-se (pois estes não podem aparecer no contexto familiar). Na família Borboleta "Pingos de Prata" a união se faz com base na crença de que nas dificuldades todos precisem de cuidados; assim, os membros se unem para oferecê-lo, mas nesse processo misturam seus sentimentos e dificuldades e tornam restrita a compreensão do papel de cada um. Na família Borboleta "Seda Azul" a união é desejada pelos pais como forma de perceberem-se bem sucedidos em suas funções, pois conseguiram ter uma família unida mesmo diante das dificuldades, idealizando a família socialmente aceita.

Entretanto, independente do porquê a união familiar seja buscada, ela parece ser vivida como instável e insuficiente, na medida que não supre as necessidades das pessoas e dificulta a expressão das diferenças, dos problemas de cada um e das atitudes espontâneas de oposição. Dessa maneira, percebe-se nas crianças um aumento da baixa autoestima e confusão quanto aos seus papéis. Não é possível expor-se verdadeiramente em um ambiente que pode considerar a diferença como uma possível desintegradora do núcleo familiar, o que dificulta a

vivência dos sentimentos relacionados à perda e fortalece um sentimento de solidão diante de uma união que não satisfaz. Nesse sentido, também foi possível perceber a existência de subgrupos nas famílias, divididos de acordo com os interesses e história de cada um.

A literatura sobre o luto é repleta de discussões sobre a influência do tempo, tipo de morte, idade da criança entre outras características influenciadoras do luto (Arnold et al., 2005; Meij et al., 2005), e que puderam ser observadas nessas famílias. Gerhardt et al. (2012) aponta que não é possível encontrar diferenças nos participantes com relação ao tempo de morte. Para Rangel (2008), muitos pais vivenciam a perda constantemente, ainda que o tempo passe e mesmo que os sentimentos difíceis sejam amenizados, pois a conexão com o filho nunca será desfeita. Nessa pesquisa constatou-se que a necessidade de vivenciar a perda com o passar do tempo é muito importante para que a elaboração do luto possa ser realizada, por meio da recuperação da crença na capacidade criativa. Esta última é possibilitada a partir da compreensão da realidade e dos sentimentos derivados dela. Assim, viver a perda constantemente, de acordo com o ritmo de cada família, significa recriar a realidade a partir da compreensão de que o filho falecido estará sempre, de alguma maneira, conectado aos seus pais.

Com relação à idade da criança falecida, Meiji et al. (2005) concluíram que esta é um preditor de dor, considerando a perda de crianças muito jovens ou de filhos mais velhos como associadas a menor dor. Rangel (2008), no entanto, esclarece que na morte precoce de recém-nascidos, abortos, natimortos, entre outros, o luto pode não ser reconhecido culturalmente. Para Rangel (2008), as expectativas que os pais possuem sobre os filhos antes de nascer são abruptamente cortadas no falecimento deles, levando-os a seguir com um luto e elaborar seus sentimentos.

Na presente pesquisa, percebeu-se uma maior dificuldade dos pais em falar sobre os filhos que morreram muito cedo. Regina conseguiu relatar mais a respeito da filha que morreu ainda no hospital (em relação ao filho que morreu aos seis meses de idade) sugerindo que o contexto da morte deste último pode ter tido maior impacto emocional. Rosário, por outro lado, demonstrou muita dificuldade de falar do gêmeo de Leonardo, se comparado ao pouco que falou sobre Lucas, seu primeiro filho falecido (já que a morte de Ana toma toda a disponibilidade da mãe). Entretanto, o relato de Rosário sugere que a idade do filho perdido influencia na dificuldade de elaboração do luto, ao comparar Lucas, o primeiro filho que perdeu e Ana, a última, e dizer que sente mais saudade da menina, pois a convivência foi maior.

Em relação ao tipo de morte, a literatura indica que casos de morte súbita e inesperada, podem dificultar o processo de luto. Worden (1998) relacionou a perda por morte súbita como acompanhada de uma sensação de irrealidade, um sentimento de paralisação e de confusão, pois não oferece a oportunidade de haver um luto antecipatório. O contexto da morte também tem significado para o enlutado e representa um estressor: mortes violentas, não naturais e inesperadas são exemplos dessa possibilidade (Rangel, 2008). No caso da morte de crianças, normalmente, todas são inesperadas, pois se compreende a criança como sinônimo de saúde (e assim muitas inquietações sobre a possibilidade de morrer jovem e saudável ficam intensificadas para Cleiton, Isabela e Leonardo). Entretanto, no caso da família Borboleta "Seda Azul" em especial, Davi morreu subitamente, consequência de um quadro que não pode ser explicado, e a aceitação da morte para Helena e Cleiton, tornou-se mais difícil. Dessa maneira, a ideia de que seja possível morrer jovem e saudável, fortaleceu a crença em Helena de que a morte era predestinada, o que corrobora com o que foi encontrado na literatura (Rangel, 2008). No caso específico dessa família, a causa da morte foi um tema que recebeu muita atenção e que causou frustração diante da sua impossibilidade de resolução. Rangel (2008) demonstrou em seu estudo a importância de relatar todos os fatos decorrentes na morte do filho e de compreender bem a causa do falecimento. Dessa forma, permite-se que assim, menos sentimentos envolvendo culpa, remorso, sensação de impotência e tristeza profunda, causados pela insegurança de deparar-se com aquilo que não pode explicar, dificultem a elaboração do luto.

O número de filhos que permaneceram vivos na família após a perda auxilia para que os pais enlutados tenham menos sintomas de sofrimento (Meji et al., 2005). Essa situação foi observada em todas as famílias, e os filhos parecem representar uma possibilidade dos pais terem algo a que se voltar e distrair-se e assim, evitar um confronto constante e dolorido com a realidade.

No relato dessas mães percebeu-se a ideia de que o filho falecido não deixará nunca de fazer parte da família (ainda que, nas famílias em que mais de um filho faleceu, um luto poderia estar sendo vivido mais do que outro). Estas mães não conseguem esquecer os filhos perdidos, e em alguns casos, como o de Rosário, a morte de Ana representa todas as outras perdas que ela teve em sua vida. Desse modo, mesmo que haja uma tentativa de substituir a perda por outro objeto para combater a dor, a substituição nunca será completa.

Assim, os pais sentem necessidade de manter a recordação dos filhos perdidos de alguma forma, como por meio dos rituais. Essa manutenção da memória, quando realizada como parte da elaboração do luto, é uma atitude essencial para o irmão sobrevivente, pois

permite que ele possa elaborar a realidade da morte e a rivalidade fraterna, por permitir a percepção de que seu irmão continua a ocupar um espaço na família. Como demonstrado na literatura (Parkes et al., 2003; Arnold et al., 2005), foi possível perceber um receio desses pais de deixar o luto (e não sofrer mais) que poderia representar um abandono (o que é claramente sentido pela família Borboleta “Pingos de Prata”).

No processo de luto, a realidade submete os pais à constatação de que o objeto não existe mais, e que é necessário romper ligações com ele para continuar a viver, investindo a libido que antes era destinada ao objeto perdido em outro. Essa tarefa pode ser encarada com oposição se a família perceber o desinvestimento como um abandono, o que em sua percepção levaria ao esquecimento; quando isso acontece, é mais difícil para a família desapegar-se do objeto perdido e criar uma nova relação com ele. Isso faz com que o enlutado desvie-se da realidade e continue apegado ao objeto perdido, dificultando o processo de elaboração do luto (Freud 1917/1996).

Compreende-se o luto como uma experiência subjetiva que varia de família para família. Na literatura pesquisada (Rangel, 2008), diferentes ideias a respeito da possibilidade do término do luto são encontradas. Para Pincus (1989) a duração do luto pode variar devido a muitos fatores. Outros autores comentam que não é possível falar de um fim para o luto (Franco, 2002), e que alguns sentimentos e aspectos da perda sempre acompanharão o enlutado por toda vida (Hangman, 2001). Assim, fala-se de uma reconciliação, que implica em um crescimento na vivência do luto, em que as crises de pesar deixam de ser tão frequentes e intensas (Franco, 2002). Entretanto, chegar a um ponto em que o enlutado consegue ressignificar sua vida não significa que ele tenha se esquecido do ente querido ou finalizado seu luto (Rangel, 2008).

Na busca pela elaboração dos sentimentos despertados pela perda do ente querido, a literatura (Schoen et al., 2004) descreve atitudes e situações que podem ajudar no processo de elaboração do luto, como falar sobre o falecido, receber apoio da família e do ambiente externo para expressar seus sentimentos e a realização de eventos e rituais (funerais, missas) para relembrar o falecido e expressar-se. Esses rituais, que variam em cada caso, têm a sua importância, sendo uma experiência subjetiva para cada um, mantida conforme for necessário. Os pais buscam manter lembranças e preservar a memória do falecido, não importa o tempo que passe após a perda (Rangel, 2008). Entretanto, espera-se que a perda seja constantemente elaborada e que o enlutado possa retomar a sua vida, sendo capaz de interiorizar o objeto perdido (lembrando-se dele em momentos especiais), mas também viver uma rotina em que novos objetos sejam inseridos e os interesses variem para além da morte do filho.

No caso da família Borboleta “Pingos de Prata” deste estudo, muitos rituais e homenagens são realizados para Ana, demonstrando a dificuldade dos membros em se desprenderem da filha. Nesse caso a manutenção dos rituais e homenagens, o intuito de recordar o ente querido, encobre o medo de abandonar Ana, o que significaria esquecê-la, sentimento que não pode ser suportado. Torna-se necessário então que as lembranças da menina sejam mantidas quase que de forma concreta e mesmo fetichista (com o apego aos objetos, pois o objeto simbolizado não está seguro). Os momentos dedicados à sua homenagem são também os responsáveis pela união familiar. Ana, dessa maneira, é adorada pela família e passa a ser fonte de identificação para todos os membros, assim como facilitar a comunicação dos sentimentos dele

Em todas as famílias desta pesquisa, especialmente nas crianças, foi possível perceber sinais de esperança, na medida em que elas, apesar dos seus receios também percebem o ambiente externo como um possível colaborador no seu desenvolvimento (e assim ambientes externos como a escola, apareceram como possibilitadores desse desenvolvimento, representando a esperança de se expressar espontaneamente, pelo menos para Rodrigo e Isabela).

Apesar dos recursos que os pais e as crianças participantes deste estudo apresentaram, muitos sentimentos ligados às perdas ainda são negados e minimizados, e as preocupações são projetadas em outras situações difíceis, em que é possível uma interferência real. Winnicott (1968/1997) afirma que os sentimentos são uma grande parcela do ser humano, e que, por isso, negar aqueles que são ruins pode ser comum, principalmente em situações de perda:

> Para as pessoas que perderam alguém, a perda é permanente, mesmo quando existe uma recuperação e quando ressurge um sentido da vivacidade da pessoa morta, o que nos permitiria dizer que o período de luto está terminado, exceto, talvez, nos aniversários, ou quando alguma coisa lembra a pessoa de que subitamente não existe mais a oportunidade de compartilhar (Winnicott 1968/1997, pg. 64)

Nesse sentido, um indivíduo saudável (maduro) é capaz de encontrar uma forma de reconciliação. Sendo a realidade muito dolorosa para famílias que perderam um filho, a maneira de encontrar uma forma de reconciliação com ela é por meio do uso da criatividade e da capacidade de simbolizar, adquiridas nas vivências transicionais (em que mundo interno e mundo externo podem interagir). Dessa maneira, garante-se a lembrança do filho falecido sem que seja preciso negar a perda e possibilita-se a ressignificação dos sentimentos sem que estes

comprometam o continuar a ser (o *self* e o desenvolvimento emocional). A dificuldade nas vivências transicionais percebidas nas famílias participantes está diretamente relacionada à forma como se estabeleceu o desenvolvimento emocional de cada um desde as primeiras experiências, e a aquisição da capacidade criativa que possibilita a transformação da realidade externa. Dessa maneira, uma mãe com dificuldade na própria expressão espontânea, pode não conseguir acolher a expressão espontânea dos filhos, fazendo com que a percepção do luto não seja modificada e passe de geração para geração, como foi avaliado no estudo de Musachio e Daudt (2003). Sem a possibilidade de recriar a realidade por meio do impulso criativo e espontâneo, não é possível a vivência de um luto que permite uma relação saudável com a realidade.

Dessa maneira, as famílias do estudo experimentam dificuldades para interagir com a realidade de forma criativa e espontânea, e o processo de luto por um filho, que já é uma situação muito difícil e dolorosa, fica ainda mais limitado por não poder ser ressignificado e elaborado de forma a permitir a continuidade da vida.

7 Depois do temporal: considerações finais sobre a criança enlutada e seus pais

Considerando o desenvolvimento emocional infantil como diretamente influenciado pelo ambiente, ainda que cada criança possua uma tendência inata a se desenvolver, ele pode ser prejudicado de alguma forma por um meio familiar que esteja se reerguendo diante da tristeza da morte de uma criança. Assim, o processo de luto na família exerce importância não só no luto da criança, mas também no seu desenvolvimento. A história familiar e a condução das perdas na família influenciam a maneira que os indivíduos tenderão a lidar com as suas próprias perdas, sendo possível pensar sobre uma transmissão familiar na forma como o luto é realizado.

No caso das famílias da presente pesquisa, os pais se esforçam para cuidar dos seus filhos, inclusive procurando por ajuda psicológica. Ainda que os sentimentos e questionamentos referentes à perda não sejam muito conscientes e sejam por vezes banalizados, eles conduzem a atitudes nas famílias e repercutem no amadurecimento das crianças. A expressão de sentimentos aconteceu em vários momentos e as esperanças para os pais são depositadas principalmente nos filhos sobreviventes, tendo sido observadas em seus relatos, quando eles demonstraram desejar que o cuidado que oferecem a eles possa resgatar a sua confiança na própria função paterna e materna. A tentativa de reconstrução oscila diante da crença, que às vezes sentem os pais, de que ninguém irá ajudá-los e de que para sobreviver aos sentimentos difíceis é preciso amenizá-los.

Sendo as relações familiares e sociais tão importantes na vida de uma pessoa, o ambiente externo não pode deixar de ser considerado, junto com a subjetividade individual no que diz respeito à forma como a perda de um ente querido é sentida, elaborada e trabalhada nas famílias enlutadas. Da mesma maneira, o próprio profissional e/ou pesquisador que envolver-se em um trabalho que contemple as questões de morte e luto, não pode deixar de considerar seus sentimentos, receios e percepções a respeito do tema, que também são fortalecidos pela sua própria história de vida. Diante disso, e da dificuldade social de se falar e pensar sobre morte, são muitas as questões a serem trabalhadas sobre o assunto, questões estas de suma importância para o bem-estar e o desenvolvimento das pessoas, considerando que a perda de um ente querido, especialmente de um filho, é uma das situações mais desestabilizadoras e difíceis para uma família, principalmente para as crianças.

A criança procura maneiras de compreender o que está acontecendo e de suprir as necessidades que não estejam sendo satisfeitas, comunicando-se da maneira que pode, inclusive, pela manifestação de sintomas. É extremamente necessário que a devida atenção

seja dada a esse assunto, pois esses sintomas podem prejudicar diretamente no desenvolvimento emocional, intelectual e social das crianças enlutadas, dificultando a sua relação com o mundo e o seu amadurecimento (e assim também a sua saúde).

Na presente pesquisa, identificou-se como de grande importância, para a criança e seus pais que enfrentam a realidade do luto de um filho, os sentimentos vinculados à rivalidade fraterna. Esta, apesar de considerada como comum no relacionamento entre irmãos, na morte de um deles pode se tornar complicada, na medida em que a morte representa, inconscientemente, a vitória de um irmão sobre o outro, intensificando os sentimentos de tristeza e culpa. Quando os pais não conseguiram superar a própria rivalidade fraterna, não podem auxiliar a criança na elaboração desse sentimento, e assim, não conseguem auxiliá-la a elaborar o luto. De acordo com a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott (1983/2008), o uso da criatividade e da ação espontâneo no ambiente externo seria a melhor forma de elaborar esses sentimentos e retomar o desenvolvimento emocional da criança. A capacidade da criança de expressar a sua criatividade, entretanto, está diretamente relacionada a capacidade dos pais exercerem a sua própria.

Dentre as famílias estudadas, a Borboleta “Castanha Vermelha” pareceu se encontrar em melhores condições para exercer essa tarefa, enquanto que a família Borboleta “Seda Azul” ainda precisaria retomar muitos sentimentos evitados e a família Borboleta “Pingos de Prata” trabalhar o medo de esquecer a filha falecida de forma a não paralisar ou dificultar o desenvolvimento emocional das crianças. Para tanto, é necessário que essas famílias tornem-se capazes, com a ajuda devida, a reconhecer os sentimentos de perda e a confiar no ambiente como fonte de apoio. A partir da retomada da confiança, e reconhecendo a influência do luto em suas vidas, será possível aos pais fazerem uso da capacidade criativa para transformar a realidade, relacionando realidade externa e interna, de forma a suprir as próprias necessidades e possibilitar a expressão do verdadeiro *self*. Dessa forma, eles estarão capacitados para auxiliar suas crianças a dar continuidade ao seu desenvolvimento emocional, apesar das perdas e falhas ambientais, podendo agir de forma espontânea e criativa.

A possibilidade de transformar sentimentos difíceis, elaborando-os, digerindo-os, compreendendo-os e transformando-os por meio do uso da espontaneidade e da criatividade, tornaria a vivência do luto menos dolorosa e menos passível de gerar consequências nefastas para os enlutados. Portanto, é essencial que haja mais estudos sobre o tema em questão, que permitam aos profissionais e famílias enlutadas acesso a informações e à ajuda que facilitem, dinamizem e possibilitem o crescimento e o desenvolvimento criativo diante da dor, a fim de que as experiências difíceis sejam também fonte de crescimento e enriquecimento.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS[6]

Abadi, S. (1998). *Transições – O modelo terapêutico de D. W. Winnicott* (L. Y. Massuh, trad.) São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1996)

Aberastury, A. (1982). Conflitos na elaboração do luto. In A. Aberastuy, *Psicanálise da Criança – Teoria e Técnica* (A. L. L. Campos, trad. pp.180-210). Porto Alegre, Artes Médicas.

Aberastury, A. (1984). A percepção da morte na criança. In A. Aberastury, & Colaboradores, *A percepção da morte nas crianças e outros escritos* (M. N, Folberg, trad., pp.128-139). Porto Alegre, Artes Médicas.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). *Ser e Fazer. Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida, SP: Ideias & Letras.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2005). Consultas terapêuticas coletivas e abordagem psicanalítica do imaginário social. In T. M. J., Aiello-Vaisberg, & F. F., Ambrosio (Orgs), *Cadernos Ser e Fazer: Reflexões éticas na clínica contemporânea* (pp. 27-44). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Alam, R., Barrera, M., D'Agostino, N., Nicholas, D. B., & Schneiderman, G. (2012). Bereavement experiences of mothers and fathers over time after death of a child due to câncer. *Death Studies,* 36(1), 1-22.

Amay, E. (2012). Revelações. In E. Amay. *Poesia Espiritual* (pp. 94). São Paulo.

André-Fustier, F., & Aubertel, F. (1998). A transmissão psíquica familiar pelo sofrimento. In A. Eiguer (Org.), *A transmissão do psiquismo entre gerações: Enfoque em terapia familiar psicanalítica.* São Paulo: Unimarco Editora.

Anton, M. C., Favero, E. (2011). Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros. *Interação em Psicologia,* 15(1), 101-110.

Arcangioli, A. M. (1994). Introdução à Obra de Winnicott. In J. D. Nasio, *Introdução às Obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto e Lacan* (pp. 181-196). Rio de Janeiro: Zahar.

[6] De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

Ariés, P. (1977). *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves.

Arnold, J., Gemma, P. B., & Cushman, L. F. (2005). Exploring parental grief: Combining quantitative and qualitative measures. *Archives of Psychiatric Nursing*, 19(1), 245–255.

Avellar, L. Z. (2004). *Jogando na análise de crianças.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Barbieri, V. (2002). *A família e o psicodiagnóstico como recursos terapêuticos no tratamento dos transtornos de conduta infantis*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Barone, K. C. (2004). *Realidade e luto: um estudo da transicionalidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Barrera, M., Mammone D'Agostino, N., Schneiderman, G., Tallett, S., Spencer, L., & Jovcevska, V. (2007). Patterns of parental bereavement following the death of a child and related factors. *The Journal of Death and Dying*, 55(1), 145–167.

Barry, L. C., Kasl, S. V., & Prigerson, H. G. (2002). Psychiatric disorders among bereaved persons: The role of perceived circumstances of death and preparedness for death. *American Journal of Geriatric Psychiatry*, 10(1), 447–457.

Benetti, S. R. D., & Lenardt, M. H. (2006). Significado atribuído ao sangue pelos doadores e receptores. *Texto Contexto Enferm*, 15(1), 43-50.

Bianco, A. C. L. (2003). Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. *Psico-USF*, 8(2), 115-123.

Bittencourt, A. L. P., Quintana, A. M., & Velho, M. T. A. C. (2011). A perda do filho: luto e doação de órgãos. *Estudos de Psicologia*, 28(4), 435-442.

Bleger, J. (1989). *A psicologia da conduta.* (E. O. Diehl, trad., 2. ed.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963)

Bogdan, R. C., Biklen, S. K. (1994). Fundamentos da investigação qualitativa em educação: uma introdução. In R. C. Bogdan, & S. K. Biklen, *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos* (pp.13-80). Porto-Portugal: Porto Editora.

Bolze, S. D. A. Castoldi, L. (2005). O acompanhamento familiar antes e depois da morte de criança: uma proposta de intervenção para o psicólogo hospitalar. *Alethéia*, 21(1), 79-91.

Bousso, R. S. (2008). O processo de decisão familiar na doação de órgãos do filho: uma teoria substantiva. *Texto Contexto - Enfermagem*, 17(1), 45-57.

Bowlby, J. (1998). Apego e perda. In J. Bowlby, *Separação: Angústia e raiva* (L. Hegenberg, O. Motta & M. Hegenberg, trads., v.2) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1973)

Bowlby, J. (2001). *Formação e rompimento dos laços afetivos* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979)

Britto, N.(2002). *Rivalidade fraterna: o ódio e o ciúme entre irmãos*. São Paulo: Agora.

Bromberg, M. H. P. F. (1994). *A psicoterapia em situações de perdas e luto*. Campinas: Editorial Psy.

Bromberg, M. H. P. F. (1999). Morte não é castigo. *Revista Isto É*, 1541 [Internet]. Recuperado em 30 de maio de 2011 de http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/30251_MORTE+NAO+E+CASTIGO

Brown, F. H. (2001). O impacto da morte e da doença grave sobre o ciclo de vida familiar. In B. Carter, & M. Mcgoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 393-414). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho Original publicado em 1989)

Brown, E. J., & Goodman, R. F. (2005). Childood traumatic grief: An exploration of the construct in children bereaved on September 11. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 34(1), 248-259

Brusset, B. (1987). El vínculo fraterno y el psicoanálisis. Revista de Psicoanálisis, 44(2), 307-346.

Buarque, C & Miltinho (1981). Angélica [gravado por Chico Buarque]. In Chico Buarque: Almanaque. Universal.

Buck, J. N. (2003). *HTP Manual e Guia de Interpretação* (R. C. Tardivo, trad.). São Paulo: Vetor. (Trabalho original publicado em 1964)

Bueno, L. M. A. C., Mishima, F. K. T., & Barbieri, V. (2010). Percepção da dinâmica familiar por crianças antissociais: um estudo comparativo com o procedimento de desenhos de famílias com estórias. *Revista Psico*, 41(1), 93-102.

Bock, J., Santos, D., Duarte F., Dosa, S., Onikute, C. (Produtores), & Costa, P. (Diretora). (2012). *Elena* [Filme-vídeo]. São Paulo: Busca Vida Filmes (Produtora).

Cambuí, H. A. (2013). *Sofrimento psíquico contemporâneo: um estudo psicanalítico do imaginário coletivo de estudantes de psicologia.* Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru/SP.

Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida família: Uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho Original publicado em 1995)

Cassorla, R.M.S. (1992). Reflexões sobre a psicanálise e a morte. In R. M. S. Cassorla, *Morte e desenvolvimento humano* (pp. 90-110). São Paulo: Editora Cortez.

Chiavenato, J. J. (1998). *A morte*: *uma abordagem sociocultural.* São Paulo: Moderna.

Chizzotti, A. (1998). *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.* São Paulo: Cortez.

Cohen, J. A., Mannarino, A. P., Greenberg, T., Padlo, S., & Shipley, C. (2002). Childhood traumatic grief: Concepts and controversies. *Trauma, Violence, and Abuse,* 3(1), 307-327.

Cohen, J. A., Mannarino, A. P., & Knudsen, K. (2004). Treating childhood traumatic grief: A pilot study. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry,* 43(10), 1225-1233.

Correa, O. B. R. (2000). *O legado familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

Cunha, J. A. Freitas, N. K., & Raimundo, M. G. B. (1993). *Psicodiagnóstico – R.* Porto Alegre: Artmed.

Cunha, J. A., & Nunes, M. A. T. (1993). *Teste das Fábulas: Forma Verbal e Pictórica*. São Paulo: Centro editor de testes e pesquisas em psicologia.

Cunha, J. A. & Cols. (2000). *Psicodiagnóstico – V*. (5ª edição). Porto Alegre: Artmed.

D'Agostino, N. M., Berlin-Romalis, D., Jovcevska, V., & Barrera, M. (2008). Bereaved parent's perspectives on their needs. *Palliative and Supportive Care*, 6(1), 33-41.

Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.

Dopp, A. R., & Cain, A. C. (2012). The role of peer relationships in parental bereavement during. *Death Studies*, 36(1), 41-60.

Elyseu Jr., S. (2003). Complexo fraternal: a fonte do ciúme e da inveja. *Psicologia: Teoria e Prática*, 5(2), 56-66.

Engstrom, E. M., & Anjos, L. A. (1996). Relação entre o estado nutricional materno e sobrepeso das crianças brasileiras. *Revista de Saúde Pública*, 30(3), 233-239.

Figle, N., Fontes, A., Moraes, & Paya, R. (2004). Filhos de dependentes químicos com fatores de risco bio-psicossociais: necessitam de um olhar especial? *Rev. Psiq. Clín*., 31(2), 53-62.

Franco, M. H. P. (2002). Uma mudança no paradigma sobre o enfoque da morte e do luto na contemporaneidade. In M. H. P. Franco, *Estudos avançados sobre o luto* (pp. 15-38). Campinas: Livro Pleno.

Franco, M. H. P. (Org.). (2010). *Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade*. São Paulo: Summus.

Franco, M. H. P., & Mazorra, L. (2007). Criança e luto: Vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 503-511.

Freud, S. (1996). Luto e melancolia. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., v. 14, pp. 245-263). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)

Fontanella, B.J.B., Campos, C.J.G., & Turato, E.R. (2006). Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não-dirigidas de questões abertas por profissionais de saúde. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 14(5), 812-820.

Gerhardt, C. A., Fairclough, D. L., Grossenbacher, J. C., Barrera, M., Gilmer, M. J., Foster, T. L., Compas, B. E., Davies, B., Hogan, N. S., & Vannatta, K. (2012). Peer relationships of bereaved siblings and comparison classmates after a child's death from cancer. *Journal of Pediatric Psychology*, 37(2), 209-219.

Goldsmid, R., & Carneiro-Feres, T. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, 13(2), 293-307.

Goldsmid, R., Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP on line*, 22(4), 771-788. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642011000400005&lng=en&nrm=iso 10 de set de 2013

Graham, A. (2004). Life is like the seasons: responding to change, loss, and grief through a peer-based education program. *Childhood Education*, 80(6), 317-325.

Green, A. A. (1988). *Narcisismo de vida - Narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.

Green, E. J., & Connolly, M. E. (2009). Jungian family sandplay with bereaved children: implications for Play Therapists. *International Journal of Play Therapy*, 18(2), 84-89.

Grunspun, H. (1995). *Distúrbios psiquiátricos da criança.* 2. ed. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Atheneu.

Guimarães, R. (1995). *Dicionário da Mitologia Grega*. São Paulo: Cultrix. Trabalho original publicado em 1972

Hangman, G. (2001). Beyond decathexis toward a new psychoanalytic understanding and treatment of mourning. In R. A. Neimeyer, *Meaning reconstruction & the experience of loss* (pp.13-31).USA: American Psychological Association.

Heath, M. A., & Cole, B. V. (2011). Strengthening classroom emotional support for children following a family member's death. *School Psychology International*, 33(3), 243-262.

Heath, M. A., Leavy, D., Hansen, K., Lawrence, L., & Sonntag, A. G. (2008). Coping with grief: Guidelines and resources for assisting children. *Intervention in School and Clinic,* 43(5), 259-269.

Hoffmann, L. (1993). A morte na infância e sua representação para o médico: reflexões sobre a prática pediátrica em diferentes contextos. *Cadernos de Saúde Pública*, 3(9), 364-374.

Houwarth, H. H. (2008). Ghost in the family: an interpretative phenomenological analysis of the experiences of individuals born after the death of a sibling. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 69 (3-B), 1956.

Howarth, R. A. (2011a). Concepts and Controversies in Grief and Loss. *Journal of Mental Health Counseling*, 33(1), 4-10.

Howarth, R. A. (2011b). Promoting the Adjustment of Parentally Bereaved Children. *Journal of Mental Heath Counseling,* 33(1), 21-32.

Instituto Nacional do câncer. MS/SVS/DASIS/CGIAE/Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) (FONTE DOS DADOS). (1996-2007). Recuperado em 4 de abril de 2013, de http://www.inca.gov.br/tumores_infantis/pdf/10_resultados_comentarios_incidencia_mortalidade.pdf

Ireland, V. E. (2011). A dor do luto e seu acolhimento psicanalítico. *Estudos de Psicanálise,* 35(1), 151-166.

Jakoby, N. R. (2012). Grief as a social emotion: Theoretical Perspectives. *Death Studies*, 36(1), 679-711

Jerga, A. M., Shaver, P. R., & Wilkinson R. B. (2011). Attachment insecurities and identification of at-risk following the death of a loved one. *Journal of Social and Personal Relationships,* 28(7), 891-914.

Kalter, N., Lohnes, K. L., Chasin, J., Cain, A. C., Dunning, S., & Rowan, J. (2002). The adjustment of parentally bereaved children: I. Factors associated with short-term adjustment. *Omega: The Journal of Death and Dying*, 46(1), 15-34.

Kamm, S., & Vandenberg, B. (2001). Grief communication, grief reactions and marital satisfaction in bereaved parents. *Death studies*, 25(1), 569-582.

Klein, M. (1981). O luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos. In M. Klein, *Contribuições à psicanálise* (M. Maillet, trad., 2.ª ed., pp. 391-424). São Paulo: Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1940)

Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kreicbergs, U., Valdimarsdottir, U., & Onelov, E. (2004). Anxiety and depression in parents 4-9 years after the loss of a child owing to a malignancy: A population based follow-up. *Psychological Medicine*, 34(1), 1431-1441.

Kübler-Ross, E. (2005). *Sobre a morte e o morrer* (P. Menezes, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1981)

Kübler-Ross, E. (2012). *O túnel e a luz: reflexões essenciais sobre a vida e a morte* (M. F. Lopes, trad.). Campinas: Verus Editora. (Trabalho original publicado em 1999)

Lapastini, M.A.B. (2001). Transicionalidade. In J. Outeiral, & Colaboradores, *Winnicott, Seminários Paulistas* (pp. 361-371). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Librach, S. L., & O'Brien, H. (2011). Supporting children's grief within an adult and pediatric palliative care program. *Journal of Supportive Oncology*, 9(4), 136-140.

Lima, V. R., & Kovács, M. J. (2011). Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 390-405.

Lispector, C. (1998). *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro, Editora Rocco. Trabalho original publicado em 1969

Lione, F. R. (2005). Sobre as vivências dos irmãos da criança com câncer. In E. Perina, & N. A. G. Nucci (Orgs.), *As dimensões do cuidar em psiconcologia pediátrica*. Campinas, SP: Livro Pleno.

Mauk, G. W., & Sharpnack, J. D. (2006). Grief. In G. G. Bear, & K. M. Minke (Eds.), *Children's needs III: Development, prevention, and intervention* (pp. 239–254). Bethesda, MD: National Association of School Psychologists.

Mazorra, L. (2009). *A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto*. Tese de Doutorado, Pontifica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

McNamee, A., & Mercurio, M. L. (2006). Healing words, healing hearts: using children´s literature to cope with the loss of a pet. *Childhood Education*, 82(3), 153-164.

Meij, L. W., Stroebe, M., Schut, H., Stroebe, W., Bout, J., Heijden, P., & Dijkstra, I. (2005). Couples at risk following the death of their child: predictors of grief versus depression. *Journal of consulting and clinical psychology,* 13(4), 617-623.

Mendelson, M. J. (1990). Becaming a brother: a child learns about life, family and *self.* Cambridge: MIT Press.

Mercadante, M. T. (1993). A utilização do Procedimento de Desenhos-Estórias de Walter Trinca no diagnóstico da criança bordeline. *Revista Neuropsiq. Infância e Adolescência*, 1(1), 5-8.

Mezan, R. (2001). *Interfaces da Psicanálise.* São Paulo: Companhia das Letras.

Meynckens-Fourez, M. (2000). A fratria: o ponto de vista ecossistêmico. Em: E. Tilmans-Ostyn, & M. Meynckens-Fourez. (Org.), *Os recursos da fratria* (pp.19-53). Belo Horizonte: ArteSã .

Miller, S. (2002). *Quando uma criança morre*. São Paulo: Arx.

Mishima, F. K. T. (2011). *Obesidade feminina e considerações a partir do Psicodiagnóstico Interventivo: um estudo preventivo*. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Moody, R. A., & Moody, C. P. (1991). A family perspective: Helping children acknowledge and express grief following the death of a parent. *Death Studies,* 15(6), 587-602.

Musachio, D. S., & Daudt, P. R. (2003). Um estudo transgeracional sobre o luto. *Aletheia,* (17-18), 123-134.

Neimeyer, R., & Hogan, N. S. (2001). Quantitative or qualitative? Measurement issues in the study of grief. In M. Stroebe, R. O. Hansson, W. Stroebe, & H. Schut (Orgs.), *Handbook of bereavement research: consequences, coping and care* (pp. 89-118). Washington DC: American Psychological Association. Recuperado em: 20 de outubro de 2012, de http://psycnet.apa.org/books/10436/

Ogden, T. H. (2000). Borges and the art of mourning. In *Conversations at the frontier of dreaming* (pp. 115-152). London: Karnac Books.

Ogden, T. H. (2010). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos* (D. Bueno, trad.). Porto Alegre: Artmed.

Oliveira, A, L. (2010) Família e irmãos. In *Família e... Narrativas, Gênero, Parentalidade, Irmãos, Filhos no divórcio, Genealogia, História, Estrutura, Violência, Intervenção sistêmica, Rede social,* Ceneide Maria de Oliveira Cerveny (Org.) 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. Pg 63-81.

Paiva, L. E. (2011). *A arte de falar da morte para crianças*: *A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores.* Aparecida/SP: Editora Ideias & Letras.

Parkes, C. M. (1998). *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta*. (M. H. F. Bromberg, trad.). São Paulo: Summus Editorial.

Parkes, C. M. (2002). Grief: Lessons from the past, visions for the future. *Death Studies*, 26(5), 367-385.

Parkes, C. M., Davies, B., Attig, T., Bendiksen, R., Cabrera, F., Corr, C., Cox, G., Faust, S., Fulton, R., Jupp,P., Kallenberg, K., Lamers, E., Lamers, W., Long, S., McKissock, D., McKissock, M., Morgan, M. A., Papadatou, D., Stevenson, R., Stoddard, S., Weiss, R., & Wrenn, M. (2011). Can individuals who are specialists in death, dying, and bereavement contribute to the prevention and/or mitigation of armed conflicts and cycles of violence? *Death Studies*, 35(5), 455-466

Parkes C. M., Laungani P., & Young, B. (Coords.). (2003). *Morte e Luto através das culturas*. Lisboa: Climepsi editors.

Pastore, C. F. (2009). Expressões idiomáticas americanas e brasileiras: um estudo contrastivo baseado na simbologia animal. *Revista Trama,* 5(9), 85-98.

Pelento, M. L. (2001). A criança e a morte: Informação do fato, comparação de práticas sociais/familiares e produção subjetiva. In R. B. Craña, & A. B. S. Piva, *Atualidade da psicanálise de crianças* (pp. 211-118). Rio de Janeiro: Casa do psicólogo.

Pereira, C. R. R. (2011). Rivalidade fraterna na perspectiva dos progenitores: da gestação ao segundo ano de vida do segundo filho. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Peres, R. S., Santos, M. A., Rodrigues, A. M., & Okino, E. T. K. (2007). Técnicas projetivas no contexto hospitalar: relato de uma experiência com o House-Tree-Person (HTP). *Revista RIDEP*, 23(1), 41-62.

Pincus, L. (1989). *A família e a morte: como enfrentar o luto* (F. Murad, trad.). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

Pope, C., & Mays, N. (1995). Qualitative Research - Reaching the parts other methods cannot reach: an introduction to qualitative methods in health and health services research. *British Medical Journal*, 311(6996), 42-45.

Rangel, A. P. F. N. (2008). *Amor infinito: histórias de pais que perderam seus filhos.* São Paulo: Vetor.

Rogers, C. H., Floyd, F. J., Seltzer, M. M., Greenberg, J., & Hong, J. (2008). Long-Term effects of the death of a child on parents' adjustment in midlife. *Journal of Family Psychology*, 22(2), 203-211.

Safra, G. (1984). Procedimentos clínicos utilizados no Psicodiagnóstico. In W. Trinca, *Diagnóstico Psicológico* (pp.51-66). São Paulo: EPU.

Safra, G. (2005) *A face estética do self: teoria e clínica.* São Paulo: Unimarco Ed.

Saldinger, A., Porterfield, K., & Cain, A. C. (2004). Meeting the needs of parentally bereaved children: A framework for child-centered parenting. *Psychiatry*, 67(4), 331-352.

Schoen, A. A., Burgoyne, M., & Schoen, S. F. (2004). Are the developmental needs of children in America adequately addressed during the grief process? *J. Instr. Psychol*, 31(2), 143-148.

Seecharan, G. A., Andresen, E. M., Norris, K., & Toce, S. S. (2004). Parents' assessment of quality of care and grief following a child's death. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 158(6), 515-520.

Segal, H. (1955). A psycho-analytical approach to aesthetics. In Klein, M., Heimann, P., & Money-Kyrle, R. (Eds.), *New directions in psycho-analysis* (pp. 344-405). London: Karnac.

Silveira, L. M. de O. B. (2002). O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. In A. Wagner (Org.), *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp.93-112). Petrópolis: Vozes.

Silveira, M. L. C. S. (2009). Da rivalidade ao amor: Irmãos para sempre. *Investigação*, 9(1), 33-44.

Simon, R. (1993). Pesquisa combinando técnicas projetivas e psicanálise. In M. E. L. Silva. (Coord.), *Investigação e Psicanálise* (pp.159-170). Campinas: Papirus.

Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI). Recuperado em 09 de agosto 2013, de http://www.pol.org.br/satepsi/sistema/admin.cfm

Soifer, R. (1982). *Psicodinamismo da família com crianças: Terapia familiar com técnicas de jogo*. Petrópolis: Vozes.

Stake, R. E. (2000). Case studies. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Orgs.), *Handbook of qualitative research* (pp. 435-454). London: Sage.

Stedeford, A. (1986). *Encarando a morte: uma abordagem ao relacionamento com o paciente terminal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Stokes J. (1994). Anticipatory grief in families affected by HIV/AIDS. *Prog Palliat Care*, 2(1), 43-48.

Taylor S. J., & Bogdan, R. (1998). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación.* Barcelona: Paidos.

Teixeira, C. M. F. S. (2003). A criança diante da morte. *Revista da UFG*, 5(2). Recuperado em 20 de maio de 2011, de http://www.proec.ufg.br

Teixeira, L. C. (2002). Os lugares do sofrimento e do processo de cura entre medicina e psicanálise: reflexões sobre a iatrogenia. *Universa: ciências biológicas e da saúde e médicas*, 1(1), 81-94.

Torres W. C. (1999). *A criança diante da morte: desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Trinca W. (1984). *Diagnóstico Psicológico*. São Paulo: EPU.

Turato, E. R. (2000). Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-qualitativa – Definição e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2(1), 93-108.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da Metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis/RJ: Vozes.

Turato, E. R. (2005). Método qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista Saúde Pública*, 39(3), 507-14.

Valle, E. R. M. (2002). Vivências da família da criança com câncer. In M. M. M. J. Carvalho. (Org.), *Introdução à Psiconcologia* (pp.219-249). Campinas: Livro Pleno.

Van Kolck, O. L. (1974). *Técnicas de exame psicológico e suas aplicações no Brasil: Testes de Personalidade.* Petrópolis/RJ: Vozes.

Vendruscolo, J. (2005). *Visão da criança sobre a morte.* Trabalho apresentado no Simpósio: mortes, valores e dimensões. Cap III. Medicina (Ribeirão Preto). 38(1), 26-33. Resumo recuperado em 20 de maio de 2011, de http://www. fmrp.usp.br.

Vivona, J. M. (2007). Sibling differentiation, identity development and the lateral dimension of psychic life. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 55(4), 1191-1215.

Zamberlan, M. A. T., & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1996). *Interações familiares: teoria, pesquisa e subsídios à intervenção*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Zimerman, D. (1993). *Fundamentos básicos das grupoterapias***.** Porto Alegre: Artmed.

Webb, N. B. (2011). Play therapy for bereaved children: Adapting strategies to community, school, and home settings. *School Psychology International*, 32(2), 132-143.

Werlang, B. G., & Cunha, J. A. (1993). Avaliação da personalidade sob o enfoque projetivo. In J. A., Cunha & Organizadores, *Psicodiagnóstico – R* (pp.123-134). Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, trads.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)

Winnicott, D. W. (1982). *A criança e seu mundo* (A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. (Trabalho original publicado em 1957)

Winnicott, D. W. (1994) Psiconeurose na infância. In C. Winnicott, R. Sheppherd, & M. Davis. (Orgs.), *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (J. O. A. Abreu, trad., pp. 53-58). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1961)

Winnicott, D. W. (1997). Uma abordagem clínica aos problemas familiares: a família. In D. W. Winnicott, *Pensando sobre crianças* (M. A. V. Veronese, trad., pp. 70-72). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1959)

Winnicott, D. W. (1997). O efeito da perda sobre as crianças. In D. W. Winnicott, *Pensando sobre crianças* (M. A. V. Veronese, trad., pp. 64-65). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1968)

Winnicott, D. W. (2000). *Da Pediatria à Psicanálise* (D. Bogolometz, trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958)

Winnicott, D. W. (2005). *Tudo começa em casa* (P. Slander, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1989)

Winnicott (2006). *Os bebês e suas mães* (J. L. Camargo, trad.). São Paulo: Martins fontes. (Trabalho original publicado em 1988)

Winnicott, D. W. (2008). *O ambiente e os processos de maturação* (I. C. S. Ortiz, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1983)

Winnicott, D. W (2012). Agressão e suas raízes. In D. W. Winnicott, *Privação e delinquência* (A. Cabral, trad., pp. 93-110). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1939)

Winnicott, D. W (2012). A Psicologia da separação. In D. W. Winnicott, *Privação e delinquência* (A. Cabral, trad., pp. 149-152). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1958)

Wolfelt, A. D., Brock, S. E., & Lazarus, P. J. (2002). Children's grief. In S. R. Jimerson (Ed.), *Best practices in school crisis prevention and intervention* (pp.653-671). Bethesda, MD: Nacional Association of School Psychologists.

Worden, J. W. (1998). *Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Worden, J. W., & Silverman, P. R. (1996). Parental death and the adjustment of school-age children. *Omega*, 33(2), 91-102.

Yin, R. K. (1984). *Case study research: design and methods*. London: Sage.

9. ANEXO - Aprovação do Projeto de Mestrado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da FFCLRP/USP

FFCLRP

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

"Campus" de Ribeirão Preto

Of.CEtP/FFCLRP-USP/172/-jsl

Ribeirão Preto, 20 de dezembro de 2011

Prezada Pesquisadora,

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado **"DEPOIS DO TEMPORAL: UM ESTUDO PSICODINÂMICO SOBRE A CRIANÇA ENLUTADA E SEUS PAIS"** foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 103ª Reunião, realizada em 15.12.11, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 620/2011 - 2011.1.2592.59.5.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª ANA RAQUEL LUCATO CIANFLONE
Coordenadora

À Senhora
Marcela Lança de Andrade
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP - USP

Com cópia para a orientadora:
Prof.ª Dr.ª Valéria Barbieri
Docente do Departamento de Psicologia da FFCLRP - USP

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP
Fone: (16) 3602-4811
Fax: (16) 3633-2660 (direto) ou 3633-5015
Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 3 - sala 16 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
Homepage: http://www.ffclrp.usp.br - e-mail: coetp@ffclrp.usp.br

10. APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: Participantes

Senhores Pais,

Apresento-me como psicóloga e aluna do curso de mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, sob a orientação da Profa. Dra. Valéria Barbieri do Departamento de Psicologia. Estou desenvolvendo um projeto de pesquisa chamado "Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais" sobre famílias que perderam filhos, com o objetivo de conhecer as necessidades da criança que perdeu um irmão e de seus pais, a fim de propor formas de ajuda para eles. Por isso, como a sua família sofreu a perda de um filho, solicito a sua colaboração, autorizando a sua participação e a do seu filho na pesquisa. As atividades serão as seguintes:

1) Com a criança: dois encontros em torno de uma hora cada um nos quais serão feitas atividades envolvendo realização de desenhos e invenção de estórias.
2) Com os pais: duas sessões com cada um, em que haverá uma entrevista sobre a família e sua rotina e aplicação de uma técnica de investigação da personalidade, envolvendo também desenhos e estórias. Será realizado ainda um encontro com ambos os pais para a devolutiva dos dados.

Com o consentimento de vocês, os encontros serão gravados e transcritos, sendo que apenas eu ouvirei o conteúdo. As transcrições serão utilizadas para fins acadêmicos e os nomes serão omitidos para garantia do sigilo e da privacidade dos participantes.

Assim estão previstos dois encontros com cada um dos pais, um com ambos e dois com a criança, totalizando sete encontros. Todos os casos serão avaliados por mim, e os encontros poderão ser realizados na sua residência ou no meu consultório particular, conforme a preferência de vocês, em horário a combinar respeitando a disponibilidade da família. Ao final das atividades, vocês receberão uma devolutiva do andamento do trabalho realizado e da avaliação que foi feita da criança e de vocês, individualmente.

Não haverá riscos diretos as famílias participantes, a não ser a possibilidade de se emocionarem como em um atendimento psicoterápico comum, ao que será oferecido atendimento psicológico imediato.

Os benefícios da pesquisa também não serão diretos, os participantes receberão uma devolutiva das atividades realizadas na pesquisa.

Se ao final for constatado necessidade de atendimento psicológico, caso seja do interesse de vocês, seu filho ou vocês pais, poderão ser encaminhados para atendimento psicológico gratuito, em meu consultório particular.

As informações obtidas durante o trabalho são sigilosas, e embora os dados possam ser divulgados em congressos e artigos científicos de circulação restrita aos profissionais da área, haverá alteração de identificação de vocês, de modo a preservar o sigilo ético.

A sua colaboração é voluntária, a recusa a participar ou a desistência ao longo do processo não implicam em qualquer tipo de penalidade ou ônus. O seu filho também será consultado quanto ao seu desejo de participar do trabalho e sua vontade será respeitada. Se vocês necessitarem de qualquer informação anterior ao início do trabalho ou no decorrer dele poderão requisitá-la comigo. Caso concordem em participar, solicito que assinem este termo de autorização. Agradeço e coloco-me à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

_____ _____

Psicóloga responsável
Marcela Lança de Andrade
Telefone: (16) 81145977
e-mail: marcela.ldandrade@gmail.com

Profa. Dra. Valéria Barbieri
Centro de Psicologia Aplicada
FFCLRP - USP

AUTORIZAÇÃO

Concordamos em participar da pesquisa chamada "Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais" desenvolvida pela aluna da Pós-graduação Marcela Lança de Andrade, e também autorizo a participação de meu filho(a) _____ nela. Declaro estar ciente das informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, do qual guardo uma cópia.

_____

Pai

_____

Mãe

Ribeirão Preto, _____ de, _____ de, _____

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: Instituição colaboradora

À instituição,

Apresento-me como psicóloga e aluna do curso de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, sob a orientação da Profa. Dra. Valéria Barbieri do Departamento de Psicologia. Estou desenvolvendo um projeto de pesquisa chamado "Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais" sobre famílias que perderam filhos, com o objetivo de conhecer as necessidades da criança que perdeu um irmão e de seus pais, a fim de propor formas de ajuda para eles. Por isso, como essa instituição atendeu e atende famílias que possam estar nessa situação, solicito a sua colaboração fornecendo indicações e colocando-me em contato com famílias que poderiam participar do estudo, caso elas desejarem.

As atividades serão as seguintes:

1) Com a criança: dois encontros em torno de uma hora cada um nos quais serão feitas atividades envolvendo realização de desenhos e invenção de estórias.
2) Com os pais: duas sessões com cada um, em que haverá uma entrevista sobre a família e sua rotina e aplicação de uma técnica de investigação da personalidade, envolvendo também desenhos e estórias. Será realizado também um encontro com ambos os pais para a devolutiva dos dados.

Com o consentimento dos participantes, os encontros serão gravados e transcritos, sendo que apenas eu ouvirei o conteúdo. As transcrições serão utilizadas para fins acadêmicos e os nomes serão omitidos para garantia do sigilo e da privacidade dos participantes.

Assim estão previstos dois encontros com cada um dos pais, um com ambos e dois com a criança, totalizando sete encontros. Todos os casos serão avaliados por mim, e os encontros poderão ser realizados na residência do participante ou no meu consultório particular, conforme a preferência deles, em horário a combinar respeitando a disponibilidade da família. Ao final das atividades, os pais receberão uma devolutiva do andamento do trabalho realizado.

Se ao final for constatado necessidade de atendimento psicológico, caso seja do interesse da família, a criança e seus pais poderão ser encaminhados para atendimento gratuito, realizado por mim em meu consultório particular.

As informações obtidas durante o trabalho são sigilosas, e embora os dados possam ser divulgados em congressos e artigos científicos de circulação restrita aos profissionais da área, haverá alteração de identificação dos participantes, de modo a preservar o sigilo ético.

A colaboração desta instituição, bem como a dos pais, é voluntária, e a recusa a participar ou a desistência ao longo do processo não implicam em qualquer tipo de penalidade ou ônus. Se houver necessidade de qualquer informação anterior ao início do trabalho ou no decorrer dele esta poderá ser requisitada comigo.

Não haverá riscos diretos para a instituição colaboradora, nem para as famílias participantes, a não ser a possibilidade de se emocionarem como em um atendimento psicoterápico comum, ao que será oferecido atendimento psicológico imediato.

Os benefícios da pesquisa também não serão diretos, a instituição poderá se beneficiar da possibilidade de um melhor conhecimento da dinâmica familiar, em casos de perda de um dos filhos e com a possibilidade de envolver os profissionais de saúde e colaboradores com reflexões sobre a realidade apresentada dessas famílias, pensando em novas propostas de auxílio, e os participantes receberão uma devolutiva das atividades realizada na pesquisa, bem como a possibilidade de receber atendimento psicológico se for necessário.

Caso houver acordo em participar, solicito a assinatura da autorização em anexo. Agradeço e coloco-me à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

_____	_____
Psicóloga responsável Marcela Lança de Andrade Telefone: (16) 81145977 e-mail: marcela.ldandrade@gmail.com	Profa. Dra. Valéria Barbieri Centro de Psicologia Aplicada FFCLRP - USP

AUTORIZAÇÃO

Concordo em colaborar com a pesquisa chamada “Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais” desenvolvida pela psicóloga e aluna da Pós-graduação Marcela Lança de Andrade, fornecendo indicações de famílias que poderão participar do estudo. Declaro estar ciente das informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, do qual guardo uma cópia.

_____

Responsável

Ribeirão Preto, _____ de, _____ de, _____